

Modelos e Variações

Modelos e Variações

Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA
Centro de Ciências do Ambiente - CCA

LUCIANO DE SOUZA SILVA

**AMBIENTE, CULTURA MATERIAL E OS MODELOS DOS
PETRÓGLIFOS AMERÍNDIOS PRÉ-COLOMBIANOS EM SÃO
GABRIEL DA CACHOEIRA, ALTO RIO NEGRO, AMAZÔNIA**

Área de concentração: Ciências do Ambiente e Sustentabilidade

Linha de Pesquisa - Dinâmicas Socioambientais

Orientadora: Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva

Manaus, dezembro de 2024.

**Ambiente, Cultura Material e os Modelos dos Petróglifos
Ameríndios Pré-Colombianos em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio
Negro, Amazônia**

Luciano de Souza Silva¹

Orientadora: Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, como requisito para obtenção de título de doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade do aluno Luciano de Souza Silva

Área de concentração: Ciências do Ambiente e Sustentabilidade

Linha de Pesquisa - Dinâmicas Socioambientais

MANAUS, DEZEMBRO DE 2024.

¹ Formado em Arqueologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Mestrado em Arqueologia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Doutorando do Programa de Ciências do Ambiente da Amazônia - PPGCASA/UFAM

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586a Silva, Luciano de Souza
Ambiente, cultura material e os modelos dos petróglifos
ameríndios pré-colombianos em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio
Negro, Amazônia / Luciano de Souza Silva . 2024
172 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Coorientador: Carlos Augusto da Silva
Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na
Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Ambiente. 2. Amazônia. 3. Arqueologia. 4. Cultura Material e
Petrólifos. I. Fraxe, Therezinha de Jesus Pinto. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

BANCA EXAMINADORA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, como requisito para obtenção de título de doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade do aluno Luciano de Souza Silva

Folha de aprovação

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe –
Presidente

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Mônica Suani Barbosa da Costa
Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Antônio Ferreira do Norte Filho
Instituição: Faculdade Santa Teresa

Profa. Dra. Jozane Lima Santiago
Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Jennifer Souza Tomaz
Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Marília Gabriela Gondim
Rezende
Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Manaus, Dezembro de 2024.

APRESENTAÇÃO

Essa proposta de tese nasceu no mundo dos sonhos.

Surgiu de um sonho, do amigo Carlos Silva, o Tijolo. Em 2019, ele sonhou que estávamos subindo o Rio Negro, fazendo levantamento dos pedrais em São Gabriel, Alto Rio Negro. Em 2021, sonhei que estava navegando o mesmo rio, onde eu fazia pesquisa sobre os pedrais e aproveitava os conhecimentos aprendidos com a sabedoria do meu amigo Tijolo.

E em 2022, materializando o sonho, eu faço o trajeto de barco, saindo do Porto de Manaus, até o Porto de São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, na busca das sinalizações na rocha.

Destaco ainda que, quando fui servidor na UFAM, tive várias experiências e aventuras com meu amigo Carlos e, dentre as várias aventuras, sobrevoamos o Amazonas/Acre em uma aeronave pequena (teco-teco), onde, do alto, foi possível alimentar ainda mais o meu imaginário da imensidão e da diversidade da Amazônia.

Dessa forma, pude perceber ainda mais que, na floresta tropical, por baixo da imensidão verde, dos sedimentos pretos e solos amarelados das terras firmes e das várzeas, próximos aos meandros, nas ilhotas e nas beiras dos diversos mananciais de rios, igarapés, lagos e lagoas existem evidências de populações ameríndias antiquíssimas que manejaram e manejam a floresta há milênios.

Apresento, então, uma pesquisa surgida dos sonhos, fechando um ciclo de aprendizado humano e cármico na Amazônia, onde tive uma experiência profissional, prática e teórica, de finais de 2012 até 2016 como servidor, arqueólogo e diretor da Divisão de Arqueologia do Museu Amazônico da UFAM, em que pude dar minha contribuição à arqueologia e ao patrimônio dos povos da Amazônia.

***"Eu manifestei um corpo de
sonho para benefício de seres de
sonhos. Eu não vim; eu não vou" ...
Aqui estou...***

Palavras do **Budha**

DEDICATÓRIA

Ao professor, arqueólogo, sábio, ribeirinho e apaixonado pela Amazônia.

Ao Carlos Silva, O Tijolo ou Tijolão



Eu e o Tijolão,

in memoriam
a meu pai, An3sio Jos3
Maio de 1946- Maio de 2022

AGRADECIMENTOS

“Toda grande caminhada começa com um simples passo”

Buda

Nesses passos, venho agradecer,

Ao amigo Carlos Silva, O Tijolo, ou Tijolão e a toda a sua família. A nossa amizade atravessa o tempo e vai além das aparências. Amigos não se escolhem. Eles se encontram e se reconhecem, abrindo sorrisos que mudam os ventos das dez direções.

Ao querido Jonildo (Arqueólogo), do povo Tikuna, que me recebeu no Porto de São Gabriel em outubro de 2022. Aos amigos de São Gabriel e a todos que me ajudaram no campo no Alto Rio Negro, em Especial, à Cristina Ennes (Arqueóloga), ao Luiz (Guia e Turismólogo) e Jeisiane Rocha (ICMBio).

À família maravilhosa de Manaus, que me acolheu. À amiga Karem e seu esposo, o amigo Hidelbrando, aos filhos lindos e educados, Rafael (Rafa, jogador caro) e à Maria Clara (Clarlinda), aos familiares de Karem e Hidelbrando, às crianças e aos moradores do condomínio Nature Vilage em Manaus, em especial, Guilhermino. Jack Academia e Pilates Be.On. Grato por esse meu segundo momento na Amazônia.

À família maravilhosa do Rio Grande do Norte (Caicó/Natal), ao amigo, Abraão, Alêuska, Heitor, Isis e Hozana;

À amiga Galeguinha (Ledja) que acompanha a minha saga desde a graduação em Arqueologia no Piauí e ao seu companheiro, o amigo Davi, e à filhota iluminada do casal, Caiena. Grato pela conexão no meio do Cerrado (Brasília).

Ao amigo irmão Bernardo, sua filha Ana, e à sua companheira, à amiga, Luzia, e filhota do casal, Heloisa. E à Dona Suzana Grillo e família e ao Manoel Waikaizapari do povo Xerente.

Aos amigos de Caicó, Priscila, Geovani, Nicinha e Luiz, Rosangela (Bolita) e família, Tereza, Mayara e família, Laerte, Ângela, Lucemilton e Jéssica, Seu Pelé e dona Joana, Rafinha, Ruziano e Raquel, à CEIAF Academia e a Inspire Pilates... Ao Jucielho, pela amizade e pelos mapas.

Ao Brow Moysés, Tamires e à Pepa.

Agradeço aos ensinamentos do Lama Samten, à SANGA DO CEBB, Alto Paraíso - GO e à do Darmata – PE. À Binford, o meu gato. A Sanga do Arte Yoga e a do Yoga Yuna, Morgana, Cátia, Milu...

À Carmita pelos pujas de bençãos e a amizade, Petry, Matheus e Elen do CEBB-DARMATA.

Aos amigos de Alto Paraíso do Goiás, Vivi (Viviane), Tree, Inez, Raquel, Valéria, Luciana (Lucx), ao seu Jurandir... As coisas de Drica, Ao Açaí do JAPA e a PW Academia em Alto Paraíso.

À Ligia do CEBB pelas correções e observações científicas. E a todas as conexões genuínas realizadas na casa de apoio do templo do CEBB de Alto Paraíso.

Aos amigos da Serra da Capivara, SRN-Piauí, Marcelão, Débora, Maria Rita, Dona Ocilma, Seu Pedro, Romulo e família, Dirceu e família.... A amiga arqueóloga Raquel Neto, aos amigos arqueólogos Jarryer e ao Mestre Payayas (Nicódemos)...

À minha família, minha mãe, Maria do Carmo (Carminha), ao meu pai Anísio (*in memoriam*), ao meu mano Marcos, às manas Shyrlene, e Fatima, ao meu cunhado/compadre Josivan, aos meus sobrinhos iluminados, Raquel, Caio Gabriel, Guilherme, Catarina e Davi Anísio. A (Vó) Dona Rita e família.

Ao povo peruano, ao povo andino, de Cusco e Machu Picchu; Todas as pessoas que conheci na viagem de Carro: De Natal/Caicó- RN até Cusco (Perú).

À orientadora profa. Therezinha Fraxe à querida e respeitada Teca, pelo acolhimento, e a carta de amor para o processo seletivo de doutorado.

Aos professores do Programa PPGCASA. Ao professor Antônio da disciplina Epistemologia Ambiental; À prof. Suzi Cristina, e as professoras e professores da Disciplina Seminário I e II; À UFAM e ao CCA; a coordenação do programa PPGCASA, ao professor Neliton Marques e a FAPEAM,

À amiga Luçana pelas trocas e o design do slide de apresentação.

À amiga, professora Maria Helena Ortolan (Marieta);

Ao IPHAN Amazonas, ao amigo Jaime (Arqueólogo, IPHAN-AM) e à sua querida esposa, a amiga Glaubinha;

À minha Dinda, Maria Elsa, e às minhas primas Geomara (Pelas compras das passagens aéreas para Amazônia), Guiomar e ao primo Reires em Natal-RN. A tia Gracinha e ao Tio Nicinho e família em Capim Grosso-BA.

Ao Museu Do Homem Americano - FUMDHAM, A Divisão e ao Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico, ao Museu Amazônico – UFAM, ao Setor de Arqueologia do MCC, ao Museu Câmara Cascudo-UFRN, e ao LAS-UFRN do Ceres em Caicó.

Aos amigos que fiz na floresta tropical (quente e úmida) amazônica; aos amigos do norte, e as memórias do (s) meu (s) sertão (ões) do NE;

Agradeço à minha turma (força) de doutorado (2021), ao G5, Felipe, Jéssica, Dany, Maira e a todos os alunos e servidores/funcionários do PPGCASA e a todos os povos amazônicos, de SGC e do mundo.

Agradeço a todos os povos (do passado e do presente) da floresta amazônica pelo aprendizado e a reflexão sobre a vida.

Agradeço à Luciana Ferreira, a minha namorada, agora, minha noiva, que conheci nessa caminhada de imersão em mim mesmo.

Com amor, um sertanejo, filho dos sertões, apaixonado pelo mundo e pelas (s) Amazônia (as).

RESUMO

A presente pesquisa, realizada através de estudos bibliográficos, imagéticos e de campo, levantou sítios arqueológicos com gravuras/petróglicos realizados por grupos pré-colombianos em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia e, a partir da identificação desses lugares, a pesquisa se desenvolveu no sentido de compreender o contexto locacional, caracterizar e estabelecer modelos dos desenhos deixados em suportes rochosos, e trazer as percepções e os conhecimentos sobre esses sítios arqueológicos (lugares) indígenas pré-colombianos. Buscando uma forma de verticalizar a compreensão desses locais, realizamos um estudo e análise sistêmica (ambiental e cultural), possibilitando contribuir com novos olhares sobre os suportes rochosos gravados por meio das escalas analíticas, macroespacial, semimicro, regional e microespacial no entendimento dos sítios arqueológicos e seu entorno, com suas particularidades geográficas, históricas e sociais, trazendo conhecimentos sobre esses assentamentos humanos pré-colombianos, entendendo as estratégias de interação, percepção, uso do espaço e da paisagem. Isto num contexto de uma dinâmica **cognitiva, de memória e de apropriação dos lugares**, envolvendo um saber técnico, temático e simbólico ameríndio representados nos suportes rochosos.

Palavras-chave: Ambiente; Amazônia; Arqueologia; Cultura Material e Petróglicos.

ABSTRACT

This research, through bibliographical, imagery, and field studies, surveyed archaeological sites with engravings/petroglyphs made by pre-Columbian groups in São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazon, and based on the identification of these places, the research was developed in order to understand the locational context, characterize and establish models of the drawings left on rock supports, and bring perceptions and knowledge about these pre-Columbian indigenous archaeological sites (places). Seeking a way to verticalize the understanding of these sites, we carried out a study and systemic analysis (environmental and cultural), making it possible to contribute with new perspectives on the rock supports recorded through analytical scales, macro-spatial, semi-micro, regional and micro-spatial in the understanding of archaeological sites and its surroundings, with their geographic, historical and social particularities and, bringing knowledge about these pre-Columbian human settlements, understanding the strategies of interaction, perception, use of space and landscape. This is in the context of a cognitive dynamic, of memory and appropriation of places, involving technical, thematic and symbolic Amerindian knowledge represented in the rock supports.

Keywords: Environment; Amazon; Archeology; Material Culture and Petroglyphs.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- AP – Antes do Presente
- ARN – Alto Rio Negro
- Aqui I - Aquidabam I
- Aquil II - Aquidabam II
- Aqui III - Aquidabam III
- CAb I - Cabari I
- CAb II - Cabari II
- CAb III - Cabari III
- CI (Onça) - Cachoeira de Iauarete (Onça)
- Clpa - Cachoeira de Ipanoré
- CNA – Centro Nacional de Arqueologia
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MCPV - Mangueira Canal ou Pedral V
- PCCa - Petróglifos Cachoeira do Caapi
- PCab - Petróglifo Cachoeira de Cabeçudo
- PCH - Petróglifos Cachoeira Hipana Ou Uapui
- PCam - Petróglifos de Camanaus
- PCoCo - Petróglifos Coro – Coró
- PCama - Petróglifos Camarão
- PCaruc - Petróglifo Caruru Cachoeira
- PCPP - Petróglifo Cachoeira Pinu Pinu (Urubuquara)
- PCJu - Petróglifos Cachoeira de Jurupari
- PCTun - Petróglifos Cachoeira do Tunuí
- PMa - Petróglifos Maçarico
- PCMB - Petróglifos Cachoeira de Matapi-Buya
- PI - Pedral I
- PII - Pedral II
- PIII - Pedral III
- PIV - Pedral IV
- PVIMF - Pedral VI Morro da Fortaleza
- PPC - Petroglifos Pari-Cachoeira
- Saca - Sítio Acará

Sita - Sítio Itapinima

SGC – São Gabriel da Cachoeira

PPEBP - Petróglifos Porto da Escola Baniwa/Pamáali

PCS - Pedral da Cachoeira Siuci

PJC - Petróglifos de Jandu Cachoeira

PTucu - Petróglifos Tucumã

PSRu - Petróglifo Santa Rosa do Uaupés

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Petróglifos indígenas no Rio Negro-AM-----	24
Figura 2	Petróglifos do Rio Urubu, Itacoatiara-AM, Amazônia Brasileira	24
Figura 3	Rotas de criação e transformação-----	24
Figura 4	Petróglifos do Alto Rio Negro -----	24
Figura 5	Petróglifos do Alto Rio Negro -----	25
Figura 6	Petróglifos do Alto Rio Negro -----	25
Figura 7	Representação-----	32
Figura 8	Traços de Arte e Saber na Fazenda Amazônica-----	34
Figura 9	Traços de Arte e Saber na Fazenda Amazônica-----	34
Figura 10	Traços de Arte e Saber na Fazenda Amazônica-----	34
Figura 11	Esquema Relacional, Ambiente, Cultura Material e Persistência-----	36
Figura 12	Esquema Relacional, Espaço, Tempo, Passado-presente-----	37
Figura 13	Registros da Paisagem e do Professor Carlos Silva-----	37
Figura 14	Organograma de estrutura relacional entre as variáveis do contexto dos assentamentos com petróglifos levantados-----	43
Figura 15	Esquema relacional para levantamento (fonte) de dados da pesquisa-----	44
Figura 16	Esquema relacional-----	44
Figura 17	Modelo de Ficha para coleta de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGR-AM-----	49
Figura 18	Modelo de (<i>Planilha Excel</i>) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGR-AM-----	48
Figura 19	Modelo de (<i>Planilha Excel</i>) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGR-AM-----	50
Figura 20	Modelo de (<i>Planilha Excel</i>) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGR-AM-----	51
Figura 21	Modelo de (<i>Planilha Excel</i>) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGR-AM-----	51
Figura 22	Observação analítica das imagens dos Petróglifos, Rio Negro, SGR-AM, utilizando o programa Adobe Photoshop, técnica utilizada tanto para imagens de fotos de campo, quanto de imagens audiovisuais e bibliográficas pesquisadas-	52
Figura 23	Registros da Paisagem, Navegação e de Cúpulas nos suportes rochosos na Amazônia-----	58
Figura 24	Mapa de distribuição de Sítios Arqueológicos no Estado do Amazonas-----	62
Figura 25	Vasilhame Cerâmico Inteiro. Urna Funerária do Sítio da Praça do Dom Pedro-----	63
Figura 26	Vasilhame Cerâmico Inteiro. Urna Funerária de Marajor	64
Figura 27	Vasilhame Cerâmico Inteiro. Urna Funerária do Sítio Jauary-	64
Figura 28	Destaque para os motivos dos vasilhames cerâmicos-----	64
Figura 29	Tangas exclusivas da Ilha de Marajó – PA-----	64

Figura 30	Modelos de pinturas e gravuras da arte pré-histórica do mundo -----	67
Figura 31	A pintura rupestre de Leang Tedongnge (Indonésia) que mostra o desenho de um javali da espécie ‘Sus celebensis’, pintado há pelo menos 45.500 anos-----	68
Figura 32	A esquerda figuras pintadas no abrigo Pedra Pintada no Pará	71
Figura 33	Gravuras rupestres visíveis com a Seca (baixa extrema) do Rio Negro em 2023-----	71
Figura 34	Modelos de desenhos na cerâmica arqueológica e na arte rupestre na Amazônia-----	73
Figura 35	Modelos de desenhos na cerâmica arqueológica e na arte rupestre na Amazônia-----	73
Figura 36	Modelos de desenhos na cerâmica arqueológica e na arte rupestre na Amazônia-----	74
Figura 37	Localização e distribuição de Sítios Arqueológicos do Município de São Gabriel da Cachoeira-----	76
Figura 38	Registro imagético rochoso de SGC-ARN-----	77
Figura 39	Tipos de florestas-----	78
Figura 40	Registros de Viagens no Rio Negro. Vista do Barco-----	78
Figura 41	Registros de Viagens no Rio Negro-----	78
Figura 42	Sinalizações na rocha nos cursos das águas do Alto Rio Negro -----	81
Figura 43	Vista de São Gabriel da Cachoeira, AM-----	92
Figura 44	Croqui de campo dos lugares com Petroglifos em SGC, AM--	95
Figura 45	Localização e distribuição de Sítios Arqueológicos com Petróglifos em São Gabriel da Cachoeira, AM-----	95
Figura 46	Mostra da vista de Satélite dos lugares com Petróglifos SGC-ARN-AM-----	96
Figura 47	Múltiplas Vistas-----	98
Figura 48	Vista do Cacuri Instalado no Curso do Rio Negro, Ilha de Adana-----	99
Figura 49	Croqui esquemático do Aquidabam I, II e III-----	100
Figura 50	Vista do Aquidabam I-----	101
Figura 51	Detalhe das sinalizações na rocha do Aquidabam I-----	101
Figura 52	Vista do Aquidabam II e detalhes das sinalizações na rocha--	102
Figura 53	Vista do Aquidabam III e detalhe do suporte rochoso com sinalizações na rocha-----	103
Figura 54	Vista do Pedral I, II e detalhe da sinalização na rocha da Orla de SGC-----	101
Figura 55	Detalhes das sinalizações dos Pedrais V e I. Indica ser áreas de oficinas líticas, existem cúpulas/bacias, pilões e afiadores para projeção (<i>design</i>) de ferramentas rochosas-----	104
Figura 56	Vista do Rio Negro a partir do Morro da Fortaleza-----	104
Figura 57	Vista da área dos Pedrais do Cabari I, II e III-----	105
Figura 58	Croqui esquemático-----	106
Figura 59	Vista e detalhe da sinalização na rocha do Cabari I-----	107
Figura 60	Vista e detalhe da sinalização na rocha do Cabari II-----	107
Figura 61	Vista e detalhe da sinalização na rocha do Cabari III-----	108
Figura 62	Vista da área do Sítio Acará, Alto Rio Negro-----	108
Figura 63	Petroglifos do Acará-----	110

Figura 64	Croqui esquemático da área dos Pedrais e dos detalhes dos Petroglifos do Itapinima-----	111
Figura 65	Vista das Cachoeiras do Pari-----	113
Figura 66	Vista esquemática dos Pedrais de Pari Cachoeira-----	113
Figura 67	Vista esquemática dos Pedrais da Cachoeira de Ipanoré-----	115
Figura 68	Vista Geral de Pedrais de Iauaretê-----	116
Figura 69	Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia-----	117
Figura 70	Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro-----	118
Figura 71	Imagens dos Petroglifos de Iauaretê-----	118
Figura 72	Croqui esquemático dos Lugares e imagens dos Pedrais do Rio Içana-----	119
Figura 73	Desenhos Geométricos-----	121
Figura 74	Desenhos Geométricos-----	121
Figura 75	Desenhos Não Reconhecíveis-----	121
Figura 76	Figuras Reconhecíveis-----	122
Figura 77	Representações de moolitos-----	122
Figura 78	Zoomorfo-----	123
Figura 79	Figura geométrica-----	123
Figura 80	Desenhos dos Petroglifos do Rio Içana-----	123
Figura 81	Desenho Geométrico-----	124
Figura 82	Desenhos do Caruru Cachoeira-----	125
Figura 83	<i>Petroglifos Caruru Cachoeira</i> -----	125
Figura 84	<i>Modelos de Desenhos da Cachoeira do Hipana</i> -----	126
Figura 85	<i>Modelos de Desenhos do Pinu Pinu e Santa Rosa do Uaupés</i>	126
Figura 86	Distribuição dos lugares com petroglifos-----	132
Figura 87	Detalhes dos modelos das sinalizações dos Pedrais V e I ----	134
Figura 88	Estimativa Altimétrica dos lugares com Petroglifos e Oficinas Líticas-----	135
Figura 89	Modelos e Variações dos Desenhos dos Petroglifos-----	137
Figura 90	Modelos e Variações dos Desenhos dos Petroglifos-----	138
Figura 91	Modelos e Variações dos Desenhos dos Petroglifos-----	138
Figura 92	Imagens dos desenhos dos pedrais de La Pedreira no Rio Caquetá na Colômbia-----	141
Figura 93	Mapa esquemático de Distribuição dos Petroglifos-----	142
Figura 94	Motivos de grafismos-----	145
Figura 95	Cestaria de Arumã com motivos geométricos-----	145
Figura 96	Padrões gráficos presentes na cerâmica Baniwa -----	146
Figura 97	Desenho de Jonildo Castro-----	147
Figura 98a	Modelo antropomorfo gravado na rocha, na Cachoeira do Rio Aiari afluente do Rio Içana, e gravuras geométricas, espirais, linhas que lembram cobras e estampas que lembram peneiras -----	153
Figura 98b	Petroglifo no Rio Negro, representação de Antropomorfo -----	153
Figura 99	Imagens Registro da mitologia pictórica dos Desâna-----	154
Figura 100	Vista dos Petroglifos do Acará, demonstrando a visibilidade locacional, dos petroglifos e do entorno com Cacuri-----	158
Figura 101	Esquema Relacional-----	159

Figura 102	Motivos decorativos em objetos da cidade de São Gabriel----	160
Figura 103	Padrões e significados dos desenhos na cerâmica tukano ---	160
Figura 104	O Mundo Simbólico Sensível apresentado na arte nas paredes urbanas da cidade de São Gabriel – AM em continuidade do pensar e o saber desdá pedra-----	162

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Fonte de Dados da pesquisa	43
Tabela 2: Lugares com Petróglifos em SGC-ARN	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Proveniência das informações dos lugares com petróglifos em SGC-ARN -	93
Gráfico 2: Informações dos lugares com petróglifos em SGC-ARN	93
Gráfico 3: Tipos de Lugares com Petróglifos	133
Gráficos 4 e 5: Coloração rochosa e Técnica de Gravados na Rocha	133
Gráfico 6: Categorias dos Grafismos	136
Gráfico 7: Temáticas reconhecíveis	139
Gráfico 8: Quantitativo de figuras zoomórficas reconhecíveis	139
Gráfico 9: Quantitativo de Figuras Geométricas	140
Gráfico 10: Quantitativo de indicativos da relação com o lugar com petróglifos	155
Gráfico 11: Quantitativo de atividades realizadas em lugares com petróglifos	155
Gráfico 12: Quantitativo de atividades de pesca em lugares com petróglifos	156

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO -----	21
1.1	Problema, Hipótese (S) e Objetivos-----	25
1.1.1	Problemática (s)-----	25
1.1.2	Hipótese (s)-----	26
1.1.3	Objetivos-----	26
	BIBLIOGRAFIA -----	28
	 CAPÍTULO 1 -----	31
1	REFLEXÃO TEÓRICA & PROCEDIMENTO METODOLÓGICO da PESQUISA -----	31
1.1	Apontamentos Metodológicos da Pesquisa-----	39
1.2	Detalhamento técnico metodológico-----	44
1.3	Dimensões técnicas analíticas-----	46
	CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	52
	BIBLIOGRAFIA -----	52
	 CAPÍTULO 2 -----	58
2	AMBIENTE, CULTURA MATERIAL, ARTE RUPESTRE E OS PETRÓGLIFOS NO ALTO RIO NEGRO NA AMAZÔNIA -----	58
2.1	Arte Decorativa na Cerâmica Arqueológica da Amazônia-----	62
2.2	Arte Rupestre e os Petrólifos na Amazônia-----	67
2.2.1	São Gabriel da Cachoeira (SGC), Alto Rio Negro e os Petrólifos--	74
	CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	81
	BIBLIOGRAFIA -----	82
	 CAPÍTULO 3 -----	91
3	DOS LUGARES COM PETRÓGLIFOS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM, ALTO RIO NEGRO, AMAZÔNIA -----	91
3.1	Características Gerais dos Lugares com Petrólifos-----	96
3.2	Lugares e Descritores dos Petrólifos-----	99
3.2.1	Aquidabam I, II e III-----	99

3.2.2	Dos Pedrais da Orla de SGC, Pedral I, II, III, IV, V e VI-----	103
3.2.3	Cabari I, II e III-----	103
3.2.4	Acará-----	108
3.2.5	Itapinima-----	110
3.2.6	Pari-Cachoeira-----	112
3.2.7	Pedrais da Cachoeira de Ipanoré-----	113
3.2.8	Cachoeira do laurete-----	115
3.2.9	Dos lugares com Petróglifos do Içana-----	118
3.2.10	Caruru Cachoeira, Cachoeira do Hipana, Pinu Pinu e Santa Rosa do Uaupés-----	124
	CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	126
	BIBLIOGRAFIA-----	127
	 CAPÍTULO 4 -----	 130
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES, DOS PETRÓGLIFOS AMERÍNDIOS, EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, ALTO RIO NEGRO, AMAZÔNIA-----	130
4.1	Tecendo Percepções dos Conhecimentos Ameríndios dos lugares com Petróglifos-----	142
4.2	A Relação com o Lugar-----	154
4.3	Os Desenhos dos Petróglifos como Símbolos em São Gabriel da Cachoeira-----	159
	CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	162
	BIBLIOGRAFIA-----	165

1. INTRODUÇÃO

*“Não existe quase nenhum vestígio de antigas épocas na América do Sul que tenha despertado opiniões tão várias e mesmo conflitantes entre os estudiosos como as inscrições e **figuras que se encontram gravadas por mãos humanas nas pedras**. Muitos, em vão, esforçaram-se por decifrar tais “hieróglifos”, e eles eram considerados uma escrita figurativa, informações de uma civilização extinta altamente desenvolvida ou então por “inscrições” enigmáticas de um culto extinto. **Em compensação, sua concordância e vasta distribuição pareciam falar, pois tais petróglifos se encontram espalhados na maior parte da América do Sul, sobretudo na planície do Rio Amazonas e em todo o Norte da América do Sul**”. KOCH-GRÜNBERG, (2010(1907)).*

Diversos sítios arqueológicos² foram e continuam sendo encontrados fortuitamente por moradores, viajantes e, de forma sistemática, por pesquisadores arqueólogos, antropólogos, historiadores e profissionais de áreas afins, trazendo uma diversidade de evidências materiais de culturas pré-colombianas na Amazônia (Silva, 2010, 2016).

Por meio dos estudos ambientais e da cultura material, tornou-se possível perceber a diversidade destes sítios na Amazônia, haja vista que, por baixo da imensidão verde, dos sedimentos pretos e solos amarelados das terras firmes e das várzeas, próximos aos meandros, nas ilhotas e nas beiras dos diversos mananciais de rios, igarapés, lagos, lagoas e pedrais, existem evidências de vestígios de populações ameríndias antiquíssimas.

Historicamente, a Amazônia fez parte dos relatos de cronistas e de viajantes, chamando atenção por sua cultura imaterial e material. Por meio do levantamento bibliográfico, é notável que as manifestações artísticas culturais das populações indígenas ameríndias sempre fizeram parte da observação de cronistas, viajantes e estudiosos (Hartt, 1895; Carvajal, 1941; Vidal, 1992; Porro, 1995; Neves, 2012, 2022).

Estas observações geraram informações sobre os lugares com sítios arqueológicos, o que favoreceu o incremento de estudos sobre as características ambientais e culturais do processo de ocupação e transformação do espaço, fatores importantes para contar a história das diversas populações que habitaram e habitam a região. Esta história pode ser construída através da cultura material e dos locais

² Os sítios arqueológicos e os vestígios encontrados são marcas de grupos do passado, mas que estão em contextos de populações do presente, inserindo-se de forma consciente e inconsciente nas comunidades de sociedades atuais, em especial na Amazônia – que possuem escolhas simbólicas, utilizam/reutilizam objetos e são produtoras de cultura material (cestarias, recipientes cerâmicos e outros).

onde estão inseridos, proporcionando pesquisas com as narrativas e saberes das populações além de suas relações (percepção) com o ambiente amazônico.

Deste modo, a proposta da presente pesquisa é identificar os sítios arqueológicos com gravuras³/petróglifos⁴ realizados por grupos pré-colombianos para conhecer suas particularidades no ambiente amazônico. A partir da identificação desses lugares, a pesquisa se desenvolveu no sentido de compreender o contexto locacional, caracterizar e estabelecer modelos dos desenhos deixados em suportes rochosos e trazer as possíveis relações e visões das populações nesses lugares em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia.

Portanto, um olhar a partir das escalas: macroespacial, compreendendo os sítios arqueológicos brasileiros⁵; semimicroespacial no plano regional e microespacial ou local foi fundamental para o entendimento dos sítios arqueológicos e de seu entorno. Além disso, suas especificidades ecológicas, ambientais, geográficas, históricas e sociais contribuem para a obtenção de um levantamento das visões e conhecimentos sobre esses lugares com sítios arqueológicos.

Como forma de verticalizar a compreensão desses locais, o estudo e a análise foram ponderados de forma sistêmica (ambiental/cultural), possibilitando o desenvolvimento de novos olhares para a pesquisa. Tal olhar possibilita não apenas gerar um inventário de indícios de bens com significância histórica e cultural, relevantes para a pesquisa, mas também para a compreensão da forma de ver e dialogar com esses ambientes em que estão situados os petróglifos.

³ Representações produzidas sobre suportes rochosos em cavernas e grutas ou ao ar livre em paredões, afloramentos, pedrais e lajedos rochosos, as gravuras compreendem técnicas diversas de remoção ou abertura da superfície rochosa, a exemplo da picotagem e da abrasão; e o pintado, representado por técnicas de adição de pigmentos de cores distintas, secos ou pastosos, através de pincéis, dedos, sopros ou carimbos.

⁴ **Os petróglifos** estão situados principalmente nas cachoeiras ou rochas no leito ou nas margens dos rios. No **Alto Rio Negro**, esses lugares são geralmente concebidos como casas de transformação para os Tukano e locais de reprodução de peixes e animais da terra. Para os Tuyuka e outros, podem ser casas de tristeza, evitados na viagem da transformação, ou casas de vida, de onde emergiram, povoaram por tempos e realizaram seus rituais. São moradas que existem em uma dimensão alternativa de nosso mundo observável, constituem-se como um afloramento do estrato cósmico subterrâneo, KOCH-GRÜNBERG, (2010(1907)).

⁵ Contribuindo com a preservação e promovendo sua valorização, pois a identificação, debates, seminários e exposições de bens materiais resultantes de pesquisas arqueológicas permite a compreensão do ambiente e do espaço coletivo, ocupados por nossos antepassados. Por meio da reconstrução de diferentes narrativas, o patrimônio arqueológico pode ser pesquisado, compreendido e socializado com diferentes públicos, na perspectiva de contribuir com o processo de fortalecimento da identidade coletiva e da conscientização, trazendo novos olhares e percepção em torno do uso e da preservação do patrimônio, já que os bens arqueológicos são patrimônio do povo brasileiro e da união, protegido pela lei 3924/1961.

Observar as relações das pessoas com esses lugares, seu estado de conservação, além de ser um meio de visualizar os traços de ocupação humana da Amazônia antiga, pois fornecem preciosas informações para a orientação de medidas adequadas de usufruto sustentável, contribuem com a avaliação do potencial cultural para fins educacionais e/ou turísticos, beneficiando as comunidades, além de, como já mencionado, estabelecer modelos de representações dos desenhos dos petróglifos.

Destacamos que parte do universo simbólico das populações antigas foram fixadas em suportes rochosos sob formas pintadas e gravadas, conservadas até hoje. Tratam-se de documentos em que o arqueólogo obtém os dados e interpreta o cotidiano, podendo fazer inferências sobre o contexto ambiental e cultural dessas populações.

Em se tratando dos petróglifos, eles estão dispersos por todo o continente americano, evidenciados, principalmente, ao longo dos cursos d'água. Na literatura arqueológica brasileira, esses desenhos são conhecidos como Itaquatiaras⁶ que, em tupi, significa pedras pintadas ou escritas (Pessis, 2002, Martin, 2005, Santos, 2008, Valle, 2003, 2012, Prous, 1992, 2019).

Estudos históricos e etno-históricos fornecem inúmeras evidências que revelam a importância da decoração como uma das expressões visuais baseadas nas narrativas míticas, passando mensagens de mitos e ritos aos membros da comunidade. Isso talvez possa ser compreendido ou relacionado com os desenhos gravados nos suportes rochosos (Ribeiro (1989) e Virtanen (2011)).

Esta arte de representar desenhos é uma das formas de documentação, de narrativa, de comunicação, transmissão e apresentação da diversidade da ARTE INDÍGENA AMERÍNDIA PRÉ-COLOMBIANA. Além das representações realizadas nos suportes rochosos (petróglifos), os desenhos nos vasilhames cerâmicos, cestarias, madeiras, tecidos e adornos, utilizados nas atividades cotidianas e ritualísticas na Amazônia, também fornecem amplo material documental.

⁶ A Tradição Itaquatiara está relacionada à técnica de gravura e é representada por grafismos não reconhecíveis e reconhecíveis, como as formas esquemáticas de fitomorfos, antropomorfos, zoomorfos, geralmente situados nas margens e leitos rochosos dos rios e riachos, marcando pontos de água (Martin, 2006). Segundo Pessis (2002) a Tradição Itacoatiara foi criada para designar os registros rupestres realizados através das técnicas de gravuras sobre blocos isolados ou paredes e solos de abrigos sob rocha.



Figura 1 Petrôglifos indígenas no Rio Negro-AM. Fonte: VALLE, R. 2012.

ROCHA 73, PAINEL S

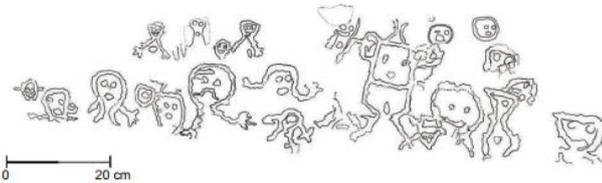


Figura 2 Petrôglifos do Rio Urubu, Itacoatiara-AM, Amazônia Brasileira. Fonte: Cavallini, 2014

Petrôglifos do Alto Rio Negro. Moradores do local documentando, interagindo e contando as suas narrativas e significados.



Figuras 3 e 4 ANDRELLO, G (2012). Rotas de criação e transformação. São Gabriel – ARN, AM.



Figuras 5 e 6 Arquivo pessoal, Luciano Souza e Carlos Silva (2019). São Gabriel – ARN, AM.

1.1 PROBLEMA, HIPÓTESE (S) e OBJETIVOS

1.1.1 PROBLEMÁTICA (s)

Partindo do pressuposto de que os petróglifos são parte de um sistema de comunicação, espera-se que o grupo humano adotou uma forma de apresentação seguindo uma série de comportamentos que lhes foram transmitidos e aprendidos (Pessis, 2013). Esses grafismos podem apresentar dimensões das relações com o meio ambiente e das relações sociais da vida desses grupos, em contextos do passado e do presente.

Desta forma, o levantamento arqueológico de um elevado quantitativo de painéis com sinalizações rupestres em diferentes lugares possibilita novas informações para estudos temáticos, de técnicas de execução e de apresentações cenográficas, trazendo novos horizontes de conhecimento e possibilidades de inferir tipos de apresentações gráficas.

Sendo assim, além de levantar conhecimentos (saberes) ligados aos petróglifos, a pesquisa busca entender a paisagem, a dispersão espacial e os modelos de representações nos suportes rochosos por meio das seguintes problemáticas: Quais as características geológicas, geomorfológicas e hidrográficas da região do Alto Rio Negro (ARN)? As características geoambientais, particularmente a hidrográfica e a geomorfológica/geológica foram decisivas nas escolhas por preferências técnicas/temáticas nas representações realizadas nos suportes rochosos? Quais as características dos locais e dos petróglifos levantados no Alto Rio Negro? A partir de estudos técnicos e temáticos das figuras nos suportes rochosos, é possível estabelecer modelos de representações dos desenhos? Quem fez esses petróglifos?

Para que servem (função)? É possível inferir uma escala temporal? Quais os conhecimentos (saberes) associados a esses lugares envolvendo as pessoas que habitam a região?

1.1.2 HIPÓTESE (S)

H1: Os locais de escolha indicam a possível utilização dos cursos d'água como áreas nucleares para manifestação desses desenhos, servindo de rota de comunicação visual na América pré-colombiana.

H2: Estas áreas nucleares revelam a existência de uma relação das pessoas da região com o espaço e o tempo do ambiente natural e humano em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia, sejam estas relações de vínculos (apego), apropriação, entendimento de território e pertencimento, contribuindo na compreensão de permanências, mudanças e continuidades histórico-culturais ligadas ao ambiente no passado e no presente.

1.1.3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Identificação dos modelos de representações dos petróglifos, das percepções e dos conhecimentos sobre esses sítios arqueológicos (lugares) indígenas pré-colombianos em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Identificar os lugares com petróglifos, caracterizando o entorno e a inserção na paisagem dos locais com sinalizações na rocha;
2. Identificar as características históricas, geológicas, geomorfológicas e hidrográficas da região do Alto Rio Negro (ARN);
3. Analisar as características e os padrões das representações dos desenhos da área estudada;
4. Mapear a localização e distribuição espacial dos Sítios Arqueológicos de significância histórica, cultural e paisagística, e compreender os

conhecimentos (saberes) gerados das populações da região sobre os petróglifos (ARN).

Tendo em vista a extensão da imensidão do mundo amazônico, além dos desafios, dificuldades⁷ de acesso a determinados locais, buscamos otimizar as fontes de coletas de informações (dados) de localização, imagética e contextual. Elas foram realizadas a partir de pesquisa bibliográfica⁸, de campo⁹ (realizado pelo autor da pesquisa em outubro de 2022, indo de Barco do Porto de Manaus até São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro) e dados disponíveis do CNA-IPHAN¹⁰ (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), além de outras¹¹ fontes de dados públicos na internet¹².

Os dados possibilitaram trazer informações das características locacionais, paisagísticas e dos seus modelos gráficos de sinalizações dos suportes rochosos. Procuramos otimizar a organização das descrições de cada lugar, priorizando a geração de dados quantitativos e qualitativos para contribuir no desenvolvimento da pesquisa que trata dos Petróglifos Ameríndios: Ambiente, Cultura Material e os Modelos dos Petróglifos Ameríndios Pré-Colombianos em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia (SGC-ARN).

A estruturação desta pesquisa foi elaborada em uma proposta dialógica apresentada em quatro capítulos:

No **capítulo 1** apresentaremos apontamentos teóricos, conceituais, metodológicos e técnicos analíticos para servir de espelhamento e possibilitar as reflexões e a luz no caminho desta pesquisa de doutoramento em um programa de Ciências Ambientais. Desta forma, uma visão reflexiva da Epistemologia Ambiental, da Arqueologia e dos Petróglifos e das dimensões analíticas objetivou um meio de observação das formas de relações e interações sociais/culturais, como recursos vitais, da continuidade, da persistência, ou mesmo da liberdade de ação dentro de um olhar criativo de espaço/território. Isto dentro de um sistema de comunicação fluido

⁷ Dificuldades também ligadas as questões de tempo, de recursos materiais e financeiros.

⁸ Artigos, livros, teses e dissertações de diferentes áreas (Arqueologia, Antropologia, História, Geologia etc).

⁹ Levantamento de campo, realizado pelo autor da pesquisa em outubro de 2022.

¹⁰ Lista de Sítios Arqueológicos cadastrados no CNA-IPHAN, relatórios e publicações ligadas ao órgão citado envolvendo o patrimônio material e imaterial da região.

¹¹ Documentários, entrevistas, artigos, reportagens e postagens disponíveis na internet.

¹² <https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/manifesto-pede-protecao-a-lugares-sagrados-indigenas-e-sitios-com-arte-rupestre-na-america-do-sul>; <https://brasiliarios.com/cultura/2083-romulo-andrade-expoe-memorias-dos-rios-lugares-sagrados>; https://www.youtube.com/watch?v=nM4Q_2o7TU

entre a natureza e o humano, marcado nos petróglifos da arte rupestre ameríndia, envolvendo os conhecimentos dos povos indígenas ameríndios na Amazônia em uma história de longa duração.

No **capítulo 2** apresentaremos uma síntese (revisão) bibliográfica que buscou contextualizar o ambiente, a cultura material, a arte decorativa da cerâmica arqueológica, a arte rupestre e os petróglifos, contribuindo para trazer uma visão do ambiente, da cultura material e das representações dos petróglifos dos povos indígenas ameríndios na Amazônia.

No **capítulo 3** apresentaremos uma síntese descritiva dos lugares levantados com petróglifos em SGC-ARN¹³, detalhando suas características locais, inserção (escolha) na paisagem e dos modelos de representações de sinalizações gráficas. Nesta pesquisa foram listados trinta e quatro lugares. Tendo em vista a escassez ou a ausência de estudos iniciais ligados ao tema, consideramos que esse quantitativo é bastante significativo para identificar de forma amostral os lugares e os modelos de representação dos petróglifos em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia.

No **capítulo 4** apresentaremos os **resultados e discussões** em relação aos lugares e os modelos de representações e percepções dos conhecimentos/saberes ameríndios nos petróglifos do Alto Rio Negro. Assim como as representações de desenhos em suportes rochosos é uma das formas de documentação, de narrativas e de comunicação, transmissão e de apresentação da diversidade cultural e simbólica da arte indígena ameríndia pré-colombiana ligadas ao seu mundo ambiental, ecológico e social na Amazônia. Isto num contexto de uma dinâmica **cognitiva, de memória e** de apropriação dos **lugares**, envolvendo um saber técnico, temático e simbólico ameríndio.

BIBLIOGRAFIA

ANDRELLO, G. Área Indígena Alto Rio Negro renasce das cinzas. In: Povos Indígenas no Brasil 1991/1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.

ANDRELLO, G. (Organizador). Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. São Paulo: Instituto Socioambiental; São

¹³ São Gabriel de Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia.

Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

CAVALLINI, Marta Sara. Gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: levantamento e análise gráfica do Sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas. Uma proposta de contextualização. Dissertação, USP, São Paulo, 2014.

CISNEIROS, D. Similaridades e Diferenças nas Pinturas Rupestres Pré-históricas de Contorno Aberto do Parque Nacional Serra da Capivara - PI. Tese defendida na Pós-graduação em Arqueologia da UFPE. Recife, 2008.

CORRÊA, Marcos Vinicius Miranda. Nas Fronteiras do Uatumã: uma Tentativa de Associação Entre Sítios Rupestres e Cerâmicos. GLOBAL ROCK ART. Resumos e Atas Digitais - Abstracts and Digital Actas. Vol.I Congresso Internacional da IFRAO – Piauí / BRASIL, 2009.

COSTA, Fernando. Arqueologia das campinaranas do baixo rio Negro: em busca dos pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central. Tese de Doutorado, MAE/USP, 2009.

HARTT, Charles Frederico. Contribuição para a Arqueologia do Vale do Amazonas. Archivo do Museu nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1895.

MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 4. ed. Atual, 2005.

NEVES, E. ARQUEOLOGIA DA AMAZÔNIA. Editora: Zahar. São Paulo, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. Tradição oral e Arqueologia na história indígena no alto rio Negro. Amazônia além dos 500 anos, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. Ubu Editora, 2022.

PESSIS, A-M. Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil. CLIO arqueológica, n.15, vol. 1. p. 29 – 44. Recife, 2002.

PESSIS, A-M. Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire; Images from Pre-History. 2ª edição ampliada e atualizada. Fumdam Ed. São Paulo 2013, 320 p. il. color.

PORRO, Antonio. O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica. Petrópolis, Editora Vozes, 1996.

PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, André. Arqueologia brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores. Archaeo, 2019.

SANTOS JÚNIOR, V. 2008. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. Revista Fumdhamentos, v.1(7), 516-528.

SANTOS JÚNIOR, V. Dize-me como gravas e te direi quem és: o estilo ponto-a-ponto das gravuras rupestres do Riacho do Chaves, Município de Jucurutu-RN. Anais do Congresso Nacional da SAB, Florianópolis-SC, 2010.

SANTOS JÚNIOR, V. Arqueologia da paisagem: proposta geoambiental de um modelo explicativo para os padrões de assentamentos no Enclave Arqueológico Granito Flores. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, Tese, 2013.

SILVA, C, A. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade cai n'água, Manaquiri-AM. Mestrado (153p), CCA-UFAM, Manaus, 2010.

SILVA, C, A. ÁREA DE INTERFACE CERAMISTA PRETÉRITA: A COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA JOSÉ ALBERTO NEVES. Tese (211p), UFAM, Manaus, 2016.

VALLE, R. Mentas Graníticas e Mentas Areníticas Fronteira Geo-Cognitiva nas Gravuras Rupestres do Baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional. Tese, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, USP. São Paulo, 2012.

VIDAL, L. (Org.). Grafismo Indígena: Estudos de antropologia estética. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

CAPÍTULO 1

1. REFLEXÃO TEÓRICA & PROCEDIMENTO METODOLÓGICO da PESQUISA

*A sabedoria começa na reflexão.
Sócrates*

RESUMO

Apresenta apontamentos teóricos, conceituais, metodológicos e técnicos analíticos, para servir de espelhamento que possibilitou trazer reflexões e luz no caminho desta pesquisa de doutoramento do programa de Ciências Ambientais da Amazônia (PPGCASA/UFAM), do qual buscou-se trazer uma visão do ambiente, da cultura material e dos modelos de representações dos desenhos dos petróglifos, envolvendo os conhecimentos dos povos indígenas ameríndios na Amazônia, em uma história de longa duração marcada na arte rupestre ameríndia.

Palavras-Chaves: Arqueologia, Epistemologia, Percepção Ambiental e Saber/Petróglifos.

Os estudos ambientais tornam possível a percepção da diversidade da Amazônia¹⁴, haja vista que, por baixo da imensidão verde, dos sedimentos pretos e solos amarelados das terras firmes e das várzeas, próximos aos meandros, nas ilhotas e nas beiras dos diversos mananciais de rios, igarapés, lagos, lagoas e pedrais, existem evidências de vestígios da cultura material¹⁵ de populações ameríndias antiquíssimas.

Por meio da cultura material, uma sociedade pode ser entendida como uma rede de relações sociais habituais, onde os indivíduos interagem entre si, usando símbolos e signos representados a partir de sons, escritos, imagens, músicas e

¹⁴ A Amazônia está localizada nos territórios do Brasil, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Peru. É a maior floresta tropical úmida do mundo, com uma área aproximada de 4,5 milhões de km². No Brasil, a Amazônia Legal tem uma extensão total de aproximadamente 5.020.000 km². A Amazônia Legal foi criada inicialmente como área de atuação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), em 1953. Atualmente, ela corresponde à área dos Estados da Região Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), acrescidos da totalidade do Estado de Mato Grosso e dos municípios do Estado do Maranhão situados a oeste do meridiano 44° O. A região abriga o sistema fluvial mais extenso e de maior massa líquida da Terra, formando a Bacia Amazônica. Fonte: <https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/amazonialelegal.shtm?c=2> acessado em 3 de outubro de 2022.

¹⁵ São vestígios encontrados em sítios arqueológicos como marcas de grupos do passado, mas que estão em contextos de populações do presente, inserindo-se de forma consciente e inconsciente nas comunidades de sociedades atuais – em especial na Amazônia – que possuem escolhas simbólicas, utilizam/reutilizam objetos e são produtoras de cultura material (cestarias, recipientes cerâmicos e outros).

objetos. Esta interação social pode ser entendida como uma fonte de informação e uma forma de inferir o que os humanos fizeram em suas diversas práticas culturais no passado (Hall, 1997). Nesse contexto, a cultura¹⁶ material é um meio, um instrumento, uma tecnologia informacional que disponibiliza métodos, técnicas e hábitos que podem tornar a vida humana mais eficiente e sustentável.

Em relação aos povos da floresta, eles não teriam manejado apenas animais e plantas, mas também engendrado os processos ecológicos que constituíram, efetivamente, domesticar, transplantar, proteger e usar os recursos naturais de forma planejada, buscando atender o bem-estar coletivo e individual (Balée, 1989). Dentro de sua lógica de mundo eles produzem tecnologias cognitivas e informacionais complexas adequadas para conduzir a interação dos humanos com a floresta ao longo de sucessivas gerações¹⁷.

Eduardo Góes Neves, pesquisador da USP, diz que há pelo menos 14 mil anos, a floresta é ocupada por populações que produziam ferramentas de trabalho e cerâmicas



Arqueólogos acreditam que havia cerca de 5,5 milhões de pessoas vivendo na floresta antes do descobrimento (Divulgação/ Survival International)

Figura 7: Representação <https://exame.com/mundo/arqueologo-revela-valor-da-sociodiversidade-na-amazonia/>¹⁸

Deste modo a paisagem da floresta desdobra-se sobre conhecimentos, saberes ameríndios, unidos aos lugares, paisagens, circuitos e trajetos enquanto inscrições espaciais e temporais, apresentando os modos de vida, o sagrado, os

¹⁶ A cultura tem uma lógica própria dentro de um sistema complexo (cognitivo) em que está enraizada. Entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias ou hábitos, constituídos pelo mesmo (Laraia, 2000, Geertz, 1978).

¹⁷ Sobre a região amazônica, foi derrubada a tese de que lá havia apenas tribos distribuídas a esmo pela floresta. **Arqueólogos acreditam que havia cerca de 5,5 milhões de pessoas antes do descobrimento. Há pelo menos 14 mil anos**, a floresta é ocupada por populações que produziam ferramentas de trabalho e cerâmicas, possuíam também uma agricultura diversificada, além do idioma. Enquanto quase todas as línguas modernas vieram de uma mesma família - a indo-europeia - as línguas faladas nas aldeias antigas da região amazônica vieram de diferentes famílias linguísticas. Segundo Neves, essa pluralidade também é **diversidade cultural, e é tão importante quanto a diversidade biológica**. **Fonte:** <https://exame.com/mundo/arqueologo-revela-valor-da-sociodiversidade-na-amazonia/>¹⁷. Acesso 19/09/2022.

¹⁸ Acesso 19/09/2022.

espíritos, os animais, as plantas, minerais, objetos e muitos outros fenômenos, em conexão com a **natureza/cultura** e a diversidade na Amazônia (Amoroso, Santos, 2013, grifo nosso).

Pensar sobre a diversidade da Amazônia e as produções construídas de seus povos, é ter que reconhecer a história, a ecologia, a geografia e também a exploração dos recursos naturais e as dinâmicas ambientais das populações humanas e não humanas. Para Araújo (2009), tanto a biodiversidade¹⁹ quanto a sociodiversidade²⁰ da Amazônia é a evidência de um processo de expropriação em que as suas diferenças acabam por se transformar em profundas desigualdades, destacando a importância de olhar para o passado e de compreender as nossas dimensões históricas²¹.

Krenak (2019), em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, diz que o “nosso tempo é especialista em criar ausências, do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida”. Desta maneira, é importante ir mais adiante dos pensamentos e operar de forma ampla, além das identidades fixas e/ou estreitas, libertando as limitações em um processo de aprendizagem e de desconstrução e reconstrução, seja este com propriedades vivenciais, sensoriais, cognitivas, de transformação ou de visualização da realidade a que estamos habituados em relação ao **ambiente**²² e aos diferentes **saberes**²³ na Amazônia e no mundo.

¹⁹ O termo biodiversidade – ou diversidade biológica – abrange a imensa variedade de formas de vida existentes na Terra, incluindo seus diversos níveis de organização, como genes, espécies e ecossistemas. BARBIERI, Edison. Biodiversidade: a variedade de vida no planeta terra. APTA. São Paulo, p1-19, 2010.

²⁰ A **sociodiversidade**, diz respeito aos fatores como distribuição geográfica, línguas faladas, etnias e organização social. O Brasil possui grande sociodiversidade, além das comunidades indígenas e grupos sociais distintos. JÚNIOR, Benevides et al. Hermenêutica emancipatória na interpretação dos direitos da bio e sócio diversidade na Amazônia e a questão do Protocolo de Nagóia. 2021.

²¹ Deste modo a dimensão do impacto da colonização de países europeus sobre as diversas populações indígenas da Amazônia só será mensurado com um longo trabalho de pesquisa multidisciplinar de diferentes áreas: Arqueologia, Ciências Ambientais, História, Ecologia, Antropologia, Geografia, Engenharia Ambiental, Agronomia, Linguística entre outras disciplinas, sendo uma das empreitadas mais importante em respeito aos povos da floresta tropical e do território amazônico.

²² Leff (2001) define o ambiente como uma “visão das relações complexas e sinérgicas gerada pela articulação dos processos de ordem física, biológica, termodinâmica, econômica, política e cultural”. Para este autor, este conceito ressignifica o sentido do **habitat** como suporte ecológico e do **habitar** como forma de inscrição da cultura no espaço geográfico. **Espaço físico delimitado (ex.: ambiente):** LUGAR ou RECINTO onde as pessoas interagem com o entorno físico, assumindo responsabilidade e interesse por ele. Mantendo uma postura cognitiva e/ou afetiva, relacional (do latim *ambiens/ambientis*, com o sentido de envolver algo), é o conjunto de substâncias, circunstâncias ou condições em que existe determinado objeto ou ocorre determinada ação. "Ambiente", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/ambiente> [consultado em 19-06-2022].

²³ O diálogo com esses outros, considerados bárbaros, selvagens, indígenas, negros, camponeses, trabalhadores manuais, homossexuais, mulheres, afrodescendentes, judeus, ciganos e tantos e tantas negado/as juntamente com a natureza, que Leff (2006) trata da emergência de urna Racionalidade Ambiental. A crise ambiental se torna evidente nos anos 60, refletindo-se na irracionalidade ecológica dos padrões dominantes de produção e consumo, e marcando os limites do crescimento econômico. Dessa maneira, inicia-se o debate teórico e político para valorizar a natureza e internalizar as “externalidades socioambientais” ao sistema econômico (Leff, p. 16, 2001).

Neste contexto, Leff (2001) pontua sobre a dinâmica do ambiente, da ecologia e das sociedades e a consequente crise de civilização e da cultura ocidental, envolvendo a racionalidade da modernidade diretamente nos modelos de economia do mundo globalizado internacionalizado, do qual, de alguma forma, invisibiliza o outro (a natureza, o ambiente e a vida), por meio da falta de compreensão dos diálogos com diferentes saberes.

Assim, no campo da produção dos conhecimentos científicos, é muito importante o embasamento em traduções que possam colocar em ponto comum de inteligibilidade o saber técnico e o saber dos povos tradicionais, sem a lógica de equiparação, haja vista que **toda produção será excludente**²⁴, sendo necessário o diálogo dentro de uma dimensão ampla relativa aos conhecimentos diversos (Santos, 2018, p. 85, grifo nosso).

Traço da Arte de Saber e Fazer na Amazônia



Leitura da paisagem ribeirinha do Uaupés, feita pelos Teriana. A cachoeira de Iauaretê foi reconhecida pelo Iphan, em 2006, como patrimônio imaterial do Brasil



Jovem tuyuca copia petroglifo de Itapinima, no baixo rio Uaupés

Figuras 8, 9 e 10: Traços da Arte Saber e Fazer na Amazônia: Imagem a esquerda: Mulher Waiwai modelando um vasilhame cerâmico de argila (barro) utilizando a técnica de superposição de roletes. Fonte: Meggers, 1987.

Imagem de centro a direita e abaixo a esquerda, Petroglifos. Fonte, ANDRELLO, G (2012). Rotas de criação e transformação no Alto Rio Negro.

²⁴ Essa visão epistemológica é o processo da natureza confusa de uma sociedade complexa, construída em um processo histórico de conflitos e contradições de reconhecer e aprender com o outro diferente de sua existência. Havendo distinções invisíveis estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos, apresentando um paradoxo abissal que existe um mundo “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha” (Santos, 2010). A inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Santos (2010) traz reflexões profundas sobre as nossas construções históricas (descobrimiento, formação colonial e neocolonial), envolvendo especialmente as condições adversas no processo de colonização, ocorrendo um sistema de distinções visíveis e invisíveis, e de alguma forma perpetuando em nossa formação histórica e social atual.

Quando a história humana se afasta da natureza e o conhecimento moderno, aos poucos, alimenta a invisibilidade das tradições de sabedoria, ocorre a desestruturação dos ecossistemas e do ambiente. Braudel (1953, 1970) já apontava uma “dimensão estrutural” do ambiente no desenvolvimento da vida social, investigando a importância da “valorização total do espaço”, do cotidiano como lugar²⁵ de fatos singulares e as pessoas em sua totalidade como elementos analisáveis, modificadores (produtores) da história sendo essencial para a percepção da longa duração²⁶.

Schalanger (1992) diz que:

Persistent places are places that were repeatedly used **during long-term** occupations of regions. They are neither strictly sites (that is, concentrations of cultural materials) nor simply features of a landscape. Instead, they represent the conjunction of particular human behavior on a particular landscape (Schalanger, pág. 97, 1992).

Neste contexto, para Schalanger (1992), os lugares que foram repetidamente utilizados durante ocupações de regiões de longa duração, os “lugares persistentes²⁷”, podem ser classificados em categorias observadas a partir da existência de certas características que os tornam foco de seguidas reocupações. Estas particularidades do local o fazem singular e utilizado para certas atividades, práticas ou comportamentos; assim como a existência de matéria-prima, de cultura material ou de estruturas – de qualquer tipo – de outras ocupações, podem ser reutilizadas ao longo do tempo.

²⁵ O uso da definição de lugar tem tomado grande relevância, principalmente a partir da premissa estabelecida por Lewis R. Binford em *Archaeology of Places* (1982), pela qual (o arqueólogo) deve *expandir suas análises para além do sítio arqueológico*, compreendendo as características dos espaços topográficos em que diferentes tipos de sítios e não-sítios arqueológicos, como componentes de um sistema regional de assentamento que estão distribuídos (Schlanger, 1992). O lugar representa a porção do espaço geográfico dotada de significados particulares e relações humanas. O lugar é onde existe a afetividade, onde se materializa o jeito de ser, a cultura e os costumes.

²⁶ A história de longa duração (pluralidade histórica) é geografia e história: do meio ambiente, das paisagens culturais, dos territórios nacionais, envolvendo também a **expansão do capitalismo** e as formas de imperialismo e colonialismo (Braudel, 1953, 1970). Incorporando temas como o papel das cidades, as escalas da economia, as políticas de formação territorial dos Estados e as economias-mundo, possibilita explicar os fenômenos humanos e as suas dimensões históricas, apresentando um certo deslocamento do campo **político** para uma história interligada aos **temas econômicos e sociais de**, em geral, o que é essencial para a percepção **da longa duração**.

²⁷ Conceito de lugar persistente: um lugar que é usado repetidamente durante a ocupação de longo prazo de uma região. Lugares persistentes pressupõem a paisagem em sua totalidade de ocupação, que ultrapassa o sítio arqueológico, estando constituído por elementos bem demarcados no sistema sociocultural por meio de fronteiras estabelecidas enquanto elemento de significação e formados por todos os locais de uso continuado, tanto em uma perspectiva sincrônica, quanto diacrônica (Fagundes, 2009).

Desta forma, o espaço e o lugar dos petróglifos são reutilizados, eles envolvem a história pessoal, a afetividade e os desejos, sendo a percepção fundamental das sensibilidades humanas carregando as suas histórias e memórias. Além disto, são contempladas as questões sociais e culturais para as ações na vida cotidiana, relativas às suas esferas cognitivas e preferenciais em relação ao tempo e ao seu ambiente.

O tempo, que é um tempo histórico²⁸ englobando uma dimensão de "um tempo geográfico, um tempo social e um tempo individual", onde cada um segue um **ritmo** próprio e é analisado. Portanto, o primeiro é quase imóvel; o segundo, lento; o terceiro, fugaz como a vida do indivíduo, "possuindo uma certa *agitação da superfície* como as águas e ondas das marés fazem seus movimentos" (Braudel, 1970).

Para Hernando (2002), as capacidades de memórias efetivas e as possibilidades de utilizá-las para sobrevivência constroem-se de formas distintas dependendo das experiências ambientais e sociais a que o indivíduo ficou exposto, demonstrando uma certa coerência entre a percepção e o controle material da natureza (Vide figura abaixo).

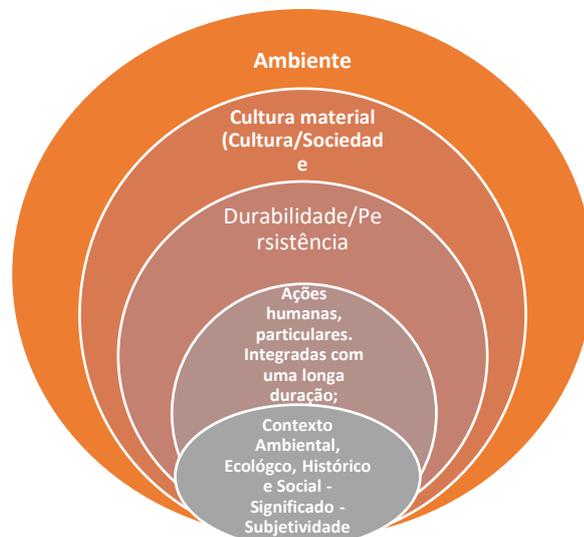


Figura 11: Esquema Relacional, Ambiente, Cultura Material e Persistência/Longa Duração. Autor: Luciano Souza.

²⁸ Faz a seguinte observação a partir da sua pesquisa de tese, explicando a vida do Mediterrâneo através do método de exposição do objeto estudado, onde ele divide **o tempo histórico em três ritmos**, no que diz respeito às mudanças que se processam dentro dele, "as relações entre homens e meio ambiente, viu-se frente a uma "história quase imóvel", "história lenta no seu fluir e na sua transformação, feita não poucas vezes de constantes reiterações e ciclos incessantemente reiniciados", "situada quase fora do tempo". Depois disso, há uma outra **história**, marcado pelo "**ritmo lento**", a do mundo mediterrânico - economias, sociedades, estados e civilizações - que se situa acima da "**história imóvel**". Por fim, ao tratar da época de Filipeli, encontra a "**história tradicional**", recortada não "na medida do homem, mas na medida do indivíduo, a história dos acontecimentos", considerada como "a mais apaixonante, a mais rica em humanidade, também a mais perigosa. Desconfiemos desta história ainda em brasa, tal como as pessoas da época a sentiram e a viveram no ritmo das suas vidas, breves como as nossas. Esta história tem a dimensão tanto das suas cóleras como dos seus sonhos e das suas ilusões" (Braudel 1953, XVII-XVIII).



Figura 12: Esquema Relacional, Espaço, Tempo, Passado-presente. Autor: Luciano Souza.

Em Reprodução de Vidas em Sítios Arqueológicos na Amazônia, Silva (2014) apresenta um conteúdo abrangente que aborda arqueologia, história, meio ambiente e o diálogo entre a ciência e o mundo rural de populações que vivem em sítios arqueológicos pré-colombianos da Amazônia brasileira. Identificando paisagens e diversos materiais em superfície, como cerâmica, lítico, Terra Preta de Índio (TPI) e materiais carbonizados, são colhidas informações sobre a relação de seus antepassados com o regime hídrico da região (cheias e vazantes de rios), também sobre o conhecimento dos intercâmbios feitos entre populações de agricultores envolvendo produtos agrícolas e sementes, o que subsidiou dados para reforçar a hipótese de que tais trocas já eram realizadas desde o período pré-colombiano.

Essas informações são importantes, pois demonstram indicativos de interações, manejo e uso do espaço seguindo um calendário ecológico, sendo orientados pelas cheias e vazantes dos rios, evidenciando áreas de sítios arqueológicos junto ao manejo do uso da terra, que precisam ser conhecidos e preservados na Amazônia.



Figura 13: Registros da Paisagem, Navegação e do Professor Carlos Silva. Fonte: Acervo pessoal do autor.

As pesquisas de Silva (2012, 2014 e 2016) demonstram a sensibilidade técnica, científica e dos saberes amazônicos com que o autor trata a percepção ambiental e o dinamismo de ocupação, resultando em discussões sobre o espaço em áreas de sítios arqueológicos no contexto da biodiversidade, sociodiversidade e domínio cultural do ecossistema da Amazônia. Além disto, devem ser ressaltados a relevância e o

diferencial das pesquisas de Silva em relação às pesquisas já realizadas, em especial no estado do Amazonas ao relacionar os saberes locais ameríndios ao longo do tempo.

Deste modo, o ambiente, a natureza e o território, podem ser vistos como um campo fluido e flexível de acordo com o uso por diferentes grupos humanos e suas diversas formas de significância e de interação no espaço.

Descola (2016) argumenta que as civilizações antigas souberam evitar a exploração desenfreada da natureza, algo a que os ocidentais se entregaram, em particular. Este processo histórico de colonização e de apropriação gerou grandes consequências significativas, ameaçando a continuidade da vida humana na terra. Esta perspectiva diverge das visões autóctones ameríndias.

Na mesma linha de pensamento, Castro (2002) nos ajuda a refletir por meio do perspectivismo ameríndio. Este conceito desenvolvido por ele, deve ser entendido como um mecanismo de descolonização do pensamento; que não serve para descrever os mundos ameríndios, mas para formar uma pragmática da especulação, para pensar o que pode se tornar plausível e operar aberturas para o mundo concreto em suas realidades subjetivas, sintetizando as visões indígenas amazônicas sobre as interações entre seres humanos e não humanos enquanto relações sociocsmológicas e da natureza.

Frente aos desafios ambientais contemporâneos relacionados às atividades humanas, torna-se evidente a necessidade de internalizar uma perspectiva emergente de saber ambiental²⁹. Essa abordagem deve abranger diversas disciplinas, tanto das ciências naturais quanto sociais, e considerar em sua totalidade as percepções da natureza da cultura de diferentes grupos humanos, indo ao encontro de um processo de revalorização das identidades culturais, das práticas tradicionais e dos processos produtivos de diferentes populações urbanas, camponesas e indígenas, permitindo assim imaginarmos melhores formas de vivermos e das nossas relações sustentáveis com o ambiente.

²⁹ O saber ambiental para Leff (2001, grifo nosso), excede as “ciências ambientais” constituídas como um conjunto de especializações surgidas da incorporação dos enfoques ecológicos de disciplinas tradicionais (antropologia ecológica, ecologia urbana, engenharia ambiental, e.t.c). O saber ambiental é uma possibilidade de abrir espaço para valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais. Surgindo do espaço de exclusão gerado no desenvolvimento das ciências, centradas em seus objetos de conhecimento, e que produz o desconhecimento de processos complexos que fogem à explicação dessas disciplinas.

Além de ampliar a visão de uma dinâmica histórica, com aspectos duradouros como reflexo da ação humana, neste caso, da **cultura material**, para entender as sociedades humanas do passado e a sua situação em contextos diversos no presente, verticaliza a forma como cada indivíduo ou grupos humanos, com as suas diferentes visões de mundo, mantêm as suas relações afetivas, espaciais, políticas, econômicas, sociais e culturais, valorizando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, percebendo as dimensões do ambiente e dos lugares em que as pessoas estão situadas e tendo a possibilidade de mensurar as suas vivências cotidianas a partir da dimensão material e da (in) materialidade.

1.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A cultura material possui uma dimensão social e ecológica, definindo a relação de uma população com o mundo da natureza e das coisas. Os objetos criados pelos humanos, como parte de um sistema³⁰, estão em perfeito acordo com as necessidades enfrentadas pelo grupo cultural.

A cultura é entendida aqui como um sistema total de correspondência extrassomática, incluindo uma série complexa de “relações entre pessoas, lugares e coisas” e, assim, expressa uma matriz multivariada (Binford, 1965, p. 209) em uma relação de ambiente-mente/corpo/mente-ambiente.

Os **lugares com petróglifos**, independente das interpretações possíveis sobre a natureza desses registros (das pinturas ou gravuras) desenhados em suportes rochosos, são manifestações de uma forma de comunicação humana e “como as formas de comunicação estão em comunhão com outros implementos **da cultura material, da ecologia e da vida social dos grupos autores**” (Pessis, 1992, p. 39, grifo nosso).

Assim, os elementos desenhados podem ser relacionados como elementos de reprodução e transformação da cultura dentro de um determinado espaço (DeBoer, 1984). Deste modo, eles foram observados como um meio ativo de comunicação, pois, segundo Wobst (1977) e Bowser (2000), através das experiências visuais,

³⁰ A cultura é entendida aqui como um sistema total de correspondência extrassomática, incluindo uma série complexa de relações entre pessoas, lugares e coisas e, assim, expressa uma matriz multivariada. (Binford, 1965, p 209). Ou pode ser conceituada como um código simbólico compartilhado pelos membros de uma sociedade (Geertz, 1978). Ela também pode ser definida como um sistema de padrões de comportamento, onde se esclarecem o modo de vida de cada comunidade – sendo modos de organização social, política, econômica, ideológica (religião ou ritos cerimoniais) (Laraia, 2000).

indivíduos ou grupos negociam, definem, afirmam, recusam ou estabelecem relações sociais e, conseqüentemente, são vistos como transformadores e demarcadores identitários e territoriais, não apenas como um produto passivo de interação social.

Os ensaios etnográficos e etno-históricos (Curt Nimuendajú, 1926 [2004] e Erland Nordenskiöld, 1930) apresentam certa valorização estética e particularidades culturais da população, mostrando que os povos das terras baixas são bastante criativos, além de possuírem sistemas complexos de linguagem e comunicação, assim como as civilizações mais conhecidas tradicionalmente (e.g. as civilizações andinas).

A arte de representar desenhos é uma das formas de documentação, narrativa, comunicação e transmissão do modo de vida das populações pré-colombianas. De modo que Silva (2012) indicou que os grafismos rupestres, gravados e pintados, como objetos de pesquisas arqueológicas, apresentam informações sobre as populações que os realizaram. Eles são um testemunho dos comportamentos culturais de seus autores e, dentro de uma visão analítica tridimensional e cognitiva, podem servir como documentos para a compreensão da dinâmica sociocultural dos grupos que ocuparam uma determinada região.

Desta forma, esta pesquisa teve como cerne mostrar a variabilidade e os modelos de apresentações dos petróglifos, trazendo as preferências ambientais e gráficas dos grupos autores, corroborando ou descartando a hipótese de uma mesma identidade (ou modelo) gráfica (o) para as representações realizadas em suportes rochosos, servindo de uma forma de interação ambiental (pessoas/natureza) e de rota de comunicação visual na América desde o período Pré-Colombiano. Além disto, busca identificar padrões e estabelecer modelos de representação dos petróglifos e levantar conhecimentos (saberes) sobre esses desenhos. A pesquisa seguiu uma linha exploratória e descritiva, além de quantitativa/qualitativa, tendo por base a Arqueologia da Paisagem e da Percepção Ambiental.

A pesquisa exploratória visou compreender o objeto de forma analítica, de modo a contribuir para a solução de problemas e a construir e firmar hipóteses. Assim, possibilitará definir as formas de controle e observação das variáveis por meio de conjuntos de amostragem, capazes de contribuir para o entendimento da ocorrência e o aprofundamento do conhecimento do tema abordado na pesquisa, possibilitando buscar premissas explicativas para determinados fenômenos (Lakatos e Marconi, 2001) envolvendo as escolhas cognitivas do ambiente e dos modelos dos petróglifos.

As atividades descritivas envolveram técnicas de coleta de informações, objetivando descrever as características, estabelecer relações entre variáveis, formar classes e analisá-las (Dunnell, 2007). Os desenhos foram observados como unidade microanalítica, seguindo a orientação de análise das técnicas, das temáticas e dos cenários (Silva, 2009, 2012).

As variáveis geomorfológicas, topográficas, de suporte rochoso, mancha gráfica, forma de apresentação, assim como descritores técnicos e cenográficos, entram na categoria de análise sistêmica (Silva, 2012).

Essas variáveis podem vir a representar o conjunto de escolhas adotadas pelos grupos autores, identificando-se padrões mentais, ideias, valores e normas compartilhadas do seu sistema cultural.

A cultura abrange os aspectos mentais e dinâmicos do sistema cognitivo humano. Ela está relacionada à aquisição de conhecimento e faz parte das estruturas pelas quais o sujeito compreende e organiza o ambiente como um todo. Isso implica na classificação e na ordenação mental dos objetos (coisas) dentro de sua amplitude de significados e visões de mundo (Geertz, 1978, Laraia, 2000 e Mithen, 2002).

O sistema cognitivo compreende a estrutura física, hormonal e nervosa que intermedeia a relação dos indivíduos com os outros membros da espécie e com o ambiente por meio da ativação dos seus sentidos e os seus espaços de sensações (Piaget, 1996).

Segundo Popper (2002 *apud* Silva 2012):

Se chamarmos o mundo das coisas (dos objetos físicos) mundo um e o mundo das experiências subjetivas (como processo de pensamentos) mundo dois, poderíamos chamar o mundo dos próprios materiais de mundo três (...) considerando o mundo três, sobretudo como produtos da mente humana. Este pode ser aplicado para as casas, ferramentas, de modo especial à linguagem e a ciência.

Deste modo, o *mundo três* de Popper, aplicado às representações, revela uma dimensão material e outra ideacional. A dimensão material trata dos aspectos de realização técnica e produção da cultura material. Já a dimensão ideacional está integrada às escolhas (temáticas) cognitivas dos autores pertencentes a determinadas sociedades (Silva, 2012).

Logo, as abordagens da arqueologia da paisagem vieram a contribuir, pois ela é entendida como a forma de fazer a relação e a compreensão entre a natureza (ambiente físico) e os grupos humanos (cultural/social) que se apropriam dentro de

seu universo cognitivo e simbólico, estabelecendo estratégias de interação, uso do espaço e da paisagem (Boado, 1999; Fagundes, 2009).

Clarke (1984) propõe que o espaço pode ser inferido por meio da **dimensão, distribuição, paisagem e ecologia**. É possível verificar se há escolhas em ambientes específicos, decorrentes das atividades funcionais, de necessidades econômicas e/ou culturais específicas, estabelecendo limites do espaço construído, usado e compartilhado. Clarke (*Idem*) afirma que os elementos espaciais e territoriais podem ser analisados em três níveis, o **nível micro, semi-micro e macro**. O **nível micro** refere-se ao interior de um espaço de menor dimensão em proporção ao território (uma habitação, área de lazer, cemitérios e outros), considerando relevantes os aspectos individuais e os modelos socioculturais, o nível **semi-micro** são as áreas de exploração imediata (fonte d'água, área de pesca e outros) e o **nível macro** é a escala mais regional, relacionada com a geografia (paisagem, relevo, clima e a forma como as sociedades se adaptaram e realizaram suas escolhas).

Assim, tivemos um norte a partir do Método de Análise Morfológico (Boado, 1999), que busca identificar as características naturais e os elementos culturais, partindo de dimensões locacionais, configurações e articulações espaciais, funções sociais, visibilidades, movimentos e acessos.

Dentro do modelo proposto por Boado (1999), a análise arqueológica pode ser mensurada por meio de cinco abordagens:

1. Análise Formal ou Morfológica: Esta abordagem é aplicada com base nas formas do espaço físico e do espaço construído, incluindo construções concretas, cultura material móvel e o entorno humanizado.
2. Análise Fisiográfica: Voltada para o estudo do relevo, essa análise baseia-se na elaboração de mapas de classes e unidades fisiográficas da área pesquisada.
3. Análise de Trânsito: Envolve a elaboração de mapas de rotas de movimentação e das linhas de trânsito utilizadas pelos grupos humanos pré-colombianos, observando as rotas de comunicações naturais.
4. Análise das Condições de Visibilidade: Estuda as condições de visibilidade de elementos arqueológicos específicos.
5. Análise de Terrenos e Análises Topográficas: Essa abordagem inclui a percepção e elaboração de mapas geográficos que permitem obter dados práticos na investigação da área de pesquisa.

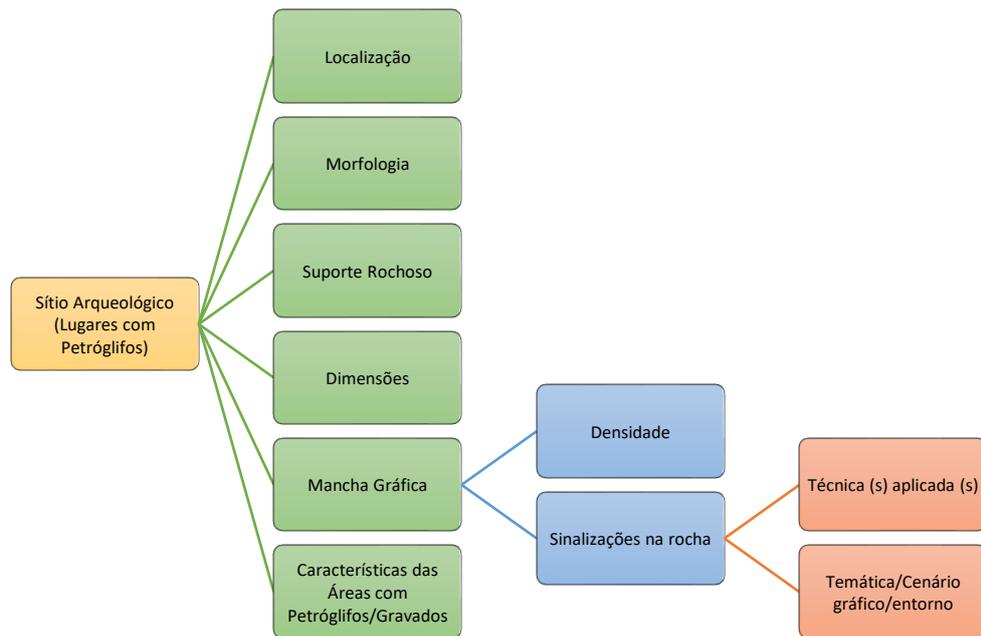


Figura 14: Organograma de estrutura relacional entre as variáveis do contexto dos assentamentos com petróglifos levantados.

A percepção ambiental define-se como o processo de organizar e interpretar dados sensoriais (sensações), recebidos para o desenvolvimento da sensibilidade (consciência) sobre o ambiente que nos cerca e a nossa interpretação, servindo como canais ativos para o mundo **observado**.

Krzyszczak (2016) indica que estudos individuais e/ou coletivos demonstram a relação das pessoas e o ambiente natural e/ou construído, associados à complexidade das relações humanas interdependentes envolvendo a sua dinâmica **cognitiva** e da própria cultura na utilização e apropriação dos **lugares**.

Deste modo, a compreensão da paisagem e da representação dos petróglifos teve por base a identificação de elementos naturais fisiográficos e culturais, bem como de dados espaciais ligados ao acesso, localização, visibilidade e topografia do relevo, possibilitando entender o ambiente, os lugares de preferência, a relação e os conhecimentos das pessoas, tendo por base informações originárias de pesquisa de campo, bibliográficas e do CNA-IPHAN.

Tabela 1: Fonte de Dados da pesquisa

Dados da Pesquisa	
Fonte	
Sítios Cadastrados no Sistema Nacional – CNA, relatório e dossiês;	CNA-IPHAN

Sítios levantados (Campo) ou mencionados;	Atividades de Campo; Viagem de Barco do Porto de Manaus até São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazonas em outubro de 2022.
Pesquisas na região (História, Antropologia, Geografia, Geologia, Geomorfologia, Ecologia, Arqueologia e Patrimônio cultural material e imaterial);	Teses, dissertações, artigos, livros, relatórios de campo e outros;

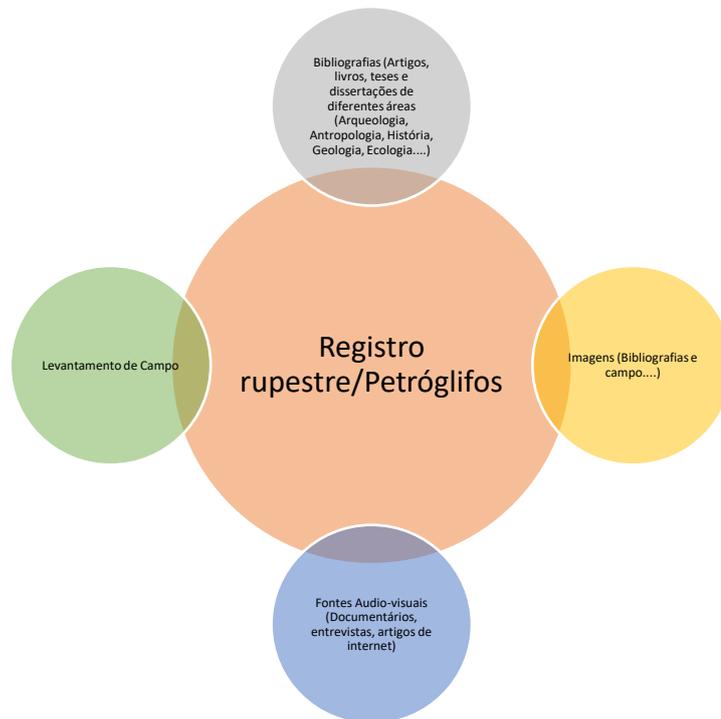


Figura 15: Esquema relacional para levantamento (**fonte**) de dados da pesquisa.



Figura 16: Esquema relacional³¹, Cognição, Afeto (relação) e Preferência.

1.2 DETALHAMENTO TÉCNICO METODOLÓGICO

Para o desenvolvimento da pesquisa, tivemos como base os seguintes itens

³¹ O afeto é relativo ao sentimento, ligação com o lugar, a preferências envolvendo os critérios de escolhas do lugar; e a cognição é o conhecimento e aprendizado envolvendo o lugar com petróglifo.

norteadores:

- Levantamento bibliográfico (revisão) de caráter arqueológico, ambiental, etnográfico, etno-histórico, histórico e geográfico e áreas afins. Buscou-se produções relativas ao tema proposto, por área de pesquisa, ano de publicação, autoria, localização, resultados e contexto associativo aos petróglifos, tendo como base uma ficha de preenchimento de dados, utilizando o *Programa Excel* - bastante utilizado para levantar, organizar, identificar, classificar e quantificar dados, oferecendo inúmeras utilidades no âmbito da pesquisa.
- Pesquisa imagética e cartográfica da região por meio das produções bibliográficas, relatórios de pesquisas e sites especializados (Exemplo, IBGE, CNA-IPHAN e outros...)
- Levantamento dos sítios arqueológicos já cadastrados com Petróglifos por meio do banco de informações do Centro Nacional de Arqueologia – CNA do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional - IPHAN;
- Formulação de banco de informações de laboratório e de campo utilizando os programas descritos a seguir. O *Excel*, utilizado em conjunto com o *Google Earth* – um programa livre, que possibilita gerenciar dados geográficos e análise geoespacial, além de permitir visualizar imagens de satélite da terra – aliado ao *Qgis* – outro *software* livre multiplataforma de sistema de informações geográficas que permite a edição, criação de mapas e análise de dados georreferenciados – fundamentais para o entendimento espacial dos Sítios Arqueológicos com Petróglifos da pesquisa em tela.
- Levantamento de campo³² para coleta de informações com base na ficha (conforme imagens abaixo) com as seguintes categorias: dados de localização, coordenadas geográficas, altimetria, hidrografia, características do entorno, conservação, técnicas e temáticas gráficas, além da geração de imagens fotográficas³³ e croquis esquemáticos dos modelos de representações dos desenhos,

³² Para atingir níveis de investigação espacial e temporal é importante o posicionamento georreferenciado, a descrição sobre o contexto físico, além de informações arqueológicas e ambientais, avaliando se aparecem isolados, ou em conjunto, com possibilidade de associações dos locais com sinalizações/ou desenhos.

³³Importante ressaltar que o trabalho de campo e a realização do registro fotográfico correspondem uma das etapas mais complicadas para a pesquisa, partindo dos seguintes problemas: (1) locomoção para chegar aos lugares, (2) poucos recursos financeiros para equipamento fotográfico, (3) equipamentos que exigem conhecimento técnico e de uso, (4). O principal que acredito que todo pesquisador pode passar, a variável de tempo (Chuvoso, nublado, muito sol, pouco sol) e ambiental que deixa os sítios com diferentes iluminações.

e levantamento de informações sobre os conhecimentos (saberes) relativos aos petróglifos;

- Levantamento das imagens das representações, das áreas de concentrações gráficas isoladas e/ou agenciadas recorrentemente dentro das manchas gráficas, tendo como norteadores a geomorfologia do sítio e as características do entorno, o tipo de suporte rochoso, a técnica de execução e a forma da apresentação gráfica, atendendo categorias analíticas para o entendimento do lugar, do ambiente e dos petróglifos desses locais;

- Para as análises das imagens fotográficas ou escaneadas foram utilizados a distinção entre traço e suporte rochoso, através do programa *Adobe Photoshop CS*. Os passos fundamentais são a correção, o realce automático ou manual das cores (brilho, contraste, saturação, ajuste de níveis por cores), a aplicação de efeitos de curvas de cores para dar destaque aos desenhos com a ferramenta de seleção dos traços e marcas nas rochas. Estes procedimentos garantem as características essenciais dos desenhos nos suportes rochosos (Villarverde, 2002, Silva, 2012).

- Levantamento de conhecimentos (saberes) já gerados sobre os petróglifos por meio de publicações, vídeos e entrevistas de pesquisas realizadas no campo da Antropologia, Antropologia Indígena, História, Arqueologia e áreas afins, utilizando planilhas do *Excel* com as seguintes categorias: fonte bibliográfica, ano, área de pesquisa, resumo e histórias/narrativas;

- Os dados analíticos foram organizados nas planilhas do *excel* com as seguintes categorias: localização, altimetria, toponímia, hidrografia, vegetação, suporte rochoso, sinalizações na rocha, técnica, temática, fonte de informação (Campo, Bibliográfica e CNA-IPHAN), histórias, narrativas, relação das pessoas com o lugar (sagrado, mito de origem, entre outros) e atividades contemporâneas realizadas nos locais (Pesca, lazer, turismo e outras).

- Formulação de mapas de localização e distribuição dos Sítios Arqueológicos com ou sem Petróglifos por meios dos programas *Google Earth* e *Qgis*.

1.3 DIMENSÕES TÉCNICAS ANALÍTICAS

Através das análises macrocenográfica, como os espaços e isolamentos das sinalizações nas rochas, e microcenográfica, partindo da estrutura morfológica interna das unidades gráficas, foram observados padrões de recorrências na busca de modelos dos desenhos, sendo assim fundamental a estruturação e hierarquias sistêmica de atributos³⁴ (Cisneiros, 2008, Silva, 2012).

Para Watson (1974), uma estruturação sistêmica pode ser compreendida como uma ordenação de dados compostos por componentes interrelacionados, onde as variações podem ser mensuradas.

Para orientação da pesquisa buscou-se compreender os arranjos gráficos, através de parâmetros de análise baseados nas diferenças qualitativas, estabelecendo hierarquias nos indicadores gráficos. Essa metodologia foi desenvolvida por Pessis (1992, 1993, 2000, 2003, 2005) que estabeleceu três dimensões que contribuem para o seu estudo: temática, cenográfica e técnica, que agem como variáveis hierarquizadas, a fim de caracterizar e identificar as especificidades e os padrões gráficos.

Com o objetivo de organizar as informações coletadas em campo e as análises realizadas em laboratório, classificamos os componentes de forma qualitativa e quantitativa com base na descrição dos atributos. Isso nos permitiu criar planilhas, nas quais segregamos elementos passíveis de caracterização, possibilitando uma abordagem comparativa entre os locais e os petróglifos.

Os dados obtidos possibilitaram entender as variáveis, como: localização, unidade de relevo, inserção topográfica, morfologia, tipo de rocha suporte, dimensão de tamanhos, grafismos reconhecíveis, não reconhecíveis, geométricos, técnicas, temáticas, cenográficas e de apresentação.

As escolhas por determinadas figuras em detrimento de outras poderiam estar relacionadas à percepção do espaço e condição de visibilidade dos grafismos. Colaborando para identificação de códigos e de padrões nas escolhas das representações.

Os padrões podem ser buscados a partir de elementos cognitivos que partem dos aspectos temáticos e analíticos estabelecidos pelos aspectos técnico e cenográfico.

³⁴ Localização espacial, topográfica, formas, tamanho, cor, objetos que compõem e outros.

A temática³⁵ é definida por elementos reconhecíveis aos conteúdos observados, através das escolhas realizadas pelos autores dos grafismos rupestres sobre a morfologia e os padrões gráficos suscetíveis de serem reconhecidos. A dimensão temática está dentro da formação cognitiva das experiências sociais da vida de um grupo.

A técnica corresponde à característica da realização do registro rupestre, considerando parâmetros de análise, como aspectos relacionados ao tratamento do suporte, linhas, preenchimentos, modelamento, picoteamento e espessuras dos traços.

A cenografia dentro dessa pesquisa tem grande importância; a mesma faz parte de uma categoria analítica mensurável tanto para registros rupestres reconhecíveis como para os grafismos puros ou não reconhecíveis, através da relação da morfologia, disposição espacial de cada unidade gráfica. A cenografia parte das formas de apresentação com as quais os autores dos registros expressam suas escolhas. Os parâmetros escolhidos referem-se ao gesto, ao movimento, tamanho, morfologia e cor, não deixando de estar ligados ao aspecto técnico (1989, 1992, Silva 2012).

A forma da apresentação gráfica, segundo Pessis (1989, 1992), é composta por gestos, posturas, vestimentas, ornamento e ritmos. A apresentação pode ser identificada como pertencente a uma cultura, porque cada grupo cultural possui uma forma de apresentação proveniente do seu sistema de comunicação. A apresentação gráfica é, assim, resultante de como os componentes de cada figura são realizados e utilizados para representar as estruturas mentais, constituídas a partir dos autores dos grafismos, podendo ocorrer diferenças de representação do mesmo tema (Silva, 2012, p.64).

Para as análises dos desenhos não se procurou significados, mas indicativos a partir dos conhecimentos associados pelos povos do Alto Rio Negro; e os grafismos foram estudados a partir de uma visão icônica³⁶, centrando nos significantes como unidades de comunicação.

Diante das análises, a compreensão foi aprimorada e as observações podem

³⁵O reconhecimento temático cognitivo faz parte de aspectos de reconhecimento do pesquisador, mas está inacessível à decodificação do significado.

³⁶ O ícone corresponde à classe de signos, cujo significante (a face perceptível dentro do sistema existente) mantém uma relação de analogia com o que representa, referente a um objeto representado, que carrega um conjunto de informações.

agora focar na perspectiva microanalítica através da verificação de traços essenciais: das linhas com características geométricas, dos grafismos não reconhecíveis e dos grafismos reconhecíveis por meio dos traços primários (cabeça, tronco, membros) dos antropomorfos, zoomorfos, antropozoomorfos, e dos secundários (objetos de mão) envolvendo as figuras humanas, observados a partir das particularidades de ordem descritiva e morfológica:

- Os elementos primários essenciais de identificação partem da morfologia do corpo, cabeça, tronco e membros. A morfologia dos elementos secundários dos objetos nas mãos, tipos de armas, adornos, e presença do indicativo da representação do órgão sexual para as figuras antropomórficas ou antropozoomórficas.
- As morfologias na composição das figuras podem ser diferenciadas nas seguintes formas: arredondada, semicircular, quadrada, retangular, cônica – triangular; os atributos culturais como os adornos de cabeça e os objetos de mão (Instrumentos musicais, armas e outros) são diferenciados por suas formas particulares, podendo ser classificados hipoteticamente de acordo com suas descrições morfológicas.
- Posturas e gestos que possibilitam a construção de espaço e tempo na ação das construções das representações dos desenhos.

FICHA DE LEVANTAMENTO DE CAMPO	
1. LOCALIZAÇÃO	
Nome do Sítio: _____	
Código: _____	U.R.: _____ Topônimo: _____
Município: _____	UF: _____
Data da descoberta: _____	
Causa: _____	
Proprietário: _____	
Localidade: _____	
Data da do levantamento: _____ Pesquisador: _____	
GPS: _____	UTM: _____ Zona: _____ E: _____ N: _____
Cota altimétrica: _____	DATUM: _____
Latitude: _____	Longitude: _____
Croqui de acesso: _____	
Observações: _____	
1.1 CARTOGRAFIA	
Tipo de Mapa: () Histórico () Etnohistórico () Geográfico, Outro: Qual? _____ () NI	
Localização Google Earth: () Localização no QGIS ()	
2. INFORMAÇÕES DO SÍTIO	
() Pré-histórico () Histórico () Oficina Lítica	
Tipo de sítio: () abrigo () a céu aberto Outros: _____	
Rochas suporte: _____	
Unidade de relevo: () Planalto () Planície () Depressão () Outro: _____	
Morfologia do Relevo: () Escarpa () Serra () Morro () Matação () Pedral Outro: _____	
Posição da Vertente: () alta vertente () média vertente () baixa vertente	
Outra: _____	
Bacia hidrográfica: _____	
Tipo de intervenção: () Escavação () Sondagem () Trincheira () Outra: _____ () NA	
Tipo de material encontrado: _____	
Distância: _____ Material datado: _____	
Área do sítio: _____	
Abertura: _____ Orientação: _____	
Fonte de água: _____ Distância: _____	
Tipo de vegetação: _____	
Tipo de Vegetação do entorno: _____	
Orientação do Sítio: _____	
Orientação em direção ao acesso (Chegada): _____	
3. DADOS DE CONSERVAÇÃO	
Composição da Rochas Suporte: _____	
Degradação: () Antropica () Natural	
Exposição: () Sol () chuva () Água () vento Outro: _____	
Intemperismo biológico: () Fungos () Vegetal () animal	
Intemperismo físico-químico: () escamação () rachadura () desagregação () salitre () patina () mancha de água () fuligem () deslaminamento	
Tipo de intervenção: () consolidação () limpeza () pingadeiras	
() Alterações Naturais no Sítio e no Entorno do Sítio, Quais: _____ () NA	

() Alterações Antropicas no Sítio e Entorno do Sítio, Quais: _____ () NA
Observação: _____
4-REGISTRO/ARTE RUPESTRE
Técnica gráfica: () Pinturas () Gravuras () Cupúlas
Nº da Mancha Gráfica: _____ Dimensão: Larg.: _____ x Comp.: _____
Tipo de Superfície: () plana () nicho () ruçosa () sevos
Grafismo da Mancha Gráfica: _____
() Grafismo de composição () Grafismo de ação () Grafismo puro () Sem identificação
() Antropomorfo () Zoomorfo () Fitomorfo () Não identificável () Outros
TEMATICA: () Casa () Agressão () Dança () Sexo () Grafismo emblemático () Grafismos puros () Geométricas () NA () NI
Yamashiro dominante: _____
Técnica: () Picotagem () Abrasão () Polimento () Raspagem Outra: _____
Cores dominantes: _____
Cores Naturais do suporte rochoso: _____
Sobreposição: () Sim () Não
Observações: _____
5. Características do entorno dos Sítios Arqueológicos com Petroglifos:
Fazer Croqui esquemático: _____
6. Croqui dos modelos de desenhos dos Petroglifos

7. Descrever relações de habitação da região sobre os Petroglifos (levantamento bibliográfico):

8. Relatos sobre histórias, fatos e mitos sobre os Petroglifos:
Nome: _____
Local de nascimento: _____
Idade: _____
Localidade de moradia: _____
Etnia: _____
Quanto tempo mora na região: _____
Qual a percepção de contato: _____
Observação
Número da foto:
Camera:

Figura 17: Modelo de Ficha para coleta de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGC-AM.

SIGLA	Localidade	Zona	UTM E	UTM N	Elevação/Altimetria	Tipo do Sítio Arqueológico	Suporte Rochoso	Coloração Rochosa	Toponímia	Hidrografia	Vegetação
Aquil	Área rural - Camanaus SGC	19 M	728471	9982324	51 M	Pré-Colombiano	Granito/Gnaíse	Cinza escura	Balneário Aquidabam	Rio Negro	Oficina
Aquill	Área rural - Camanaus SGC	19 M	728465	9982278	50 M	Pré-Colombiano	Granito	cinza avermelhada	Balneário Aquidabam	Rio Negro	Figuras geométricas
Aquilll	Área rural - Camanaus SGC	19 M	728293	9982159	51 M	Pré-Colombiano	Granito	Cinza escura	Balneário Aquidabam	Rio Negro	Figuras geométricas
PI	Orla SGC	19 M	713406	9984908	57 M	Pré-Colombiano	Granito/Gnaíse	za branco acinzent.	Orla Praia SGC	Rio Negro	Figuras geométricas
PII	Orla SGC	19 M	713455	9984908	57 M	Pré-Colombiano	Granito	za branco acinzent.	Orla Praia SGC	Rio Negro	recipiente
PIII	Orla SGC	19 M	713411	9984876	55 M	Pré-Colombiano	Granito	za branco acinzent.	Orla Praia SGC	Rio Negro	recipiente
PIV	Orla SGC	19 M	713257	9984843	60 M	Pré-Colombiano	Granito	za branco acinzent.	Orla Praia SGC	Rio Negro	recipiente
MCPY	Orla SGC	19 M	713230	9984828	58 M	Pré-Colombiano	Granito	za branco acinzent.	Orla Praia SGC	Rio Negro	Oficina
PIVMF	Morro da Fortaleza SGC	19 M	712257.05	998520.06	76 M	Histórico/Pré-Colombiano	Granito	za branco acinzent.	Morro da Fortaleza	Rio Negro	recipiente
CABI	Comunidade Cabari	19 M	705474	9983258	60 M	Pré-Colombiano	Granito/Gnaíse	cinza esbranquiçada		Rio Negro	

Figura 18: Modelo de (Planilha Excel) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGC-AM.

Descrição	Rock Art	Categoria Gráfica/Sinalização	Técnica	Temática	Figuras	Cenografia	CNA-IPHAN (Fonte)	Bibliografia
Oficina lítica, amoladores, afiadores e bacias/pratos de polimentos	Art of stone-implent making	Oficina lítica, cupula, bacias, prato e afiadores	abrasão/polimento, raspagem, incisão.	círculos, semicircular	Geométricas		X	
Figuras geométricas (Zig zag, cobras e antropomórficas, e não)	Art of rock engraving	Ídolo identificável, Não identificáveis e geométricos	Picoteamento	Antropomorfo, zigue-zagues, linhas sinuosas, não identificável	Antropomorfo			
Figuras geométricas; e não identificáveis	Art of rock engraving	Não reconhecível, Geométricas, espiral, linhas sinuosas	spagem, polimento, Picoteamento	Geométrica, Carimbo, espiral	Geométrica, Carimbo, espiral			
recipientes circulares (pilões)	Art of stone-implent making	Oficina lítica	Polimento	Formas Geométricas	Geométrica			
recipientes circulares (pratos)	Art of stone-implent making	Oficina lítica	Polimento	Formas Geométricas	Geométrica			
recipientes circulares (pilões)	Art of stone-implent making	Oficina lítica	Polimento	Formas Geométricas	Geométrica			
recipientes circulares (pratos)	Art of stone-implent making	Oficina lítica	Polimento,	Formas Geométricas	Geométrica			
Oficina lítica, amoladores, afiadores e bacias/pratos de polimentos	Art of stone-implent making	Oficina lítica	abrasão/polimento, raspagem, incisão	Formas Geométricas	Geométrica			
recipientes circulares (pratos)	Art of stone-implent making	Oficina lítica	abrasão/polimento, raspagem	Formas Geométricas	Geométrica		X	
	Art of stone-implent making	Oficina?	Abrasão, picoteamento,	Formas Geométricas	Geométricas	redondas		

Figura 19: Modelo de (Planilha Excel) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGC-AM.

CNA-IPHAN (Fonte)	Bibliográfica (Fonte)	Campo (Levantamento)	Outras fontes (literari, vídeo, entrevistas, reportagem, rede social, Facebook, Instagram)	Tempo da Natureza	Tempo Humano	Relações das Pessoas com o Local (Descrição)	Histórias/Narrativas	Etnia (da Narra)
X	X	X		tempo da pesca, do cheiro, esfregar e desodorar das roupas, tempo de banho, mobilidade e não mobilidade, tempo de banho, tempo de banho	tempo de trabalho de toda, tempo de pesca, tempo de reprodução, tempo de criação	pesca, lazer		
		X		secos e cheias dos rios	fazer e ficar visíveis as sinalizações	pesca, lazer	subir no açafreito, rede pesca	
		X				pesca, lazer		
		X				pesca e lazer		
		X				pesca e lazer		
		X				pesca		
	X	X				Visitação, pesca e área de banho		
X	X	X					Uma que era parte do rio, um lugar sagrado e visível que ora falamos. O lugar mais estreito do rio, onde as cachoeiras na pressão de suas águas lançadas entre rochas, formam rebolços profundos onde a água espirra formando espumas brancas. É possível que a grande serpente negra esteja a transitar entre a	
						Pesca, Contemplação, lazer, visitação turística		

Figura 20: Modelo de (Planilha Excel) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGC-AM.

Bibliografia	ANO	Área da Pesquisa	Resumo
SILVA, Ana Keila Fontes. MONUMENTOS ROCHOSOS NA COMUNIDADE DE IPANORÉ, EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM: AS EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DO PASSADO DE UM POVO. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.	2022	TCC	Arqueologia
CASTRO, Junildo Rezende. Levantamento Etnoarqueológico na Comunidade de Pari-Cachoeira, Município de São Gabriel da Cachoeira - AM. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.	2022	TCC	Arqueologia
CASTRO, Junildo Rezende. Levantamento Etnoarqueológico na Comunidade de Pari-Cachoeira, Município de São Gabriel da Cachoeira - AM. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.	2022	TCC	Arqueologia
VALLE, R. 2012. Mentas Graníticas e Mentas Areníticas Fronteira Geo-Cognitiva nas Gravuras Rupestres do Baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional. Tese, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE, USP, São Paulo, 2012.	2012	Tese	Arqueologia
https://acervo.socioambiental.org/acervo/fotos/ povos-indigenas/petroglifo-na-cachoeira-de-ipanore-no-rio-uaupes-expedicao-anaconda	acesso outubro de 2022	Internet	Antropologia e Arqueologia
https://www.youtube.com/watch?v=enM4D_2o7TU	acesso outubro de 2022	Internet (ISA)	Antropologia e Arqueologia
Na cachoeira de Ipanoré, no rio Uaupés. Expedição Anaconda pela região do Alto Rio Negro, onde conhecedores indígenas da família tukano revisitam os lugares sagrados de seu povo e reafirmam a rota de origem de seus ancestrais...			Buraco na onde os pr depois da Expedição onde conh
Scioffaro, Aline, Gita de Oliveira, Natalia Hernández e Silvia Gómez (organizadores). Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia / Primeiro informe de avanços (Brasil/Colômbia). Vários colaboradores. Brasil (São Gabriel da Cachoeira e São Paulo) Colômbia (Leticia, Mú y Bogotá), 2014.	2014		Sociologia/Antropologia
			de aproxim: comunidade seus sítios: dois centro

Figura 21: Modelo de (Planilha Excel) levantamento e preenchimento de informações dos lugares levantados com Petroglifos no Alto Rio Negro, SGC-AM.

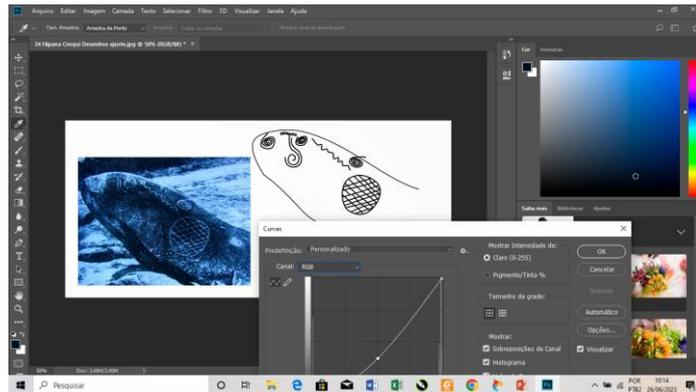


Figura 22: Observação analítica das imagens dos Petróglifos, Rio Negro, SGC-AM, utilizando o programa Adobe Photoshop, técnica utilizada tanto para imagens de fotos de campo, quanto de imagens audiovisuais e bibliográficas pesquisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes apontamentos deste capítulo, além de trazer reflexões teóricas, também apresentam as dimensões dos atributos analíticos como um meio de observar o contexto dos lugares com petróglifos, além de perceber as formas de relações e interações sociais/culturais, como recursos vitais, da continuidade, persistência, de uma identidade, ou da liberdade de ação dentro de um olhar criativo de espaço/território, a partir de uma interculturalidade material, envolvendo um olhar em relação ao **ambiente**, à **cultura material** e à **visibilidade** da **arte ameríndia** em suportes rochosos gravados em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia.

BIBLIOGRAFIA

ANDRELLO, G. (Organizador). Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

ARAÚJO, Sônia Maria. A constituição do sujeito a diversidade (ameaçada) da Amazônia. *Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 1, p. 39-49, 2009.

BALÉE, William. The culture of Amazonian Forest. *Advance in Economic Botany*, 1989, 7:1-21.

BINFORD, L. Archaeological systematics and the study of culture process. *American Antiquity*, 1965, 31, 203-2010.

BINFORD, L. The Archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology*, n.1, p. 05-31, 1982.

BOADO, F.C. Del terreno al espacio: plantamientos y perspectivas para la Arqueología del paisaje. *Capa-criterios y convenciones em Arqueología del paisaje*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, n. 6. 1999.

Bowser, B. From Pottery to Politics: An Ethnoarchaeological Study of Political Factionalism, Ethnicity, and Domestic Pottery Style in the Ecuadorian Amazon. *Journal of Archaeological Method and Theory*, Vol. 7, No. 3, 2000.

BRAUDEL, Fernand. *El Mediterraneo y el mundo mediterraneo en la época de Felipe II*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1953. 2v.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material e capitalismo, séculos XfIXVIII*. Tradução por Maria Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa: Cosmos, 1970.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. 10: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRAUDEL, Fernand. *Afterthoughts on material life*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XfIXVIII: I. As estruturas do cotidiano. II. Os jogos da troca. III. O tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3v.

BUTZER, K. W. *Arqueología. Una ecología del hombre: método y teoría para un enfoque contextual*. Barcelona: Bellaterra, 1982.

CASTRO, Eduardo Viveiros. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. *Mana* vol.2, n.2, Rio de Janeiro, 1996.

Chmyz, Igor, Brochier, Loiola. *PROPOSTA DE ZONEAMENTO ARQUEOLÓGICO PARA O MUNICÍPIO DE CURITIBA*. *Arqueologia*, Curitiba, v. 8, p. 35-60, 2004.

CLARKE, D. L. *Arqueología analítica*. 2ª ed. Barcelona: Bellaterra, 470p. 1984. *Analytical Archaeology*. Londres: Methuen & Co., 1968, 1978.

DEBOER, W. R. The Last Pottery Show: System and Sense in Ceramic Studies. In *The Many Dimensions of Pottery: Ceramics in Archaeology and Anthropology*, edited by A. C. Pritchard, pp. 529-571. Universitaet van Amsterdam, Amsterdam. 1984.

DESCOLA, Philipe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

DUNNELL, Robert C. *Classificação em arqueologia*. Edusp, 2007.

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de paisagem em arqueologia—os lugares persistentes. *Holos environment*, v. 9, n. 2, p. 301-315, 2009.

FELIPPE, Maíra Longhinotti, KUHNENA, Ariane. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. Estudos de Psicologia I Campinas I 29(4) I 609-617 I outubro - dezembro 2012.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

Hall, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. Educação & Realidade, nº 22(2):, jul./dez. 1997. p.15-46.

HERNÁNDEZ, et al. Place attachment and place identity in natives and non-natives. Journal of Environmental Psychology 27; 310–319. 2007.

HERNANDO, Almudena. Arqueología de la Identidad. Ediciones Akal, 2002.

HODDER, I. Interpretación en Arqueología: Corrientes Actuales. Tradução: Maria Aubet y J. Barceló. Ed. Crítica. Barcelona. 1994.

HOPKINS, M. J. G. Modelling the known and unknown plant biodiversity of the Amazon Basin. Journal of Biogeography, v.34, n.8, p.1400-1411. 2007.

ICOMOS/ICAHM. Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios do Comitê Internacional de Gestão do Patrimônio Arqueológico - ICOMOS/ICAHM. Carta de Lausanne, 1990.

JULIANI, Lúcia J. C. O. O zoneamento arqueológico como instrumento de gestão do patrimônio cultural do Município de São Paulo. Revista de Arqueologia, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 365-374. 1994-5.

KATER, Thiago; LOPES, Rafael de Almeida. Braudel nas Terras Baixas: caminhos da Arqueologia na construção de Histórias Indígenas de longa duração. Revista de História (São Paulo), 2021.

KOSIK, K. O mundo da pseudoconcreticidade e a sua destruição + Reprodução espiritual e racional da realidade. In: KOSIK, K. Dialética do concreto. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2020.

Krzyszczak, Fabio Roberto. AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE E SUAS VISÕES. Vol. 11 – Nº 23 – Janeiro - Junho - 2016.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edição, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos metodologia científica. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LOTIERZO, Tatiana. Amarrar ressonâncias: considerações sobre desenho e antropologia. Revista de Antropologia, v. 65, p. e197963, 2022.

LEFF, E. Saber Ambiental. Petrópolis, Vozes, 343 p., 2001.

LEFF, E. Pensamento sociológico, racionalidade ambiental e transformações do conhecimento. In: LEFF, E. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2001.

LEFF, Enrique. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza / Enrique Leff; tradução Luís Carlos Cabral. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, E. A lei-limite da natureza: entropia, produtividade neguentrópica e desenvolvimento sustentável. In: LEFF, E. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MEGGERS, B. J. América Pré-Histórica. Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 1979.

MEGGERS, B. Prehistoric Population Density in the Amazon Basin, in VERANO, J. &UBERAKER, D. (eds.), Disease and Demography in the Americas, Washington DC, Smithsonian Institution Press, pp. 197-205. 1992.

MITHEN, S. A pré-história da mente: Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MARCON, Jaydione, MENIN, Marcelo, ARAÚJO, Maria, HRBEK, Tomas (Organizadores). Biodiversidade Amazônica: caracterização, ecologia e conservação. EDUA, Manaus, 2012.

MORÁN, Emilio. A Ecologia Humana das populações da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1990.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à Educação do futuro. São Paulo: Cortez; 2011.

NEVES, Eduardo Góes. O velho e o novo na arqueologia amazônica. Revista Usp, n. 44, p. 86-111, 1999.

NEVES, E. ARQUEOLOGIA DA AMAZÔNIA. Editora: Zahar. São Paulo, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. Tradição oral e Arqueologia na história indígena no alto rio Negro. Amazônia além dos 500 anos, 2006.

NEVES, Eduardo G. Sob os tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC-1.500 DC). São Paulo, Brazil: Universidade de São Paulo, 2012.

Neves, Eduardo Góes. Sobe os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central. (6.500 AC - 1.500 DC). (Tese apresentada para Concurso de Título de Livre-Docente). Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo, 360 f, 2012.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico. Instituto brasileiro de geografia e estatística, 1981.

NIMUENDAJÚ, Curt. Excursões pela Amazônia. São Paulo: Rev. Antropol. vol. 44 n.º 2, 2001.

ONO, Maristela. Design e Cultura: sintonia essencial. Curitiba: Edição da Autora. 2006.

PARDINI, Patrick. Natureza e cultura na paisagem amazônica: uma experiência fotográfica com ressonâncias na cosmologia ameríndia e na ecologia histórica. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, p. 589-603, 2012.

PESSIS, A-M. Apresentação Gráfica e Social na Tradição Nordeste de Pinturas Rupestre do Brasil. Revista Clio –Arqueológica, Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife, n.5, 1989, p. 11-18.

PESSIS, A-M. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. Revista Clio – Arqueológica. Recife, n. 8, 1992, p. 35- 68.

PESSIS, A-M. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. Revista Clio–Arqueológica., Recife, n. 9, 1993, p. 7-14.

PESSIS, A-M. Pré-História da Região do Parque Nacional Serra da Capivara. In. Pré-História da Terra Brasilis/Org. M. C. Tenório. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 61-74.

PESSIS, A-M. Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil. CLIO arqueológica, n.15, vol. 1. p. 29 – 44. Recife, 2002.

PESSIS, A-M. Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire; Images from Pre-History. 2ª edição ampliada e atualizada. Fumdam Ed. São Paulo 2013, 320 p. il. color.

PIAGET, J. *Biologia e Conhecimento*: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996. 423 p.

RENFREW, C. e ZUBROW, E. B. W. (Org.) *The ancient mind*: elements of cognitive archaeology (new directions in archaeology). 1994. 190 p.

ROCHA, Antônio Penalves. F. Braudel: tempo histórico e civilização material. Um ensaio bibliográfico. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 3, p. 239-249, 1995.

SANCHIDRIÁN, José Luis et al. Manual de arte pré-histórico. 2001.

SANTOS, B. S. A gramática do tempo. Para uma nova cultura política. Vol. 4. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, B. S. A ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. SANTOS, B. S.

SANTOS, B. S. e MENESES, M. P. (orgs.). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S. e MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. São paulo: Cortez, 2010.

SANTOS JÚNIOR, V. Arqueologia da paisagem: proposta geoambiental de um modelo explicativo para os padrões de assentamentos no Enclave Arqueológico Granito Flores. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, Tese, 2013.

SANTOS, Silvana Rossélia Monteiro. UM POUCO SOBRE O UNIVERSO SAGRADO BANIWA. BELÉM-PA | ANO 3 | N.5 | JAN-JUN 2017.

SARMENTO, Francisco. O Alto Rio Negro indígena em mais de dois mil anos de história. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 11, n. 2, 2019.

Schlanger, S. (1992). *Recognizing Persistent Places in Anasazi Settlement Systems*. In: Rossignol & Wandsnider. *Space, Time, and Archaeological Landscapes*, (pp. 91-112). New York and London: Plenum Press.

SILVA, L. de S. Padrões de apresentação das cenas coletivas de violência humana nas pinturas rupestres pré-históricas da área arqueológica do parque nacional Serra da Capivara-PI. Recife, 2012. 135 f.

SILVA, C, A. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade cai n'água, Manaquiri-AM. Mestrado (153p), CCA-UFAM, Manaus, 2010.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia: Conceitos e Temas. Castro, Iná Elias de; Gomes, Paulo Cesar C.; Corrêa Roberto Lobato (orgs). 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VILLAVERDE, V. La cova dels cavales en el barranc de la valltorta. Monografia Del Instituto de arte. Museu de la valtona, 2002.

VIRTANEN, P.K. Constancy in continuity? Native oral history, iconography and earthworks on the upper Purús River. In Eds. HORNBORG, A.; HILL, J.D. *Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics and ethnohistory*. University of Colorado Press, Boulder, pp. 279-296, 2011.

XAVIER, Carlos Leal. A Cidade Grande de Ñapirikoli e os Petroglifos do Içana, Uma Etnografia de Signos Baniwa. Dissertação, Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

WATSON, P.J.; LEBLANC, S. A.; REDMAN, C. L. El método científico em arqueología. Alianza Universidad, Madrid. 1974.

CAPÍTULO 2

2. AMBIENTE, CULTURA MATERIAL, ARTE RUPESTRE e os PETRÓGLIFOS no Alto Rio Negro na AMAZÔNIA

RESUMO

Neste capítulo vamos apresentar uma revisão bibliográfica que contextualizou o ambiente, a cultura material, a arte decorativa da cerâmica arqueológica, a arte rupestre e os petróglifos na Amazônia, além de trazer informações que contribuíram para a caracterização do ambiente e da cultura material dos povos indígenas ameríndios no Alto Rio Negro.

Palavras-Chaves: Ambiente, Cultura Material e Arte Rupestre/Petróglifos, Amazônia.

A Amazônia é considerada a maior floresta tropical do mundo, cobrindo uma área de cerca de 6.000.000 km² e se destacando por ser uma formação de elevada biodiversidade e com potencial de fixação de 1,5 bilhões de toneladas de carbono anualmente. O sistema hidrológico da bacia amazônica corresponde a um quinto de toda a água doce do planeta, desempenhando uma função fundamental na regulação do clima regional e global (Cunha; Magalhães; Adams (organizadores), Biodiversidade Amazônica, 2012).



Figura 23: Registros da Paisagem, Navegação e de Cúpulas nos suportes rochosos na Amazônia.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Com os avanços tecnológicos de sensoriamento remoto aliados aos grandes esforços de pesquisa de campo, a análise numa escala de paisagem permitiu a observação ampliada da grande heterogeneidade ambiental da Amazônia. Esta análise reconheceu que existem muitas “Amazônias” dentro da Amazônia, em parte, resultado da assinatura deixada pela história biogeográfica da biota amazônica resultante das interações ecológicas recentes (Cunha; Magalhães; Adams (organizadores), Biodiversidade Amazônica, 2012).

Por conseguinte, o grande número de espécies de animais e plantas é apenas parte da biodiversidade pois, por baixo desta, existe uma diversidade genética muito maior. E, além desta, sobressai a influência das ações dos povos tradicionais ameríndios ao longo de milênios. Neste contexto, Pires e Prance (1985) afirmam que o povo Baniwa do noroeste da Amazônia reconhece dezenas de tipos de florestas somente para a região do Alto Rio Negro³⁷, assim como Balée (1989) enfatiza que os povos indígenas ameríndios foram e ainda são capazes de transformar a paisagem natural. Segundo ele, quase 12% das áreas de terra firme no Brasil são de origem cultural. Morán (1990, p. 298) acrescenta que essas sociedades modificaram o meio ambiente amazônico: promovendo a diversidade biótica, criando condições favoráveis ao desenvolvimento de dominância de algumas espécies vegetais **altamente úteis** (como babaçu, inajá, murumuru, jauari, urucuri, mucajá, tucumã, marajá, etc.).

Em áreas de pouca drenagem existem evidência de canais, amontoamento de solo e outras práticas sugestivas de agricultura intensiva, percebendo complexas interações entre solos, plantas e animais através da intervenção humana, resultando numa sofisticada rede de estratégias de gerenciamento e de manejo dos recursos naturais (Balée, 1989, p. 16) como forma de empreendedorismo e de **capacidade**

³⁷ No livro sobre o ambiente amazônico foi reconhecido que as divisões clássicas em matas de terra firme, igapó, várzea e as matas em areia branca do Rio Negro (campinas e campinaranas) não eram suficientes e, assim, propuseram novas categorias. Os povos indígenas têm as suas próprias classificações das paisagens, muito mais detalhadas do que as classificações dos cientistas. Durante o projeto de Macrozoneamento Participativo das Terras Indígenas do Alto e Médio Rio Negro, realizado pelo FOIRN e ISA em 2003, foram identificadas 17 subdivisões para o mapa geral das paisagens do alto e médio rio Negro e até 23 subdivisões para áreas mais focais, como em lauretê. Na região do rio Içana, onde vivem os Baniwa, por exemplo, já foram registrados 21 tipos diferentes de florestas de terra firme, 13 tipos diferentes de caatinga do rio Negro e 19 tipos de igapó. Também o projeto “Diversidade etnoecológica no rio Tiquié: paisagens florestais Tuyuka”, realizado pelos alunos do ensino médio da Escola Indígena Tuyuka Utapinozona, revelou resultados semelhantes. Um inventário de quatro trilhas identificou 69 tipos diferentes de paisagens florestais com nomes na língua tuyuka. SCOLFARO, Aline, DIAS, Carla (2021). Plano de Gestão Indígena do Alto e Médio Rio Negro.

gerencial dos povos da floresta. Os pressupostos dos comportamentos estratégicos implícitos ou explicitamente resultantes de custos e benefícios operacionais e de tomadas de decisões dos grupos humanos do ambiente tropical amazônico referem-se ao manuseio da terra, caça e coleta, de forma a não exaurir a floresta.

Dados semelhantes foram encontrados por Montarroyos (2006, p. 33-37), que afirmou ser esta uma característica dos indivíduos racionais automotivados e, conceitualmente, pelo princípio da maximização de utilidade, respondem de modo positivo ou negativo aos estímulos externos, e assim, contextualizam as alternativas do ambiente de modo a transformá-lo por meio de legítimas tecnologias culturais, com vistas a operacionalizar seus propósitos e demandas iniciais de subsistência econômica e simbólica, o que pode ser mensurado pela cultura material dos sítios arqueológicos.

Deste modo, na Amazônia Brasileira foram encontrados inúmeros sítios arqueológicos onde se identificou, inicialmente, a presença de registros rupestres (petróglifos) e vasilhames cerâmicos com atributos decorativos apresentados por cronistas, naturalistas e viajantes desde o início da colonização (Hartt, 1895; Carvajal, 1941; Vidal, 1992; Porro, 1995; Neves, 2012, 2022).

As descrições iniciais destas pesquisas foram realizadas por Ferreira Pena (1877) e João Barbosa Rodrigues (1875). Posteriormente destacam-se as pesquisas de Meggers (década de 1950 e 1960), Hilbert (década de 1960), Simões (1970), Roosevelt (1992, 1996), Neves (1999, 2006, 2012) e colaboradores.

Nas últimas três décadas, além dos esforços de gerenciamento do patrimônio arqueológico pela superintendência do Estado do Amazonas e das informações levantadas pelos programas de arqueologia preventiva, estas pesquisas tiveram como finalidade a preservação, o estabelecimento de áreas de ocupação e dispersão geográfica, a caracterização da cultura material, e o estabelecimento de cronologias nos sítios estudados, além de definir e entender as tradições³⁸ ceramistas da Amazônia. A partir disto, um quadro de ocupação e desenvolvimento cultural desde a pré-história foi elaborado, indicando uma longa e intensa ocupação realizada por

³⁸ As Tradições cerâmicas são categorias utilizadas pelos Arqueólogos com a finalidade de entender as mudanças na decoração, forma e tecnologia desses objetos encontrados em diferentes contextos espaciais e cronológicos. Agrupa-se os artefatos que guardam características comuns. Às vezes, tem disposição geográfica diferentes e possuem a mesma cronologia, assim como seus modos de manufatura e decoração. Uma Tradição envolve as fases com características semelhantes entre si, mas que apresentam uma dispersão maior no tempo e no espaço.

diversos povos há mais de 11.000 anos BP. Pois, no centro da bacia Amazônica³⁹, existem evidências antigas que vêm da Caverna da Pedra Pintada⁴⁰ com datas que chegam a 11.200 anos BP (Roosevelt, 1996). As datações mostram a diversidade dos povos através das suas diferentes composições, cultura material⁴¹, dos modelos e estilos da arte decorativa e iconográfica e dos espaços habitados (ambientes).

Com o desenvolvimento das pesquisas, as informações foram ampliadas. Ampliaram-se os horizontes do entendimento da cultura material das **populações pré-colombianas, que usualmente são identificados no Amazonas por sítios relacionados** às formações das Terras Pretas de Índios (TPI), material cerâmico, tecnologias líticas, vestígios carbonizados, habitações, estruturas de fogueiras, registros rupestres e as alterações antrópicas das paisagens, entre outros infinitos tipos de vestígios. Desta forma, estas informações sobressaíram principalmente da análise do material cerâmico que remete a diferentes períodos e estilos, e foi utilizado com vários tipos de funcionalidades como armazenar água, alimentos, e até mesmo como objeto funerário entre outros rituais.

³⁹ Neves (2012) diz que a área de confluência dos rios Negro e Solimões é uma região de mosaico paisagístico, caracterizada por ecossistemas de águas pretas e brancas. Tais ecossistemas têm diferentes características. O rio Solimões é um rio de águas brancas e amareladas, cujas cheias anuais fertilizam, com sedimentos recentes de origem Andina, antigos meandros abandonados que formam planícies de inundação de tamanho variável, as várzeas, compostas por diferentes habitats incluindo lagos sazonalmente inundados, meandros abandonados, canais em diferentes tipos de atividade, restingas, praias e ilhas, já o rio Negro, é um rio de águas pretas, cujas cabeceiras drenam os terrenos antigos do planalto das Guianas, e o seu potencial de fertilização é baixo, o que reduz a produtividade primária dos ecossistemas a ele relacionados.

⁴⁰ Os resultados das escavações em Pedra Pintada são importantes por uma série de razões. A primeira delas diz respeito à própria de ocupação do lugar: as mais de 50 datas radio carbônicas mostram que a caverna já era ocupada há mais de 11.000 anos. Outro dado importante, embora pouco mencionado, foi a identificação de cerâmicas em camadas datadas em cerca de 8.000 anos de idade, data que, se confirmada as coloca como as mais antigas das Américas. As escavações de Pedra Pintada mostraram também o que parece ser a mais antiga camada de solos antrópicos, ou terras pretas, da Amazônia, conforme pode ser visto no perfil publicado no artigo (Roosevelt, 1996), indicando a formação desse tipo de solo no período de transição Pleistoceno-Holoceno. A presença de terras pretas no depósito indica que a ocupação da caverna foi mais que sazonal, ao menos nos contextos antigos, o que é plenamente compreensível pela própria localização do sítio, situado em uma área que permite acesso aos recursos da várzea do Amazonas e às áreas de cerrado e floresta da terra firme circundante.

⁴¹ Lathrap e colaboradores diz que a Amazônia foi um centro de inovação cultural, com invenções técnicas, como a cerâmica e a tecelagem (especificamente o tear dito « amazônico »), criando **estilos artísticos** próprios que acabam por se espalhar por toda a região. São estilos presentes na **iconografia de decoração dos objetos**, uma iconografia identificada essencialmente como religiosa, zoomórfica, com base em práticas alucinógenas e xamanísticas, utilizada em rituais para a comunicação com o mundo sobrenatural (Lathrap 1970).

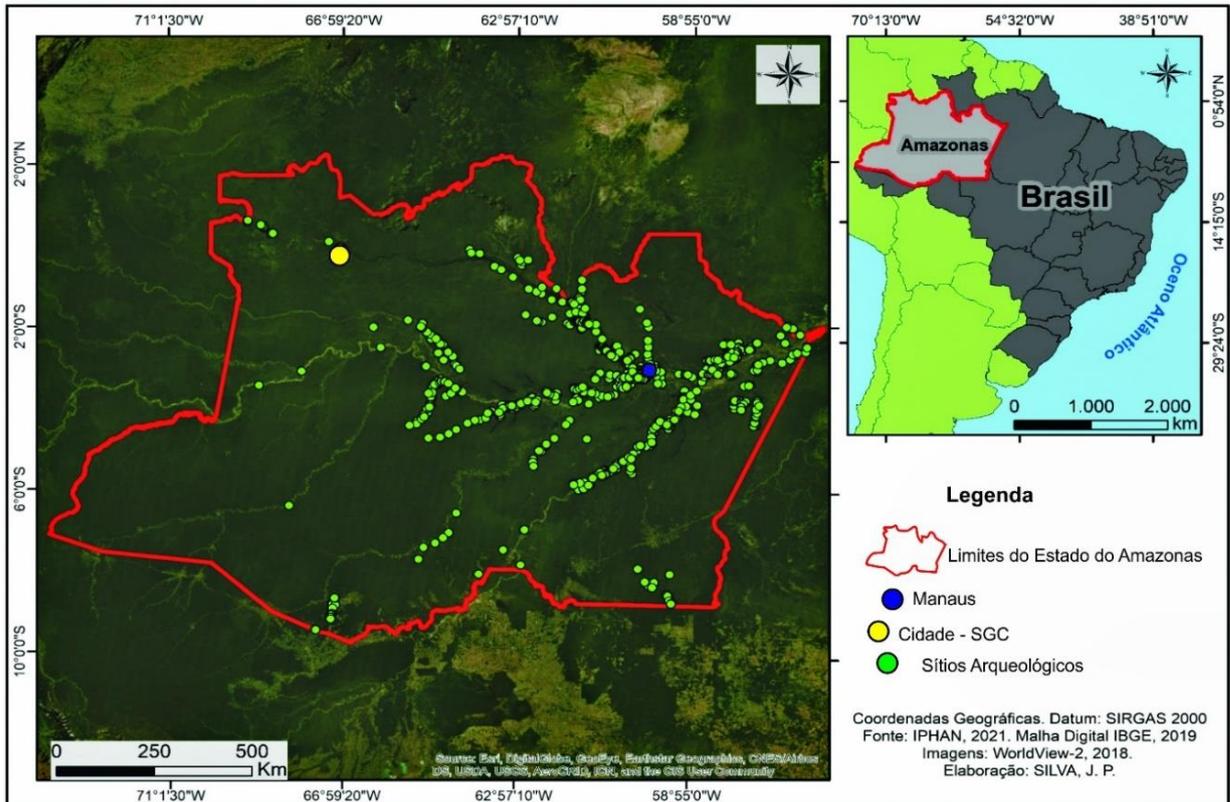


Figura 24: Mapa de distribuição de Sítios Arqueológicos no Estado do Amazonas. Fonte de dados de localização geográfica, Superintendência do IPHAN do Amazonas. Elaboração, Souza e Silva (2023).

2.1 ARTE DECORATIVA NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA AMAZÔNIA

A arte decorativa indígena ameríndia pré-colombiana, como material visual, exprime a concepção do grupo e da pessoa humana, a categorização social e material e outras mensagens referentes à ordem cósmica (Barreto, 2008). Deste modo, existe uma imensa importância tanto da arte decorativa, quanto da cerâmica arqueológica e da arte rupestre dos petróglifos na Amazônia para a vida dos diferentes grupos indígenas.

Assim, em algumas regiões das terras baixas, uma grande quantidade de objetos decorados e estilos artísticos sobressaem na paisagem, principalmente de natureza cerimonial (Lima, 2008). Barreto (2008) afirma que, por muitas décadas, a interpretação da simbologia presente nos objetos arqueológicos amazônicos ficou limitada a descrições casuais e sugestões intuitivas, faltando um maior conhecimento de seus contextos históricos e etnográficos e, até mesmo, de teorias que permitam relacionar manifestações artísticas a processos históricos, sociais e ritualísticos.

Neste contexto, as características da indústria de cerâmicas com pacotes de terras pretas (TPI's) foram assinalados por Barbosa Rodrigues (1885 *apud* Silva, 2016). As urnas funerárias tinham tamanhos diferenciados, pois, dependendo da dimensão do cadáver, era estipulado o tamanho da urna⁴²; de modo que haviam urnas distintas para pessoas adultas, jovens e crianças, além de seguir todo o escopo de arte decorativa nas superfícies desses objetos cerâmicos.

Os tarianas, os tucanos e algumas outras tribos têm o curioso costume de desenterrar os mortos cerca de um mês depois do sepultamento, colocando o corpo em adiantado estado de putrefação dentro de uma urna funerária, a qual é posta sobre o fogo. Pouco depois, as partes voláteis começam a esturricar, desprendendo-se da urna um terrível mal cheiro. No final, fica no fundo apenas a massa informe carbonizada, a qual é reduzida a um pó bem fino, sendo esparzidas nos grandes cochos (tinhas escavadas em tronco de árvores) de caxiri. Os presentes bebem toda essa bebida, acreditando que as virtudes do finado sejam transmitidas a quem dela tomar. Alfred Russel Wallace, *Viagens pelos rios Negro e Amazonas* (1889).

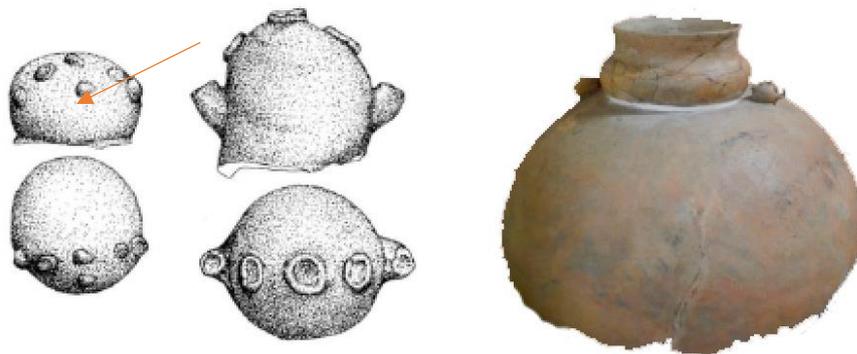


Figura 25: Vasilhame Cerâmico Inteiro. Urna Funerária do Sítio da Praça do Dom Pedro – AM. Vasilhame com apliques zoomorfos nas laterais (Destaque dos desenhos a direita). Fonte: Museu Amazônico - AM. Acervo pessoal do autor.



⁴² Silva (ibidem) descreve três conjuntos de urnas: o primeiro era destinado aos líderes e seus familiares, cujo procedimento era de enterrar os corpos; e, depois de algum tempo, exumá-los, depositar os restos mortais, algumas vezes desarticulados, nas urnas e sepultá-los novamente. A relevância eram as manifestações de pinturas em cores branca, vermelha e preta; e as indicações do sexo eram estampadas no bojo e no gargalo das urnas. Conforme Barbosa Rodrigues (1875, p. 189) esses tipos de enterramento eram raros, referindo-se aos líderes como "Moakaras". No segundo conjunto as urnas eram destinadas a acondicionar restos humanos que foram incinerados em processo de cremação; no terceiro as urnas destinavam-se ao depósito de cinzas humanas e também para depositar corantes para os rituais fúnebres.

Figura à esquerda 26: Vasilhame Cerâmico Inteiro. Urna Funerária de Ilha de Marajó – PA, Baixo Amazonas. Superfície pintada em vermelho e preto sobre engobo branco. Um recipiente invertido, colocado sobre a boca, servindo de tampa. Existem figuras antropomorfas idênticas ocupando espaços do gargalo. A única para o corpo representada é um braço estilizado com a mão de quatro dedos. No lobo da orelha tem um adorno circular. O vasilhame funerário possui 83 cm de altura, e no bojo, um diâmetro máximo de 70 cm. Fonte: Meggers, 1979.

Figura à direita 27: Vasilhame Cerâmico Inteiro. Urna Funerária do Sítio Jauary – AM. Superfície pintada em vermelho claro e vinho sobre engobo branco. Um recipiente invertido, colocado sobre a boca, servindo de tampa. Vasilhame com forma antropomorfa. Vasilhame escavado em 2013, e restaurado no Museu Amazônico - AM. Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 28: Destaque para os motivos decorativos dos vasilhames cerâmicos. Acervo do Museu Amazônico. Fonte: Oliveira, 2016.

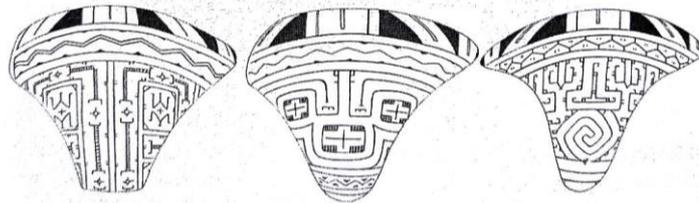


Figura 29: Tangas exclusivas da Ilha de Marajó – PA. Com representações figurativas. Fonte: Schaan, 2009.

As manchas de ocupações e a elevada quantidade de material cerâmico envolvendo a arte decorativa evidenciada nos sítios arqueológicos destacam-se entre os horizontes cerâmicos da Amazônia, como das: Tradição Policroma⁴³ da Amazônia,

⁴³ A Tradição Policroma da Amazônia é caracterizada por cerâmicas decoradas com linhas acanaladas, excisas, incisadas, pinturas nas cores: vermelha, laranja, vinho, preto e engobo branco. Essa tradição também é dividida em fases, que estão relacionadas às suas localizações geográficas, já que dependendo da região, elas são acompanhadas de decorações particulares, sendo bastante comuns vasilhames e urnas antropomorfas com arranjos pintados e modelados. A cronologia está entre o século IV e XVI D.C., persiste em alguns locais até o momento do contato com os europeus. Encontra-se dispersa por toda a região da Amazônia, é caracterizada pela pintura policrômica (vermelho e preto) sobre engobo branco, por flanges mesiais nas vasilhas e pela decoração acanalada. Diferentes dos conjuntos cerâmicos anteriores, essa fase arqueológica possui o cariapé como aglutinante dominante.

Borda Incisa⁴⁴ e Incisa-Ponteadada⁴⁵(Lima, 2008). Isto reforçou a hipótese que, na história antiga da amazônica Brasileira, ocorreram adensamentos populacionais⁴⁶ e os respectivos contextos arqueológicos escavados na região de confluência do Rio Negro e Solimões, e no Rio Amazonas apresentaram uma sequência de três ocupações cerâmicas distintas: a fase Manacapuru, marcando o período mais antigo; a fase Paredão, na ocupação intermediária, e a fase Guarita, no período mais recente, ocorrendo uma alta densidade de fragmentos cerâmicos finamente decorados”, “estruturas artificiais” e “diferenças em padrões funerários” (Lima, 2008, Silva 2010, 2016).

As representações decorativas na cerâmica arqueológica são compostas por ícones desenhados (projetado, *design*) que podem representar diferentes temas,

⁴⁴ As cerâmicas da Tradição Borda Incisa são caracterizadas através da decoração incisa, excisa, engobo vermelho e branco, e pinturas em vermelho e preto. Apresentam principalmente incisões sobre as largas bordas, e se destacam pela presença de apliques (caretas), estatuetas, modelados, carimbos e cachimbos tubulares e planos. A Tradição Borda Incisa é dividida em fases, que estão relacionadas às suas localizações geográficas, pois, dependendo da região, elas são acompanhadas de decorações próprias. A Fase Açutuba pertencente à Tradição Borda Incisa possui uma cronologia entre o século III A.C e II D.C., são cerâmicas caracterizadas por incisões, excisões, engobo vermelho e pintura policroma, aplicada sobre engobo branco. A Fase Manacapuru está inclusa da Tradição Borda Incisa, a cronologia está entre o século IV e IX D.C., a argila é composta de cauxí, a decoração abrange modelagem nas bordas, figuras abstratas, zoomorfas e antropomorfas, incisões e engobo vermelho. A cerâmica dessa fase é encontrada em áreas compostas de solos orgânicos (origem antrópica), conhecidos como Terra Preta de Índio (TPI). A Fase Paredão, também pertencente à Tradição Borda Incisa, é bastante encontrada na região de Manaus e em áreas de confluência dos rios Negro e Solimões. Essa fase é caracterizada por vasos com alça, cuias, grandes urnas funerárias e painéis sem decoração. A decoração comum são apêndices antropomorfos (aplicados nas urnas).

⁴⁵ A Tradição Incisa-Ponteadada é caracterizada pelas linhas incisivas, ponteadas e as decorações modeladas (figuras antropomorfas ou zoomorfas), estatuetas e cachimbos, às vezes, as cerâmicas são acompanhadas de pinturas em vermelho e amarelo, os vasos geralmente possuem gargalos e cariátides. A cronologia está entre o século VII e XII D.C (Depois de Cristo).

⁴⁶ Os indicadores de “complexidade social” podem ser sintetizados: através da formação de políticas regionais, estratégias de liderança em rede ou corporativas, do comércio extensivo ou de redes de troca e alianças, circulação de bens de prestígio, e indícios de mobilização de mão-de-obra, da elaboração e diferenciação nos rituais funerários e do acirramento da guerra (Neves, 2005, Schaan, 2004, Carneiro, 2007). Entre as evidências encontradas no registro arqueológico, os apontamentos realizados e associados a “populações complexas” ou a tais (imagináveis) “*cacicados*”, podem ser aceitáveis hipoteticamente os seguintes elementos: sítios extensos com grande quantidade de cerâmica – deduzem possíveis grandes adensamentos populacionais; extensões variadas entre sítios contemporâneos – relaciona a possível existência de uma hierarquia regional entre sítios arqueológicos; presença de cerâmica bastante elaborada e padronizada – indica possível especialização de mão-de-obra e circulação de itens de diferenciação cultural; padrão diferencial de enterramentos – **sugere possível diferenciação cultural e de marcador de status social**. Através de relatos etno-históricos e descobertas arqueológicas, a complexidade social pode ser vista através de extensas formações políticas regionais comandadas por um “chefe supremo”, bem como as referências a distintas formas de subordinação entre grupos locais, o amplo comércio regional e destacada organização de guerra. Além disto, tem-se a especialização na produção de bens materiais, como refinadas cerâmicas, que passaram a ser utilizadas como mais um correlato da existência de formações sociopolíticas complexas no período pré-colonial na região (Machado 2006, *apud* Carneiro, 1995; Heckenberger, 2001; Schaan, 2004; Neves, 2005). (Lathrap, 1970, Neves 2003, 2006).

funcionando como forma de linguagem visual, geralmente carregados de simbolismos e significados. Da análise destas, pesquisadores inferem que as cores inseridas nas cerâmicas poderiam estar associadas às estampas nas tatuagens ou nas pinturas dos corpos dos indígenas, constituindo descrições que foram realizadas pelos naturalistas que estiveram na região durante o século XIX (Shaan, 2004, Barreto, 2008). Outrossim, essas pinturas apresentam representações da fauna da região. Por fim, a cerâmica era utilizada no cotidiano e para os eventos fúnebres por um longo período, tanto na área do rio Amazonas como nos seus tributários (Silva, 2016). Com isso, as pesquisas vêm desvendando paulatinamente o modo de vida das sociedades indígenas pré-colombianas.

Nos últimos anos, o avanço das pesquisas históricas e arqueológicas têm-se endereçado aos modelos iconográficos (Ver Shaan, 1996, 2004 e Gomes Cerâmica Tapajônica, 2001, Oliveira, 2016). Associado à análise das comunidades, principalmente indígenas contemporâneas, revelam diferentes entendimentos sobre o uso e simbolismo da cerâmica, assim como as formas dos grafismos decorativos (Ver Silva, 2003). Sendo assim, os estudos dos desenhos dos petróglifos podem ser entendidos a partir do levantamento dos lugares das atividades artísticas, permitindo o lançamento de hipóteses sobre instrumentos de afirmação étnica e/ou uma forma de linguagem ligada às concepções cosmológicas do grupo. Desta maneira, os signos gráficos estariam relacionados a repertórios míticos.

Esta decoração iconográfica como forma de linguagem visual foi explanada por Ribeiro (1989) num contexto de dependência da sociedade e numa representação de narrativa ou da história humana. Além disto, para Virtanen (2011), as pesquisas de campo, relatos orais e entrevistas com populações locais possibilitaram a compreensão dos desenhos e dos elementos representados, permitindo entender a ocorrência da representação de animais na decoração de alguns utensílios e principalmente em urnas funerárias. Esta identificação de espécies da fauna da região possibilitou também que se atribuísse um caráter mágico-religioso associado à transmissão de mitos, memórias e histórias.

Deste modo, as artes indígenas são uma fonte de inspiração e de reconhecimento da continuidade da produção artística dos povos que habitavam (e habitam) parte do continente americano. Elas criaram e sempre recriam importantes obras dotadas de notável especificidade histórica e cultural, podendo ser visto na Arte

Rupestre, nos Petróglifos aos longos de milênios, passando informações de geração em geração.

2.2 ARTE RUPESTRE E OS PETRÓGLIFOS NA AMAZÔNIA

A arte rupestre tem uma grande importância para a pré-história do mundo pois ela veio a contribuir na compreensão dos contextos ambientais, da antiguidade, do desenvolvimento cognitivo e dos sistemas simbólicos dos *sapiens* em diferentes partes do globo terrestre.

Elas podem ser compreendidas como imagens pintadas (pictografias ou pinturas rupestres caracterizadas pela adição de matéria corante diluída em meio fluído [tintas]), desenhadas ou riscadas (aplicação de matéria corante em estado sólido) e/ou gravadas (petróglifos/gravuras rupestres caracterizadas pela redução ou retirada de matéria rochosa) por *Homo sapiens*, nas superfícies rochosas fixas situadas em abrigos, grutas, cavernas, a céu aberto, em desertos, florestas, montanhas, beiras de rios, cachoeiras, igarapés e nas mais diversas situações geoecológicas distribuídas pelo mundo inteiro, exceto, aparentemente, no continente Antártico (Bahn e Vertut,1988).



Figura 30: Modelos de pinturas e gravuras da arte pré-histórica do mundo.

Os vestígios materiais de atividade gráfica associada às primeiras levas dos sapiens foram do continente africano, com datações de mais de 100.000 anos, como no caso de Blombos Cave, África do Sul. Mas as evidências têm baixas condições de conservação, sendo pouco precisa a sua seguridade cronológica (Henshilwood, 2003).

Porém, os registros rupestres mais antigos, até o momento seguros e diretamente datados⁴⁷ encontram-se na gruta de Chauvet, sudeste da França (Clottes 1998, 2001, 2003, Sanchidrián, 2001) com cerca de 32.000 anos; Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil, cujas pinturas datam de 29.000 anos (Pessis, 2013); e em uma caverna na ilha de Celebes na Indonésia, com datações de 45.500 anos referente ao desenho de um Javali⁴⁸ (Brumm, 2021).



Figura 31: A pintura rupestre de Leang Tedongnge (Indonésia) que mostra o desenho de um javali da espécie 'Sus celebensis', pintado há pelo menos 45.500 anos. Fonte: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-01-14/javali-pintado-ha-45500-anos-e-a-obra-de-arte-figurativa-mais-antiga-do-mundo.html> acesso 29 de junho de 2023.

Em relação às pesquisas em Arte Rupestre na Amazônia, elas são bastante iniciais, principalmente em comparação com os estudos em outras regiões do Brasil, em destaque, as pesquisas que vêm sendo realizadas no nordeste do Brasil (Guidon, 1975, 1989, 2002, Martin, 2005, Cisneiros, 2008, Pessis, 2013 e outros autores).

Dos mais de 50 anos de pesquisas científicas sobre arqueologia amazônica, apenas a partir da década de 1980 observou-se que os vestígios passaram a ser registrados em publicações, embora de forma pontual, em estudos realizados em Roraima por Ribeiro (1986, 1987, 1989), em Rondônia, por Miller (1992), no Pará, por Cosens (1988, 1989) e Pereira (1990, 1994, 2003, 2010), no Amazonas por Corrêa (1994), de Valle (2012) e Cavallini (2014).

⁴⁷ Datação absoluta, neste caso por AMS, de amostra de pigmento direta da pictografia e não de contextos relacionados.

⁴⁸ <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-01-14/javali-pintado-ha-45500-anos-e-a-obra-de-arte-figurativa-mais-antiga-do-mundo.html> acesso 29 de junho de 2023.

Pereira (2010) afirmou que a Amazônia brasileira sempre esteve à margem dos estudos sobre arte rupestre, pois os estudos científicos somados às diversas informações sobre locais com arte rupestre na Amazônia, relatados desde o século XVII, revelaram que a região detém um potencial riquíssimo desse tipo de vestígio. A autora ainda acrescenta que são conhecidos pelo menos 300 lugares com arte rupestre na Amazônia Brasileira e que, de todo modo, este número é insignificante frente à imensidão do território (8 milhões de km²) amazônico. Porém, a autora acrescenta que parte dessas informações vêm de trabalhos que não têm relação direta com a arqueologia, sendo que somente cerca de 40% corresponde às pesquisas arqueológicas sistematizadas, sendo necessário o aprofundamento dos estudos relativos ao tema.

Para a região do Rio Negro, as informações existentes estão relacionadas aos sítios com gravuras rupestres registrados por Theodor Koch-Grünberg (1907) e Ermanno Stradelli (1900) para a região do Alto Rio Negro; e por Valle (2012) na região do Baixo Rio Negro e seus afluentes, além de relatórios e dados acessados do CNA-IPHAN, Amazonas.

Muitas áreas ainda são totalmente desconhecidas pela imensidão da Amazônia, e, para mudar isso, serão necessários levantamentos sistemáticos envolvendo a localização de lugares (sítios) com arte rupestre e a construção de uma base de informações de âmbito regional, em especial, junto com os órgãos de gestão do patrimônio cultural e natural, a exemplo do IPHAN; além do aprofundamento na contextualização cultural/temporal⁴⁹, analisando-os em conjunto com as outras evidências materiais do sítio e/ou do seu entorno.

Durante o período de seca (verão) afloram muitos sítios compostos por pedrais com gravuras que estavam submersas ao longo dos rios da região. Em 2010 e em 2023, foi registrada uma baixa significativa no rio Negro, o que possibilitou revelar a ocorrência de um extenso afloramento rochoso com concentrações de polidores,

⁴⁹ Em 1871, quando publicou seu estudo sobre pinturas e gravuras rupestres da Amazônia, Hartt já afirmava que, tanto as gravuras da Serra da Escama, em Óbidos, como as pinturas da Serra do Ererê, em Monte Alegre, ambas no Pará, já eram conhecidas há mais de duzentos anos. Para apoiar suas hipóteses, afirmava que a atividade gráfica rupestre era desconhecida pelos indígenas que viviam naquele momento no Pará e também mencionava que junto com as pinturas antigas, existiam outras mais recentes, uma correspondia à data de 1764 e a outra as letras I.H.S., cuja autoria era atribuída aos jesuítas (HARTT, 1895). Desde o século XIX, a necessidade de inserção temporal da arte rupestre é tema de interesse. Charles Hartt – geólogo canadense que dedicou um estudo específico à arte rupestre na Amazônia – parecia não ter dúvidas sobre a sua antiguidade considerando, inclusive, a possibilidade de que algumas fossem anteriores à conquista da América.

cúpulas e gravuras antropomórficas representando rostos na área do encontro das águas em Manaus (Rio Negro e Solimões) (IPHAN, 2023).

Destacamos que todos os cursos d'água da região apresentam ritmo⁵⁰ de cheias e vazantes. Nos meses de janeiro a agosto, quando os rios estão cheios, as praias e várzeas desaparecem e a pesca fica mais difícil para os ribeirinhos; e de agosto a dezembro, no verão amazônico, quando os rios diminuem as águas, ficam visíveis as praias e as áreas de várzeas. Atualmente, com o aquecimento global e os respectivos efeitos acelerados das mudanças climáticas, os impactos à vida cotidiana dos povos ribeirinhos vêm sendo registrados, contribuindo para o levantamento de hipóteses sobre estes efeitos (ISA, 2008, Bezerra, 2023).

Estudos afirmam que, durante o Holoceno, a transição geral da aridez para umidade ocorreu de maneira descontínua, em pulsos, um entre 10.000 e 8.000 anos AP, um segundo entre 6.000 e 5.000 anos AP e outro a partir de 4.000 anos AP. Sendo que a estabilização climática na Amazônia iniciou partir de 4.000 – 3.000 anos AP, e, a mais ou menos 1.000 anos AP, evoluiu para o perfil das condições ambientais atuais. Estas indicações foram baseadas no registro sedimentar do arquipélago das Anavilhanas (BRN), que tem a deposição de sedimentos finos interrompida a partir desse período (Franzinelli e Igreja 2002, Latrubesse e Franzinelli, 2005).

O surgimento de sítios e de materiais arqueológicos ao longo do curso de rios na Amazônia devido ao rebaixamento da lâmina d'água podem indicar mudanças do clima há mais de mil anos e, provavelmente, caracterizar o que as populações vivenciaram, em algum momento, devido às secas intensas e um clima instável, demonstrando as suas capacidades adaptativas.

A partir das hipóteses relacionadas aos refúgios pleistocênicos da Amazônia sugeridas por Meggers (1979, 253), e por Ab'saber (2002), as mudanças paleoambientais puderam ser relacionadas às dinâmicas socioculturais, linguísticas e demográficas nos últimos 10.000 anos. De modo que Neves (2012) indicou a

⁵⁰ Atualmente a dominância do clima é de tropical úmido com média de precipitação de 2000 mm/ano aumentando em direção a noroeste até atingir 3500 mm/ ano, onde a temperatura média varia entre 24 e 32 graus centígrados (RadamBrasil, 1976).

possibilidade das gravuras (petróglifos) serem produzidas no Holoceno⁵¹ médio (cerca de 3 mil anos), em uma época aparentemente mais seca⁵² que a atual.

Além disto, Cavallini (2014) pontuou uma cronologia para as gravuras, que foi relacionada à dinâmica da sedimentação fluvial do Rio Urubu, em Itacoatiara. Elas estariam ligadas ao holoceno recente da região, estimadas em dois mil anos, cujos apontamentos cronológicos foram realizados a partir da contextualização de escavações, estudos estratigráficos e datações absolutas em sítios arqueológicos do Rio Urubu.



Figura 32: A esquerda figuras pintadas no abrigo Pedra Pintada no Pará, Fonte: Pereira (2010). A figura da direita gravura em suporte rochoso no baixo Rio Negro (seca de 2010), Fonte: Neves, 2012.



Figura 33: Gravuras rupestres visíveis com a Seca (baixa extrema) do Rio Negro em 2023⁵³ no Sítio Ponta das Lajes, Manaus. Na imagem o Arqueólogo do IPHAN Amazonas Jaime Oliveira registrando os pedrais com gravuras. Fonte: Reportagem, Jornal EL PAIS, 2023.

⁵¹ O Holoceno é o período quaternário, que se iniciou há cerca de 11,5 mil anos e se estende até o presente. Os terrenos holocênicos são representados pelas rochas de formação recente e, contemporâneas de nossos dias como as praias, dunas, restingas, terraços, etc..(Dicionário Geológico, Guerra, 1997). Embora no **Holoceno** (entre 10.000 e 9.000 anos a.p.) já houvesse atividade gráfica pictórica difundida em toda região amazônica, há indicações na literatura de que os petróglifos teriam uma antiguidade equivalente, ou seriam até mais antigos, pois, por se tratar de uma técnica invasiva no corpo rochoso em que a matéria rochosa é removida, teria uma capacidade de sobrevivência aos processos taxonômicos superior às pinturas rupestres (Pereira 2003; Bednarik 1989; Pessis 2002, 2004; Koch-Grünberg 2010 [1907]; Williams 1985, 2003; Prous 1999) *apud* Valle, pág. 7, sem data. VALLE, Raoni. Arqueologia Rupestre no Baixo Rio Negro e o Diálogo com as Perspectivas Indígenas do Alto Negro- Amazônia Ocidental Brasileira. USP.

⁵² Atualmente, com o aquecimento global, a seca no Rio Negro afeta não apenas a biodiversidade do rio, mas também a atividade econômica da região, tornando a navegação mais difícil, prejudicando o transporte de mercadorias e afetando o turismo. Ela reduz a disponibilidade de água potável para as comunidades locais, ocorrendo problemas de saúde. Prejudica a vida aquática, aves e outros animais que dependem do ecossistema do Rio Negro. Reduz a quantidade de peixes disponíveis, afetando a subsistência e a economia das comunidades ribeirinhas, prejudica o cultivo de plantações, como arroz, feijão e mandioca, comprometendo a segurança alimentar das comunidades, contribuindo com a propagação de incêndios florestais. ((ISA, 2008, Bezerra, 2023).

⁵³ A severa seca de 2023 que a Amazônia brasileira, enfrentou, com os rios tendo a menor vazão dos últimos 121 anos, causou danos ambientais e sociais incalculáveis, mas simultaneamente trouxe à luz importantes vestígios

As descobertas e as pesquisas iniciais ligadas ao tema revelam uma região cuja arte rupestre é bastante diversificada nos aspectos técnicos, temáticos e estilísticos. São necessárias, em especial, associações cronológicas, o que se mostra um desafio para os estudos rupestres da pré-história, pois, no geral, os sítios não oferecem condições favoráveis para datação, seja de forma direta ou por associação com camadas arqueológicas datadas. Importa buscar outras alternativas que permitam situar cultural e temporalmente a arte rupestre de forma associativa.

Porém, a datação absoluta ou mesmo relativa para os petróglifos amazônicos não permite a determinação de uma cronologia precisa, pois em sua maioria não estão associados a contextos de pacotes estratigráficos sedimentares arqueológicos, como constatado por Valle (2012, pág. 85). Além de estarem a céu aberto, estes sítios se encontram diretamente posicionados junto aos rios e igarapés estando, portanto, sujeitos à submersão sazonal e à erosão por carga suspensa na correnteza das águas, ocorrendo um forte intemperismo físico, químico e biológico característicos da sazonalidade hidratação/insolação, da latitude equatorial, da acidez dos rios de águas pretas e da abrasão de partículas sólidas em suspensão nas águas brancas, do ecossistema de "floresta tropical úmida".

Até o momento, os sítios arqueológicos com arte rupestre que foram escavados na Amazônia brasileira com datações absolutas diretas foram a Pedra Pintada, em Roraima (autor); a Gruta do Pilão 1 (ou Gruta da Pedra Pintada), em Monte Alegre (autor), e a Gruta Tühtakariwai, na Serra do Tumucumaque, ambas no Pará (Pereira, 2010, 2019).

As escavações realizadas na Pedra Pintada, em Roraima, permitiram obter duas datações para as pinturas rupestres: 3.950 e 3.000 A.P., pois foram feitas por associação entre a camada datada e os fragmentos de rochas com pinturas. As pinturas da Gruta do Pilão foram situadas temporalmente em 11.200 A.P., a partir da semelhança da composição química dos pigmentos de pintura encontrados nos níveis antigos da escavação, com as pinturas situadas na parede e nos fragmentos de

arqueológicos, como as gravuras do Sítio Arqueológico Ponta das Lajes, no baixo rio Negro que já eram conhecidas desde a última grande seca que ocorreu em 2010. Estima-se que tenham cerca de 2 mil anos sendo realizadas pelos povos nativos da região. Fonte: https://elpais.com/america/2023-11-12/la-misteriosa-arqueologia-de-la-amazonia-brasilena-emerge-de-los-rios-en-medio-de-una-sequia-historica.html?fbclid=PAAaa2_4taMze9i3Dpy_Fj7pv_zkk-6Vqrn6ft_WHpeiRiFtVDZ-wCqc-czCs_aem_AeBM9FCvjFyH_zcie0N7TVgutPmqTfj52XWWBtmfW6qoDM_t-xcyo3BiNy6ap7dXvBA, acesso 27 de dezembro de 2023.

parede encontrados na estratigrafia da escavação (Roosevelt, 1996, Pereira, 2010, Pereira, 2019).

Uma outra possibilidade de contextualização temporal relacionou-se a um estudo comparativo entre os modelos de representações de desenhos em suportes rochosos e dos motivos decorativos dos conjuntos cerâmicos amplamente estudados na Amazônia, estes apresentando contextos de estudos culturais e cronológicos como apresentado no tópico 2.1 da Arte Decorativa na Cerâmica Arqueológica da Amazônia. Pois, em alguns casos, similitudes temáticas e estilísticas foram determinadas, como os temas decorativos da cerâmica arqueológica; que possuem elementos decorativos comuns, como a representação da figura humana e de animais e o destaque para a representação dos traços do rosto (Pereira, 2010 e Cavallini, 2014).

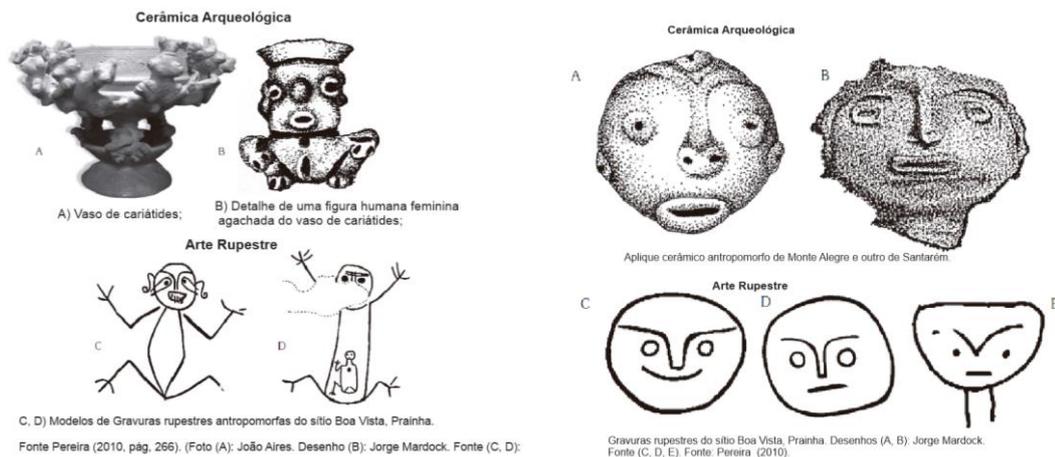
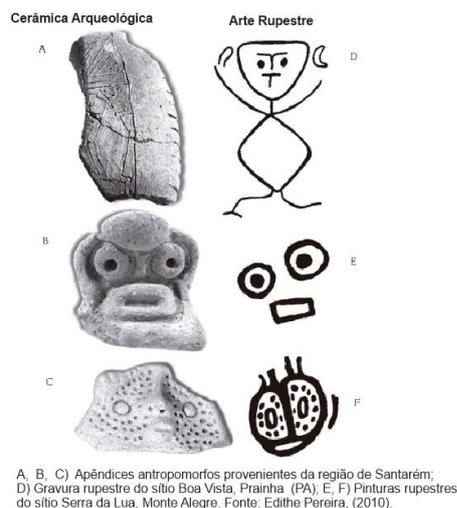


Figura 34: Modelos de desenhos na cerâmica arqueológica e na arte rupestre na Amazônia. Fonte: Pereira, pág. 266, 268, 2010.



A, B, C) Apêndices antropomorfos provenientes da região de Santarém; D) Gravura rupestre do sítio Boa Vista, Prainha (PA); E, F) Pinturas rupestres do sítio Serra da Lua, Monte Alegre. Fonte: Edith Pereira, (2010).

Figura 35: Modelos de desenhos na cerâmica arqueológica e na arte rupestre na Amazônia. Fonte: Pereira, pág. 276, 2010.

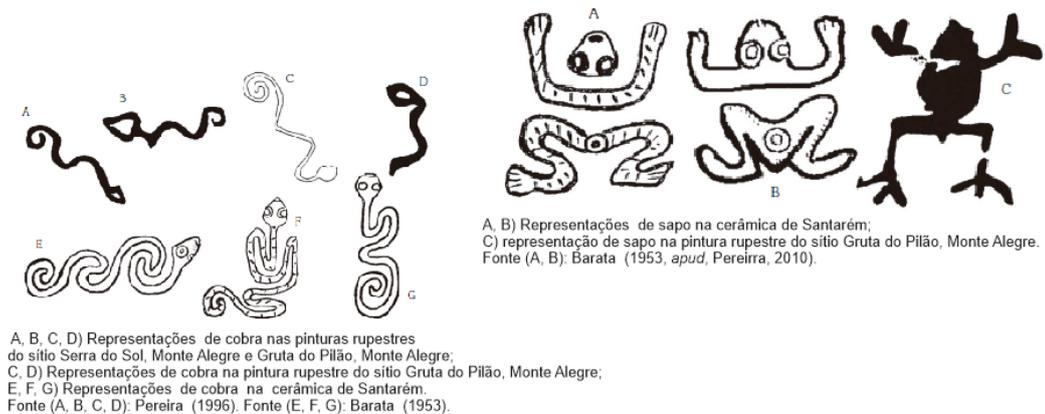


Figura 36: Modelos de desenhos na cerâmica arqueológica e na arte rupestre na Amazônia.
 Fonte: Pereira, pág. 277, 2010.

É importante ressaltar que, pelo fato de existirem temas coincidentes e estilisticamente semelhantes entre representações rupestres (formas gráficas) e decorações de objetos cerâmicos (formas tridimensionais) provenientes de uma mesma região ou de áreas muito próximas entre si, deve ser analisados com muito cuidado para não inferir interpretações errôneas. Pois não se trata de estabelecer uma associação direta entre a cerâmica e a arte rupestre, mas um ponto de partida na procura de elementos que possibilitem contextualizar a arte rupestre de determinada região e a sua vasta distribuição pelo mundo.

2.2.1 SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (SGC), ALTO RIO NEGRO E OS PETRÓGLIFOS

“Não existe quase nenhum vestígio de antigas épocas na América do Sul que tenha despertado opiniões tão várias e mesmo conflitante entre os estudiosos como as inscrições e **figuras que se encontram gravadas por mãos humanas nas pedras**. Muitos, em vão, esforçaram-se por decifrar tais “hieróglifos”, e eles eram considerados uma escrita figurativa, informações de uma civilização extinta altamente desenvolvida ou então por “inscrições” enigmáticas de um culto extinto. Em compensação, sua concordância e vasta distribuição pareciam falar, pois tais petróglifos se encontram espalhados na maior parte da América do Sul, sobretudo na planície do Rio Amazonas e em todo o Norte da América do Sul”. KOCH-GRÜNBERG, (2010(1907)).

A arte decorativa e os modelos de desenhos dos sistemas visuais de comunicação ameríndios envolvem tecnologias, manuseio de ambiente e da paisagem e abrangem símbolos, memórias e fluidez dos seus sistemas cosmológicos. No caso Rio Negro, além de tudo, as sinalizações marcadas nas rochas são lugares sagrados, são sinais dos tempos da formação e manejo do mundo, da história e das

memórias dos habitantes de São Gabriel da Cachoeira (Castro, 1996, Vidal, 2002, Xavier, 2008, Virtanen, 2011, Andrello, 2012, Hugh-Jones, 2012, 2015, 2017).

O município de São Gabriel da Cachoeira possui uma área de pouco mais de 109.181.245 km², terceiro maior município brasileiro em extensão territorial e povoado com mais de quatrocentas pequenas comunidades, com maior predominância de indígenas no Brasil. Ele está localizado na fronteira com a Colômbia e Venezuela, no extremo noroeste do Brasil, conhecido como "Cabeça do Cachorro". A sua população em 2021 era de 47.031 habitantes, com diversas comunidades indígenas⁵⁴ que se distribuem pelos limites territoriais do município e nos bairros da sede municipal (Dados do IBGE⁵⁵).

É uma região da Amazônia cuja unidade socioambiental apresenta uma admirável diversidade de famílias linguísticas, constituindo uma bacia hidrográfica habitada e manejada tradicionalmente por um conjunto de povos indígenas articulados entre si. Além disso, o município apresenta um patrimônio arqueológico único com estudos bastante iniciais, mas importantes para a compreensão da cultura material da região.

⁵⁴ As Terras Indígenas (TIs) foram demarcadas ainda no final da década de 1990, abrigando 23 povos indígenas distintos: Tukano, Desana, Kubeo, Wanano, Tuyuka, Pira-Tapuia, Miriti-Tapuia, Arapaso, Karapanã, Bará, Siriano, Makuna, Baniwa, Kuripako, Baré, Barasana, Warekena, Tariana, Yanomami, Hupd'äh, Yuhup'dêh, Dâw e Nadëb. Fonte: Povos indígenas. In: Boletim Políticas sociais: acompanhamento e análise. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, BPS, n. 28, 2021. Disponível em:

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10804/1/BPS_28_povos_indigenas.pdf. Acesso: set. 2022.

⁵⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados do Site: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/sao-gabriel-da-cachoeira.html> acesso setembro de 2022.

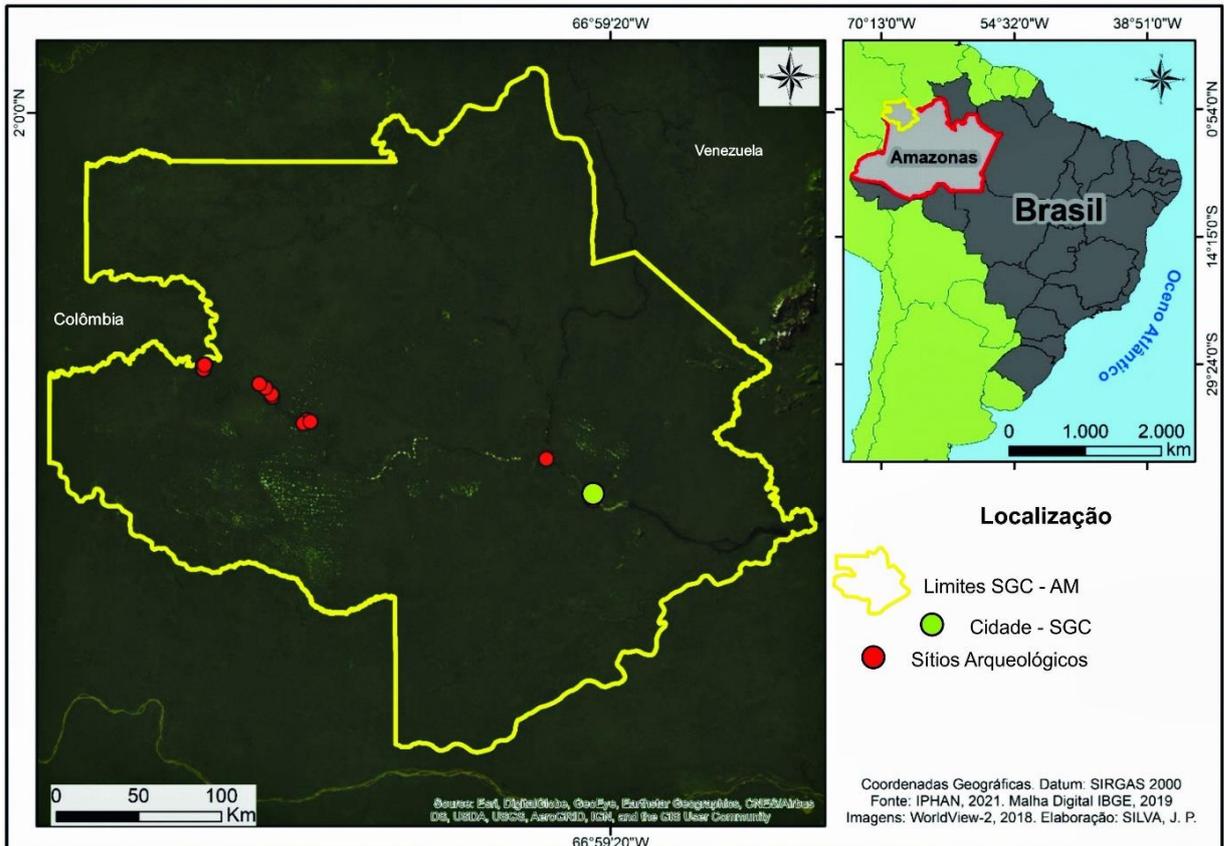


Figura 37: Localização e distribuição de Sítios Arqueológicos do Município de São Gabriel da Cachoeira, AM. **Fonte** de dados geográficos, Superintendência do IPHAN do Amazonas e Malha Digital do IBGE.

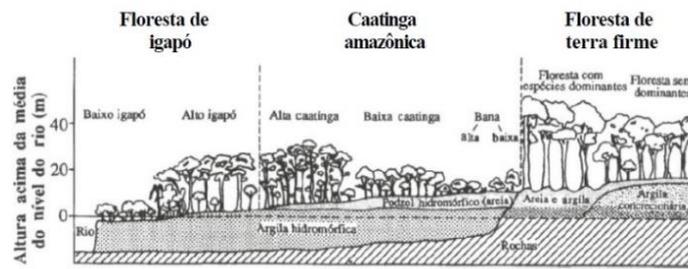
A região está situada no noroeste do Cráton Amazônico, dividido em três **domínios tectônicos**: Uaupés, Içana e Imeri, representado por orógenos com evoluções geodinâmicas distintas, constituindo em um **terreno granítico gnáissico** (ortoderivado) (Souza, 2009, Rodrigues, 2016). A partir do levantamento dos lugares com petróglifos, percebemos que eles estão situados nessa matriz de terreno granítico, sendo ele subdividido com base em características composicionais e deformacionais em: Santa Izabel do Rio Negro e Litofácies Tarsira, que ressaltamos nesta pesquisa. Localizada na porção nordeste da Província Rio Negro, é composta por **biotita gnaiss**, **hornblenda biotita gnaiss** e **augen gnaisses** de composição **monzogranítica** e **granodiorítica** polideformados (Souza, 2009, Rodrigues, 2016, grifo nosso), e assim, diversificam as características rochosas deste petróglifos.



Figura 38: Registro imagético rochoso de SGC-ARN. Fonte: Souza, 2009.

A vegetação é caracterizada por floresta de terra firme, de campinarana ou de caatinga amazônica e vegetação de igapó (Cabalzar e Ricardo, 1998). A floresta de terra firme ocupa as partes mais elevadas e é composta por uma vegetação de árvores grandes, porém inferiores em relação a outras áreas da Amazônia. A vegetação de **campinarana** ou **caatinga** amazônica forma um tipo de floresta baixa, arbustiva, variando entre 6 e 20 metros, que cresce em solos com muita areia branca, inundáveis no período chuvoso, cujas folhas são duras e rijas, os arbustos são mais baixos (3 a 7 metros) e esparsos, intercalados com vegetação rasteira (gramíneas). Por outro lado, a vegetação de **igapó** possui menos espécies em comparação com as matas de terra firme, mas são mais diversificadas que as caatingas, sendo áreas ricas em alimentos como frutas, folhas e outras formas de matéria orgânica provenientes da vegetação e das terras inundadas, sendo locais de alimentação e desova dos peixes (Cabalzar e Ricardo, 1998).

Neste cenário, Sioli (1967) determinou que as nascentes de águas cristalinas são próprias de florestas altas de terras firmes, ao passo que os riachos de águas pretas surgem em áreas de solos extremamente arenosos e de vegetação de caatinga. Existem também ecossistemas menores, como os chavascais, os campos e as dunas ou *inselbergs*. Um chavascal é uma área de vegetação localizada nas margens dos rios que permanece inundada durante todo o tempo. Os campos são formados pela vegetação rasteira. E o *inselberg* que consiste numa montanha isolada que restou de uma chapada depois de milhões de anos de erosão. Os *inselbergs* são ecossistemas muito distintos e constituem refúgios importantes de uma biodiversidade característica (Scolfaro, Dias, 2021). Nas áreas de campinaranas e igapós são encontrados a maioria dos lugares com petróglifos



Gradiente de vegetação no rio Negro (cf. Clark and Uhl 1987: 5 in Moran, 1990: 164)

Figura 39: Tipos de florestas. Fonte: CABALZAR e RICARDO (Pág. 60, 1998).

Nesta região, a conexão entre as diversas comunidades ao longo do rio Negro é dificultada, pois geralmente são situadas em áreas distantes, de difícil acesso e com a navegação bastante perigosa por causa dos rios caudalosos (Scolfaro e Dias (2021)). Além disso, nos cursos mais baixos existem muitos pedrais aflorando e, nas partes mais elevadas, os cursos são encachoeirados, de modo que, em alguns casos, o acesso entre uma comunidade e outra ou entre um rio e outro se dá também por meio de trilhas e caminhos pela floresta e, diante dos pedrais, geralmente se percebe sinalizações nas rochas.



Figura 40: Registros de Viagens no Rio Negro. Vista do Barco. Fotos: O autor, Luciano Souza, Campo, 2022.



Figura 41: Registros de Viagens no Rio Negro. Vista do Barco. Fotos: O autor, Luciano Souza, Campo, 2022.

O rio Negro permeia toda esta região e é oriundo do extremo NW da Amazônia brasileira, em contato com o NE/SE colombiano, formando as sub-bacias do Uaupes, Papuri, Içana, Guáinia e com SW venezuelano, formando as sub-bacias do Xié, do

Cassiquiare e as ligações com o alto rio Orinoco (*Cabalzar e Ricardo, 1998*). Ele é o maior rio de águas negras do mundo, sendo considerado um ecossistema oligotrófico se comparado com rios de águas claras, que são mais ricos em nutrientes. Esta condição ambiental do rio Negro é resultado de um clima extremo, de calor e chuvas intensas, combinado com a grande antiguidade dos solos da região, que foram expostos durante centenas de milhões de anos a intempéries devido ao carreamento excessivo dos nutrientes pelas chuvas, de modo que os solos são muito empobrecidos, lixiviados e também extremamente ácidos, resultando na baixa biomassa da vegetação circundante que reflete em toda cadeia trófica, resultando numa baixa diversidade de peixes e em uma agricultura pouco produtiva quando comparado a outras regiões da Amazônia (*Cabalzar e Ricardo, 1998*).

Na rede hidrográfica da região, o **rio Uaupés**⁵⁶ é, depois do rio Branco, o maior tributário do rio Negro, recebendo as águas de outros rios, como o Tiquié, o Papuri, o Querari e o Cuduiari. Outra bacia hidrográfica importante que compõe a região do alto rio Negro é a do **rio Içana**, cujas nascentes estão na Colômbia, mas logo em seguida passa a delimitar a fronteira entre Brasil e Colômbia. O Içana é um rio de água branca e vai mudando sua cor para avermelhada e preta após receber as águas do igarapé lauareté (ou lauiali, como chamam os Baniwa e Kuripako) e outros. Os maiores afluentes do Içana são os rios Aiari, Cuiari, Piraiauara e Cubate. Todos são rios de água preta, ocupados principalmente pelos povos Baniwa e Kuripako, residentes em 93 povoados, entre comunidades e sítios; no Brasil, os povoados Baniwa estão localizados no baixo e médio Içana e nos rios Cubate, Cuiari e Aiari; os Kuripako somente no alto Içana (Scolfaro, Dias, 2021).

A área da bacia do Rio Negro possui uma cronologia cultural de 9.000 anos antes do presente (Costa, 2009), indicando que o contexto de ocupação das gravuras (dos petróglifos) desta região são muito antigas. Logo, uma complexa história antiga das populações amazônicas indicam viverem uma longa rede de trocas e de códigos visuais de comunicação ao longo das calhas dos rios. Os modelos de desenhos da arte decorativa, particularmente, tanto dos pedrais rochosos quanto da cerâmica, demonstram uma dimensão importante do passado e do presente no conhecimento técnico cognitivo simbólico do cotidiano dessas populações da região do Rio Negro durante muitas gerações.

⁵⁶ Atualmente, o nome Uaupés é o mais usado (no Brasil, já que na Colômbia é chamado de Vaupés), mas também é conhecido como Caiari (*Cabalzar e Ricardo, 1998*).

A região do Alto Rio Negro, entre as fronteiras e adjacências do Brasil, Colômbia e Venezuela, é habitada por cerca de 29 povos pertencentes às famílias linguísticas Arawak/Maipure do Norte, Tukano Oriental, Nadahup, Kákua-Nukak e Yanomami, sendo que a Amazônia é a área de maior diversidade étnica e linguística. É também uma região relativamente documentada desde o século XVIII em crônicas e em relatos de naturalistas, missionários, militares, representantes do governo e em etnografias (Neves, 2006).

A região possui um complexo sistema regional aberto, articulados entre si por diferentes circuitos e redes de intercâmbio que envolvem matrimônios, objetos rituais e cultura material, compartilhando ainda características gerais de organização social (unidades exogâmicas patrilineares e segmentares organizadas hierarquicamente, residência patri/virilocal, terminologia dravidiana de parentesco, unidade de casa comunal como modelo típico de assentamento etc.), de ciclos ritualísticos baseados nas festas intergrupais de oferecimento e trocas de alimentos, de danças, utilização de flautas e trombetas sagradas durante a iniciação masculina, segmentos de narrativas míticas e conhecimentos xamânicos. Tradicionalmente, realizam casamentos entre grupos de fratrias interétnicas, no caso dos **Tukano**, ou entre fratrias internas, no caso dos Nadahup e Arawak. (Sarmiento, página 43, 2019).

As pesquisas arqueológicas demonstram que as origens deste sistema regional são anteriores à chegada dos europeus. Os povos Tukano fariam parte do último contingente de ocupação⁵⁷ indígena a integrar um sistema já em formação, pois no baixo Uaupés, cerâmicas arqueológicas escavadas no sítio Marabitana I são datadas de cerca de 2.500 anos, sugerindo a ocupação Arawak (Neves, 1998). Além de fragmentos cerâmicos, das pedras lascadas e machados polidos antigos, constata-se, na bacia do rio Negro, a maior concentração de **petróglifos** do vale amazônico, situados em dispersos que vai desde o baixo até seus afluentes do alto (Stradelli 1990; Koch-Grünberg 2010 [1907]; Vale 2002; Xavier 2008, 2012).

⁵⁷ **A primeira hipótese sobre a ocupação da região fora elaborada por Nimuendajú** (1955: 163-166) após passar na área em 1927. Para o autor, a característica social dessa região teria sido formada a partir de três estratos culturais: 1) o mais antigo seria de grupos “caçadores e coletores seminômades” identificados com os atuais “Maku” (Nadahup) e os uaiçá e xiriana (grupos conhecidos hoje como yanomami); 2) o segundo teria vindo, no início da era cristã, de grupos com “culturas mais avançadas”, como os Aruák e Tukano; 3) o último teria sido formado a partir da chegada dos europeus no contato com representantes do segundo estrato, resultando em uma cultura híbrida (“cabocla”). Para Nimuendajú, os Aruák teriam sua origem ao norte, em regiões do alto Orinoco e Guainía, representados pelos Baré, Manao, Werekena, Baniwa, Kuripako e Tariana, que teriam chegado em ondas sucessivas, alcançando zonas do médio rio Negro e rios como Yurubaxi, Waupés, Isana, Xié e Cassiquiare. Os Tukano teriam vindo de algum lugar do oeste, possivelmente das regiões do Içá e Napo, pois aí ainda se encontram os chamados Tukano ocidentais que chegaram desalojando os Aruák e continuaram se expandindo (Sarmiento, p. 48, 2019).

Esta região demonstra evidências de ocupação Proto-Aruák entre 4.000 e 3.500 anos AP, que iniciaram uma primeira expansão gradual no alto rio Negro e baixo Guainía. Depois, entre 3.000 e 2.500 anos AP, o aumento populacional, o aperfeiçoamento da agricultura etc., teriam levado a uma segunda dispersão destes Aruák para outras regiões, como o leste, o oeste, o Orinoco e o baixo rio Negro, marcando ou associando os eventos míticos e históricos desse tempo a lugares específicos dentro de sua cosmografia e ligados com a “**escrita topográfica**” (os petroglifos). (Sarmiento, 2019, p.50)

Os estudos arqueológicos, cruzados com dados da linguística histórica e da etnologia, mostram que entre 2.500 e 2.000 AP começou um processo de divisão dos Proto-Tukano em dois ramos, ocidental e oriental; aqueles mais ao oeste da região se relacionaram durante séculos com povos de famílias distintas e, assim, adquiriram modos de vida diversos (Neves 2005, 2006).

Através dos estudos arqueológicos e etnográficos ao longo da rede hidrográfica do Rio Negro podem ser observadas a relação das pessoas e o ambiente, as suas apropriações simbólicas do espaço, podendo ser compreendido dentro de um delimitador territorial que forma uma paisagem cultural, representada, no registro etnográfico, pelos mitos associados aos grupos humanos que mantêm uma relação de longa duração com o local em que vivem.



Figura 42: Sinalizações na rocha nos cursos das águas do Alto Rio Negro. Fonte: Scolfaro, Dias, 2021, pág, 34.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da arqueologia amazônica, Kater e Lopes (2021) apresentam que o conceito de longa duração de Fernand Braudel (1953, 1970) configura-se como uma das abordagens utilizadas pela Arqueologia Brasileira, permitindo uma aproximação com a História e os povos indígenas. Deste modo, eles apresentam determinadas pesquisas que se assentaram como construtoras de Histórias Indígenas de longa

duração, integrado à luta indígena pelos seus direitos, bem como renovações do fazer historiográfico/arqueológico e também ambiental.

Para Silva-Mendes (2007), tais relações não apenas se revestem dos elementos que o ambiente disponibiliza, mas também representam os mitos indígenas que reproduzem seus cenários de origem, mesmo em ambientes distintos daqueles em que foram geridos e estabelecidos como tradição. Isso indica que, dentro de uma construção de longa duração e de forma muito dinâmica, diferentes povos estabeleceram relações tanto em termos de câmbios comerciais quanto de elementos culturais. Ao mesmo tempo, isso lhes permitiu manter traços distintivos e preservar o conhecimento sobre as mobilidades de seus respectivos grupos ao longo do tempo. Essas mobilidades foram geradas por fatores internos ou externos, e essa longa duração serve para entender a antiguidade da presença dos povos indígenas na região através da cultura material arqueológica.

A região do Alto Rio Negro, mesmo sendo a menos abundante na Amazônia, apresenta registros dos povos da região que desenvolveram, ao longo de milênios, as formas sofisticadas de interação com o ambiente, com povos indígenas hábeis que desenvolveram práticas de manejo e maneiras de ocupação muito bem adaptadas aos ecossistemas do rio Negro.

Em relação aos petróglifos, é complicado inferir com precisão a etnia ou povo que os produziram. Isto porque se trata de uma cultura material bastante antiga, com cerca de 9 mil anos para a arte pintada e cerca de 3 mil anos para os registros gravados nas rochas. Apesar disso, eles fazem parte do acervo material produzido pelos diferentes grupos indígenas da região, na maior parte constituída por terras indígenas, onde vivem comunidades que possuem um profundo conhecimento e conexão com o meio ambiente, desempenhando um papel fundamental na preservação da natureza e na manutenção da cultura e dos modos de vida tradicionais.

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz N. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. *Estudos avançados*, v. 16, p. 7-30, 2002.

ANDRELLO, G. (Organizador). *Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro*. São Paulo: Instituto Socioambiental; São

Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

ARAÚJO, Sônia Maria. A constituição do sujeito a diversidade (ameaçada) da Amazônia. *Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 1, p. 39-49, 2009.

BALÉE, William. The culture of Amazonian Forest. *Advance in Economic Botany*, 1989, 7:1-21.

BERTAZONI, Cristiana; DOS SANTOS, Eduardo Natalino; FRANÇA, Leila Maria (Ed.). *História e arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais*. Editora UFSC, 2017.

BEZERRA, REBECA NOEMI DE OLIVEIRA. "Percepções ambientais das pessoas frente às mudanças climáticas na cidade de Manaus-AM." *REVISTA GEONORTE* 14.43 (2023).

BMPEG- Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v.4, n. 1, p.171-190, jan.- abr. 2009.

BINFORD, L. Archaeological systematics and the study of culture process. *American Antiquity*, 1965, 31, 203-210.

BINFORD, L. The Archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology*, n.1, p. 05-31, 1982.

BRUMM, Adam et al. Oldest cave art found in Sulawesi. *Science Advances*, v. 7, n. 3, p. eabd4648, 2021.

Bowser, B. From Pottery to Politics: An Ethnoarchaeological Study of Political Factionalism, Ethnicity, and Domestic Pottery Style in the Ecuadorian Amazon. *Journal of Archaeological Method and Theory*, Vol. 7, No. 3, 2000.

BUTZER, K. W. *Arqueología. Una ecología del hombre: método y teoría para un enfoque contextual*. Barcelona: Bellaterra, 1982.

CABALZAR, Aloisio; RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1998.

CABALZAR, A.; RICARDO, B. (Ed.). *Mapa-livro – Povos Indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do Noroeste da Amazônia brasileira*. 3ª edição atualizada. Vários colaboradores. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2006. Disponível em: https://issuu.com/instituto-socioambiental/docs/mapa-livro_rn_2006.

CABALZAR, A. (Org.). *Manejo do Mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste Amazônico*. Vários autores. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010. Disponível em:

http://issuu.com/institutosocioambiental/docs/manejo_do_mundo. Acesso em: 31 mar. 2020.

CARVAJAL, Gaspar de. Descobrimento do Rio de Orellana. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. (trecho entre o rio Negro e Tapajós).

CAVALLINI, Marta Sara. Gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: levantamento e análise gráfica do Sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas. Uma proposta de contextualização. Dissertação, USP, São Paulo, 2014.

CISNEIROS, D. Similaridades e Diferenças nas Pinturas Rupestres Pré-históricas de Contorno Aberto do Parque Nacional Serra da Capivara - PI. Tese defendida na Pós-graduação em Arqueologia da UFPE. Recife, 2008.

Chmyz, Igor, Brochier, Loiola. PROPOSTA DE ZONEAMENTO ARQUEOLÓGICO PARA O MUNICÍPIO DE CURITIBA. Arqueologia, Curitiba, v. 8, p. 35-60, 2004.

COMERLATO, F. As representações rupestres do litoral de Santa Catarina. TESE (Doutorado), Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Ilha de Santa Catarina, 2005.

CORRÊA, M. V. M. As gravações e pinturas rupestres na área do reservatório da UHE-Balbina - AM, 1994, 187f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

CORRÊA, Marcos Vinicius Miranda. Nas Fronteiras do Uatumã: uma Tentativa de Associação Entre Sítios Rupestres e Cerâmicos. GLOBAL ROCK ART. Resumos e Atas Digitais - Abstracts and Digital Actas. Vol.I Congresso Internacional da IFRAO – Piauí / BRASIL, 2009.

COSTA, Fernando. Arqueologia das campinaranas do baixo rio Negro: em busca dos pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central. Tese de Doutorado, MAE/USP, 2009.

CUNHA, Manuela CARNEIRO; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo: NHII-USP: FAPESP, 1993.

CUNHA, Manuela Carneiro (Organizadora); MAGALHÃES, Sônia Barbosa Organizadora; ADAMS, Cristina Organizadora. Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. 2021.

DEBOER, W. R. The Last Pottery Show: System and Sense in Ceramic Studies. In The Many Dimensions of Pottery: Ceramics in Archaeology and Anthropology, edited by A. C. Pritchard, pp. 529-571. Universitaet van Amsterdam, Amsterdam. 1984.

FRANZINELLI, Elena; IGREJA, Hailton. Modern sedimentation in the lower Negro river, Amazonas state, Brazil. Geomorphology, v. 44, n. 3-4, p. 259-271, 2002.

GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, José Teixeira. Novo Dicionário Geológico – Geomorfológico. Rio de Janeiro: Editora Betrand Brasil, 1997.

GUIDON, N. Peintures rupestres de Várzea Grande, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. Cahiers D'Archeologie D'Amérique du Sud 3. 1975. 174 p.

GUIDON, N. Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. Revista Clio–Arqueológica, Recife, n. 5, 1989, p. 5-10.

GUIDON, N; VIDAL, I; SALVIA, E.; FELICE, G.; MELO, P.; BUCO, C. Notas sobre a pré-história do Parque Nacional Serra da Capivara. In FUNDAMENTOS, Recife, v. 2, 2002, p.105-142.

HARTT, Charles Frederico. Contribuição para a Arqueologia do Vale do Amazonas. Archivo do Museu nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1895.

HARTT, C. F. Inscrições em rochedos do Brasil. Revista do Instituto Archeológico e Histórico Pernambucano, Recife, n. 47, p. 301-329. 1895.

HERNÁNDES, et al. Place attachment and place identity in natives and non-natives. Journal of Environmental Psychology 27; 310–319. 2007.

HILBERT, Peter. Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas. Berlin: Dietrich Reimer Verlag. 1968.

HOPKINS, M. J. G. Modelling the known and unknown plant biodiversity of the Amazon Basin. Journal of Biogeography, v.34, n.8, p.1400-1411. 2007.

Instituto Socioambiental (ISA). Rio Negro, Manaus e as Mudanças no Clima. [organização Gustavo Vieira Peixoto Cruz, Saulo Andrade]. -- São Paulo :, 2008. Bibliografia. ISBN 978-85-85994-58-7.

ICOMOS/ICAHM. Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios do Comitê Internacional de Gestão do Patrimônio Arqueológico - ICOMOS/ICAHM. Carta de Lausanne, 1990.

JUNIOR, J. N. C. ARQUEOLOGIA ESPACIAL NO SERIDÓ POTIGUAR: análise e interpretação arqueológica do território na bacia hidrográfica do rio Carnaúba. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 2017.

KATER, Thiago; LOPES, Rafael de Almeida. Braudel nas Terras Baixas: caminhos da Arqueologia na construção de Histórias Indígenas de longa duração. Revista de História (São Paulo), 2021.

KOCH-GRÜNBERG, T. Petróglifos Sul-Americanos. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Sócioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)).

Krzyszczak, Fabio Roberto. AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE E SUAS VISÕES. Vol. 11 – Nº 23 – Janeiro - Junho - 2016.

Lathrap, Donald. W. La Floresta Tropical y El Contexto Cultural de Chavín. In 100 Años de Arqueología en el Perú, edited by R. Ravines. Fuentes y Investigaciones para la

Historia del Perú, 3. Instituto de Estudios Peruanos: Edición de Petróleos del Perú, Lima. 1970b. The Upper Amazon. Praeger, New York. 1970a.

LATRUBESSE, Edgardo M.; FRANZINELLI, Elena. The late Quaternary evolution of the Negro River, Amazon, Brazil: Implications for island and floodplain formation in large anabranching tropical systems. *Geomorphology*, v. 70, n. 3-4, p. 372-397, 2005.

LOTIERZO, Tatiana. Amarrar ressonâncias: considerações sobre desenho e antropologia. *Revista de Antropologia*, v. 65, p. e197963, 2022.

LEAKEY, R.; LEWIN, R. O Povo do Lago - O homem: Suas Origens, Natureza e Futuro. Brasília: UNB, 1996.

LEROI-GOURHAN, A. Arte e Grafismos em la Europa Prehistórica. Madrid, Edições Istmo, 1983.

_____. O gesto e a palavra² – memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1965.

_____. Préhistoire de l'art occidental. Paris, 1965.

LIMA, Helena Pinto et al. História das caretas: A tradição borda incisa na Amazônia central. 2008.

MARCON, Jaydione, MENIN, Marcelo, ARAÚJO, Maria, HRBEK, Tomas (Organizadores). Biodiversidade Amazônica: caracterização, ecologia e conservação. EDUA, Manaus, 2012.

MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 4. ed. Atual, 2005.

MACHADO, J. S. Dos artefatos às aldeias: os vestígios arqueológicos no entendimento das formas de organização social da Amazônia. *REVISTA DE ANTROPOLOGIA*, SÃO PAULO, USP, 2006, V. 49.

MEGGERS, Betty J. Climatic oscillation as a factor in the prehistory of Amazonia. *American Antiquity*, v. 44, n. 2, p. 252-266, 1979.

MEGGERS, B. J. América Pré-Histórica. Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 1979.

MEGGERS, B. J. AMAZÔNIA a ilusão de um paraíso. Editora: USP, São Paulo, 1987.

MEGGERS, B. J. "Reconstrução do movimento locacional pré-histórico na Amazônia", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, NS, Antropologia, vol. 6(2): 183-203. Belém-PA, 1990.

MEGGERS, B. Prehistoric Population Density in the Amazon Basin, in VERANO, J. & UBERAKER, D. (eds.), *Disease and Demography in the Americas*, Washington DC, Smithsonian Institution Press, pp. 197-205. 1992.

MARCON, Jaydione, MENIN, Marcelo, ARAÚJO, Maria, HRBEK, Tomas (Organizadores). Biodiversidade Amazônica: caracterização, ecologia e conservação. EDUA, Manaus, 2012.

MORÁN, Emilio. A Ecologia Humana das populações da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1990.

NEVES, Eduardo Góes. O velho e o novo na arqueologia amazônica. Revista Usp, n. 44, p. 86-111, 1999.

NEVES, E. ARQUEOLOGIA DA AMAZÔNIA. Editora: Zahar. São Paulo, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. Tradição oral e Arqueologia na história indígena no alto rio Negro. Amazônia além dos 500 anos, 2006.

Neves, Eduardo Góes. Sobe os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central. (6.500 AC - 1.500 DC). (Tese apresentada para Concurso de Título de Livre-Docente). Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo, 360 f, 2012.

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. Ubu Editora, 2022.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico. Instituto brasileiro de geografia e estatística, 1981.

NIMUENDAJÚ, Curt. Excursões pela Amazônia. São Paulo: Rev. Antropol. vol. 44 n.º 2, 2001.

ONO, Maristela. *Design e Cultura: sintonia essencial*. Curitiba: Edição da Autora. 2006.

PARDINI, Patrick. Natureza e cultura na paisagem amazônica: uma experiência fotográfica com ressonâncias na cosmologia ameríndia e na ecologia histórica. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, p. 589-603, 2012.

PESSIS, A-M. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. Revista Clio – Arqueológica. Recife, n. 8, 1992, p. 35- 68.

PESSIS, A-M. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. Revista Clio–Arqueológica., Recife, n. 9, 1993, p. 7-14.

PESSIS, A-M. Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil. CLIO arqueológica, n.15, vol. 1. p. 29 – 44. Recife, 2002.

PESSIS, A-M. Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire; Images from Pre-History. 2ª edição ampliada e atualizada. Fumdam Ed. São Paulo 2013, 320 p. il. color.

PEREIRA, E. As gravuras e pinturas rupestres no Pará, Maranhão e Tocantins - Estado atual do conhecimento e perspectivas. 1990. 145f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.

PEREIRA, E. Las pinturas y los grabados rupestres del noroeste de Pará - Amazônia - Brasil. 1996. 506f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia e Pré-História, Universidade de Valencia, Valencia, 1996. 2. v.

PEREIRA, E. Arte rupestre na Amazônia – Pará. São Paulo: Unesp; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.

PEREIRA, Edithe. Arte rupestre e cultura material na Amazônia brasileira. 2010.

PEREIRA, Edithe da Silva; MORAES, Claide de Paula. A cronologia das pinturas rupestres da Caverna da Pedra Pintada, Monte Alegre, Pará: revisão histórica e novos dados. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 14, p. 327-342, 2019.

PIRES, J. M.; PRANCE, G. T. The vegetation types of brazilian Amazon. In.: PRANCE, G. T.; LOVEJOY, T. E. (Eds.), *Key Environments: Amazonia* Oxford, England: Pergamon Press, 1985. p. 109-145.

PORRO, Antonio. O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica. Petropolis, Editora Vozes, 1996.

PRANCE, G. T.; LOVEJOY, T. E. *Key Environments: Amazonia* Oxford, England: Pergamon Press, 1985. 456p.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

RENFREW, C. e ZUBROW, E. B. W. (Org.) *The ancient mind: elements of cognitive archaeology (new directions in archaeology)*. 1994. 190 p.

RIBEIRO, Berta G. - ARTE INDÍGENA, LINGUAGEM VISUAL. São Paulo: 1989.

RIBEIRO, Berta. Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo. São Paulo: Edusp, Companhia das Letras. 1995.

ROCHA, Antônio Penalves. F. Braudel: tempo histórico e civilização material. Um ensaio bibliográfico. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 3, p. 239-249, 1995.

ROOSEVELT, A. C. Sociedades Pré-históricas do Amazonas Brasileiro. In: BRASIL, nas vésperas do Mundo Moderno. Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1992b, p. 17-45. il.

SANCHIDRIÁN, José Luis et al. *Manual de arte prehistórico*. 2001.

SANTOS-GRANERO, Fernando. Writing history into the landscape: space, myth, and ritual in contemporary Amazonia. *American ethnologist*, v. 25, n. 2, p. 128-148, 1998.

SANTOS JÚNIOR, V. 2008. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. *Revista Fundamentos*, v.1(7),516-528.

SANTOS JÚNIOR, V. Arqueologia da paisagem: proposta geoambiental de um modelo explicativo para os padrões de assentamentos no Enclave Arqueológico Granito Flores. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, Tese, 2013.

SANTOS, Silvana. UM POUCO SOBRE O UNIVERSO SAGRADO BANIWA. BELÉM-PA | ANO 3 | N.5 | JAN-JUN 2017.

SARMENTO, Francisco. O Alto Rio Negro indígena em mais de dois mil anos de história. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 11, n. 2, 2019.

Schlanger, S. (1992). *Recognizing Persistent Places in Anasazi Settlement Systems*. In: Rossignol & Wandsnider. *Space, Time, and Archaeological Landscapes*, (pp. 91-112). New York and London: Plenum Press.

Scolfaro, Aline , Gita de Oliveira, Natalia Hernández e Silvia Gómez (organizadores). Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia / Primeiro informe de avanços (Brasil/Colômbia. Vários colaboradores. Brasil (São Gabriel da Cachoeira e São Paulo) Colombia (Leticia, Mitú y Bogotá), 2014.

SCOLFARO, Aline (Organização). Povoado indígena de Iauaretê perfil socioeconômico e atividade pesqueira. Instituto Socioambiental, FOIRN, São Gabriel da Cachoeira, 2017.

SCOLFARO, Aline, DIAS, Carla (Organização). Plano de Gestão Indígena do Alto e Médio Rio Negro. Ilustração Feliciano Lana. 1. ed. -- São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2021.

SILVA, L. de S. Padrões de apresentação das cenas coletivas de violência humana nas pinturas rupestres pré-históricas da área arqueológica do parque nacional Serra da Capivara-PI. Recife, 2012. 135 f.

SILVA, C, A. A dinâmica do uso da terra nos locais onde há sítios arqueológicos: o caso da comunidade cai n'água, Manaquiri-AM. Mestrado (153p), CCA-UFAM, Manaus, 2010.

SILVA, C, A. ÁREA DE INTERFACE CERAMISTA PRETÉRITA: A COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA JOSÉ ALBERTO NEVES. Tese (211p), UFAM, Manaus, 2016.

SILVA-MENDES, G.L. Caçadores coletores na serra de Paranapiacaba durante a transição do Holoceno médio para o tardio (5920 a 1000 anos A.P.). 2005. 503f. 2v. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE/USP. São Paulo. 2007.

STAMPANONI, Fillippo B. A maloca Saracá: uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa. 2016. Tese de Doutorado. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

SOUZA, Antonio Gilmar. Petrografia e Geoquímica do Batólito Granítico São Gabriel da Cachoeira, Província Rio Negro (AM). Dissertação, Pós-Graduação em Geociências – UFAM, Manaus, 2009.

VALLE, R. Gravuras Pré-históricas da Área Arqueológica do Seridó Potiguar/Paraibano: Um Estudo Técnico e Cenográfico. Dissertação de mestrado em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003.

VALLE, R. Mentas Graníticas e Mentas Areníticas Fronteira Geo-Cognitiva nas Gravuras Rupestres do Baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional. Tese, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, USP. São Paulo, 2012.

VIDAL, L. (Org.). Grafismo Indígena: Estudos de antropologia estética. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

VILLAVARDE, V. La cova dels cavales en el barranc de la valltorta. Monografia Del Instituto de arte. Museu de la valtona, 2002.

VIRTANEN, P.K. Constancy in continuity? Native oral history, iconography and earthworks on the upper Purús River. *In* Eds. HORNBORG, A.; HILL, J.D. Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics and ethnohistory. University of Colorado Press, Boulder, pp. 279-296, 2011.

CAPÍTULO 3

3. DOS LUGARES COM PETRÓGLIFOS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM, ALTO RIO NEGRO, AMAZÔNIA

*“O passado não reconhece seu lugar:
está sempre presente.”*

Mario Quintana

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma descrição dos lugares com petróglifos em São Gabriel de Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia, detalhando suas características locacionais, inserção (escolha) na paisagem e dos modelos de representações de sinalizações gráficas. Nesta pesquisa foram listados trinta e quatro **lugares e**, tendo em vista a importância de estudos iniciais ligados ao tema, consideramos que esse quantitativo é bastante significativo para identificar de forma amostral modelos de representação dos petróglifos. Os lugares são de produção de tecnologias/ferramentas de pedras (oficinas líticas) e de representações de desenhos (grafismos geométricos, reconhecíveis e não reconhecíveis) ligados ao mundo simbólico dos povos que ocuparam e ocupam a região há milênios.

Palavras-Chaves: Lugares, Arte Rupestre/Petróglifos, Alto Rio Negro, Amazônia.

São Gabriel da Cachoeira⁵⁸, no Alto Rio Negro, é um dos municípios brasileiros com as paisagens mais exuberantes. Dentro dos limites territoriais desse município, os conhecimentos (saberes) ameríndios desdobram-se e se unem aos lugares,

⁵⁸ A região do Rio Negro apresenta um dos seus primeiros registros de povoamento colonizador em 1657, pelos jesuítas, quando fundaram, na foz do rio Tarumã, um dos primeiros aldeamentos indígenas. Em 1668, o Franciscano Frei Teodósio e o Capitão Pedro da Costa fundaram uma povoação à margem do Rio Negro, nas proximidades da foz do rio Aruím. Por volta de 1695, chegaram os missionários carmelitas ao Rio Negro, onde foram criados vários povoados. Em 1759-60, estabeleceu-se na região um destacamento militar, que constrói o forte de São Gabriel. Forma-se em torno dele uma povoação reconhecida em 1833, com o nome de São Gabriel que está datado em 25.06.1833, e em seguida foi elevada à sede de Freguesia e depois à condição de cidade com a denominação de São Gabriel, pelo Decreto-Lei Estadual nº 68, de 31-03-1938. Em 1968, pela Lei Federal no. 5.449, o município é enquadrado como Área de Segurança Nacional. Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído de **4 distritos: São Gabriel da Cachoeira, Cacui, Içana e São Felipe**. As primeiras descrições da região do Alto Rio Negro e seus recursos, remontam à passagem da expedição de Pedro Teixeira em 1639, pelo seu cronista, o padre jesuíta espanhol Cristóbal de Acuña. Ao final desse século, em 1695, missionários carmelitas venciam as corredeiras para catequizar os indígenas do rio Uaupés, do rio Tiquié e do rio Içana, alargando os domínios da Coroa Portuguesa até as fronteiras com as atuais Colômbia e Venezuela. Em consequência do Tratado de Madrid (1750), e do estabelecimento da Capitania de São José do Rio Negro (1755), com a finalidade de controlar os descimentos indígenas e de delimitar os domínios de Portugal na região, foram organizadas diversas expedições para patrulhar e fortificar o Alto Rio Negro, no entanto a história da região é antiquíssima. WRIGHT, Robin M. História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro. 2005.

paisagens, circuitos e trajetos enquanto inscrições espaciais e temporais. Estes apresentam os seus modos de vida em conexão com a natureza/cultura e a diversidade na Amazônia, podendo ser observado por meio das evidências das sinalizações nas rochas. Estes sinais ocorrem desde a linha de praia urbana de São Gabriel, ao longo dos Rios Içana, Itapinima, Uaupés, passando por Ipanoré, Urubuquara, Iauareté, Pari-Cachoeira, Santa Rosa, Caruru; além de muitos outros lugares ao longo das cachoeiras dos pedrais e das beiras do Rio Negro e os seus afluentes.



Figura 43: **Vista de São Gabriel da Cachoeira, AM.** Foto: Luciano Souza, campo, outubro de 2022.

Tendo em vista a extensão da imensidão do mundo amazônico, além dos desafios, dificuldades⁵⁹ de acesso a determinados locais, buscamos otimizar as fontes de coletas de informações (dados) de localização, imagética e contextual. E, como já mencionado na abordagem metodológica, elas foram realizadas a partir de pesquisa bibliográfica⁶⁰, de campo⁶¹ (realizado pelo autor da pesquisa em outubro de 2022, indo de Barco do Porto de Manaus até São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro) e

⁵⁹ Dificuldades também ligadas as questões de tempo, de recursos materiais e financeiros.

⁶⁰ Artigos, livros, teses e dissertações de diferentes áreas (Arqueologia, Antropologia, História, Geologia etc).

⁶¹ Levantamento de campo, realizado pelo autor da pesquisa em outubro de 2022.

dados do CNA-IPHAN⁶² (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), além de outras⁶³ fontes de dados públicos na internet⁶⁴.

É importante ressaltar que, desses lugares levantados nesta pesquisa, em pouco mais da metade (53%), existem fontes com menções de bases bibliográficas, seguidas de informações de campo (28%), do CNA-IPHAN (13%), além de outras fontes (6%) (de dados públicos na internet). As origens dos dados se intercalam e se complementam, contribuindo para o levantamento quantitativo e qualitativo de dados (Vide Gráfico 1, 2 e mapas abaixo).

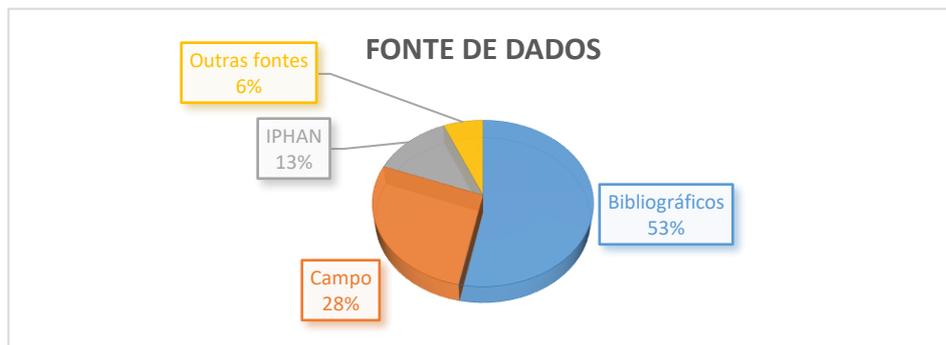


Gráfico 1: Fonte da proveniência das **informações** dos lugares com petróglifos em SGC-ARN.

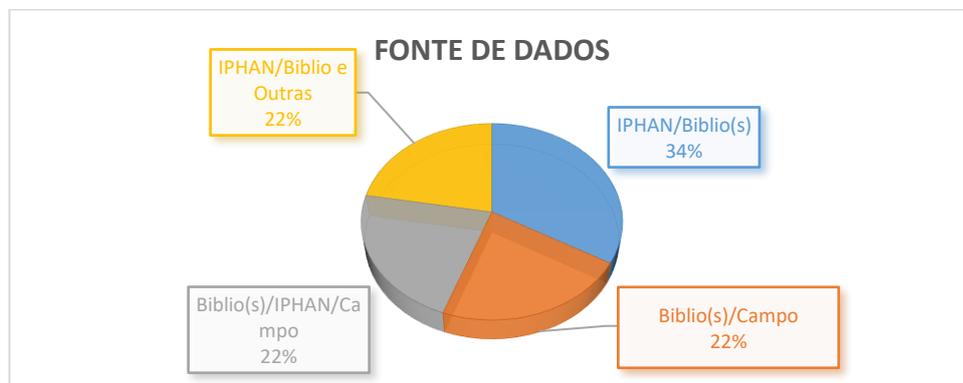


Gráfico 2: Fonte das **informações** que **intercalam** dos lugares com petróglifos em SGC-ARN.

Os dados possibilitaram trazer informações das características locais, paisagísticas e dos seus modelos gráficos de sinalizações dos suportes rochosos. Procuramos otimizar a organização das descrições de cada lugar, priorizando a geração de dados **quantitativos e qualitativos** para contribuir no desenvolvimento do capítulo subsequente, **capítulo 4**, que tratará dos **resultados e discussões** da

⁶² Lista de Sítios Arqueológicos cadastrados no CNA-IPHAN, relatórios e publicações ligadas ao órgão citado envolvendo o patrimônio material e imaterial da região.

⁶³ Documentários, entrevistas, artigos, reportagens e postagens disponíveis na internet.

⁶⁴ <https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/manifesto-pede-protacao-a-lugares-sagrados-indigenas-e-sitios-com-arte-rupestre-na-america-do-sul>; <https://brasiliarios.com/cultura/2083-romulo-andrade-expoe-memorias-dos-rios-lugares-sagrados>; https://www.youtube.com/watch?v=nM4Q_2o7TU

pesquisa que trata dos Petróglicos Ameríndios: **Ambiente, Cultura Material e os Modelos dos Petróglicos Ameríndios** Pré-Colombianos em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia (SGC-ARN).

A seguir são apresentados os lugares, as características gerais e descrições do petróglicos em SGC-ARN.

Tabela 2: Lugares com Petróglicos em SGC-ARN

Número	Lugar/Sítio Arqueológico	SIGLA	Localidade
1	Aquidabam I	Aqui I	Área rural - Camanaus SGC
2	Aquidabam II	Aquil I	Área rural - Camanaus SGC
3	Aquidabam III	Aqui III	Área rural - Camanaus SGC
4	Pedral I	PI	Orla SGC
5	Pedral II	PII	Orla SGC
6	Pedral III	PIII	Orla SGC
7	Pedral IV	PIV	Orla SGC
8	Mangueira Canal ou Pedral V	MCPV	Orla SGC
9	Pedral VI Morro da Fortaleza	PVIMF	Morro da Fortaleza SGC
10	Cabari I	CAb I	Comunidade Cabari
11	Cabari II	CAb II	Comunidade Cabari
12	Cabari III	CAb III	Comunidade Cabari
13	Sítio Acará	SAca	Comunidade Acará
14	Sítio Itapinima	SIta	Comunidade Itapinima
15	Petroglifos Pari-Cachoeira	PPC	Comunida Pari Cachoeira
16	Cachoeira de Ipanoré	CIpa	Comunidade Ipanoré
17	Cachoeira de Iauarete (Onça)	CI (Onça)	Povoado de Iauarete
18	Petróglicos Cachoeira do Caapi	PCCa	Caapi
19	Petróglicos Cachoeira do Tunuí	PCTun	Cachoeira Tunuí-Seringa
20	Petróglicos Porto da Escola Baniwa/Pamáali	PPEBP	Porto Escola Baniwa
21	Petróglicos Cachoeira de Jurupari	PCJu	Cachoeira do Jurupari
22	Pedral da Cachoeira Siuci	PCS	Comunidade de Siuci
23	Petróglicos Cachoeira de Matapi-Buya	PCMB	Matapi-Buya
24	Petróglico Cachoeira de Cabeçudo	PCab	Cabeçudo
25	Petróglicos de Camanaus	PCam	Camanaus Colômbia
26	Petróglicos de Jandu Cachoeira	PJC	Jandu Cachoeira
27	Petróglicos Tucumã	PTucu	Tucumã do Içana
28	Petróglicos Coro-coró	PCoCo	Coro-coró
29	Petróglicos Maçarico	PMa	Comunidade de Maçarico
30	Petróglicos Camarão	PCama	Comunidade de Camarão
31	Petróglicos Cachoeira Hipana Ou Uapui	PCH	Hipana
32	Petróglico Santa Rosa do Uaupés	PSRu	Santa Rosa do Uaupés
33	Petróglico Cachoeira Pinu Pinu (Urubuquara)	PCPP	Pinu Pinu (Urubuquara)
34	Petróglico Caruru Cachoeira	PCaruc	Caruru

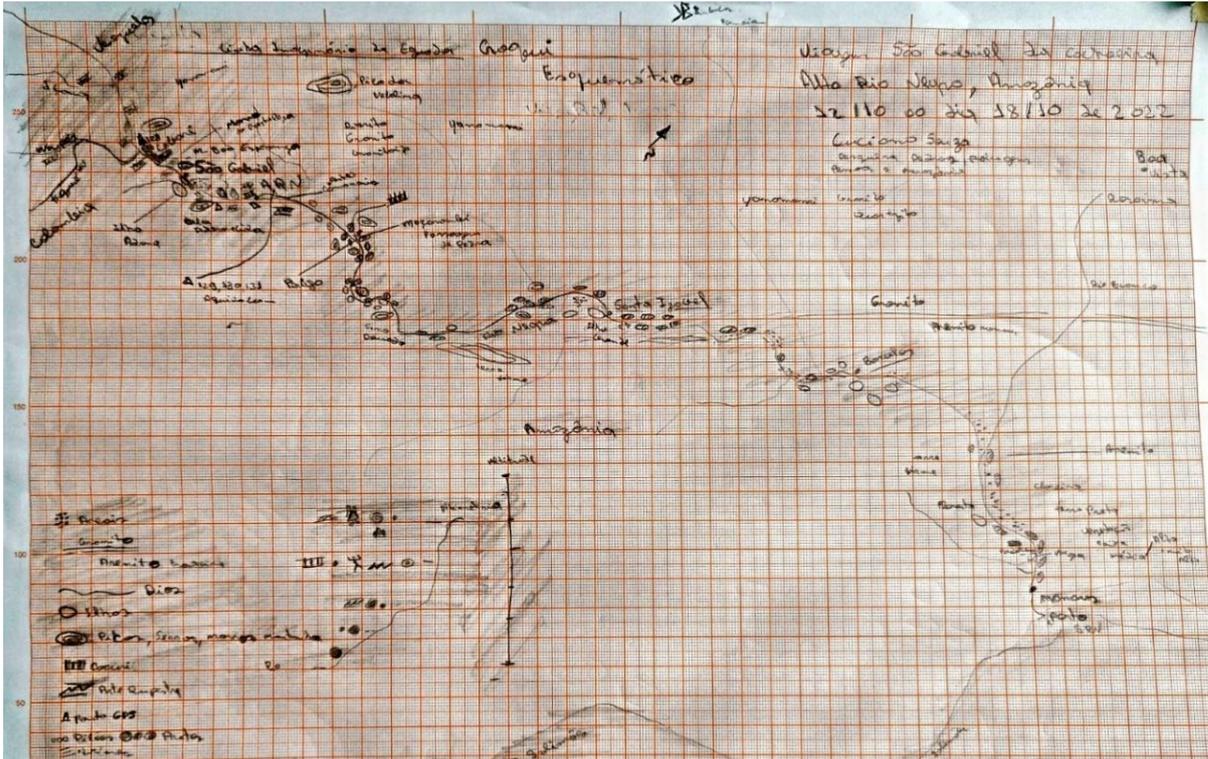


Figura 44: Croqui de campo dos lugares com Petroglifos em SGC, AM. Luciano Souza, outubro de 2022.

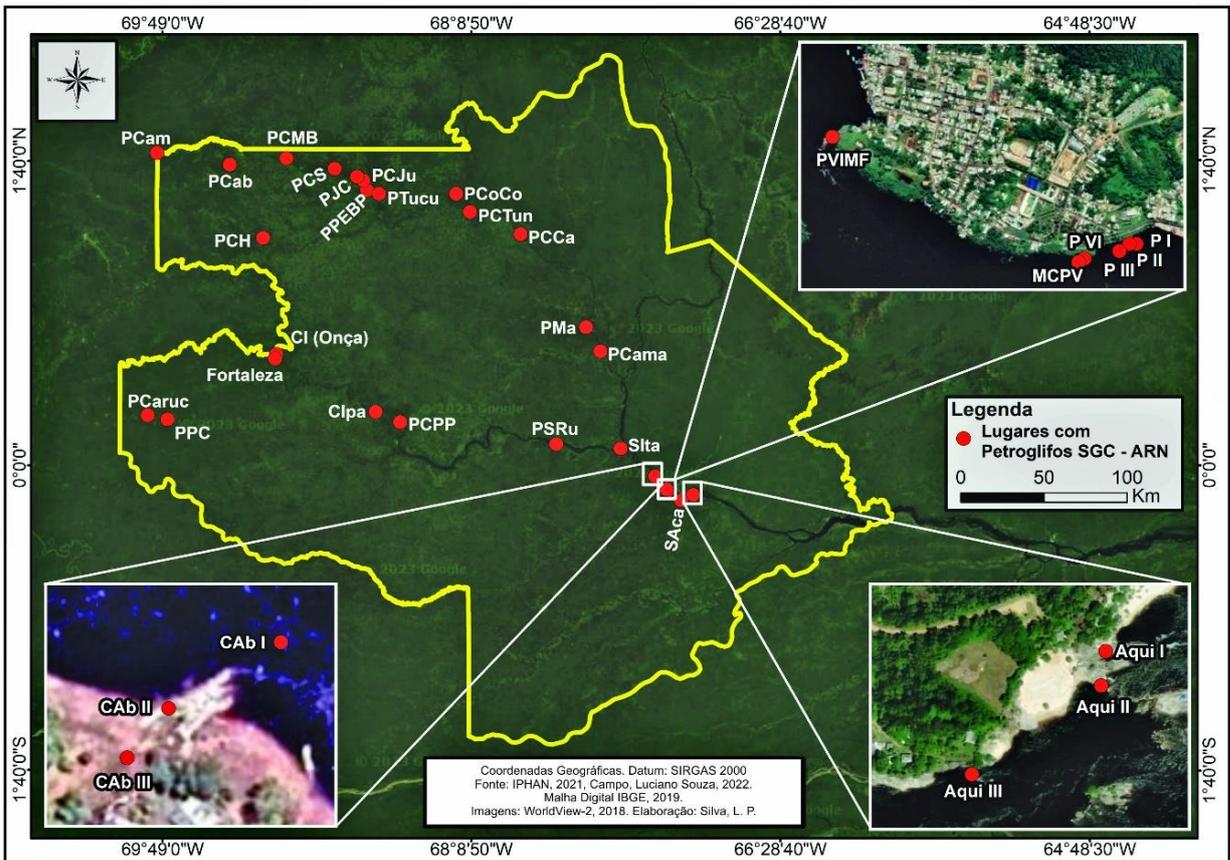
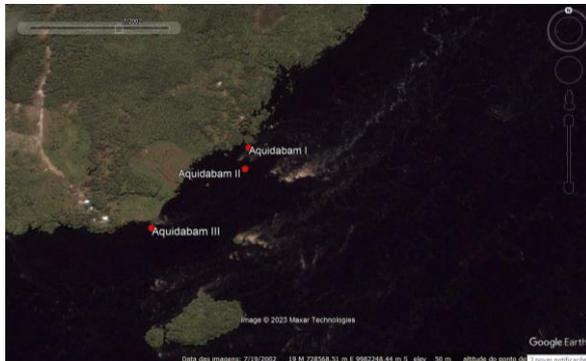


Figura 45: Localização e distribuição de Sítios Arqueológicos com Petroglifos em São Gabriel da Cachoeira, AM. Vide a tabela (Lugares com Petroglifos em SGC-ARN) anterior com as siglas com os nomes dos lugares com petróglifos.

3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS LUGARES COM PETRÓGLIFOS

Os lugares estão situados ao longo dos cursos d'água e, tendo em vista a dinâmica hidrográfica, eles têm momentos de alta visibilidade. Estes ocorrem no período da baixa do nível das águas (período de seca⁶⁵), enquanto a pouca ou nenhuma **visibilidade** ocorre durante a elevação do nível das águas (período de cheias). Logo, podemos afirmar que seja incomensurável a dimensão das sinalizações rochosas da região, de modo que essa pesquisa vem a contribuir para uma impressão da dimensão do fenômeno gráfico rupestre dentro das especificidades ambientais da região e de cada lugar.



Vista do Balneário Aquidabam. Elevação do nível da água (cheia) cobrindo os pedrais com sinalizações rupestres no Aquidabam I, II e III. Fonte: Google Earth, Imagem de satélite de julho de 2002.



Vista do Balneário Aquidabam. Baixa do nível da água (seca) ficando visível os pedrais com sinalizações rupestres no Aquidabam I, II e III. Fonte: Google Earth, Imagem de satélite de novembro de 2019.



Vista da Orla de São Gabriel da Cachoeira. Baixa do nível das águas (seca), ficando visível os pedrais com sinalizações rupestres, Pedrais I, II, III, IV e V. Fonte: Google Earth, Imagem de satélite de julho de 2002.



Orla de São Gabriel da Cachoeira. Elevação do nível das águas (cheia), Pedral VI, Morro da Fortaleza. Fonte: Google Earth, Imagem de satélite de julho de 2020.

Figura 46: Mostra da vista de Satélite dos lugares com Petróglicos SGC-ARN-AM

⁶⁵ Atualmente ocorre nos meses de outubro, novembro e dezembro.

No entorno de alguns petróglifos existem evidências de material cerâmico, ferramentas líticas e Terra Preta de Índio (TPI). Há atividades de roçado para plantação, de lazer (local de banhos, relaxamento, contemplação e atividades esportivas...), de pesca, sendo identificados nas proximidades estações de cacuri⁶⁶ ou de espinhel⁶⁷, importantes⁶⁸ na captura de peixes como: aracus, traíras, carás, dentre outras espécies.

Nesta paisagem, os afloramentos rochosos com petróglifos ocorrem em blocos⁶⁹ e matacões⁷⁰ do tipo granítica gnáissicas⁷¹ com colorações que variam entre rochas graníticas cinza escuro, cinza avermelhado escuro e granítico gnáissica branco acinzentado. Em alguns lugares a vegetação é baixa, arbustiva e apresenta sinais de manejo por ribeirinhos. Nestes, as espécies frutíferas brilham quando os ventos balanceiam suas folhas sob a luz solar intensa, sendo algumas das espécies presentes o Açaí (*Euterpe oleracea* Engel), com plantas distribuídas entre os quintais e nas encostas do rio; as Bacabas (*Oenocarpus bacaba* Mart.), encontradas nas áreas de mata baixa ou de capoeira; o Ingá Xixi (*Inga capitata*), com plantações próximas das casas ou nas encostas; os Buritis (*Mauritia flexuosa*), observados nos quintais e nas áreas de encostas; as Mucuracaás (*Petiveria alliacea*), plantadas entre as casas e próximos dos lugares de queimas de resíduos sólidos; e o Cumaté (*Chaetocarpus echinocarpus*), com plantios próximos à praia e da encosta dos rios.

A maioria das famílias⁷² possuem roçados nos quais a mandioca é cultivada para produção de farinha de tapioca, beiju, tapioca de goma, tucupi e curada. As frutas regionais mais cultivadas são: banana, açaí, cupuaçu, limão, pupunha, cana, mamão, manga, jambo, ingá, cubiu, abiu, batata, cará, cucura, abacaxi, abacate, maracujá, dentre outras.

⁶⁶ Armadilhas de pesca (cacuri) instaladas nas bases ou entre as rochas em locais estratégicos aos longos dos cursos dos rios da região. Na Cachoeira da Onça, onde tem Cacuri, além de ser considerado Patrimônio Cultural do Brasil, é também um lugar sagrado para os povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri. (Livros, Rotas de Transformação, 2012).

⁶⁷ Instrumento confeccionado de madeira com formato triangular cuja as laterais de 3 a 4 metros de comprimento, tecidos de fibras de palmeira peidas por cipós ou embira.

⁶⁸ Foram observados, tanto na margem, quanto nas ilhas, destaque como um observado na Ilha de Adana, lugar importante para a história, memória e as visões míticas dos moradores da região.

⁶⁹ Fragmentos de rochas cujos diâmetros são superiores a 500 mm e em diferentes formatos, GUERRA, A. T.; GUERRA, J. T. (1997).

⁷⁰ Bolas de rochas compactas, *Boulder*, bolas rochosas, geralmente originadas pelos efeitos térmicos acompanhados dos fenômenos de hidratação. GUERRA, A. T.; GUERRA, J. T. (1997).

⁷¹ Souza, 2009, Rodrigues, 2016.

⁷² Entre a vazante e a cheia do rio há uma mudança nos hábitos alimentares, pois, especialmente na estiagem (meses agosto, setembro, outubro) quando o nível das águas do Rio Negro tende a estar mais baixo, provocando a seca dos igapós, igarapés, lagos e rios e a conseqüente diminuição acentuada de peixes, alimento básico das comunidades.

As famílias coletam a mandioca e outros tubérculos como o cará, bem como banana, abacaxi e outras frutas. As moradias são construídas de madeira, com cobertura de caraná ou alumínio. Caraná (palmeira-leque-do-rio-negro) é uma palha existente na floresta. Além do material utilizado do próprio território, são utilizados também diversos materiais adquiridos na cidade como zinco (telha de alumínio), brasilit⁷³ (fibrocimento), prego, cimento, tijolo, dobradiças, caixa de água, massa corrida, cerâmicas, ferro, entre outros.

Os principais meios de transporte utilizados são: canoa (iita⁷⁴) canoinha (iteeni) bongo (iita makayali), bote (tipalaya), motor de popa (tipala idenaakada paawa), motor rabeta (tipala keettipidal iidenaakada paawa) e barco (paakaroya oonirico). Os meios de transportes servem para as famílias se deslocarem para outras comunidades, sítios, cidade sede e cidades vizinhas como Santa Isabel e Barcelos, e realizar visitas a parentes nos países vizinhos como Colômbia e Venezuela (Scolfaro, Dias, 2021).



Vista dos Pedrais do Balneário Aquidabam. Fonte: Luciano Souza, campo, outubro de 2022.



Vista do Cacuri Instalado nos Pedrais no Curso do Rio Negro, Balneário Aquidabam. Fonte: Luciano Souza, campo, outubro de 2022.



Vista do Cacuri Instalado no Curso do Rio Negro, Sítio Acará. Fonte: Luciano Souza, campo, outubro de 2022.



Imagem da Direita Cacuri, armadilha de pesca dos povos indígenas do rio Negro, instalada nas pedras da cachoeira de Ipanoré Foto: Aloisio Cabalzar/ISA, site: <https://medium.com/hist%C3%B3rias-socioambientais/mapeando-lugares-sagrados-e-paisagens-da-terra-ind%C3%ADgena-alto-rio-negro-amaz%C3%B4nia-97865f9a4994>.

Figura 47: Múltiplas Vistas

⁷³ Essas telhas são proibidas por causa do amianto, porém, ainda existem.

⁷⁴ As palavras em parênteses são escritas em língua Baniwa. (Scolfaro, Dias, 2021).



Figura 48: Vista do Cacuri Instalado no Curso do Rio Negro, Ilha de Adana.
Fonte: Luciano Souza, campo, outubro de 2022.

Os lugares com sinalizações nas rochosas podem ser divididos em duas categorias de atividades, uma para produção de tecnologias/ferramentas de pedras (*Art of stone-implement making*) e de desenhos (*Art of rock engraving*) ligados as representações simbólicas/cognitivas.

3.2 LUGARES E DESCRITORES DOS PETRÓGLIFOS

3.2.1 AQUIDABAM I, II E III

Os sítos Aquidabam I, II e III estão localizados na área rural de São Gabriel da Cachoeira, no Balneário do Aquidabam, com acesso por terra, através da estrada de acesso ao porto de Camanaus. E também de barco, pelo percurso natural das águas do Rio Negro. Eles estão na margem esquerda (Direção leste-oeste de quem está vindo de São Gabriel da Cachoeira).

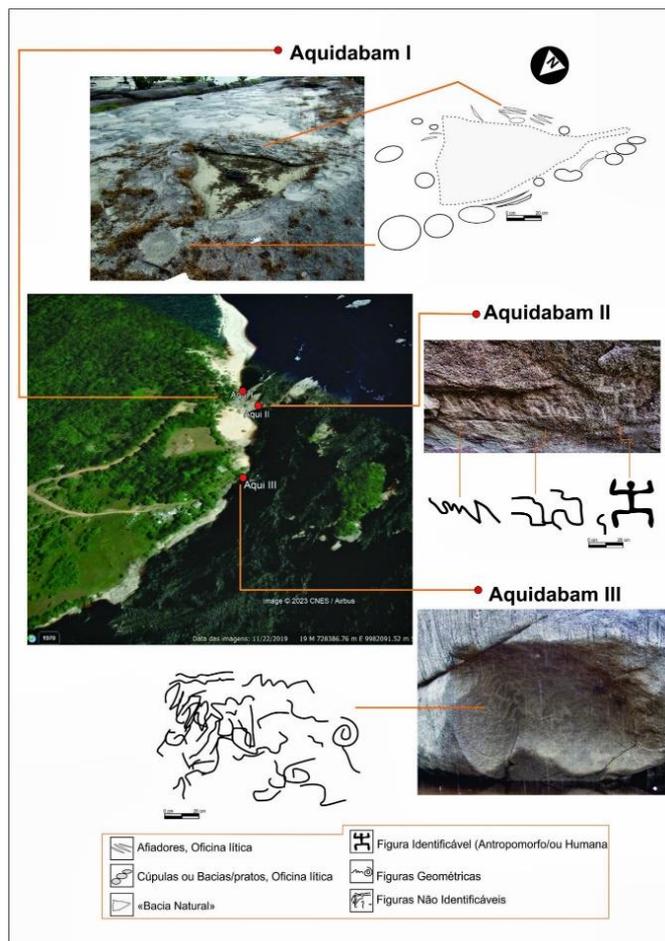


Figura 49: Croqui esquemático do Aquidabam I, II e III.

O **Aquidabam I**⁷⁵ é uma área a céu aberto de afloramentos de rochas graníticas cinza escuras, apresentando elementos que indicam ser uma área de produção (*design*) de tecnologias de pedra, oficina lítica, por meio das técnicas de polimento/abrasiva, picoteamento (percussão direta) e incisão na rocha.

Aproximadamente quinze cúpulas/bacias circulares e semicirculares existem nestas áreas, além de doze amoladores/afiadores (em formato de canoas) para projeção de instrumentos, como lâminas de machados, mãos de pilões e afiação de gumes de machados, entre outras atividades.

Em meio às cúpulas/bacias circulares e aos afiadores, uma **“Bacia Natural”** com um formato triangular (1,60 cm x 1,36 cm x 60 cm) com um canal estreito em uma das extremidades (tipo um funil) foi observada, indicando ser um recipiente para armazenamento de água para produção das ferramentas de pedra. E, talvez, também

⁷⁵ Localiza-se na Zona 19 M da UTM E 728471 e UTM N 9982324, altimetria 51⁷⁵ m em relação ao nível do mar.

para preparo de sucos ou caxiris, ou atividades diversas, ligadas a vida cotidiana dos grupos humanos indígenas.

As cúpulas/bacias circulares e semicirculares, as dimensões variam entre 41 cm (comp.) x 39 (lag.) e 21 cm (comp.) x 19 cm (larg.) respectivamente. Os afiadores têm máxima de 27 cm de comprimento e 8 cm de largura, as morfologias geralmente são semilunares ou em formatos que lembram barcas.



Figura 50: Vista do Aquidabam I, área de produção de tecnologias de pedra, **Oficina Lítica**. **Fonte:** Luciano Souza, campo, outubro de 2022.



Figura 51: Detalhe das sinalizações na rocha do Aquidabam I. Indica ser uma área de oficina lítica, **polidores e afiadores** para projeção (*design*) de ferramentas rochosas. **Fonte:** Luciano Souza, campo, outubro de 2022.

O **Aquidabam II**⁷⁶ está a 60 metros de distância do Aquidabam I. É um abrigo de difícil acesso, pois está em área de afloramento de blocos de rochas graníticas cinza avermelhado escuro, posicionado diretamente no curso da água do rio. Assim ele passa diretamente por alagamentos, ficando periodicamente sem visibilidade, tanto o suporte rochoso, quanto a arte rupestre observada nesse local.

Este abrigo tem uma abertura em direção ao sudoeste, com uma área de produção de desenhos envolvendo o mundo simbólico e cognitivo dos seus autores. Neste, duas figuras não identificáveis (sem reconhecimentos), uma em linhas sinuosas ou em ziguezague e uma figura antropomórfica foram encontradas. O

⁷⁶ Localiza-se na Zona 19 M da UTM E 728465 e UTM N 9982278 com altimetria 50 m em relação ao nível do mar.

suporte rochoso está levemente na diagonal e os desenhos modelados foram realizados por técnica de picoteamento. As espessuras dos traços dos desenhos são entre 1 mm e 3 mm. O tamanho da figura antropomórfica é de 31 cm (comp.) x por 21 cm (larg.). As figuras geométricas e não identificadas (não reconhecíveis) têm tamanhos proximais entre 10 cm e 30 cm.

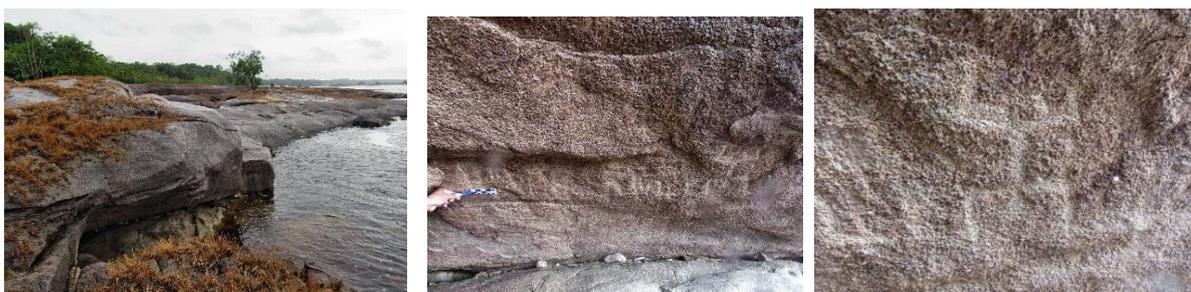


Figura 52: Vista do **Aquidabam II** e detalhes das sinalizações na rocha. **Fonte:** Luciano Souza, campo, outubro de 2022.

O **Aquidabam III**⁷⁷ localiza-se a 200 metros de distância do Aquidabam II, em uma área de afloramento de blocos e matacões de rochas graníticas cinza escuro, instalado diretamente no curso da água do rio. Deste modo, ele passa diretamente por alagamentos.

O local é um abrigo em formato côncavo com abertura em direção ao oeste. arte rupestre é de pouca visibilidade devido ao desgaste natural realizado pela pressão das correntezas das águas, que prejudicaram a sua preservação ao longo do tempo. O suporte está levemente na diagonal. A concavidade tem um formato de concha e os desenhos foram realizados por técnica de picoteamento e abrasão.

Uma mancha gráfica está presente na base de uma rocha, onde foram identificadas figuras não reconhecíveis⁷⁸ e geométricas, com linhas sinuosas ou em ziguezague e figuras em **espiral**. Este conjunto é composto por aproximadamente onze figuras, com espessuras dos traços entre 2 e 3 mm; os tamanhos variam de 10 cm a 30 cm. As figuras de difícil identificação lembram a representação de um mapa (caminhos) ou de algum tipo de carimbo.

⁷⁷ Localiza-se na Zona 19 M da UTM E 728293 e UTM N 9982159, altimetria 51 m em relação ao nível do mar.

⁷⁸ Pelos referenciais limitados do mundo cognitivo do observador (Pesquisador).



Figura 53: Vista do **Aquidabam III** e detalhe do suporte rochoso com sinalizações na rocha. **Fonte:** Luciano Souza, campo, outubro de 2022.

3.2.2 Dos Pedrais da Orla de SGC⁷⁹, Pedral I, II, III, IV, V e VI

Além das areias esbranquiçadas e um assoalho rochoso, os blocos rochosos de base granítica gnáissica branco acinzentado ocorrem ao longo da orla de SGC. Neste trajeto⁸⁰, seis locais indicam ser áreas de produção (*design*) de tecnologias de pedra (*Art of stone-implement making*), como as Oficinas Líticas, por meio das técnicas de polimento/abrasiva, picoteamento e incisão na rocha.



Figura 54: Vista do Pedral I, II e detalhe da sinalização na rocha da Orla de SGC. **Fonte:** Acervo pessoal, campo, 2022.

Os pedrais apresentam concentrações de recipientes circulares em formatos de cúpulas/bacias, com medidas proximais de até 41 cm de comprimento, 39 cm de largura e profundidade entre 3 mm e 1 mm. Recipientes circulares, em formatos que

⁷⁹ Os pedrais iniciam nas coordenadas da Zona 19 M da UTM E 713486.00 e UTM, N 9984908.00, Pedral I, indo até o Morro da Fortaleza, Pedral VI, a altimetria é de 57 metros e a máxima de 75 metros em relação ao nível do mar. **O Forte São Gabriel é um dos cartões postais do município**, restando atualmente apenas seus alicerces. Sua construção iniciou-se em meados do século XVIII, por ações de Portugal, após o tratado de Madri em 1750, como forma para manter sua soberania nos territórios de águas do Alto Rio Negro. O forte foi o primeiro destacamento militar dessa região e foi o principal ponto militar na fronteira com a Venezuela e Colômbia". É uma construção da metade do século XVIII. Foi tombado conforme o artigo nº31 da lei Orgânica do Município, de 5 de abril de 1990; ele "fica considerado de valor histórico para efeito de tombamento, pelo Município, o morro da fortaleza juntamente com as lápides dos túmulos e os canhões usados pelos portugueses" (ALVES, 2015, p.359). ALVES, Edmar César. São Gabriel da Cachoeira- Sua Saga, sua História/ Edmar César Alves- Goiânia: 2ª edição. Kelps, 2015.

⁸⁰ No trajeto, há um bloco com uma figura de cabeça antropomórfica realizada por picoteamento.

lembram pilões, têm medidas proximais entre 8 cm de comprimento e 9 cm de largura e profundidade de 8 cm.

Os afiadores variam de largos a finos. Os largos chegam a apresentar dimensões de 31 cm de comprimento por 21 cm de largura e profundidade de cerca de 4 cm, enquanto os afiadores finos chegam 50 cm de comprimento, até 3 cm de largura e a profundidade de cerca de 2 mm.

Aproximadamente quarenta e nove recipientes circulares existem em formatos de cúpulas ou bacias, além de nove recipientes circulares em formatos que lembram pilões, três afiadores largos no formato de barca e nove afiadores finos (retilíneos). Estas evidências indicam a utilidade destes como amoladores ou afiadores para projeção de instrumentos, como lâminas de machados, mãos de pilões, pontas de projéteis e afiação de gumes de machados, entre outras atividades que exijam atrito ou fricção entre estes recipientes.

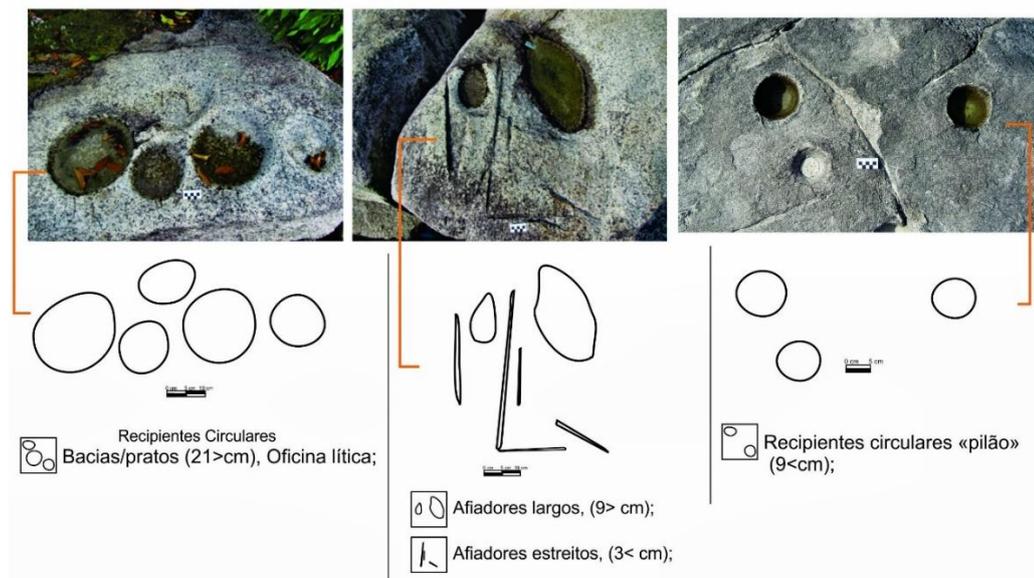


Figura 55: Detalhes das sinalizações dos Pedrais V e I. Indica ser áreas de oficinas líticas, existem cúpulas/bacias, pilões e afiadores para projeção (*design*) de ferramentas rochosas. **Fonte:** Luciano Souza, campo, outubro de 2022.



Figura 56: Vista do Rio Negro a partir do Morro da Fortaleza. Área do Pedral VI. **Fonte:** Luciano Souza, campo, outubro de 2022.

3.2.3 CABARI I, II E III

Os sítios Cabari I, II e III estão localizados na área rural de São Gabriel da Cachoeira, na comunidade Cabari, com acesso por barco, pelo percurso do Rio Negro⁸¹. No local existe um afloramento de uma base rochosa do tipo granítica, cuja coloração alterna entre cinza esbranquiçado e cinza escuro com diferentes blocos e matacões, onde se pode evidenciar três concentrações de atividades gráficas. A sequência desses três locais indica um caminho de acesso à área mais elevada (terra firme), sendo que eles podem ser divididos em duas categorias de atividades: uma para produção de tecnologias/ferramentas de pedras (*Art of stone-implement making*), Cabari I, e outra de desenhos (*Art of rock engraving*) ligados às representações simbólicas e cognitivas dos habitantes, Cabari II e III.



Figura 57: Vista da área dos Pedrais do Cabari I, II e III. Baixa do nível da água (seca) ficando visível os pedrais com sinalizações rupestres. **Fonte:** Acervo, Luciano Souza.

⁸¹ Cabari I, II e III estão localizados na margem esquerda do Rio Negro (Direção oeste-leste de quem está vindo de São Gabriel da Cachoeira) entre as coordenadas da Zona 19 M da UTM E 705474 e UTM, N 9993358 e das UTM E 705437 e UTM, N 9993330, a altimetria é de 60 a máxima de 63 metros em relação ao nível do mar.

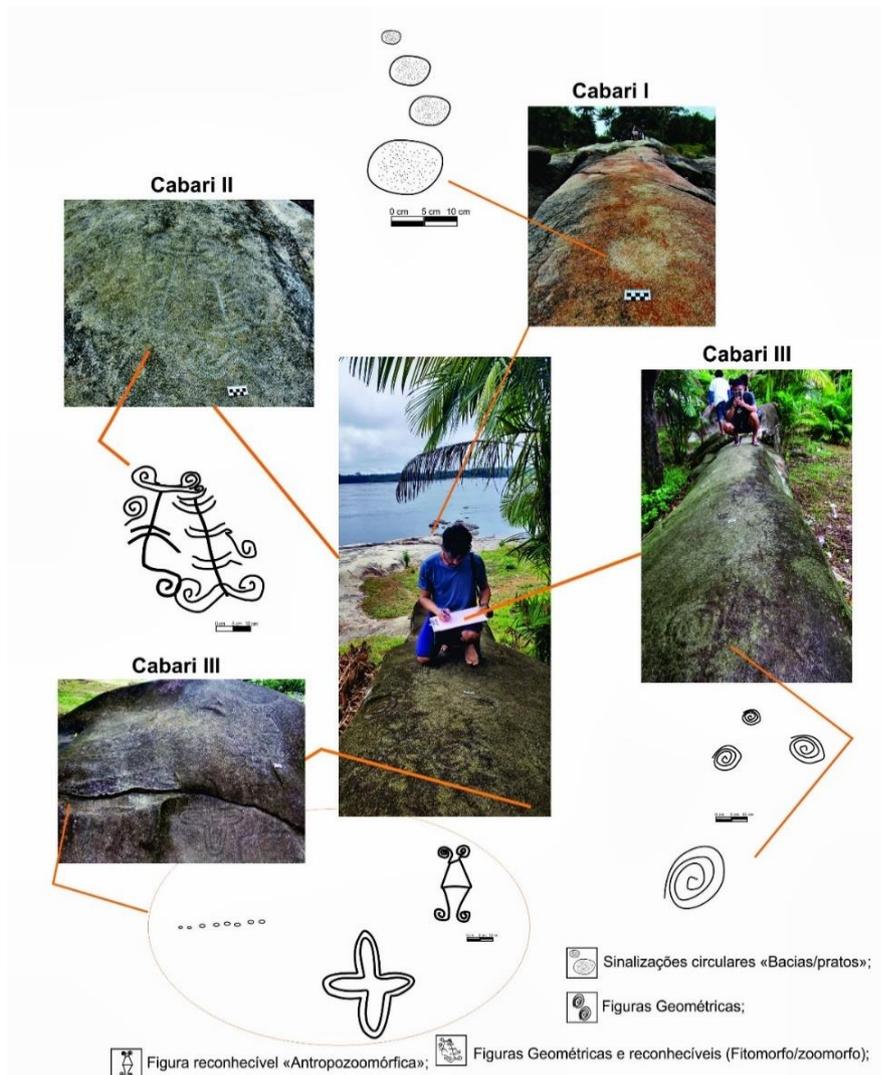


Figura 58: Croqui esquemático, Petróglifos do Cabari I, II e III. Esquema Luciano Souza.

O **Cabari I** está diretamente em um pedral do curso d'água onde existe uma seqüência de motivações circulares (arredondadas/semiarredondas) realizadas por técnicas de raspagem, abrasiva e de picoteamento. Estas são aproximadamente 14 sinalizações com dimensões proximais de 15 cm x 17 cm, profundidade 0,1 mm. Essas sinalizações estão em uma seqüência indicando um caminho em direção as sinalizações do Cabari I e II.



Figura 59: Vista e detalhe da sinalização na rocha do Cabari I. Fonte: Acervo pessoal, campo, 2022.

No **Cabari II** foram identificadas **duas** figuras que indicam ser **um** desenho zoomorfo (lembrando um gafanhoto) e fitomórfica (representação de um vegetal) com dimensões proximais de 64 cm de comprimento x 30 cm de largura. **Uma** sinalização geométrica composta por linhas sinuosas e espirais, lembrando uma estampa ou carimbo com 54 cm (comp.) x 11 cm (larg.) preenchidos por tinta em uma coloração vermelho escurecida. Próximas dela há **duas** figuras geométricas (espirais), de 11 cm (comp.) x 10 cm (larg.), (linhas que lembram as águas dos rios) e uma motivação circular com dimensões proximais de 18 (comp.) cm x 16 cm (larg.), profundidade 0,1 mm similar as do Cabari I. Totalizando seis sinalizações realizadas por técnicas de picoteamento e abrasão/raspagem na rocha.



Figura 60: Vista e detalhe da sinalização na rocha do Cabari II. Fonte: Acervo pessoal, campo, 2022.

No sítio **Cabari III** foram identificadas sete figuras geométricas (espirais) com dimensões de 20 cm (comp.) x 15 cm (larg.), lembrando linhas dos percursos das águas dos rios. Uma figura antropozoomórfica, que lembra um muiiraquitã (em formato de sapo, sendo um desenho emblemático na arte dos povos da Amazônia) com dimensões proximais de 25 cm (comp.) x 14 cm (larg.). Além destes, **um** outro desenho similar à imagem da rosa dos ventos, com dimensões proximais de 30 cm

(comp.) x 31 cm (larg.) e uma sequência de pontos circulares em miniatura parecendo ser uma linha pontilhada foram evidenciados. Assim, totalizam dez sinalizações realizadas por técnicas de picoteamento e abrasão na rocha.



Figura 61: Vista e detalhe da sinalização na rocha do Cabari III. Fonte: Acervo pessoal do autor, campo, 2022.

3.2.4 ACARÁ

O Petróglypho do Acará⁸² está localizado em um meandro do curso do Rio Negro, em uma base rochosa extensa do tipo granítica em coloração, que alterna entre cinza esbranquiçado e cinza escuro, assim como nos outros lugares. Tendo em vista a dinâmica do fluxo das águas, eles têm momentos de alta visibilidade, especialmente quando ocorre a baixa do nível da água (período de seca), e de pouca ou de não visibilidade, quando ocorre elevação do nível das águas (período de cheias). Esta visibilidade é dificultada pela presença de musgos e lodos que aparecem na rocha, cobrindo os desenhos.



Figura 62: Vista da área do Sítio Acará, Alto Rio Negro. Baixa do nível da água, possibilitando a visibilidade do suporte rochoso com sinalizações rupestres. Fonte: Acervo, Luciano Souza.

⁸² Está nas coordenadas da Zona 19 M da UTM E 720941 e UTM, N 9978728 a altimetria é de 53 metros em relação ao nível do mar.

No pedral há sinalizações reconhecíveis, não reconhecíveis e geométricas. Os recipientes circulares em formatos que lembram pilões indicam que o local, além da produção de símbolos, também é uma oficina lítica.

Observamos dezessete sinalizações realizadas em técnicas de picoteamento, abrasão/polimento e incisão, indicando que talvez o suporte rochoso tenha sido preparado, alisado antes de serem realizados os desenhos.

Com exceção dos recipientes circulares em formatos que lembram pilões, que têm medidas proximal entre 11 cm (comp.) e 9 cm (larg.), profundidade de cerca de 6 cm, as outras têm dimensões proximais entre 71 cm (comp.) e 30 cm (larg.) máxima.

Estas figuras são antropomórficas, que lembram figuras humanas, ou zoomórficas, associadas aos animais. Um exemplo destas últimas é um “**Molito**” (**sapo**), figura recorrente em outros locais da região amazônica. Entre estas destacamos as figuras geométricas, em especial as estampas triangulares que lembram as estampas das *tangas* da cerâmica marajoara da Amazônia.

Nesse pedral destacamos uma cena de composição que lembra a projeção ideativa de uma “armadilha” de pesca. Essa cena tem o enquadramento de linhas em formato retangular, duas linhas com tridígitos em duas extremidades das linhas retangulares, três desenhos não reconhecíveis (que lembram a forma de peixes) e uma figura antropomórfica fazendo o movimento de gestual de levantar os membros superiores.

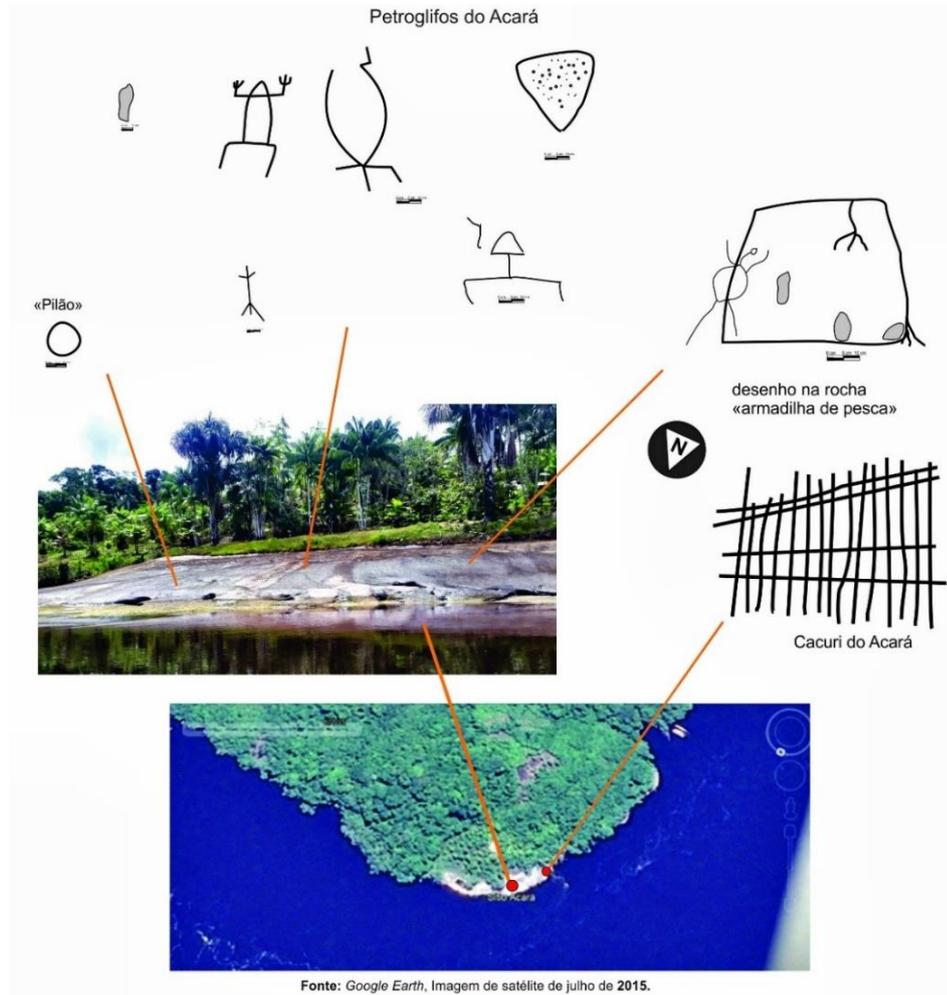


Figura 63: Petroglifos do Acará, Croqui esquemático, Luciano Souza.

3.2.5 ITAPINIMA

O Sítio **Itapinima**⁸³ está em uma base rochosa extensa do tipo granítica em coloração cinza escuro e claro com uma concentração de sinalizações reconhecíveis, não reconhecíveis e geométricas.

A partir de imagens de origem bibliográfica e documental, observamos quatorze sinalizações realizadas por técnicas de incisão, picoteamento e abrasão. Talvez o suporte rochoso tenha sido preparado (alisado) antes de ser realizados os desenhos, destacando as incisões (sucos) profundos nas linhas de formação ideativa de alguns desenhos.

⁸³ Localizado em um meandro do curso do Rio Negro nas coordenadas da Zona 19 M da UTM E 684679 e UTM, N 10135.00 a altimetria é de 71 metros em relação ao nível do mar.

As figuras possuem representações de espirais, de linhas sinuosas e em ziguezague, de círculos concêntricos, de figuras triangulares com traços que lembram caranguejos, e de outros animais como: tartaruga, morcego, macaco, sapo. Além destes, uma composição gráfica apresenta linhas geométricas, sinuosas e em espirais que lembra uma cobra, associados a um objeto retilíneo e a um outro concêntrico sobre o corpo passando a ideia de movimento (navegação) sobre as águas. Destaca-se uma figura zoomórfica que indica ser uma tartaruga.

No geral o cenário gráfico projeta a ideia de uma cobra com um objeto geométrico (círculos concêntricos) sobre o corpo e, junto com a representação da tartaruga, passam uma sensação de movimento.



Figura 64: Croqui esquemático da área dos Pedrais e dos detalhes dos Petroglifos do Itapinima.
Fonte: Bibliográfica. Instagram da artista indígena @rosi_waikhon, @avodomundo e ISA, Aline Scolfaro.

3.2.6 PARI-CACHOEIRA

Os dados de localização e imagética referentes aos **Petróglifos de Pari-Cachoeira**⁸⁴ tiveram por base informações bibliográficas oriundas de Castro⁸⁵ (2022) e notas originais descritas em 1907 por Grünberg⁸⁶. As sinalizações nas rochas estão ao longo dos pedrais das cachoeiras e são do tipo granítica gnáissica de coloração cinzenta. Além de afiadores e amoladores, figuras reconhecíveis e geométricas foram observadas, algumas destas lembram estampas na forma de labirintos, mapas e figuras circulares associadas ao sol.

Além destas, existem figuras com traços retos, linhas onduladas, espirais com pontos centrais formando cavidades profundas na rocha. Neste grupo, existem figuras com representações de macacos e outras que indicam estarem inacabadas. Porém, dez sinalizações foram observadas a partir de imagens de origem bibliográfica. Mesmo com mais de cem anos entre os estudos do levantamento realizados por Grünberg (1907) e por Castro (2022), observa-se a permanência e conservação dos petróglifos de Pari Cachoeira.

Grünberg (1907(2010), pág. 80), relata que se observou que “muitas figuras recém-riscadas, entre as quais a representação de uma figura humana em traje de dança, tamanho quase natural, com cocar na cabeça, enfeite no pescoço e cinturão guarnecido com dentes de animais em torno da cintura, elas indicam serem figuras do povo Tukano, da Cachoeira do Pari...”

Castro (2022), que é da etnia Tukano, descreveu sua crença de que eles estavam indicando formas de viver mais intensamente e harmoniosamente com a natureza, numa relação recíproca de vida.

⁸⁴ Pari-Cachoeira está localizada em um meandro do curso do Rio Tiquié afluente do Rio Negro, nas coordenadas da Zona 19 M da UTM E 412288 e UTM, N 27872 a altimetria é de ± 103 metros em relação ao nível do mar.

⁸⁵CASTRO, Junildo Rezende. Levantamento Etnoarqueológico na Comunidade de Pari-Cachoeira, Município de São Gabriel da Cachoeira – AM. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

⁸⁶ KOCH-GRÜNBERG, T. Petróglifos Sul-Americanos. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Socioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)).

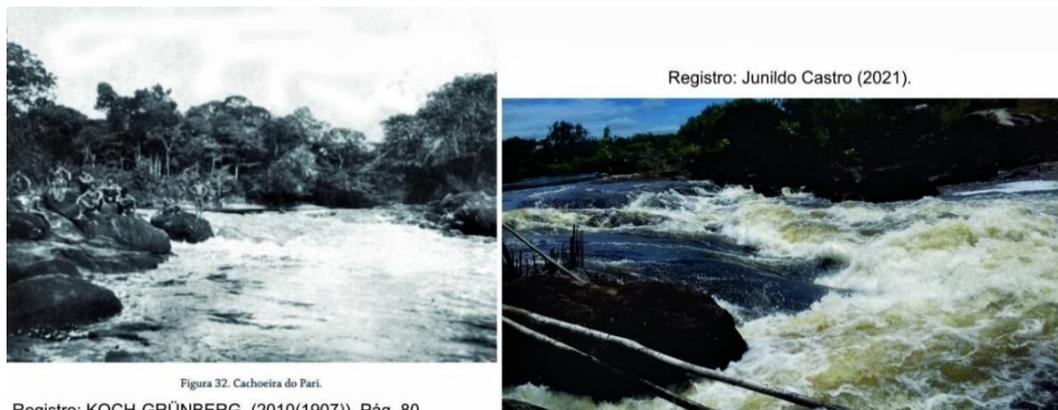


Figura 32. Cachoeira do Pari.
Registro: KOCH-GRÜNBERG, (2010(1907)). Pág. 80.

Figura 65: Vista das Cachoeiras do Pari. Fonte: Grünberg (2010(1907)) e Castro (2022).

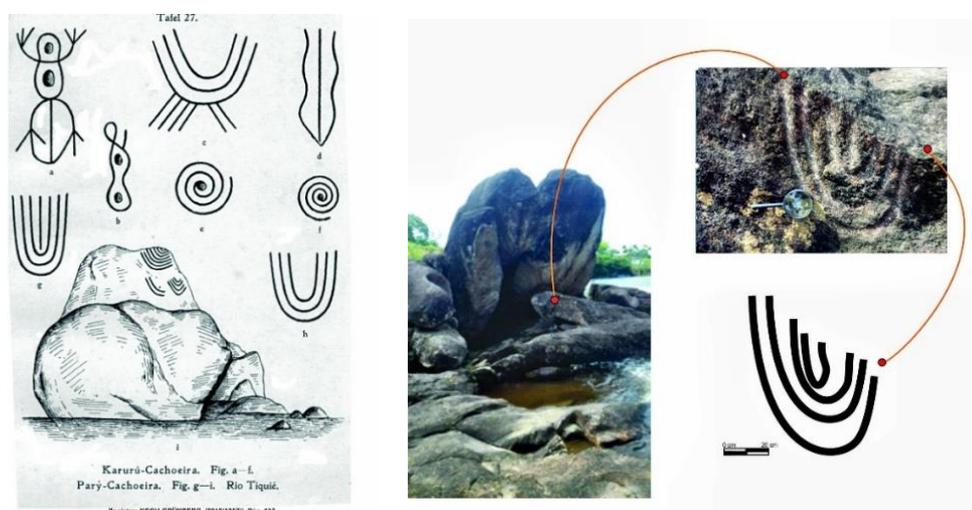


Figura 66: Vista esquemática dos Pedrais de Pari Cachoeira. Fonte imagética: Grünberg (2010(1907)) e Castro (2022).

3.2.7 PEDRAIS DA CACHOEIRA DE IPANORÉ

Os dados de localização e imagética referentes aos pedrais com **Petroglifos da Cachoeira do Ipanoré**⁸⁷ são provenientes de informações de bases bibliográficas, oriundas de Silva⁸⁸ (2022), Grünberg⁸⁹ (1907), do Centro Nacional de Arqueologia –

⁸⁷ Está nas coordenadas da Zona 19 M da UTM E 537449.00 e UTM, N 32350.00 a altimetria é de 78 metros em relação ao nível do mar.

⁸⁸ SILVA, Ana Keila Fontes. MONUMENTOS ROCHOSOS NA COMUNIDADE DE IPANORÉ, EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM: AS EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DO PASSADO DE UM POVO. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

⁸⁹ KOCH-GRÜNBERG, T. Petróglifos Sul-Americanos. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Sócioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)).

CNA/IPHAN e do Site do Instituto Socioambiental (ISA, 2020)⁹⁰ que tem foco das suas ações de pesquisa no Alto Rio Negro, Amazônia.

A Cachoeira do Ipanoré está localizada no curso do Rio *Uaupés*, um dos principais afluentes do Rio Negro. Na região existem muitos pedrais em uma extensa rocha do tipo granítica em coloração que alterna entre cinza esbranquiçado e cinza escuro com concentração de sinalizações nas rochas; algumas são afiadores e amoladores, indicando ser este um local de oficina lítica.

Em relação aos desenhos, dezesseis figuras foram observadas e classificadas entre reconhecíveis, não reconhecíveis e geométricas. Algumas lembram estampas na forma de labirintos, mapas, enquanto outras, figuras circulares, com traços retos, linhas onduladas e espirais com pontos centrais formando cavidades profundas na rocha. Além da presença de antropomorfos e zoomorfos, as figuras remetem a representações humanas e de animais (macacos, sapos e um pássaro).

Essas representações indicam terem sido realizadas por técnicas de incisão, picoteamento e abrasão. As incisões (sulcos) profundas nas linhas de formação ideativa de alguns desenhos merecem destaque, além de passarem uma impressão visual que elas estão em baixo ou alto relevo no suporte rochoso.

⁹⁰ <https://www.socioambiental.org/>. O ISA atua lado a lado com comunidades indígenas, quilombolas e extrativistas nas bacias do Vale do Ribeira, em São Paulo, do Rio Negro (AM e RR) e do Xingu (MT e PA), com presença em quatro estados da Amazônia brasileira. Texto do Site do ISA, acesso abril de 2023.



Figura 67: Vista esquemática dos Pedrais da Cachoeira de Ipanoré. Fonte imagética: ISA, 2022 e Silva (2022)

3.2.8 CACHOEIRA DO IAURETE⁹¹

“A Cachoeira lauarete é rica especialmente em petróglifos bem desenhados e conservados que representam formas variadas e fantásticas. Algumas figuras têm dois metros de comprimento e são gravadas profundamente na pedra sólida. Em algumas fica claro como gerações posteriores, “por entender errado o significado da figura iniciada ou por capricho”, continuaram a trajetória da linha numa direção completamente diferente ou ligaram incorretamente linhas paralelas próximas, criando assim uma caricatura, da qual só a muito custo se pode recuperar o significado originalmente desejado”. **O acabamento das gravuras mostra que os indígenas frequentemente reforçavam a maioria das figuras há muito tempo. Em diversas pedras também se encontram vários polidores de instrumentos de pedra, alguns deles alongados e afiados, outros redondos e de diferentes profundidades**”. Koch-Grünberg (pág, 62, 2010 (1907)).

⁹¹ A Cachoeira de lauaretê ou Cachoeira da Onça (Cachoeira de lauaretê - Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papuri) corresponde a um lugar de referência fundamental para os povos indígenas que habitam a região banhada pelos rios Uaupés e Papuri, reunidos em dez comunidades, multiculturais na maioria, compostas pelas etnias de filiação linguística Tukano Oriental, Aruak e Maku. Sua inscrição no Livro de Registro dos Lugares foi realizada em 2006. Dessa forma, a Cachoeira de lauaretê foi proclamada “Patrimônio Cultural do Brasil” pelo Iphan sendo o primeiro bem cultural inscrito no Livro de Registro dos Lugares. Dossiê IPHAN 7: Cachoeira de lauaretê: lugar sagrado dos povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri. 2006. Brasília: IPHAN.



Figura 68: Vista Geral de Pedrais de Iauaretê. Fonte: Fonte: ISA, FOIRN, SGC-AM, 2017.

A Cachoeira do laurete⁹² está localizado no curso do Rio *Uaupés*, com seu entorno povoado por 11 comunidades multiétnicas indígenas⁹³ oriundas tanto do Brasil quanto da Colômbia, sendo sinalizadas por elas vários lugares sagrados, dentre eles, os locais com petróglifos (Dossiê, IPHAN, 2007).

A base rochosa é do tipo granítica com coloração que alterna entre cinza e cinza escuro com diferentes blocos e matacões. As sinalizações nas rochas podem ser divididas em duas categorias, uma para produção de tecnologias/ferramentas de pedras (***Art of stone-implement making***) e outra, de desenhos (***Art of rock engraving***). Os modelos de sinalizações nas rochas são cúpulas, afiadores e amoladores, alguns desenhos de figuras reconhecíveis, não reconhecíveis e geométricas; além de outras que lembram estampas, mapas, além de figuras circulares, com linhas onduladas; espirais com pontos centrais formando cavidades

⁹² Localizados nas coordenadas da Zona 19 M da UTM E 477721.95 e UTM, N 67338.33 a altimetria é de 89 metros em relação ao nível do mar. Os dados de localização e imagéticas referentes aos pedrais com Petroglifos da Cachoeira do laurete são provenientes de informações de bases bibliográficas e do Centro Nacional de Arqueologia – CNA/IPHAN. Fonte bibliográfica: KOCH-GRÜNBERG, T. *Petróglifos Sul-Americanos*. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Sócioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)). ANDRELLO, G. (Organizador). *Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro*. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012. Dossiê iphan 7. {Cachoeira de Iauaretê}, Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri (AM). IPHAN, Brasília, DF. 2007. Scolfaro, Aline, Gita de Oliveira, Natalia Hernández e Silvia Gómez (organizadores). **Cartografia dos sítios sagrados**: iniciativa binacional Brasil-Colômbia / Primeiro informe de avanços (Brasil/Colômbia. Vários colaboradores. Brasil (São Gabriel da Cachoeira e São Paulo) Colombia (Leticia, Mitú y Bogotá), 2014. SCOLFARO, Aline (Organização). *Povoado indígena de Iauaretê perfil socioeconômico e atividade pesqueira*. Instituto Socioambiental, FOIRN, São Gabriel da Cachoeira, 2017. KUMU, Umúsin Panlón, KENHIRI, Tolamã. *Antes O Mundo Não Existia*. Editora: Valer, Manaus, 2021.

⁹³ Apesar do multilinguismo e das diferenças culturais, as etnias presentes nessa região – Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapanã, Kubeo, Makuna, Miriti-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tariana, Tukano, Tuyuka e Wanano – estão articuladas em uma rede de trocas e identificadas no que diz respeito à cultura material, à organização social e à visão de mundo. Para as comunidades multiculturais locais, a Cachoeira de Iauaretê é um lugar sagrado, onde está marcada a história de sua origem e fixação nessa região. A história do estabelecimento das relações de afinidade que vêm permitindo, até hoje, a convivência e o compartilhamento de padrões culturais entre esses diversos grupos que coabitam o mesmo território, há milênios (Dossiê, IPHAN, 2007).

profundas na rocha, linhas contínuas pontilhadas (sequências de pontos arredondados), tridígitos e, também, antropomorfos, fitomorfos, zoomorfos e antropozoomorfos.

A partir de imagens de origem bibliográfica, vinte e quatro sinalizações foram identificadas. Nas observações de Koch-Grünberg (2010 (1907)), as figuras lembram pessoas e animais, sendo que em algumas não há distinção clara se elas originalmente representam pessoas ou macacos, pois em algumas figuras os braços e pernas estão encurvados para baixo e há ausência de olhos, boca e nariz.

Neste grupo existem figuras com quatro dedos em cada mão e as pernas são semelhantes aos braços. No geral, as figuras remetem a representações humanas, de animais (como macacos, sapos, lagartos, cobras...) e algumas meio humana/meio animal. Os tamanhos das figuras variam entre 2 cm e outras que chegam a 2 metros de comprimento.

Os registros nas rochas indicam terem sido realizadas por técnicas de incisão (sulcos na rocha), picoteamento e abrasão, destacando as incisões (sulcos) profundas nas linhas de formação ideativa de alguns desenhos. Além de passar uma impressão visual que eles estão em baixo e alto relevo no suporte rochoso, há também os contínuos pontilhamentos demonstrando domínio técnico na composição cenográfica das representações.



Fonte da Imagem: Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia /Vários colaboradores, 2014.

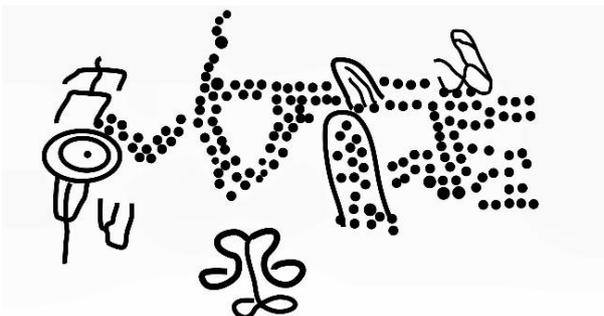


Figura 69: Fonte da Imagem: Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia /Vários colaboradores, 2014.

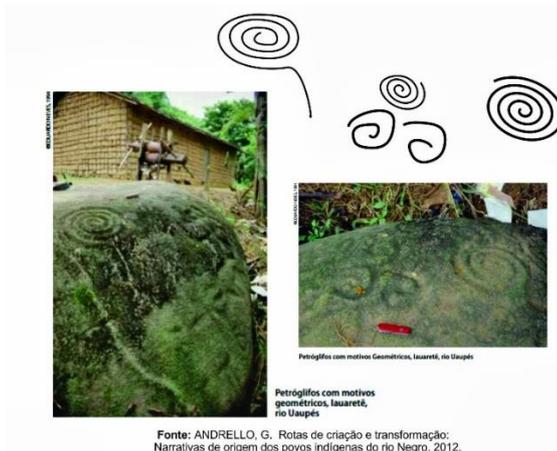


Figura 70: Fonte: ANDRELLO, G. Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. 2012.



Figura 71: Imagens dos Petroglifos de lauaretê. Fonte: Fonte: Dossiê iphan 7. {Cachoeira de lauaretê}, 2007. onte: ISA, FOIRN, SGC-AM, 2017. SCOLFARO, Aline (Organização). Povoado indígena de lauaretê perfil socioeconômico e atividade pesqueira.

3.2.9 DOS LUGARES COM PETRÓGLIFOS DO IÇANA

“Ao longo do rio Içana e de seus igarapés, muitos e muitos locais onde podem ser encontrados petroglifos, muitos signos que permanecem de todo submersos. Desse modo, o ‘aparecimento’ de petroglifos ainda não conhecidos implica, necessariamente, o aparecimento (e o reconhecimento) de um iarodatti, de um lugar sagrado, já que, por princípio, “todo lugar onde existem desenhos é um lugar onde algo importante aconteceu” (Xavier, 2018, página 36).

Os lugares com Petróglifos do Içana⁹⁴ foram listados a partir de informações bibliográficas⁹⁵ com base na pesquisa de Xavier (2008), sendo possível indicar treze petróglifos ao longo das zonas rochosas e de lajedos ligados às margens ou nas cachoeiras do rio supracitado. Estes são: Cachoeira do Caapi, Cachoeira do Tunuí, Petróglifos Porto da Escola Baniwa Curripaco Pamáali, Cachoeira de Jurupari, Pedral Cachoeira Siuci, Cachoeira de Matapi-Buya, Petróglifo de Cabeçudo do Rio Içana, Jandu Cachoeira, Petroglifos Tucumã, Petroglifo Coro-Coró, Petroglifo Maçarico, Camarão e de Camanaus.

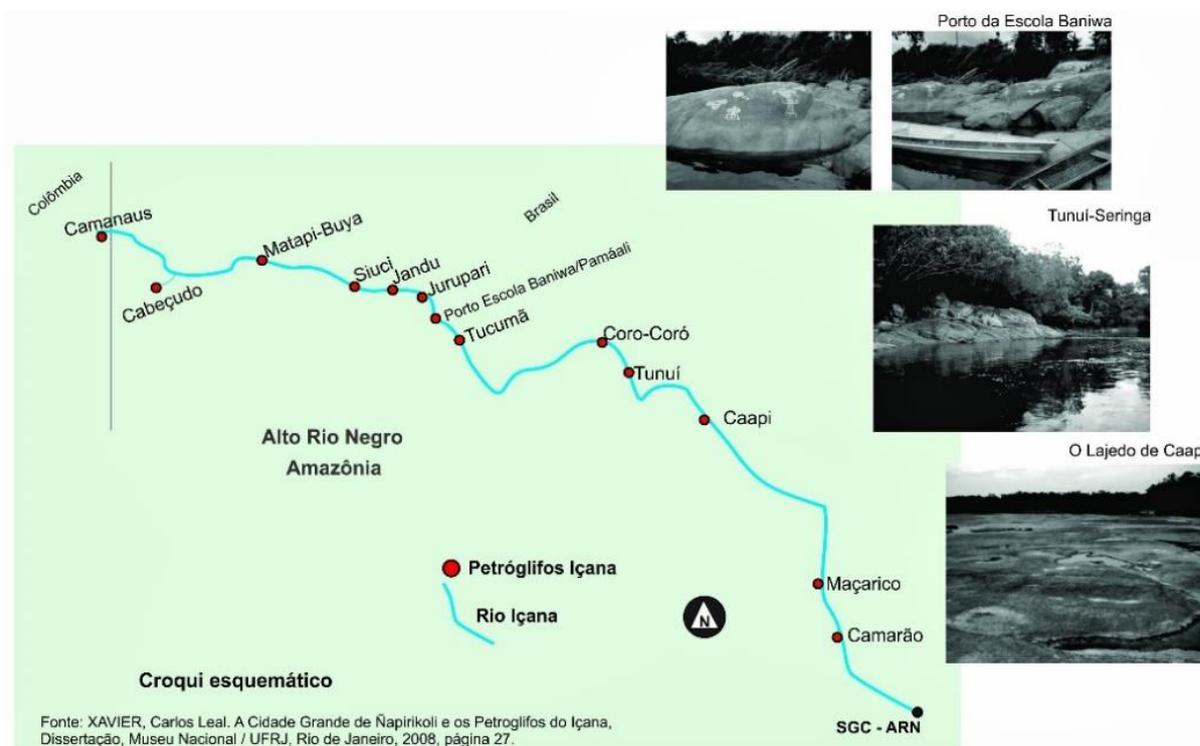


Figura 72: Croqui esquemático dos **Lugares e imagens dos Pedrais do Rio Içana**. Fonte, Xavier (2008).

⁹⁴ Cachoeira do Caapi, Zona 19 M da UTM E 624527 e UTM, N 139983 a altimetria é de 80 metros. Cachoeira do Tunuí, Zona 19 M da UTM E 594128 e UTM, N 153403 a altimetria é de 82 metros. Petróglifos Porto da Escola Baniwa Curripaco Pamáali, Zona 19 M da UTM E 532233 e UTM, N 166603 a altimetria é de 81 metros. Cachoeira de Jurupari, Zona 19 M da UTM E 529998 e UTM, N 172458 a altimetria é de 111 metros. Pedral Cachoeira Siuci, Zona 19 M da UTM E 512789 e UTM, N 179499 a altimetria é de 117 metros. Cachoeira de Matapi-Buya, Zona 19 M da UTM E 483775 e UTM, N 185921 a altimetria é de 105 metros. Petróglifo de Cabeçudo do Rio Içana, Zona 19 M da UTM E 449724 e UTM, N 182086 a altimetria é de 152 metros. Jandu Cachoeira, Zona 19 M da UTM E 526230 e UTM, N 174646 a altimetria é de 109 metros. Petróglifos Tucumã, Zona 19 M da UTM E 539448 e UTM, N 164432 a altimetria é de 92 metros. Petróglifo Coro-coró, Zona 19 M da UTM E 585753 e UTM, N 164468 a altimetria é de 121 metros. Petróglifo Maçarico, Zona 19 M da UTM E 663796 e UTM, N 83622 a altimetria é de 76 metros, Camarão Zona 19 M da UTM E 672534 e UTM, N 68947 a altimetria é de 76 metros e o Petróglifo Camanaus na Zona 19 M da UTM E 406022 e UTM, N 189160 e a altimetria é de 158 metros. As coordenadas de localização não foram coletadas em campo. Foram coletadas a partir dos dados de levantamento bibliográfico e de satélite por meio do *Google Earth*. A altimetria que varia entre 60 metros e a máxima de 158 metros em relação ao nível do mar.

⁹⁵ Xavier, Carlos Leal. A Cidade Grande de Ñapirikoli e os Petróglifos do Içana, Uma Etnografia de Signos Baniwa. Dissertação, Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. KOCH-GRÜNBERG, T. Petróglifos Sul-Americanos. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Socioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)). ANDRELLO, G. (Organizador). Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

Os grafismos estão em uma base rochosa do tipo granítica com coloração que altera entre cinza e cinza escuro e, em diferentes blocos e matacões, eles não são encontrados em extensos paredões, ou mesmo desenhos de grandes dimensões. No geral eles são de fácil acesso e sem cobertura de vegetação tendo uma boa visibilidade.

Mais de cento e setenta e cinco modelos de desenhos com caracterizadores reconhecíveis, não reconhecíveis e geométricos foram quantificados. Estes consistem em linhas e pontilhados por picoteamento, percussão, abrasão e incisão (riscos) na rocha, sendo desprovidos de coloração (pigmentos) artificial, demonstrando os domínios técnicos de quem fez esses registros gravados nas rochas da região. Este conjunto de formas delicadas e excelentes foram executadas e apresentadas em vários formatos e estilos.

Os desenhos são representados por padrões geométricos, sendo linhas retilíneas, curvilíneas, circulares, concêntricas, em espiral, triangulares, retangulares e tridígitos. Estes lembram estampas, mapas (plantas baixas), carimbos ou até mesmo figuras da natureza, como as águas, montanhas e os caminhos na floresta.

Há uma pedral chamado “*Pedra Siuci*”, que contém dois desenhos, dispostos lado a lado: um, como numa pirâmide invertida e o outro, composto por traços curvos unidos por uma risca vertical. *Alguns narradores indígenas que Xavier (2008) conversou identificaram que:*

“O desenho com os pontos como sendo ‘estrelas’ ou, mais especificamente, as Plêiades, constelação chamada, em língua baniwa, walipere ou siuci. Seu Marcelino e seu Antônio, no entanto, diziam que eram desenhos de flautas, sempre desenhos de flautas, e que Ñapirikoli assim as desenhava para ocultar das mulheres sua forma verdadeira” (Xavier, 2008, página 68).

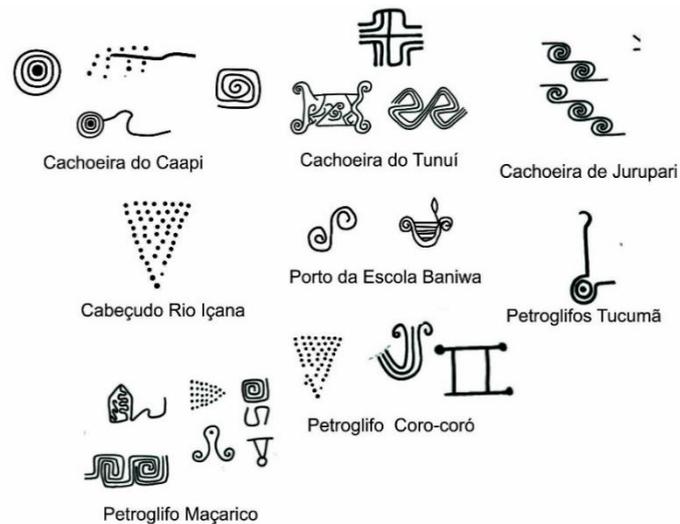


Figura 73: Desenhos Geométricos, Rio Içana. Fonte, Xavier (2008).



Figura 74: Desenhos Geométricos, Rio Içana, Cachoeira do Siuci. Fonte, Xavier (2008).

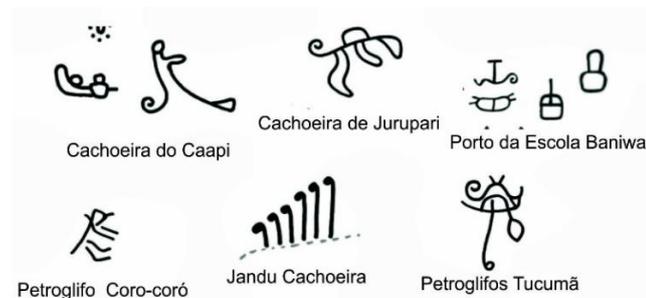


Figura 75: Desenhos Não Reconhecíveis, Dos Pedrais do Rio Içana. Fonte, Xavier (2008).

Desenhos não reconhecíveis carecem de elementos cognitivos associativos precisos que permitam sua interpretação em relação às suas formas. Por outro lado, os desenhos reconhecíveis geralmente são antropomórficos, zoomórficos, antro-zoomórficos, fitomórficos (possivelmente representando plantas) e objetos utilitários (como flechas, flautas, trompas, remos e máscaras). As temáticas geralmente remetem a figuras de representações humanas; algumas representadas com falo, outras com vulvas. Além destas, figuras meio humanas e meio animal, além de

animais dos mais diversos, como sapos, macacos, cobras, lagartos, formigas, preguiças, tartarugas, morcegos, peixes, caramujos, camarões, aves e peixes foram registrados.

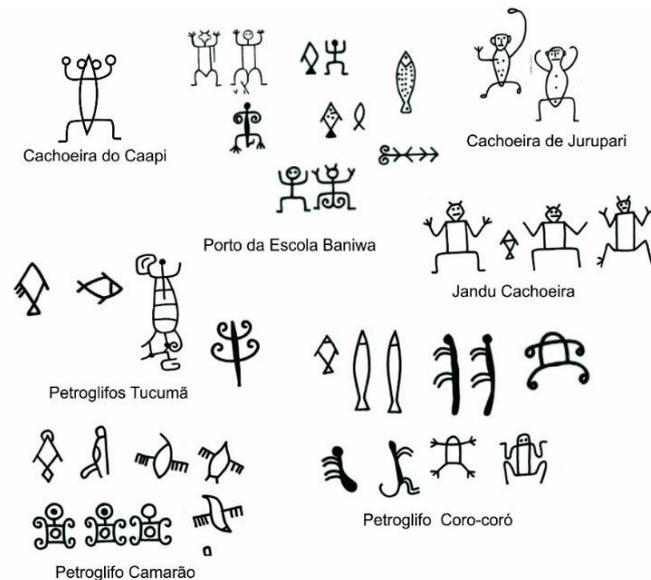


Figura 76: Figuras Reconhecíveis, **Pedrais do Rio Içana**. Fonte, Xavier (2008).

Os desenhos conhecidos como *Moolitos* foram observados cuidadosamente quanto às suas formas esquemáticas e se assemelham a um sapo, aparecendo com regularidade nos pedrais. Além disso, outros animais, principalmente peixes, macacos e aves, também são representados com detalhes, às vezes permitindo até a identificação de uma espécie específica, como no caso da representação de uma ave que lembra uma garça.

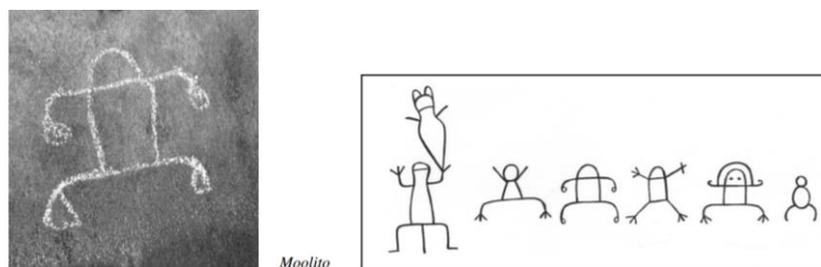


Figura 77: Representações de **moolitos** são representações de sapos, mas são também de flauta *Kowai*. Esse fato implica numa operação de significação (simbolização), que depende, de uma referência pré-adquirida, de uma convenção. Se alguém chegasse a essa pedra e visse esse desenho sem ter contato com nenhum indígena baniwa, ou sem ler nada a respeito, certamente saberia (ou intuiria) que esse desenho 'está para' um sapo, em virtude do reconhecimento de suas formas. Fonte: Livro *Rotas de Transformação* (Andrello, 2012).

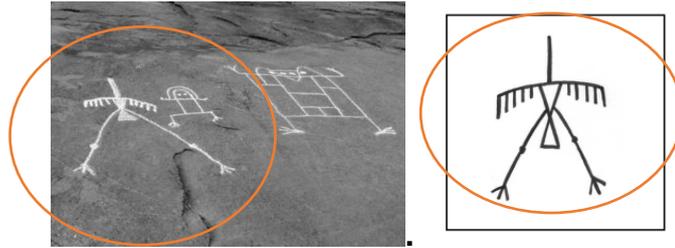


Figura 78: Zoomorfo – **Garça em Jandu Cachoeira**. Fonte, Xavier (2008).

As figuras humanas, especialmente as cabeças e os membros superiores, juntamente com suas posições gestuais representadas nas superfícies rochosas, frequentemente lembram animais. Em alguns casos, essas figuras apresentam características de macacos e sugerem uma fusão entre o humano e o animal, evocando os nuances das representações antrozoomórficas.

Alguns objetos aos quais os povos *Baniwa* se referem de forma indistinta, assemelham-se a ‘flautas⁹⁶’ (*phianeko*, em língua *baniwa*) e ‘trompas’ (instrumentos de sopro), enquanto outros parecem remos, ou talvez casas, ou também *matapis* (armadilhas). Xavier (2008) diz que “*Se eu os visse grafitados num muro de minha cidade, os acharia parecidos com dois foguetes, ou com seringas e agulhas, inserido que estou na tal quase-mente-social do Rio de Janeiro em 2008*” (pág. 58, vide figuras abaixo).



Figura 79: Figura geométrica a esquerda, talvez uma trompa (flauta) e duas figuras a direita uma antropomorfo indicando ser uma figura humana com falo segurando um zoomorfo em suas mãos, talvez um sapo.

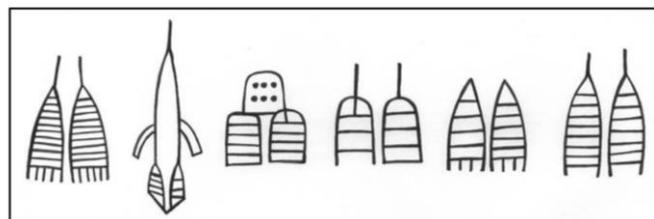


Figura 80: Desenhos dos Petróglifos do Rio Içana. Fonte: Xavier (2008).

⁹⁶ Xavier (2008) em conversa com os velhos e mostrando os seus croquis, todos eles foram unânimes em afirmar que tais signos eram desenhos “das flautas verdadeiras”, das flautas Kowai.

O Petróglifo de Camanaus, diferentemente dos petróglifos listados ao longo do rio Içana, está localizado a uma distância relativamente afastada do curso do rio, aproximadamente 400m da margem, localizada entre duas casas e rodeada de vegetação rasteira. Embora não esteja tão distante das comunidades Curripaco do lado brasileiro, encontra-se na comunidade de Camanaus, já em território Colombiano.

“Já nos púnhamos a caminho da beira do rio quando os homens da comunidade nos indicaram que a pedra em questão não ficava no porto, mas lá para dentro da cidade, perto de algumas casas, ao fundo. Foi a única constatação de petróglifos longe das margens do rio que encontramos em toda a viagem” (Xavier, 2008, página 102).

Este Petróglifo consiste em uma única pedra que repousa rente ao solo de terra. O único desenho, embora relativamente erodido, apresenta excelente visibilidade. Suas características geométricas são retangulares, compostas por linhas retas, curvilíneas e espirais, com dimensões proximais de 70 cm de comprimento x 60 cm de largura.



Petroglifo na comunidade de Camanaus, alto rio Içana

Figura 81: Desenho Geométrico, **Rio Içana, Camanaus Colômbia**. Fonte, Livro Rotas de Transformação (2012).

3.2.10 CARURU CACHOEIRA, CACHOEIRA DO HIPANA, PINU PINU E SANTA ROSA DO UAUPÉS

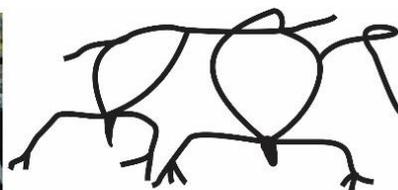
Entre os sítios indicados nesta seção, os petróglifos em Caruru Cachoeira⁹⁷, apresentam os desenhos mais curiosos do ponto de vista do observador desta pesquisa, pois são figuras alongadas, de grandes dimensões, talvez com ± 2 metros

⁹⁷ Petroglifos Caruru Cachoeira, Zona 19 M da UTM E 400436 e UTM, N 30316 a altimetria é de 109 metros.

de tamanho, além dos indicativos de ser um local de oficina lítica, conforme relata Grünberg (1907 (2010), pág. 65):

“O curso do rio aqui se parte em dois, devido às margens altas e pedregosas, e é fortemente estreitado de ambos os lados por pontas de pedras salientes. A margem esquerda, por assim dizer, forma uma gigantesca placa rochosa única que se eleva em vários degraus e durante o período das chuvas fica separada da terra firme por um estreito braço de rio. Na superfície vertical de um desses degraus estendidos acham-se várias figuras gravadas de cerca de 1,5 m de altura que, a julgar pelo desgaste, foram feitas há muito tempo. Além dessa pedra com desenhos no chão pedregoso plano, descobri marcas alongadas e afiadas de amolação. 1) Marcas redondas parecidas com conchas, que costumam ter 15 cm de diâmetro e uma profundidade de 2 cm no centro. 2) Sulcos compridos e estreitos que terminam em ponta nas duas extremidades, com média de um pé de comprimento e uma largura e profundidade de aproximadamente 3 cm no centro”.

As representações dos desenhos são de contornos delineados em linhas geométricas assemelhando-se a figuras humanas e animais. Nessas representações, a “cabeça” aparece em continuação do tronco, com uma transição sugerida por leves dobras (curvas), por meio das quais passam as linhas que interligam os braços ao corpo. No geral, têm características zoomórficas, lembrando as representações de peixes e até mesmo de lagartos, mas algumas também exibem traços meio humano e meio animal.



Petroglifo Caruru Cachoeira
Fonte: Livro Rotas de Transformação, pág. 242, (2012).

Figura 82: Desenhos do Caruru Cachoeira. Fonte: Livro Rotas de Transformação, pág, 242 (2012).

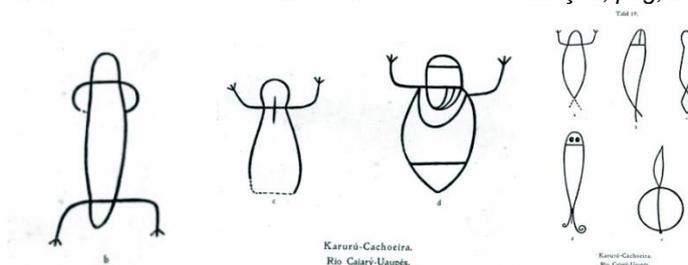


Figura 83: Petroglifos Caruru Cachoeira. Grünberg, pág, 128 e 129 (1907 (2010)).

Na **Cachoeira do Hipana**⁹⁸ existem figuras geométricas com variações que lembram estampas e até mesmo máscaras, com círculos concêntricos e espirais sugerindo diferentes variações. Uma figura, com “orelhas” pontiagudas, estendendo os membros superiores com o indicativo de falo, merece destaque. O seu corpo apresenta linhas geométricas e feições meio humanas e meio animal, lembrando um macaco. Esta figura está localizada entre duas figuras com linhas concêntricas e em espiral.



Figura 84: Modelos de **Desenhos da Cachoeira do Hipana**. Fonte: Livro *Rotas de Transformação*, pág. 242 (2012) e Grünberg, pág., 163, (1907 (2010)).

No **Pinu Pinu**⁹⁹ foi identificado um pedral com figuras geométricas que lembram as recorrentes figuras em espiral, existindo indicativos de polidores para produção de lâminas de machado e outros artefatos de pedra polida. Em **Santa Rosa do Uaupés**¹⁰⁰ foram observadas figuras curvelíneas, semicirculares, concêntricas; figuras com membros superiores fletidos e em outras, erguidos, lembrando figuras humanas (antropomórficas).



Figura 85: Modelos de **Desenhos do Pinu Pinu e Santa Rosa do Uaupés**. Fonte: Livro *Rotas de Transformação*, pág. 231 e 242 (2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹⁸ Petroglifos Cachoeira Hipana, Zona 19 M da UTM E 469723 e UTM, N 137610 a altimetria é de 123 metros.

⁹⁹ Petroglifos Pinu Pinu, Zona 19 M da UTM E 552152 e UTM, N 26133 a altimetria é de 88 metros.

¹⁰⁰ Petróglifo Santa Rosa do Uaupés, Zona 19 M da UTM E 645993 e UTM, N 12846 a altimetria é de 74 metros.

O levantamento realizado dos lugares com petróglifos possibilitou a obtenção de uma amostragem quantitativa e qualitativa, trazendo elementos do espaço, da localização, da visibilidade, das características e dos modelos das sinalizações deixadas ao longo dos pedrais rochosos da região, trazendo nuances das percepções, sensibilidades e conhecimentos dos povos ameríndios da região.

Assim como a maioria dos registros **gravados** dispersos por todo o continente americano, os petróglifos levantados para esta pesquisa, identificados ao longo dos cursos ou próximos a fontes de água seguem os cursos naturais dos pedrais na rede hidrográfica da região. No entanto, há uma exceção: o petróglifo de Camanaus, que se encontra relativamente afastado do curso dos rios.

Os petróglifos seguem os cursos naturais dos pedrais difusos na rede hidrográfica da região, servindo de áreas nucleares para apresentação dos desenhos e indicando ser um pilar base de rota de comunicação visual ameríndia ao longo dos cursos d'água dentro de um sistema de comunicação fluído ao longo do tempo.

Destacamos que os petróglifos levantados nessa pesquisa são relativamente bem preservados, mas, de todo modo os petróglifos, assim como todo o patrimônio arqueológico na Amazônia enfrentam desafios significativos, tendo em vista a exploração econômica da região, como a extração de recursos naturais e a expansão agrícola, e do turismo, colocando em risco esses sítios arqueológicos. Além disso, a falta de políticas efetivas de conservação e sensibilização para preservação desses locais pode levar à degradação e ao desaparecimento dos petróglifos.

BIBLIOGRAFIA

ANDRELLO, G. Área Indígena Alto Rio Negro renasce das cinzas. In: Povos Indígenas no Brasil 1991/1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.

ANDRELLO, G. (Organizador). Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

CABALZAR, Aloisio; RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1998.

CABALZAR, A.; RICARDO, B. (Ed.). Mapa-livro – Povos Indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do Noroeste da Amazônia brasileira. 3ª

edição atualizada. Vários colaboradores. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2006. Disponível em: https://issuu.com/instituto-socioambiental/docs/mapa-livro_rn_2006.

CABALZAR, A. (Org.). Manejo do Mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste Amazônico. Vários autores. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010. Disponível em: http://issuu.com/institutosocioambiental/docs/manejo_do_mundo. Acesso em: 31 mar. 2020.

CASTRO, Junildo Rezende. Levantamento Etnoarqueológico na Comunidade de Pari-Cachoeira, Município de São Gabriel da Cachoeira – AM. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

Dossiê iphan 7. {Cachoeira de Iauaretê}, Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri (AM). IPHAN, Brasília, DF. 2007.

Instituto Socioambiental (ISA). Rio Negro, Manaus e as Mudanças no Clima. [organização Gustavo Vieira Peixoto Cruz, Saulo Andrade]. -- São Paulo :, 2008. Bibliografia. ISBN 978-85-85994-58-7.

KOCH-GRÜNBERG, T. Petróglifos Sul-Americanos. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Sócioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)).

KUMU, Umúsin Panlón, KENHIRI, Tolamã. Antes O Mundo Não Existia. Editora: Valer, Manaus, 2021.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico. Instituto brasileiro de geografia e estatística, 1981.

NIMUENDAJÚ, Curt. Excursões pela Amazônia. São Paulo: Rev. Antropol. vol. 44 n.º 2, 2001.

RIBEIRO, Berta G. - ARTE INDÍGENA, LINGUAGEM VISUAL. São Paulo: 1989.

RIBEIRO, Berta. Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo. São Paulo: Edusp, Companhia das Letras. 1995.

SARMENTO, Francisco. O Alto Rio Negro indígena em mais de dois mil anos de história. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 11, n. 2, 2019.

SILVA, C, A. Relatório de Atividades de Campo em Arqueologia em São Gabriel da Cachoeira. Arqueologia, UEA, 2021.

Souza, Luciano. Anotações de campo, Viagem ao Alto Rio Negro. 2022.

Scolfaro, Aline, Gita de Oliveira, Natalia Hernández e Silvia Gómez (organizadores). Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia / Primeiro

informe de avanços (Brasil/Colômbia. Vários colaboradores. Brasil (São Gabriel da Cachoeira e São Paulo) Colômbia (Leticia, Mitú y Bogotá), 2014.

SCOLFARO, Aline (Organização). Povoado indígena de Iauaretê perfil socioeconômico e atividade pesqueira. Instituto Socioambiental, FOIRN, São Gabriel da Cachoeira, 2017.

SCOLFARO, Aline, DIAS, Carla (Organização). Plano de Gestão Indígena do Alto e Médio Rio Negro. Ilustração Feliciano Lana. 1. ed. -- São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2021.

SOUZA, Antonio Gilmar. Petrografia e Geoquímica do Batólito Granítico São Gabriel da Cachoeira, Província Rio Negro (AM). Dissertação, Pós-Graduação em Geociências – UFAM, Manaus, 2009.

VIDAL, L. (Org.). Grafismo Indígena: Estudos de antropologia estética. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

XAVIER, Carlos Leal. A Cidade Grande de Ñapirikoli e os Petroglifos do Içana, Uma Etnografia de Signos Baniwa. Dissertação, Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

CAPÍTULO 4

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES, DOS PETRÓGLIFOS Ameríndios, em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazônia

A percepção são visualizações processadas, através do mapa cognitivo, onde os sistemas simbólicos facilitam a comunicação e são usados para representar vários aspectos da existência, do pensamento sobre algum objeto ou lugar que se visualiza que construímos e dividimos com os outros. Renfrew, Zubrow (1994).

RESUMO

Neste capítulo vamos apresentar os modelos de representações e percepções dos saberes ameríndios nos petróglifos do Alto Rio Negro, Amazônia, Brasil. As representações de desenhos em suportes rochosos é uma das formas de documentação, de narrativas, de comunicação, da transmissão e da apresentação da diversidade cultural e simbólica da ARTE INDÍGENA AMERÍNDIA PRÉ-COLOMBIANA. Esta se vincula ao mundo ambiental e social na Amazônia, correspondendo a uma dinâmica **cognitiva, de percepção, de memória e de apropriação dos lugares**, envolvendo um saber técnico, temático e simbólico ameríndio.

Palavras-Chaves: Lugares, Petróglifos, Modelos, Alto Rio Negro, Amazônia.

Os petróglifos estão localizados nos caminhos naturais ao longo das redes hidrográficas na Amazônia e representam **uma forma de interação ambiental** entre as pessoas e a natureza. Estes servem como instrumentos informacionais de **lugar¹⁰¹, de um mapa cognitivo**, marcador de memória e de rota de comunicação visual na América desde o período Pré-Colombiano até os dias atuais. Em São Gabriel da Cachoeira, para além destes indicativos, as sinalizações nos pedrais rochosos são considerados lugares sagrados, representando sinais dos tempos da formação e manejo do mundo, da história e das memórias dos habitantes (Andrello, 2012).

¹⁰¹ O lugar representa a porção do espaço geográfico dotada de significados particulares e relações humanas. O lugar é onde existe a afetividade, onde se materializa o seu jeito de ser, a sua cultura e costumes. O uso da definição de lugar tem tomado grande relevância, principalmente a partir da premissa estabelecida por Lewis R. Binford em *Archaeology of Places* (1982), pela qual (o arqueólogo) deve *expandir suas análises para além do sítio arqueológico*, compreendendo as características dos espaços topográficos em que diferentes tipos de sítios e não-sítios arqueológicos, como componentes de um sistema regional de assentamento estão distribuídos (Schlanger, 1992).

Dentro de sua lógica de mundo, os povos da região produziram tecnologias cognitivas e informacionais adequadas para conduzir um indicador de interação dos humanos com a natureza ao longo de sucessivas gerações¹⁰². Estas indicações desdobraram-se em conhecimentos (saberes) ameríndios, unindo-se aos lugares, às paisagens, aos caminhos e aos trajetos como inscrições espaciais e temporais, apresentando modos de vida, do sagrado, dos espíritos, dos animais, das plantas, dos minerais, dos objetos e de muitos outros fenômenos, em conexão com a natureza/cultura¹⁰³ e a sociodiversidade¹⁰⁴ na Amazônia (Amoroso e Santos, 2013).

Nas áreas onde a visibilidade dos petróglifos está alinhada com o tempo relativo da natureza, relacionada às variações de cheias e secas (cotas) do nível das águas, e considerando também o tempo absoluto obtido por meio de datações radiocarbônicas, há indícios indiretos de uma cronologia¹⁰⁵ que aponta para aproximadamente 3 mil anos atrás para os registros gravados nas rochas. (Pereira, 2010, Valle, 2012, Cavallini, 2014, Sarmiento, 2019).

Estes indicativos demonstram a percepção ambiental dos povos ameríndios como uma forma de processar, de organizar, de interpretar dados sensoriais, simbólicos e cognitivos, exprimindo uma consciência sobre o ambiente e o entorno que os cercam, servindo como canais ativos para o mundo observado e experienciado.

Nesta pesquisa, os **trinta e quatro lugares** levantados com petróglifos, situados a céu aberto e em afloramentos rochosos ribeirinhos de origem indígena, os quais ficam parcialmente ou totalmente submersos, apresentaram variabilidade

¹⁰² Sobre a região amazônica, foi derrubada a tese de que lá tinha, apenas, tribos distribuídas a esmo pela floresta. **Arqueólogos acreditam que havia cerca de 5,5 milhões de pessoas antes do descobrimento. Há pelo menos 14 mil anos**, a floresta é ocupada por populações que produziam ferramentas de trabalho e cerâmicas, possuíam também uma agricultura diversificada, além do idioma. Enquanto quase todas as línguas modernas vieram de uma mesma família - a indo-europeia -, as línguas faladas nas aldeias antigas da região amazônica vieram de diferentes famílias linguísticas. Segundo Neves, essa pluralidade também é **diversidade cultural, e é tão importante quanto a diversidade biológica**. Fonte: <https://exame.com/mundo/arqueologo-revela-valor-da-sociodiversidade-na-amazonia/>¹⁰². Acesso 19/09/2022.

¹⁰³ Reflexão realizada a partir de Amoroso e Santos, 2013.

¹⁰⁴ A **sociodiversidade**, diz respeito aos fatores como distribuição geográfica, línguas faladas, etnias e organização social. O Brasil possui grande sociodiversidade, além das comunidades indígenas e grupos sociais distintos. JÚNIOR, Benevides et al. Hermenêutica emancipatória na interpretação dos direitos da bio e sócio diversidade na Amazônia e a questão do Protocolo de Nagóia. 2021.

¹⁰⁵ Valle (2017) ao escavar o sítio Arqueológico Pedra do Sol no Estado de Roraima, efetuou datações de fogueiras antrópicas associadas com sedimentos, levantando hipóteses em caráter conjectural entre o evento de combustão mais antigo – identificado há 9.400 anos AP – as gravuras mais antigas da Parede NE, sobretudo os geométricos verticais e as cúpulas, significativamente mais intemperizados dentro do conjunto. Sugere também que a combustão datada de 4.000 anos AP pode estar associada às gravuras preliminarmente identificadas como do segundo perfil gráfico do sítio. (VALLE, 2017, p. 23 *apud* Oliveira e Santos, 2019).

geológica devido ao contato do escudo cristalino com a bacia sedimentar e hidrográfica através dos cursos e das confluências dos rios da região. Esta variabilidade ambiental permite o entendimento destes lugares como sistemas pré-históricos ou pré-coloniais de comunicação visual que funcionaram como linguagens estilísticas gráfico-simbólicas das comunidades autoras ao longo do tempo.

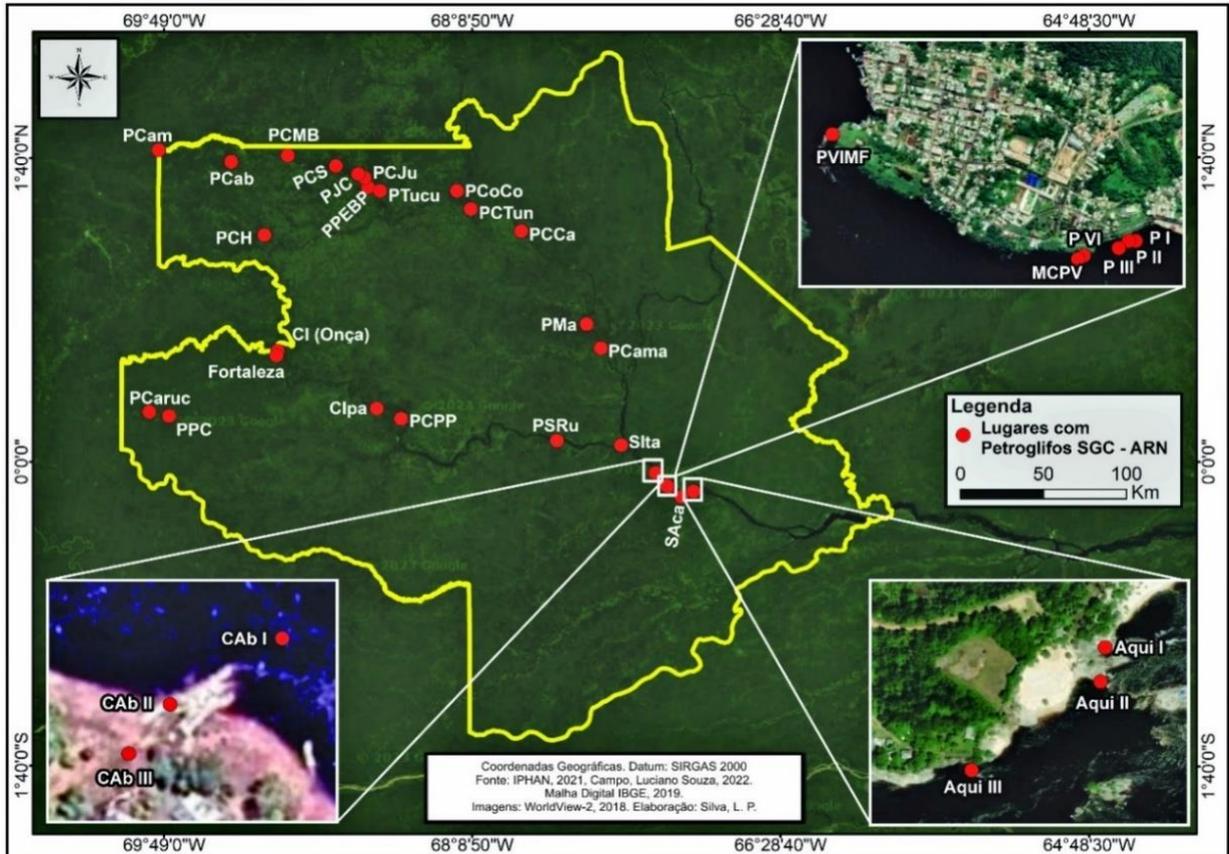


Figura 86: Distribuição dos lugares¹⁰⁶ com Petróglifos em São Gabriel da Cachoeira, AM

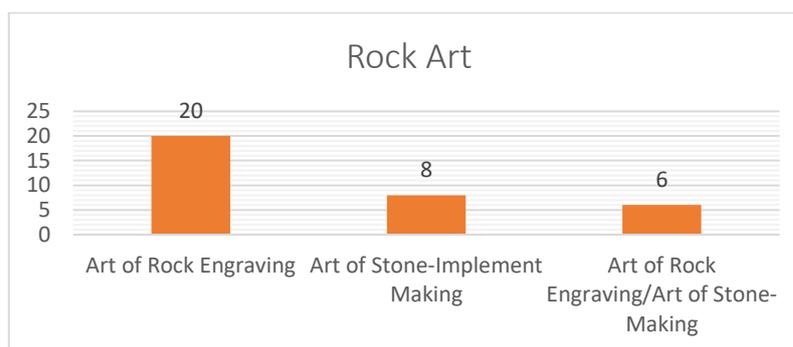
Dos conjuntos analisados, nós destacamos que **59% dos lugares possuíam representações de desenhos (*Art of rock engraving*)** e **23% dos locais foram caracterizados como oficinas líticas**, lugares de produção (*design*) de tecnologias de pedras (*Art of stone-implement making*), realizadas por meio de amoladores e afiadores para projeção de instrumentos, como lâminas de machados, mãos de pilões e afiação de gumes de machados, entre outras atividades. Já **18% dos lugares**

¹⁰⁶ Siglas: Aquidabam I (**Aqui I**), Aquidabam II (**Aqui II**), Aquidabam III (**Aqui III**), Pedral I (**PI**), Pedral II (**PII**), Pedral III (**PIII**), Pedral IV (**PIV**), Mangueira Canal ou Pedral V (**MCPV**), Pedral VI Morro da Fortaleza (**PVIMF**), Cabari I (**CAb I**), Cabari II (**CAb II**), Cabari III (**CAb III**), Sítio Acará (**Saca**), Petróglifos Pari-Cachoeira (**PPC**), Cachoeira de Ipanoré (**Clpa**), Cachoeira de Iauarete (**CI (Onça)**), Petróglifos Cachoeira do Caapi (**PCCa**), Petróglifos Cachoeira do Tunuí (**PCTun**), Petróglifos Porto da Escola Baniwa/Pamáali (**PPEBP**), Petróglifos Cachoeira de Jurupari (**PCJu**), Pedral da Cachoeira Siuci (**PCS**), Petróglifos Cachoeira de Matapi-Buya (**PCab**), Petróglifo de Camanaus (**PCam**), Petróglifos de Jandu Cachoeira (**PJC**), Petróglifos Tucumã (**PTucu**), Petróglifos Coro-coró (**PCoCo**), Petróglifo Maçarico (**PMa**), Petróglifo Camarão (**PCama**), Petróglifos Cachoeira Hipana Ou Uapui (**PCH**), Petróglifo Santa Rosa do Uaupés (**PSRu**), Petróglifo Cachoeira Pinu Pinu (**PCPP**), Petróglifo Caruru Cachoeira (**PCaruc**).

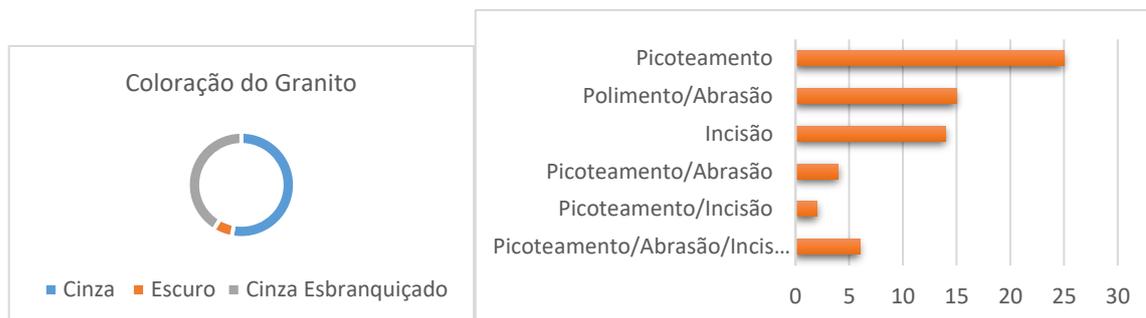
apresentaram indicadores de atividades tanto de representações de desenhos quanto de oficinas líticas (*Art of rock engraving/ Art of stone-implement making*).

O **substrato rochoso predominante** foi do tipo granítico, variando em coloração cinza, cinza escuro e cinza esbranquiçado. As **técnicas**¹⁰⁷ de gravados para os **modelamentos** dos desenhos foram identificados por picoteamento (25), seguido por: polimento abrasivo (15), incisão (14), picoteamento/abrasão (4), picoteamento/incisão (2) e picoteamento/abrasão/incisão (6).

Gráfico 3: Tipos de Lugares com Petróglifos



Gráficos 4 e 5: Coloração rochosa e Técnica de Gravados na Rocha



A estimativa altimétrica dos lugares com petróglifos estão entre 50 e 160 metros de altitude em relação ao nível do mar, demonstrando uma variável de visibilidade das sinalizações gravadas nas rochas e estando de acordo com o nível de alternância das cheias e secas dos rios (**vide figura 88 abaixo**). Essas variáveis podem vir a representar o conjunto de escolhas adotadas pelos grupos, refletindo padrões mentais, ideias, valores e normas compartilhadas do sistema cultural dos autores.

Em termos altimétricos, nas cotas inferiores, identificamos **lugares com oficinas líticas**¹⁰⁸ localizados na orla de São Gabriel da Cachoeira (55-60m);

¹⁰⁷ A técnica de **picoteamento** é realizada por percussão direta na rocha, utilizando um percutor de rocha com dureza igual ou superior ao suporte rochoso; de **abrasão**, que é a raspagem superficial ou polimento sobre o suporte, e a **incisão**, que são as retiradas ou realizações de sucros profundos na rocha (Prous, 1992). O uso de pressão, envolvendo o contato da ferramenta em fricção contínua na rocha (Alvarez, 2001).

¹⁰⁸ Para Silveira (2012) as oficinas líticas revelam o *modus vivendi* das populações originárias, para a Amazônia.

grafismos geométricos, reconhecíveis e oficinas líticas (60-65m); **grafismos reconhecíveis e geométricos** (70-75m) e grafismos reconhecíveis, não reconhecíveis, geométricos e oficinas líticas (75-80m). A partir de 80 metros foram identificados **grafismos geométricos, reconhecíveis e oficinas líticas** (80-85m), grafismos geométricos, reconhecíveis e oficinas líticas (85-90m); **grafismos geométricos e reconhecíveis** (90-95m); grafismos geométricos, reconhecíveis e oficinas líticas (100-105m); **grafismos geométricos, reconhecíveis e não reconhecíveis** (105-110); grafismos geométricos e não reconhecíveis (110-115m); **grafismos geométricos, reconhecíveis e não reconhecíveis** (115-120m); grafismos geométricos e reconhecíveis (150-155m) e **grafismos geométricos** (155-160m).

Os lugares com oficinas líticas são apontados nas cotas altimétricas mais baixas, indicando a utilização desses locais em períodos de seca intensa. Tais locais sugerem funções de sinalização como meio de comunicação visual do uso dos pedrais, além de servirem como lugares de produção, manutenção e aperfeiçoamento das tecnologias líticas. Para Silveira (2012) as oficinas líticas com amolador, afiador ou lâmina de machado revelam o *modus vivendi* das populações originárias, para a Amazônia as categorias polidoras – que são marcas bem definidas produzidas pelo desgaste na confecção (formas circulares, oval/ elíptica) – também possuem formas de canoas ou lineares - **cicatrizes** superficiais, como marcas de uso para fazer instrumentos para atender as necessidades cotidianas do grupo. Além disso, por causa dos seus formatos e dimensões, podem ter sido utilizados como recipientes para o processamento de alimentos.

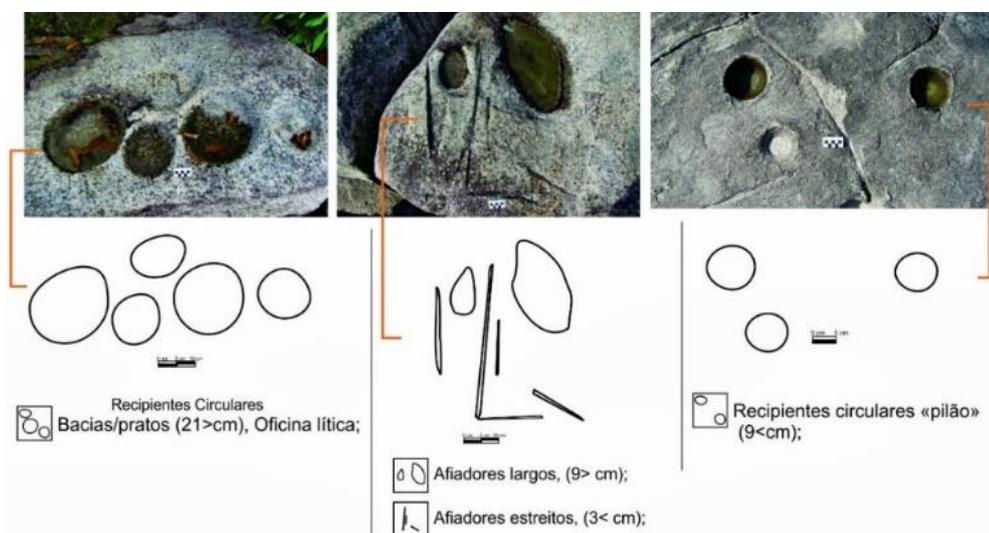


Figura 87: Detalhes dos modelos das sinalizações dos Pedrais V e I. Existem cúpulas/bacias, pilões e afiadores para projeção (**design**) de ferramentas rochosas. **Fonte:** Luciano Souza, campo, outubro de 2022.



Figura 87a: Modelos de instrumentos fabricados em áreas de (Oficinas Líticas) produção tecnologias de pedra (Art of stone-implement making) bastante encontradas no Alto Rio Negro, Acervo Arqueológico do Museu Amazônico – UFAM. Fonte: Acervo imagético pessoal do autor.

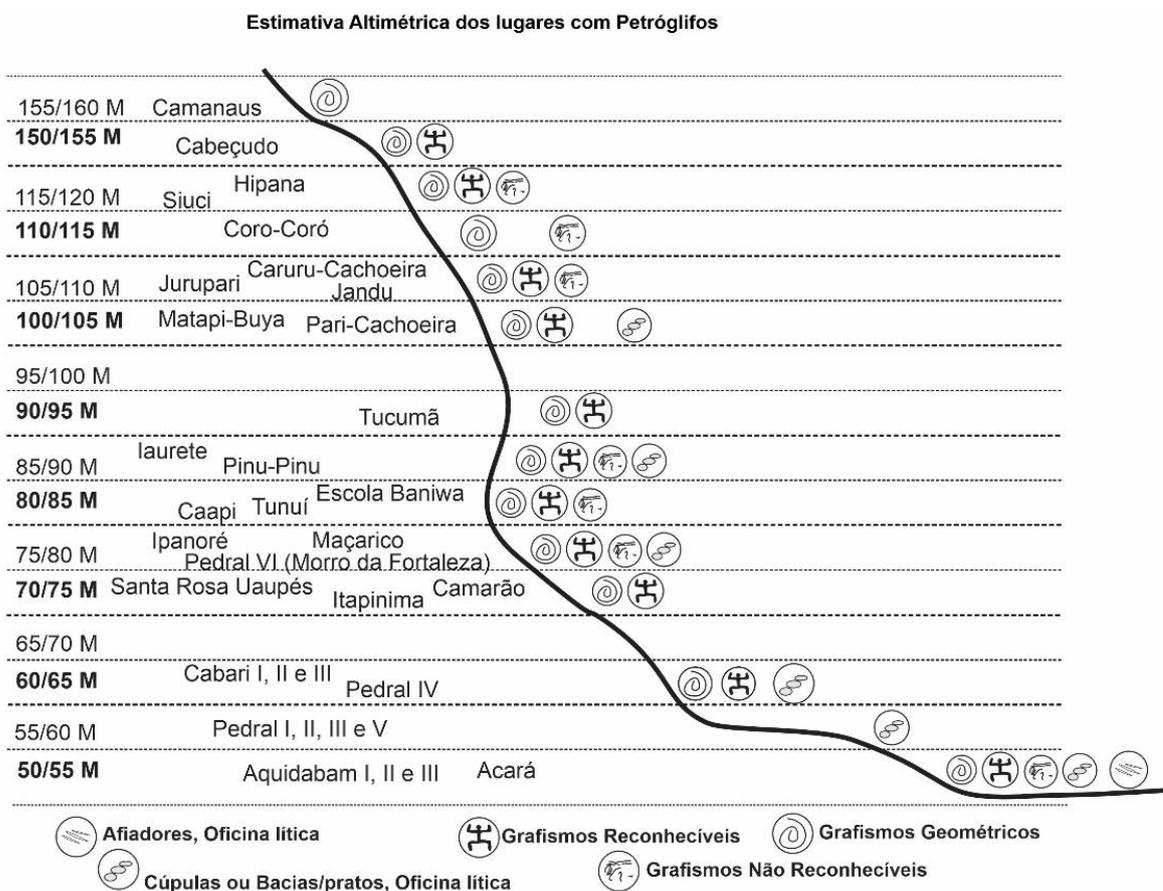


Figura 88: Estimativa Altimétrica dos lugares com Petróglifos e Oficinas Líticas.

Por meio do levantamento fotográfico de campo¹⁰⁹ e da pesquisa bibliográfica¹¹⁰ imagética, observamos quatrocentos e doze (412) modelos de grafismos nos pedrais rochosos e, deste quantitativo, **51% dos grafismos são geométricos, 30% reconhecíveis e 19% não reconhecíveis.** Estes quantitativos

¹⁰⁹ Levantamento de campo realizado pelo autor da pesquisa em outubro de 2022.

¹¹⁰ Artigos, livros, teses e dissertações de diferentes áreas: Arqueologia, Antropologia, História, Geologia e t.c.

demonstram as especificidades e a diversidade relacional dos modelos dos desenhos dos pedrais.

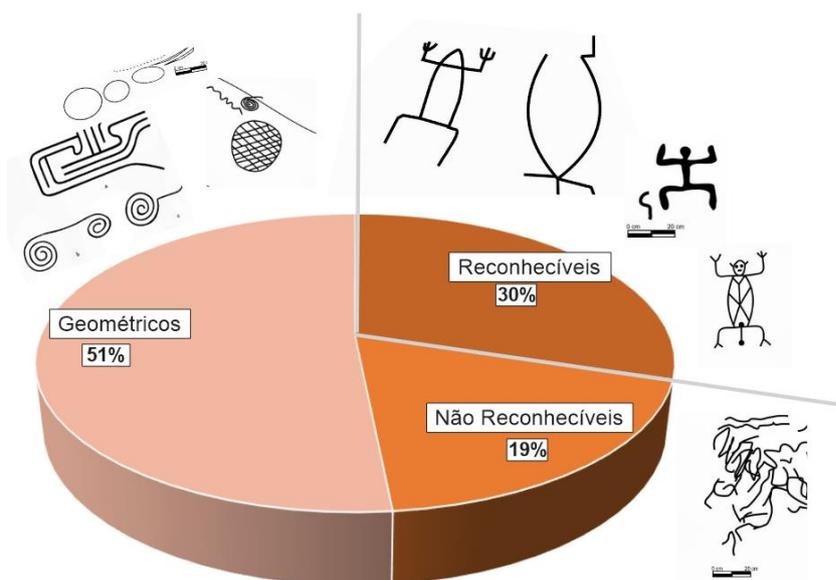


Gráfico 6: **Categorias dos Grafismos**

A partir dos modelos e variações dos desenhos dos trinta e quatro lugares com grafismos analisados, houve o predomínio dos grafismos com modelos geométricos em trinta e três destes; enquanto em dezenove lugares foram registrados os grafismos reconhecíveis e, em doze lugares, os grafismos não reconhecíveis foram registrados. Em dez lugares existiram grafismos reconhecíveis e geométricos; nove lugares com grafismos reconhecíveis, não reconhecíveis e geométricos; três lugares com grafismos não reconhecíveis e geométricos.

1. Os grafismos geométricos representam linhas retas, em ziguezague, onduladas, círculos radiados, linhas paralelas onduladas, espirais pedunculadas, espirais quádruplas, pontilhismo, estampas, labirínticos ou em forma de grades, espirais e linhas sinuosas de vários tamanhos, formas abstratas; algumas formas (sinais) podem lembrar ou identificar-se como corpos celestes e outros diferentes motivos geométricos.
2. Por outro lado, os grafismos reconhecíveis são aqueles que permitem a identificação de elementos do mundo sensível, além de possuírem diferentes atributos e tipos morfológicos (Guidon 1984, 1986; Pessis 1983, 1987, 1992, 2013, Cisneiros, 2008, Silva, 2012, 2013). Estes são representados por figuras que podem ser diferenciadas, sejam

antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos e outros. Em alguns casos é possível identificar espécies de animais e de vegetais, ou o sexo entre as figuras humanas e também de animais.

3. Sob outra perspectiva, os grafismos não reconhecíveis (abstratos) são aqueles que não permitem a distinção dos sinais gráficos representados, não sendo possível a identificação pela observação cognitiva direta dos pesquisadores subjacente ao universo sensível dos autores (Pessis, 1992, Martin, 2006).

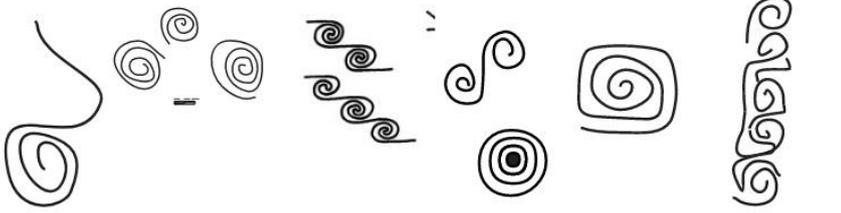
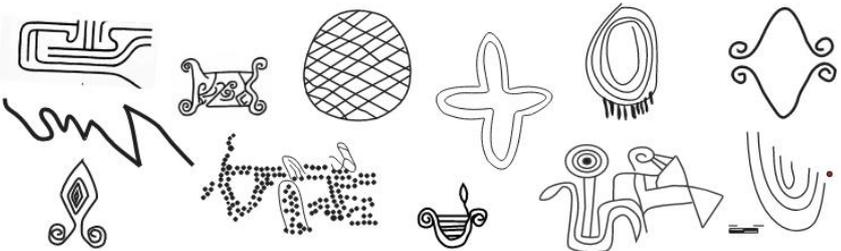
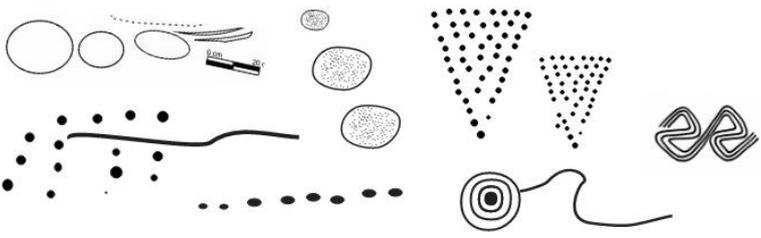
Tipo	Modelos e Variações
Geométrico	
	
	

Figura 89: Modelos e Variações dos Desenhos dos Petróglicos.

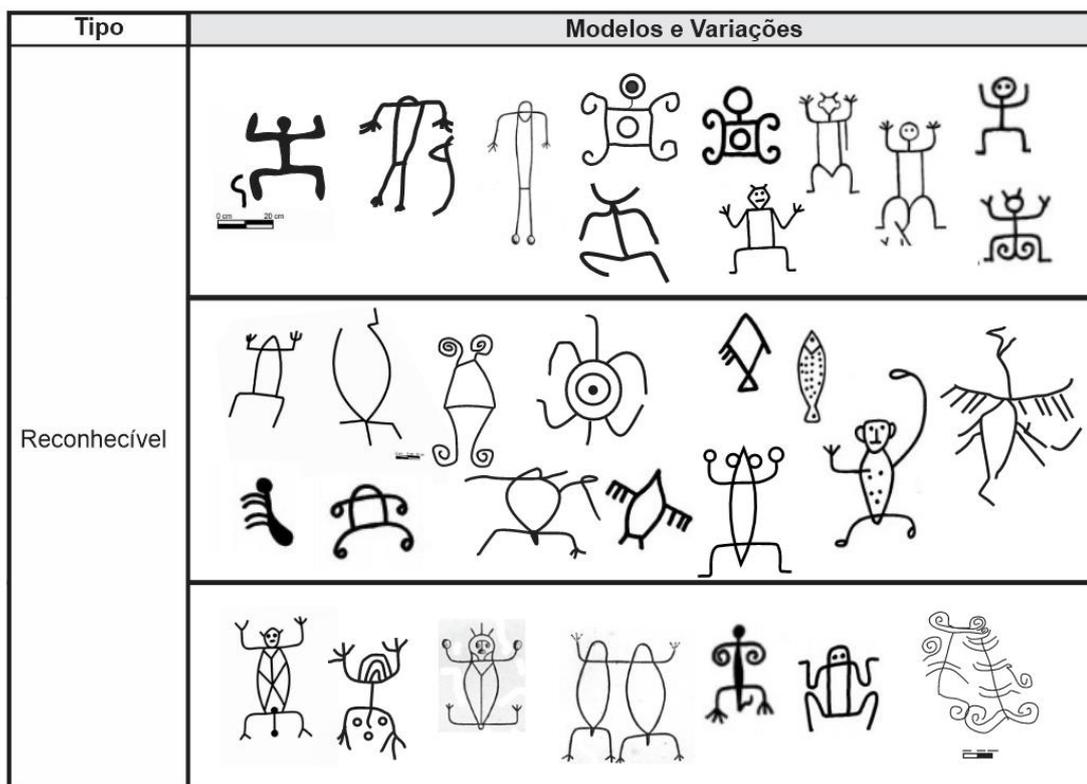


Figura 90: Modelos e Variações dos Desenhos dos Petróglicos.

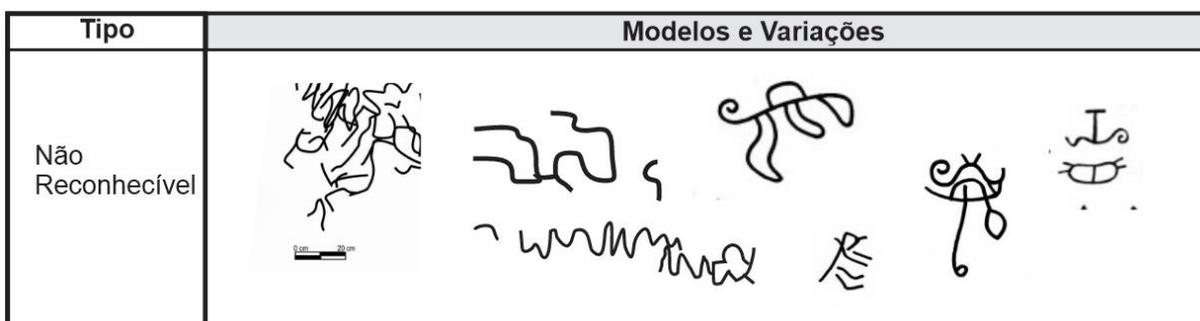


Figura 91: Modelos e Variações dos Desenhos dos Petróglicos.

Os lugares estudados apresentaram temáticas distintas, sendo 8% antropomórficas, 20% zoomórficas, 66% como expressões geométricas, 2% como figuras antropozoomórficas, 2% como figuras fitomórficas e 2% como máscaras ou expressões faciais (caretas).

Existe uma grande variedade das representações antropomórficas, indicando a diversidade das figuras humanas. As representações zoomórficas foram interpretadas como os seguintes animais: dezoito macacos, oito sapos, treze peixes, nove formigas, seis gafanhotos, cinco tartarugas, quatro aves e quatro caramujos. As figuras **antropozoomórficas totalizaram** oito formas que possuíam características

atribuídas tanto às partes humanas como aos animais. Por fim, cinco figuras **fitomórficas** exibiram elementos morfológicos que lembram plantas.

Nos grafismos geométricos existiu a dominância das espirais, totalizando quarenta e duas formas, seguidas por estampas, com vinte e três unidades. Além destas, sete figuras indicaram ser representações de objetos diferenciados, com formas curvas ou triangulares e detalhes que são associados subjetivamente a instrumentos como trompas ou flautas¹¹¹, além de outros elementos redondos, semicirculares, pontilhados e círculos concêntricos. Essas formas geométricas podem ser vistas como formas ativas, orgânicas, acumulativas que provocam e movem a imaginação. Elas são formas fundamentais que estão presentes desde a pré-história e são comuns a todos os grupos humanos (Bonell, 2006).

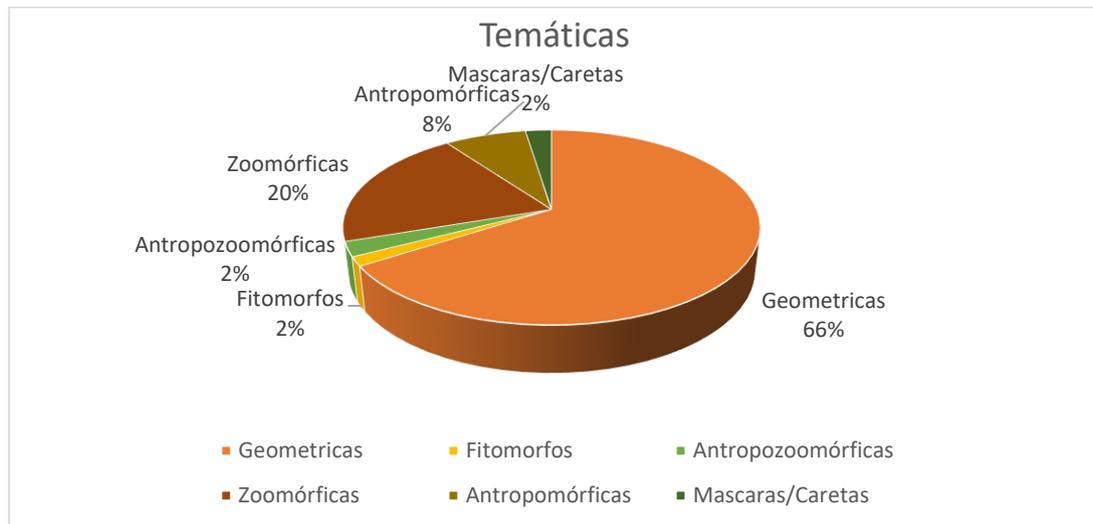


Gráfico 7: Temáticas reconhecíveis

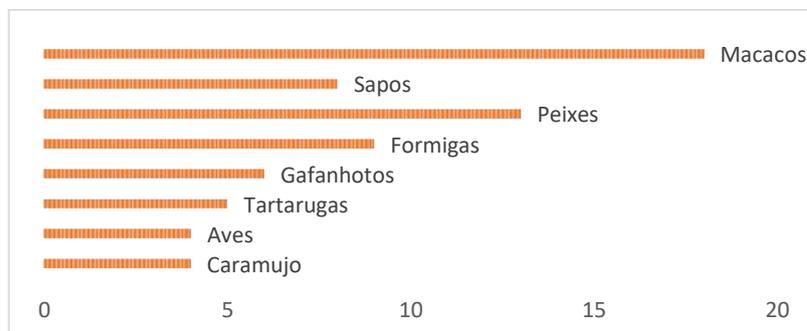


Gráfico 8: Quantitativo de figuras zoomórficas reconhecíveis

¹¹¹ Xavier (2008)

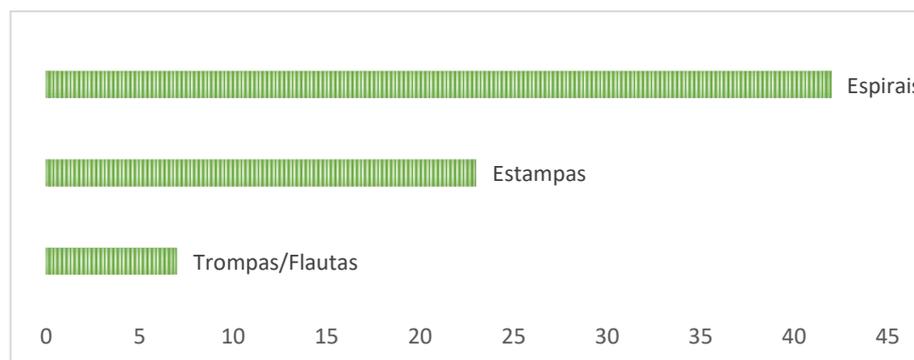


Gráfico 9: Quantitativo de Figuras Geométricas

Os modelos dos desenhos analisados do alto rio negro demonstram uma diversidade das representações da arte rupestre. Eles aparecem: 1) em conjunto, 2) de forma isolada, 3) em sobreposição, 4) delimitando planos espaciais e 5) de forma desordenada ou em linhas sequenciais e, em alguns casos, com sobreposições. Eles sugerem uma relação temática, de forma isolada como símbolos únicos ou representações em conjunto, com figuras delimitam planos espaciais, configurando o ambiente circundante, ou aparecem de modo desordenado ou linear, com sobreposições ocasionais, que podem refletir interações ou mudanças na prática artística, o que pode sugerir diferentes camadas temporais de criação.

Há um predomínio dos grafismos geométricos apontando para os estudos da arte rupestre da Amazônia. Miranda (1994), na região do Rio Uatumã (Barragem de Balbina), caracterizou este predomínio de motivos **geométricos** e a presença de máscaras (chamadas pelo autor de motivos culturais), seguido da predominância de figuras zoomorfas (*apud* Pereira, 2003, p. 26).

Valle (2012) destacou as especificidades dos petróglifos do baixo Rio Negro, caracterizando três perfis gráficos: o primeiro é o perfil denominado Ponta do laçá onde a iconografia é estruturalmente **geométrica**; o perfil gráfico Unini, com formas antropomórficas e zoomórficas; e o perfil gráfico Jaú, com formas antropomórficas e **geométrico-abstratas** realizadas em rochas areníticas e graníticas.

Cavallini (2014) trouxe a diversidade das máscaras e caretas e da especificidade do universo cefalomorfo das gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu, além de trazer representações **geométricas** e elementos associativos aos apliques (caretas) decorativos da cerâmica arqueológica amazônica.

Destacamos que as representações reconhecíveis, como as máscaras e as figuras zoomórficas, juntamente com os grafismos geométricos, são semelhantes às

representações encontradas nos petróglifos da Amazônia colombiana. Por exemplo, os desenhos do petróglifo de Camanaus, no Rio Içana, apresentados no âmbito desta pesquisa, e os de La Pedreira, no Rio Caquetá, na Colômbia, registrados pelo etnógrafo Tastevin e publicado no livro “Tastevin e a Etnografia Indígena” (2010).

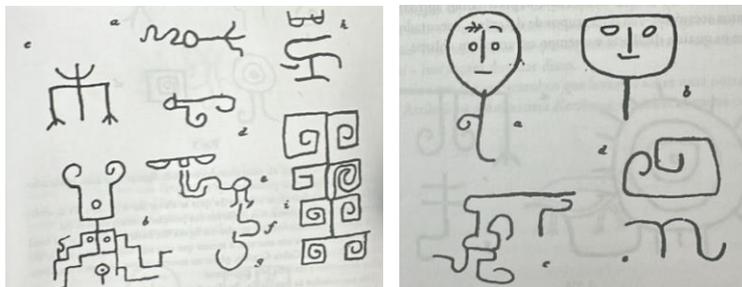


Figura 92: Imagens dos desenhos dos pedrais de La Pedreira no Rio Caquetá na Colômbia Fonte: Tastevin e a Etnografia Indígena” (2010). Pág,189 e 191.

Ademais, em relação aos modelos de desenho rupestre para a Amazônia, Miller (1992), nas bacias dos rios Abunã e Madeira, em seu alto curso (Rondônia), identificou a técnica da picotagem e de incisões nas rochas no modelamento de figuras geométricas, zoomorfos complexos, antropomorfos frontais e máscaras estilizadas. Entre os Rios Xingu e Araguaia-Tocantins e o sul do Pará existem lugares com sítios rupestres que foram caracterizados pelo predomínio das formas geométricas como: espirais, círculos concêntricos e pontos, seguidas das figuras zoomorfas que ocorrem em grande quantidade e são definidas por aves, tartarugas, arraia, peixes-boi, entre outros animais. Nestes, as figuras antropomorfas são reduzidas e elaboradas de forma estilizada, mas não são observados detalhes anatômicos e de adorno corporal (Pereira, 2002, 2006). Estes modelos ideativos lembram os desenhos do alto rio negro.

Os petróglifos estudados estão caracterizados também pelas figuras zoomorfas projetadas de perfil ou de frente e em diferentes tamanhos, passando a ideia de movimento. Porém, a constituição de cenas não ocorre com frequência e os grafismos geométricos se destacam pelo quantitativo, pela excelência e pelos detalhes simétricos de suas elaborações. Nestas, as figuras antropomorfas aparecem na sua forma completa ou com a representação exclusiva da cabeça, sendo representadas com cocares, adornos faciais e corporais, com detalhes do rosto (figuras com boca e dentes), expressando diferentes fisionomias. Os antropomorfos geralmente se encontram dispostos frontalmente, como figuras relativamente estáticas, e alguns aparentam indicar leves movimentos, com membros abertos estirados ou levantados

(estendidos para cima). Muitos destes apresentaram designação de atributos sexuais femininos como “vulvas”. Os adornos cefálicos, os traços faciais (olhos e boca) e os objetos de mãos, armas, como “zagaia” aparecem associados a estas figuras.

Os desenhos no geral foram executados em diferentes tamanhos (entre 10 cm e 50 cm de comp.), sendo que os antropomorfos apresentam figuras com proporções definidas, entre 1,20 m de largura e 50 cm de comprimento, o que os tornam figuras visíveis à distância proximal de 30 metros, eventualmente do ponto de vista de quem se posiciona embarcado de frente aos afloramentos. Esta situação já foi descrita por Koch-Grunberg (2010(1907) e Valle (2012).

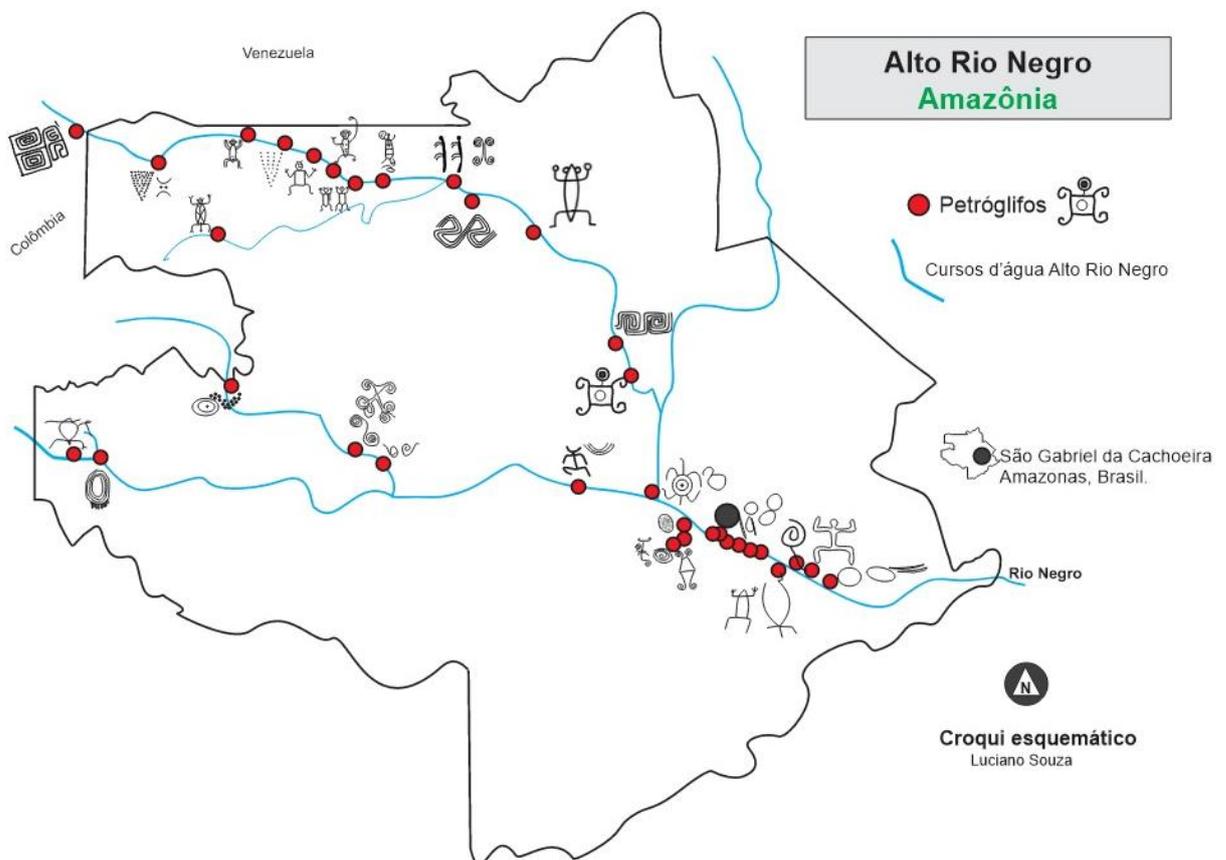


Figura 93: Mapa esquemático de Distribuição dos Petróglicos. Autor, Luciano Souza, 2024.

4.1 TECENDO PERCEPÇÕES DOS CONHECIMENTOS AMERÍNDIOS DOS LUGARES COM PETRÓGLIFOS NO ALTO RIO NEGRO

O significado de muitos grafismos da pré-história perdeu-se com o tempo e, em geral, não conseguimos inferir um significado (Pessis 1992, 2013). De todo modo, não podemos descartar e deixar de tecer as impressões dos conhecimentos regionais e indígenas, em especial, na Amazônia.

Por conseguinte, apresentaremos algumas percepções¹¹² referentes aos conhecimentos inferidos aos lugares e aos modelos de desenhos relativos aos petróglifos. Afinal, diante dos conhecimentos e sabedorias, importa questionar o que são esses lugares. São locais de passagens? De Habitação? Santuários? Sagrados?

Por causa das inúmeras informações sobre a existência de gravuras rupestres nos cursos d'água, muitos autores, viajantes e compiladores consideraram a hipótese desses grafismos estarem relacionados a uma suposta devoção às águas por parte dos indígenas (Vide Vidal, 1992, Pereira, 2003 e Martin, 2006).

Como elas estão posicionadas, geralmente, nas margens ou nos leitos dos cursos d'água, principalmente na região norte e nordeste do Brasil, estas gravuras possuem uma conexão com as águas, indicando a possibilidade de uma vinculação às forças da natureza (Martin, 2006). Isto porque elas possuem representações de linhas onduladas e espirais que lembram o movimento das águas, a exemplo das espirais que aparecem nos pedrais rochosos, na iconografia cerâmica arqueológica antiga e nas junções das águas que ocorrem dos encontros dos Rios da Amazônia, como no caso do mosaico de encontro das águas entre o Rio Negro e o Rio Solimões em Manaus.

No geral, a prática da arte na rocha envolve habilidades, prazer estético e afirmação identitária, já que existem significados funcionais e simbólicos (Jorge, Prous, Ribeiro, pág., 114, 2007). Para Vidal (1992) e Andrello (2012), através das referências etnográficas e das experiências dos conhecimentos dos grupos indígenas é possível a interpretação de locais de seres mágicos, para representações de animais diversos, figuras humanas, rios, montanhas, lugares de moradas, figuras míticas, deuses e até a relação da vida, da morte, de criação e o manejo do mundo.

No alto rio negro, parte dos petróglifos são ligados às lendas sobre Jurupari, herói citado em várias etnias do alto rio negro, chamado de **Kowai** entre os **Baniwa** (Brasil) e os **Coripacos** (Colômbia), onde são representados muitos desenhos de máscara de Jurupari, ou relacionado aos rituais de iniciação masculina, ou da sua mãe Ceucy (percepções são oriundas das viagens de Stradelli e Ortiz¹¹³ *apud* Andrello, 2012, p.197).

¹¹² As considerações são pontuadas a partir do levantamento de campo realizado pelo autor em outubro de 2022 (Viagem de barco de Manaus até São Gabriel da Cachoeira, e os momentos vividos nas terras de São Gabriel) e também a partir dos estudos bibliográficos documentais e imagéticos relativos aos povos do Alto Rio Negro em São Gabriel da Cachoeira – AM durante a pesquisa de doutoramento do autor.

¹¹³ Stradelli e Ortiz fizeram mapas dos rios, das rochas e lajedos, onde encontrou Petróglifos e centenas de intrigantes desenhos nas paredes do alto rio negro (*apud* Andrello, 2012, p.197).

Xavier (2008) tendo como principal objeto de estudo a cultura imaterial dos petróglifos ao longo do rio Içana, diz que os desenhos são destinados a (1) mostrar aos walimanai (as novas gerações) como era o mundo primordial; 2) buscar uma forma de registrar os ensinamentos sobre técnicas diversas (caça, cestarias...) e (3) apontar modos de comportamento que devem guiar os Baniwa¹¹⁴. Assim, os petróglifos apresentam questões que são atribuídas à importância da vida social dos signos e às relações entre oralidade, memória e o suporte material rochoso na rede social dos Baniwa (Xavier, 2012).

Além disto, segundo Xavier (2012), os petróglifos, que são os desenhos gravados nas pedras, quase sempre estão em lugares sagrados e, nas cachoeiras onde são encontrados, esses desenhos são associados a eventos importantes relacionados ao herói-criador **Ñapirikoli**¹¹⁵.

Hill (1993) e Wright (1996) dizem que Ñapirikoli fez nas pedras “fotografias das flautas Kowai¹¹⁶”, para que as novas gerações se lembrassem de como ele era e como devem ser confeccionadas, seguindo as instruções precisas do herói (Ñapirikoli) para serem usadas nos rituais de iniciação e de passagem.

Em outra perspectiva, as representações gráficas são indicadas como provável resultado de alterações mentais produzidas por certas substâncias alucinógenas; como indicado por Reichel-Dolmatof (1971, 1978) que identificou imagens que aparecem no campo visual que, no geral, são abstratas, de composição simples, na forma de luzes e cores brilhantes. Em suas análises, demonstraram que as imagens estimuladas por fosfina (PH3), assemelham-se aos motivos desenhados por indígenas do Amazonas.

Tal conclusão foi tirada a partir de uma pesquisa realizada com mil indivíduos de diferentes origens. O autor também cita os grafismos dos petróglifos, que são semelhantes aos desenhos realizados por indígenas durante a ingestão de

¹¹⁴ “As pedras – os Baniwa bem sabem – são os únicos elementos estáveis num mundo instável, a permanência na constante mutação, onde bichos podem ser gente e gente virar bicho, onde as águas sobem e descem, onde as matas mudam a paisagem a cada estação e são lugares sagrados (Xavier, 2008, pág. 8). “Essas moradas [...] existem em uma dimensão de nosso mundo observável”, dizem Ortiz e Pradilla (sem data:23, apud, **Xavier, 2008, pág. 18**), e acrescentam: “Elas se constituem como um afloramento do estrato cósmico subterrâneo”.

¹¹⁵ Napirikoli descobriu uma traição, e para se vingar da mulher transformou os espermas de Ooliamali (uma cobra grande), em peixes, e deu-lhes para a esposa comer. Ela comeu, engravidou e depois transformou os bichinhos da cobra morta em humanos, que os Baniwa chamam de homem branco, ialanawinai; estes são os inimigos eternos dos povos indígenas. Ñapirikoli vendo a situação toda, enviou os brancos para longe dos indígenas, para o outro lado do mar, Onidiaka peemalhe, para que aqueles não perturbassem os nativos da terra. Assim, previu que um dia, os ialanawinai voltariam e esse retorno... – fonte: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julie-dorrico/2021/05/12/a-escrita-baniwa-sempre-existiu.htm?cmpid=copiaecola>

¹¹⁶ Kowai é o filho do criador **Napirikoli**, sendo o único Jurupari que assume a aparência de um homem branco nos mitos registrados no Alto Rio Negro.

alucinógenos, interpretados como simbologia da criação da humanidade e da fertilidade (1971, 1978). Este procedimento também foi descrito por Langdon (1992) em seu estudo sobre os Siona, do rio Putumayo da Colômbia e do Equador, os quais realizam desenhos geométricos no corpo e nos objetos domésticos visualizados a partir dos rituais sob efeitos de substâncias alucinógenas.



Figura 1. Motivos codificados dos Tukano.

Figura 94: Motivos de grafismos. O contexto cultural de um alucinógeno aborígine" Banistiensia Caapi. Fonte, REICHEL-DOLMATOFF (1978), pág.98.

Assim, mesmo que ainda seja praticamente impossível desconsiderar as explicações de Reichel-Dolmatoff (1978), que vinculam as representações das formas geométricas à ingestão de alucinógenos, tais representações também estão relacionadas a questões cosmológicas, sagradas e visões de mundo compartilhadas especialmente nos aspectos sutis de espaço mental criativo humano no alto rio negro. Com base nos conhecimentos etnográficos da bibliografia sobre o artesanato baniwa (Ver figura abaixo), existem vários signos chamados de **diakhe**, que são representações **geométricas**. Diz-se que Ñapirikoli deixou essas formas gravadas nas pedras para ensinar às novas gerações os padrões das **cestarias de arumã** (Ribeiro, 1995; ISA/FOIRN/OIBI, 2001).



Figura 95: Cestaria de Arumã com motivos geométricos. Fonte: <https://artebaniwa.org.br/tipos1a.html>.

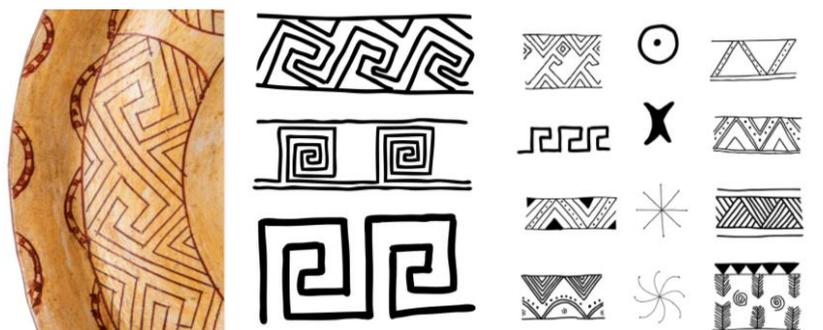


FIGURA 96: SABER DO DESENHO, SABER BANIWA, O repertório dos padrões gráficos presentes na cerâmica. Alguns também são encontrados na cestaria e nos Petróglifos da região. Fonte: Cerâmica Baniwa, pág, 9, 2020.

Os desenhos em formas circulares, espiraladas, zoomórficas, antropomórficas, que costumam permanecer submersos pelas águas dos rios de oito a dez meses do ano, sempre aparecem, apesar da erosão. Nunca se extinguem. Para André, narrador indígena Baniwa, isso reitera as afirmações de que esses são lugares sagrados e de conhecimento. *“Lugar sagrado, coisa sagrada, é algo que você não pode ver, algo para o qual eu crio toda uma história em torno, algo que você não pode tocar”*, explica André. O narrador identifica o termo **iarodatti**¹¹⁷ como o mais apropriada para descrever os lugares sagrados (Xavier, 2008, pág. 18).

“O sentido de ‘sagrado’, assim, decorre do fato de que “não se pode mexer ali”. São lugares onde ninguém pode morar, não se pode derrubar árvores, não se pode pescar: **“Em outras palavras, todos esses lugares iarodatti são lugares de reprodução de animais”**. A exploração da caça e pesca nesses locais leva ao desaparecimento dos peixes e animais e é por isso que, para que assim não aconteça, cada um desses lugares possui guardiões espíritos. André justifica: “Nós temos conhecimento para expulsar esses espíritos, mas aí estaremos promovendo a escassez de peixes, de animais, porque são os yoopinai que os protegem!” (Xavier, 2008, pág. 19)...

Não há nenhum problema em pescar ou caçar nesses lugares que antes eram chamados **iarodatti**, lugares sagrados, lugares de vida. Mas ele reflete: “Talvez os nossos antepassados tenham feito aquilo como forma de estratégia para proteger os animais, para que ninguém alterasse os lugares de reprodução” (Ortiz, F. Relatório de Viagem ao Içana – Ayari. Mimeo. 1999).

Castro (2022, pág, 10), em sua monografia **Levantamento Etnoarqueológico na Comunidade de Pari-Cachoeira**¹¹⁸, Rio Tiquié, relata: *“Sou Tukano. Meus avós descrevem que o petróglifo do Sol é um relógio ecológico. Acredita-se que eles*

¹¹⁷ **Dicionário Baniwa Português**, de Henri Ramirez (2001), diz que iarodatti significa ‘mundo subterrâneo’, local (áaro) onde estão as almas dos mortos. Os dados colhidos por Hill (1993), Wright (1998) e Ortiz e Pradilla (Sem data) confirmam a noção expressa por André, isto é, que iarodatti não se restringe somente a uma ‘aldeia dos mortos’, mas também ao mundo onde habitam os Yoopinai, e ao mundo para onde os xamãs viajam, por meio dos cânticos e do paricá, para reaver as almas perdidas. São, também, além de moradas dos Yoopinai, a casa dos antepassados dos diferentes clãs.

¹¹⁸ CASTRO, Junildo Rezende. **Levantamento Etnoarqueológico na Comunidade de Pari-Cachoeira**, Município de São Gabriel da Cachoeira – AM. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

estavam nos indicando formas de viver mais intensamente e harmoniosamente com a natureza numa relação recíproca de vida”. O desenho do sol seriam como marcas de um tempo, orientando as plantações (os dias de ir às plantações), colheitas e a pesca.

Castro (2022) menciona que as memórias das narrativas de seus avós, tanto maternos quanto paternos, podem ser vistas como uma forma de preservação de conhecimentos ancestrais. Ele sugere que os petróglifos, como o petróglifo em forma de sol identificado por Grünberg (2010 (1907)), possam ser uma fórmula de existência de conhecimentos ancestrais, pois, no caso do petróglifo em forma de sol identificado podem funcionar como marcadores de tempo ou relógios ecológicos. Esses petróglifos poderiam servir como códigos de comunicação, indicando o momento certo para subir a encosta e ir ao roçado plantar ou colher alimentos. Além disso, eles podem fornecer orientações sobre a pesca, já que próximos aos petróglifos encontram-se os instrumentos de captura de pescados, como os cacuris¹¹⁹, espinheis e matapi”.



Figura 97: Desenho de Jonildo Castro, 2022, pág. 11, da etnia Tukano. Petróglifo com o raio de sol e um possível olho....

Koch-Grunberg (2010 (1907)) afirma que, para a comunidade Tiquié (no Rio Tiquié) os petróglifos formam um relógio que surge após o *banho (cheias)* de seis meses. Ele descreveu, em suas anotações de viagens, que vários círculos concêntricos muito próximos e posicionados lado a lado, talvez indiquem “dias ou viagens diárias até um determinado ponto ou até uma tribo”. Cada dois círculos concêntricos que se tocam e nos quais existem riscos em forma de raio, devem indicar um acontecimento astronômico, como o aparente encontro de dois planetas (Vênus e Júpiter, por exemplo). Os círculos concêntricos ligados com outras linhas são

¹¹⁹ Para Morán (1990) a escolha do ambiente para tecer o curral ou **cacuri** e mais a matéria-prima utilizada, precisam de um estudo por meio de percepção, e é gerido pelos exímios conhecedores que estão acostumados aos ecossistemas, que Morán, o classifica de adaptação.

explicados como “desenhos de astros secundários”. Essas talvez sejam apenas visões interpretadas de forma fantasiosa, induzidas pelas condições topográficas e paisagísticas. De todo modo, é algo experienciado pelo pesquisador nos momentos vividos na floresta entre os indígenas ao longo de suas viagens.

O etnógrafo viajante também relata a presença de inúmeras representações humanas, figuras antropomórficas, incluindo sapos. Além disso, há desenhos de peixes, como uma arraia com ferrão (considerada um dos seres mais perigosos daqueles rios). Também relata desenhos de peixes com a cabeça atravessada por um traço e um arco branquial, com focinho largo, pontas da cauda que findam em espiral, com grandes olhos redondos representados por pontilhados. Próximo aos desenhos dos petróglifos são encontrados polidores compridos e redondos. Algumas figuras reconhecíveis podem indicar a jararaca (*Bothrops*). Há também representações geométricas com formas humanas e linhas paralelas em forma de arco. Importa destacar a relação dos desenhos dos petróglifos com os que as pessoas pintavam nas fachadas de suas casas, gravavam em seus maracás e trompetes de cerâmica ou trançavam em suas cestas¹²⁰.

Stradelli¹²¹ (2009) relata que os petróglifos são verdadeiras inscrições, traçadas a partir de símbolos convencionais, com o auxílio de um verdadeiro alfabeto ideográfico, como documentos históricos que talvez informem o "itinerário" de antigas viagens das tribos, colocadas em pontos estratégicos para apontar o caminho aos que vinham depois (Stradelli, 2009).

De acordo com as opiniões de Francisco Ortiz (Ortiz e Pradilla, sem data) e Filintro Rojas¹²² (1997), existem representações conhecidas como plêiades¹²³

¹²⁰ Síntese realizada a partir da obra, KOCH-GRÜNBERG, T. Petróglifos Sul-Americanos. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Socioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)).

¹²¹ Stradelli estava convencido de que os petróglifos eram, de fato, uma forma de escrita, como já haviam concluído alguns viajantes que o antecederam, identificando em outras partes da América Central e do Sul formas pictográficas e ideográficas como formas de escrita. Assim, Stradelli lançou a ideia de que os petróglifos do Uaupés eram registros históricos de migrações antigas, escritos em um alfabeto ideográfico esquecido. Aparentemente, esses migrantes deixaram mensagens em lugares estratégicos para guiar seus seguidores. Stradelli afirmou que um petróglifo, que ele supôs ser a representação de ovos de cobras, significava “você encontraram muita comida aqui”, enquanto uma imagem das próprias cobras teria a mensagem “prestem atenção, há perigo por aqui”.(Stradelli, 2009).

¹²² Rojas (1997) relata a história segundo a qual walipere “no céu está deitada, dando-nos as costas, e sobre ela leva nove estrelas, luminas passarinhas”; A presença do signo na pedra pode trazer, ainda, a indicação da localização desse grupo, como defende Ortiz, ao vincular alguns signos a uma expressão gráfica das hierarquias.

¹²³ Os Desana chamam a constelação das Plêiades de nekaturu, que significa sete estrelas. Quando as Plêiades desaparecem no lado oeste do céu, é o início das chuvas, que significam fartura e colheita abundante. Na constelação de escorpião, eles enxergam uma cobra surucucu. Os povos Tukano também têm uma relação com as Plêiades: a enchente do Grupo de Estrelas (Nokoatero poero) é uma época diretamente relacionada com o ciclo

(constelações), que associam Walipere – em sua aparição gradual pelo céu – aos ciclos do aparecimento de certas espécies de peixes nos rios.

Na chamada Pedra Petróglifo Siuci, foram identificados dois petróglifos com signos dispostos lado a lado: um conjunto de pontos elencados como numa pirâmide invertida, e um outro, composto por traços curvos unidos por uma risca vertical.

Quatro dos narradores com quem o antropólogo social Xavier (2008) conversou identificaram os desenhos como ‘estrelas’ ou, mais especificamente, as Plêiades, uma constelação chamada, em língua baniwa, de Walipere ou Siuci. No entanto, outros narradores, como Seu Marcelino e Seu Antônio, afirmavam que eram desenhos de flautas e que Ñapirikoli assim as desenhava para ocultar das mulheres sua forma verdadeira (Xavier, 2008).

Em Paamáli, um narrador indígena apontou para um desenho nos registros dos petróglifos e disse que era um “Moolito” que é um sapo e também uma flauta. Francisco Ortiz já havia mostrado que, nos petróglifos em Jandu Cachoeira, há desenhos de animais (principalmente aves) nomeados como flautas, como no exemplo do conjunto de três flautas desenhadas: Maali (uma garça) e Waliadua (um ser híbrido) (Ortiz e Pradilla, sem data, apud, Xavier, 2008, pág. 63 & 130).

A relação desenho/sapo/flauta só faz sentido na rede de convenções baniwa, em que estão inseridas as histórias sobre as flautas¹²⁴.

de rituais, representando a chegada de um ano novo para os Tukuya; O ritual de jurupari dos Barasana está intimamente relacionado com os movimentos da constelação Plêiades no céu. Os Barasana dizem que o jurupari deve ser realizado quando a pupunha está madura (fevereiro-março), também dizem que deveria ocorrer antes da chegada da chuva de Plêiades. A passagem do tempo e a chegada das estações são associadas às constelações astronômicas. Cada povo, através de seus conhecedores e especialistas rituais, observa e reconhece no céu um conjunto de constelações, cujo conhecimento foi repassado oralmente através das gerações. A constelação que estiver se pondo no horizonte é referência para a estação chuvosa. Cada constelação tem a sua história, relacionada com episódios da origem do mundo. Essas histórias expressam as potencialidades e os perigos que chegam com as diferentes estações do ciclo anual e trazem elementos para entender as relações entre os fenômenos ecológicos e climáticos, as práticas de manejo e as práticas rituais próprias à cada época/estação. Hoje dizem que o tempo está um pouco mudado, que as estações já não estão mais chegando nas épocas certas. Quando era para dar enchente o rio seca, quando era para o rio secar, vem enchente. As chuvas caem fora de época, os peixes já não fazem mais piracema no tempo certo, assim como as frutas já não estão mais dando quando era para dar. As estações estão confusas, o tempo e o clima estão ficando imprevisíveis. Com isso está ficando difícil planejar as atividades, as pescarias, a abertura das roças (Scolfaro, Aline, 2021).

¹²⁴ Talvez nem todo baniwa pudesse reconhecer esse moolito como uma flauta. Talvez as mulheres não o pudessem reconhecê-lo dessa maneira; O animal – A garça em Jandu, o sapo moolito, peixes (“há muitas flautas com nomes de peixes”, diz seu Alberto). Aqui, a relação entre o signo e seu objeto é antes simbólica, já que a semelhança a vincula ao animal ao qual a flauta, por sua vez, está vinculada (Xavier, 2008). Um nararador (Seu Marcelino) indígena em conversa com Xavier, identificou alguns tipos de flautas (dáapa, usada na inciação; boboli, para a coleta de frutas), e dizia que Ñapirikoli assim as desenhava para mostrar os tipos de flautas que existiam, mas não podia desenhá-las claramente, por causa das mulheres. Há uma importante restrição à visão das mulheres e dos jovens não iniciados, em relação às flautas Kowai, proibição que abarca, igualmente, a visão dos desenhos das flautas Xavier, 2008). Hill e Chaumeil (2011) na introdução de *Burst of Breath*, carta magna da aerofonia ameríndia, creditam ao Jesuíta alemão Samuel Fritz, que esteve na Amazônia entre 1686 e 1723, a primeira descrição das flautas inseridas num contexto ritual classificável como equivalente ao Jurupari, como se

Na Cachoeira de Ipanoré os indígenas consideram as áreas das gravuras rupestres como um local de forte relação com a sua cosmologia, sendo lugar de chegada de uma cobra-canoa. Segundo os tukano, antes de tudo existir, havia o Avô do Universo, sozinho na “Maloca do Céu”, em meio à escuridão. Um dia, ele resolveu fazer o mundo, com suas águas, terras, matas, dias, ar, nuvens, ventos e os seres humanos (Fonte, Site ISA¹²⁵, 2022).

Na Cachoeira de Iauaretê (da Onça), várias pedras, lajes, ilhas e paranás simbolizam episódios de guerras, perseguições, mortes e alianças descritos nos mitos de origem, nas narrativas históricas e em fatos marcantes relacionados à criação da humanidade e ao surgimento de suas respectivas etnias.

Esses lugares remetem à criação das plantas, dos animais e de tudo o que seria necessário à vida no local e à sobrevivência dos descendentes dos primeiros ancestrais. São testemunhos da origem dos seres míticos que deram origem às rochas que formam a cachoeira, da ocupação histórica do rio Uaupés e das trajetórias respectivas dos Tariano¹²⁶ – que migraram desde o rio Içana, ao norte – e dos povos tukano – que adentraram o rio Uaupés na cobra-canoa de seus ancestrais desde a foz do Amazonas (IPHAN, 2007).

Assim, as representações em petróglifos com figuras reconhecíveis e geométricas que lembram animais, como a cobra, entre outras figuras envolvendo seus conhecimentos míticos e de origem¹²⁷, os indicam, igualmente, como códigos de

entende hoje (flautas sagradas, proibição visual para as mulheres, flagelação ritual, etc. [in Porro 1996 apud Hill e Chaumeil 2011]) associadas aos desenhos dos petróglifos.

¹²⁵ <https://acervo.socioambiental.org/acervo/fotos/povos-indigenas/petroglifo-na-cachoeira-de-ipanore-no-rio-uaupes-expedicao-anaconda>

¹²⁶ “Os Tariano explicam como a cachoeira de Iauaretê veio a se constituir. A palavra Iauaretê, “cachoeira de onça”, é um topônimo que faz alusão a uma “gente-onça”, que no passado remoto habitou o lugar. É a partir dessa narrativa mítica que os Tariano fundamentam suas reivindicações como moradores legítimos de Iauaretê, pois ali se conta a origem de várias das lajes, pedras, ilhas e paranás dessa cachoeira na forma de sucessivas transformações de um demiurgo chamado Ohkomi. Segundo contam, a gente-onça já sabia que Ohkomi viria a dar origem a um grupo numeroso que iria dominar o rio Uaupés – os Tariano. Com as onças em seu encalço, Ohkomi buscava despistá-las transformando-se em animais e plantas. Todas as formas que assumiu até ser morto tornaram-se pedras da cachoeira, que hoje se prestam à colocação de armadilhas de pesca. São “lugares sagrados” dos Tariano. Do ponto de vista tariano, fornece ainda um mapa detalhado acerca dos pontos ideais para a colocação de armadilhas de pesca e, assim, para a obtenção dos recursos alimentares essenciais no tempo propriamente humano” (Andrello, 2012).

¹²⁷ **IPHAN. Cachoeira de Iauaretê. Série Dossiês Iphan, vol. 7. Brasília, DF: Iphan, 2007).** O reconhecimento da Cachoeira de Iauaretê como patrimônio imaterial se destaca como uma inesgotável capacidade das populações indígenas da região [das famílias linguísticas Arawak e Tukano Orientais, além do povo Maku] de criarem e recriarem suas tradições na perspectiva de um projeto histórico de resistência cultural. Nos lugares sagrados como as pedras, lajes e igarapés situados na Cachoeira de Iauaretê e seu entorno, estão escritas as histórias de criação da humanidade e de ocupação do território em que eles vivem desde tempos imemoriais. Assim, os instrumentos Jurupari, feitos de madeira dura de palmeira, são identificados aos ossos de ancestrais imortais. Como explica um homem tariano de Iauaretê, os primeiros seres foram gente de pedra “não porque fossem feitos de pedra, mas porque a duração de sua vida é indeterminada” (Iphan, 2007: 56).

manejo social organizadores da vida, tais como as formas de convivência e os mecanismos de transmissão dos saberes.

Na praia urbana de São Gabriel da Cachoeira, há seis locais com concentrações com sinalizações nas rochas, em destaque o Pedral do Morro da Fortaleza¹²⁸. Trata-se de um ponto turístico da cidade, com uma visão panorâmica de 360º graus, formado por um maciço rochoso que ainda preserva as ruínas de uma fortaleza construída pelos portugueses no século XVIII para fins defensivos. Ao longo da orla, além da fortificação portuguesa, destacam-se as numerosas marcas nas rochas, observadas nos recipientes circulares em formatos de cúpulas/bacias, pilões, afiadores largos no formato de canoas e afiadores finos (retilíneos). Essas marcas indicam que eram usadas como amoladores/afiadores para projeção de instrumentos, como lâminas de machados, mãos de pilões, pontas de projéteis e afiação de gumes de machados, entre outras atividades. Esses locais são importantes para a pesca devido à presença de estruturas como o *cacuri*. Além disso, eles são permeados por histórias e lendas da região.

No Petróglypho da Cachoeira do Hipana¹²⁹, é anunciado que há um grande petróglypho de Kuwai, e entre as rochas, é um portal (boca) para o sagrado. Uma narrativa lembra o momento que Kuwai tinha devorado os meninos e voado com eles rio abaixo, onde os vomitou em cestas de beiju colocadas no centro da aldeia em Enipan (Santos¹³⁰, 2017, pág. 628).

Durante a estação da seca de 2016 no Baixo Rio Negro, o historiador Tuyuka (Kit Masigu) Poani Higino Tenório, e o arqueólogo não-indígena, Raoni Valle, fizeram uma jornada de redescobrimto de sítios arqueológicos com petróglyphos (Utã Woritre). Na perspectiva indígena Tuyuka, afirma-se que esses lugares são considerados como antigos lugares de conhecimentos ancestrais fundamentais para o manejo do mundo (no passado, no presente e no futuro) pois esses locais são Casas

¹²⁸ Este lugar, onde as correntezas formam rebojos profundos, onde a água espirra formando espumas brancas, se fala que é possível que a grande serpente negra esteja a transitar entre a satisfação e a insatisfação. Nesse lugar aparece *cacuri*. Junto deles existem desenhos e oficinas líticas, nas cachoeiras eles são necessários, além da atenção, têm que ter vivências com os peixes, ou melhor, com os petróglyphos. (GRÜNBERG, p.32, (2010(1907))).

¹²⁹ Cachoeira do Hipana é o lugar sagrado de conexão entre os mundos acima e abaixo do nosso, onde Kowai¹²⁹ foi queimado e de cujas cinzas nasceu a árvore de paxiúba, que subiu até o centro do céu. “As grandes pedras da cachoeira e seus petróglyphos, os buracos no meio dela e a pedra gigantesca no centro são evidências do mundo no começo e de sua transformação (Wright, 1996, p. 85.).

¹³⁰ SANTOS, Silvana Rossélia Monteiro. UM POUCO SOBRE O UNIVERSO. BELÉM-PA | ANO 3 | N.5 | JAN-JUN 2017. SAGRADO BANIWA. Revista Sentidos da Cultura.

de Transformação por onde a humanidade passou desde sua origem não-humana até adquirir suas características atuais viajando no bojo da canoa- anaconda numa longa, antiga e viva migração mito-histórica (Andrelo, 2012, Cabalzar, 2012, Tuyuka e Valle, 2019).

“Isso foi no tempo quando **Wai Mahsã** (gente-peixe, ou gente-animal não-humana) e **Pamuri Mahsã** (a gente da transformação) eram os mesmos e viajavam juntos na barriga da anaconda ancestral. Em cada uma das Casas por onde passaram no caminho, uma parte da transformação se efetuava e um tipo específico de conhecimento ritual, bem como, objetos rituais eram adquiridos. **Utã Wori** nestas casas são indicadores destes conhecimentos e objetos da época de Transformação. Porém, também são os conhecimentos e objetos em si mesmos, não apenas **representações simbólicas** deles ...
 ... **Durante o período ritual na estação da seca é quando Kapi Mahsã Wori**, Kapi Wori, Wai Mahsã Wori, Posé Wori e outras categorias ontológicas de **Utã Wori**, isto é, diferentes seres que se apresentam nos **petróglifos**, emergem do fundo do rio permitindo que os Pamuri Basuka (ancestrais), bem como, outros seres antigos e os especialistas rituais Tuyuka vivos no presente se reencontrem uns com os outros, **conversem mentalmente uns com os outros**, revivendo ritualisticamente o passado no presente, transmitindo conhecimento por meio de rituais de iniciação, nominação e benzimento ou “curação” (bahsere) nos jovens ou em pessoas necessitadas. Os especialistas rituais Tuyuka fazem tais atividades sem necessariamente um contato visual com os **Utã Wori**, mas viajam em sua mente até os lugares com petróglifos (**Utã Woritire**) nestes contextos rituais” (Tuyuka e Valle, pág. 18).

Vidal (2007) e Ribeiro (2012) afirmam que o diálogo com temas míticos na arte indígena torna presentes os lugares e tempos imaginários profundamente enraizados no *ethos* indígena, vivenciados durante suas experiências e rituais de vida. Dessa forma, os motivos dos grafismos permanecem na memória e consciência dos seus criadores que partilham um modelo de referência cultural comum.

A independência recíproca do elemento plástico e do elemento gráfico corresponde ao jogo mais flexível entre a ordem social e a ordem sobrenatural, como o desdobramento da representação exprime a aderência estrita do ator a seu papel, e da posição social aos mitos (Lévi-Strauss, 2003, pág, 302). Van Velthem (2003) veiculam mensagens dos seus criadores e manipuladores. (...) Quando diretamente vinculadas aos conceitos cosmológicos, as artes indígenas convertem-se antes em prismas que refletem as concepções acerca da composição do universo e dos componentes que o povoam, sobretudo dos que estão lançados da sociedade, os mortos, os inimigos, os animais, os sobrenaturais (Van Velthem, 2003, pág, 52).

As paisagens litológicas com gravuras ribeirinhas conectam dois tempos e dois mundos, que se juntam fisicamente na época da seca, de maior fartura de pescado, além de ser a época dos rituais, como o Dabucuri e o Jurupary (e.g., Stradelli 2009 [1890]; Reichel-Dolmatoff 1971; Hugh-Jones 1979, Valle, 2012). Assim, o conhecimento que abrange a esfera material dos povos que dominaram a rocha na

produção de desenhos e de ferramentas líticas conecta-se com a esfera imaterial, envolvendo os saberes relativos às representações das imagens¹³¹ antropomórficas, zoomórficas, antropozoomórficas e geometrizadas dos objetos.

No caso do alto rio Negro, as representações geométricas e reconhecíveis permeiam os aspectos (míticos e históricos) mentais sensitivos das pessoas, estando presentes nas rochas graníticas indo até a arte iconográfica dos indígenas em suas impressões realizadas com papeis e pinceis (Vide imagens abaixo).

Imagens desenhadas nas rochas

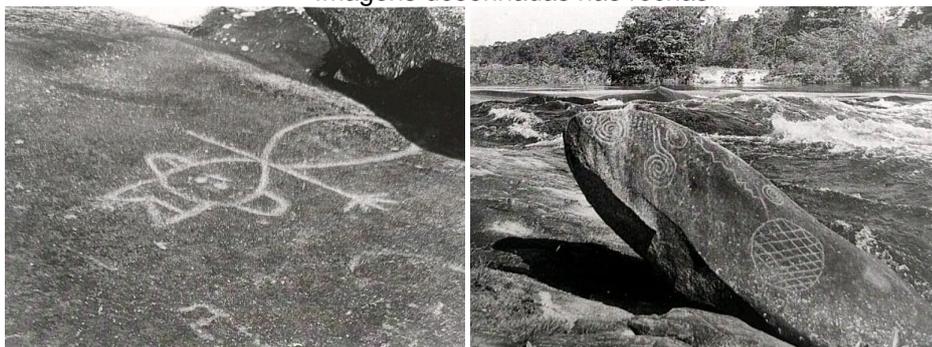


Figura 98a: Modelo antropomorfo gravado na rocha, na Cachoeira do Rio Aiari afluente do Rio Içana, e gravuras geométricas, espirais, linhas que lembram cobras e estampas que lembram peneiras. Fonte: Berta Ribeiro, 1992, pág, 45.

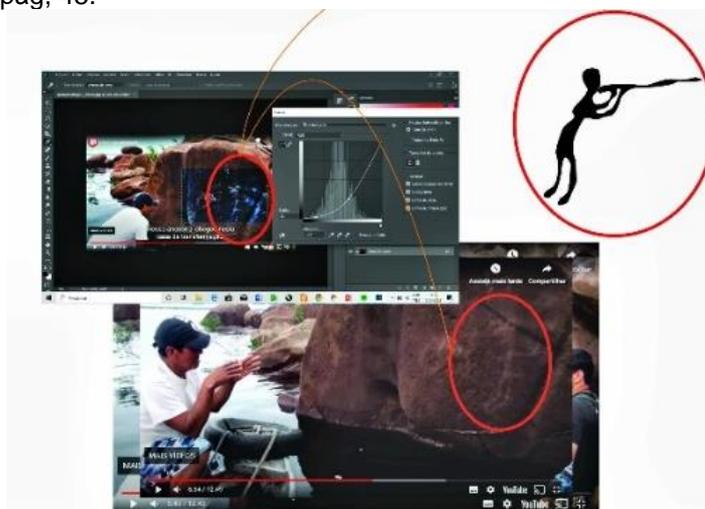


Figura 98b: Petróglifo no Rio Negro, representação da imagem do Antropomorfo Flautista identificado por conhecedores indígenas da família tukano. Fonte: acervo.socioambiental¹³² ISA.

¹³¹ Van Velthem (2003, pág, 45) em sua etnografia, afirma que os objetos transmitem conhecimentos através da imagem, tratando-se de uma experiência que se legitima na incorporação das características formais e estilísticas de uma filiação cultural. A interpretação de uma imagem como signo é, assim, um processo dinâmico na mente do receptor, no qual o signo tem um efeito cognitivo sobre o intérprete (Noth, 1995, p. 66). Enquanto sistema de comunicação, os petróglifos são considerados, de maneira geral, como ordenações de signos caracterizados pela união de significantes e significados. Esses signos representam formas e conteúdos de códigos simbólicos, cujos fragmentos estão disponíveis para análise (Eco, 1974; Saussure 1969).

¹³² Do Projeto expedição Anaconda no Alto Rio Negro. https://www.youtube.com/watch?v=nM4Q__2o7TU. Petróglifo Ipanoré é um lugar, casa de transformação e de criação, e o uso da flauta como instrumento sagrado, é uma forma de proteger a humanidade. **Fonte:** acervo.socioambiental ISA. Acesso, 28 de agosto de 2022.

Imagens desenhadas em papéis



Figura 99: Imagens Registro da mitologia pictórica dos Desâna, Desenhos de Feliciano e Luiz Lana, publicado Por Berta Ribeiro, 2007, pág, 40. **A imagem à esquerda** representa uma embarcação que era ao mesmo tempo a Cobra Grande (e de fato avô-do-mundo, o trovão-do-alto) subiu rio acima, viajando como um submarino. Em sua trajetória, a embarcação parava nas Casas que eram colocadas à beira do rio. As pessoas entravam nas Casas, realizavam as cerimônias e continuavam a viagem rio acima. **A imagem à direita**, representa a Transformação, Canoa e também a transformação, cobra, navegando no rio, levando em seu bojo, no início da longa viagem de criação.

Em suma, para os grupos do Alto Rio Negro, os igarapés, leitos e lagoas formados pelos encontros das águas, e os pedrais, são solos sagrados e de manejo ambiental: em sua mitologia, em destaque, nestas águas curvilíneas serpenteadas foram rotas de origem de uma cobra-canoa, que viajou carregando no ventre os ancestrais dando origem ao povo Desana, Pira-Tapuia, Tukano, Tuyuka, Baré e Barasana que povoaram toda a região (Scolfaro¹³³, (2014)). Assim, as percepções dos conhecimentos ameríndios são tecidas nos lugares com petróglifos. Por meio das imagens e símbolos em suas representações, são feitas afirmações identitárias e histórias, além de fornecer orientações sobre os lugares e o viver ameríndio indígena.

4.2 A RELAÇÃO COM O LUGAR¹³⁴

¹³³ Scolfaro, Aline, Gita de Oliveira, Natalia Hernández e Silvia Gómez (organizadores). Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia / Primeiro informe de avanços (Brasil/Colômbia. Vários colaboradores. Brasil (São Gabriel da Cachoeira e São Paulo) Colômbia (Leticia, Mitú y Bogotá), 2014. Esses e outros saberes referentes aos baixos leitos do Uaupés e outras terras indígenas do Alto Rio Negro foram mapeados por pesquisadores indígenas por meio da iniciativa Cartô Brasil Socioambiental. Ao todo, 12 mapas foram criados em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA) cartografando ocupações humanas, lugares sagrados e históricos, paisagens e pontos de manejo de peixes, floresta e caça.

¹³⁴ A noção de lugar é compreendida pela delimitação de espaços pertencentes a uma comunidade e seus membros. Nessa delimitação, observa-se a relação entre identidade regional e étnica, que estão intimamente ligadas à apropriação do lugar. Os signos originários, referenciados pelo lugar com seus sinais duradouros, vinculam-se como produtores da identidade do grupo, uma vez que regiões, paisagens ou territórios são produtos históricos e culturalmente determinados (Bourdieu, 1989).

Pontuando sobre a longa história dos indígenas do rio Negro, a área deste rio possui uma cronologia cultural (presença humana) que remonta a 9.000 anos antes do presente (Costa, 2009, Neves, 2012). Na região do alto rio negro, como observado nos gráficos apresentados abaixo, alguns lugares amostrados nesta pesquisa possuem um cotidiano de ocupações, mobilidade e trânsito das populações atuais. Essas características e particularidades do local o tornam singular e utilizados para certas atividades, práticas ou de comportamentos sociocognitivos, envolvendo a história pessoal, afetividade e desejos. Essa percepção das sensibilidades humanas é fundamental, envolvendo as suas histórias, memórias, além de questões sociais e culturais para as ações na vida cotidiana.

Deste modo, a partir dos dados bibliográficos e de campo no âmbito desta pesquisa, aspectos cognitivos como a aprendizagem associada à memória, à história destes povos e ao sagrado foram identificados nos trinta e quatro lugares. Em vinte e nove, são sugestivos uma relação afetiva (ligadas as memórias e à utilização do lugar). Vinte e um, com indicativos de preferências para atividades realizadas no lugar, como locais de utilidade portuárias, de pesca, visitação de lazer e outras. No entorno dos lugares foram observadas tecnologias de pesca. Dezesesseis com cacuri e três com espinhel, sete que não foram identificados (NI) e oito que não se aplica (NA) por insuficiência de informações de campo e bibliográfica.



Gráfico 10: Quantitativo de indicadores da relação com o lugar com petróglifos



Gráfico 11: Quantitativo de atividades realizadas em lugares com petróglifos

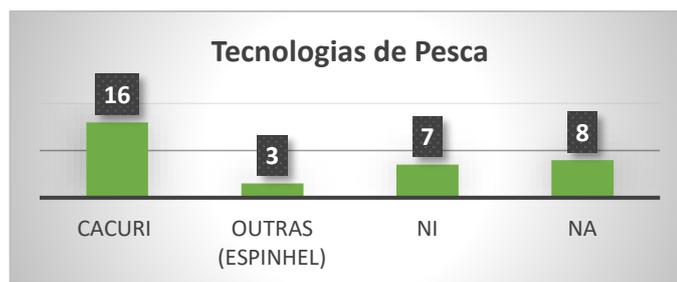


Gráfico 12: Quantitativo de atividades de pesca em lugares com petróglifos

Os indicativos dos gráficos demonstram que existem esferas cognitivas e preferenciais em relação ao tempo e ao seu ambiente, assim **constituindo** as rochas gravadas como “lugares persistentes¹³⁵” dessa marca, dentro de uma dimensão de espaço e memória.

As capacidades de memórias efetivas e as possibilidades de utilizá-las para sobrevivência são construídas de formas distintas, dependendo das experiências ambientais e sociais às quais o indivíduo foi exposto. Isso pode demonstrar uma coerência entre a percepção do ambiente, da cultura material, sociabilidade/subjetividade e o controle material da natureza, estabelecendo limites do espaço construído, usado e compartilhado em escala de nível micro, semimicro e macro espacial:

1. Deste modo, a escala de nível micro refere-se ao interior de um espaço de menor dimensão em proporção ao território. Um exemplo disso são os pedrais com os petróglifos.

Nessa escala, os pedrais – rochas onde se encontram gravados os petróglifos, eles são pequenos pontos no vasto território amazônico, mas têm uma significância imensa no que tange à cosmologia e aos saberes tradicionais das populações locais. Esses pedrais, distribuídos ao longo dos rios, cachoeiras e afluentes, podem ser entendidos como microcosmos dentro do grande cenário amazônico, o que indica que esses locais foram utilizados e ressignificados ao longo de gerações. E ao considerar os petróglifos na escala micro, também podemos traçar e indicar conexões com a escala semimicro e macro. Pois cada pedral é parte de uma rede maior de locais, conectados por trilhas, rios e por narrativas míticas que moldam o território amazônico como um vasto mapa cultural (Vide figura 93, pág. 142).

¹³⁵ Conceito de "lugar persistente", um lugar que é usado repetidamente durante a ocupação de longo prazo de uma região. *Lugares persistentes*, pressupõem paisagem em sua totalidade de ocupação que ultrapassa o sítio arqueológico, estando constituído por elementos bem demarcados no sistema sociocultural, por meio de fronteiras estabelecidas enquanto elemento de significação e formados por todos os locais de uso continuado, tanto em uma perspectiva sincrônica, quanto diacrônica (Schalanger, 1992, Fagundes, 2009).

2. Considerando-os relevantes aos aspectos individuais e aos modelos socioculturais, há o nível semimicro, sendo este, às áreas de exploração imediata, como fonte d'água, para navegação, porto, área de pesca e outros (lazer, contemplação e de aprendizado sobre os conhecimentos dos povos da região).

O nível de escala semimicro reforça os laços comunitários, tanto em termos de convivência social quanto em termos de transmissão de saberes ancestrais. Ao considerar o nível semimicro no estudo do território do alto rio Negro, percebemos como as áreas de exploração imediata – como fontes d'água, áreas de pesca e locais de lazer e contemplação – se tornam fundamentais para a organização sociocultural. Esses espaços, além de proporcionarem sustento e circulação, são também arenas de transmissão de conhecimentos e tradições que conectam o presente ao passado. Eles representam um equilíbrio entre a interação prática e simbólica com o território, reforçando a complexa relação que essas comunidades mantêm com seu ambiente natural.

3. Em nível macro, sendo a escala mais regional relacionada à geografia (paisagem, relevo, clima) e à forma como as sociedades se adaptaram e realizaram as suas escolhas de mobilidades e trânsitos em um ambiente fluido influenciado diretamente pela dinâmica das águas e das visibilidades dos pedrais ao longo do rio negro (Vide figura 100, abaixo).

No nível macro, são parte de um sistema territorial e cultural muito mais extenso, intimamente ligados à geografia da região, especialmente aos pedrais que emergem com as secas, e servem como pontos de orientação e de referência. Além disso, refletem as escolhas de mobilidade das comunidades, marcando rotas de trânsito e espaços de significância cultural. Esses registros revelam uma conexão regional entre as sociedades indígenas e o ambiente fluido do rio Negro, onde as águas e as rochas determinam não apenas as práticas cotidianas, mas também a visão de mundo das comunidades locais. Os petróglifos, assim, fazem parte de uma cosmovisão territorial, onde o tempo, o espaço e a cultura se entrelaçam em uma escala regional que molda a vida e as tradições dos povos do rio Negro. Em um ambiente onde a presença da água define o ritmo da vida, as escolhas de mobilidade e trânsito estão profundamente ligadas à geografia, às características visuais e à acessibilidade dos pedrais que se destacam ao longo do rio. Esses petróglifos funcionam como pontos de ancoragem cultural, simbolizando a ocupação de determinados locais e a importância desses espaços ao longo de gerações. Além de registrar a presença humana, eles também assinalam as trilhas de conhecimento que conectam diferentes áreas geográficas e comunidades.

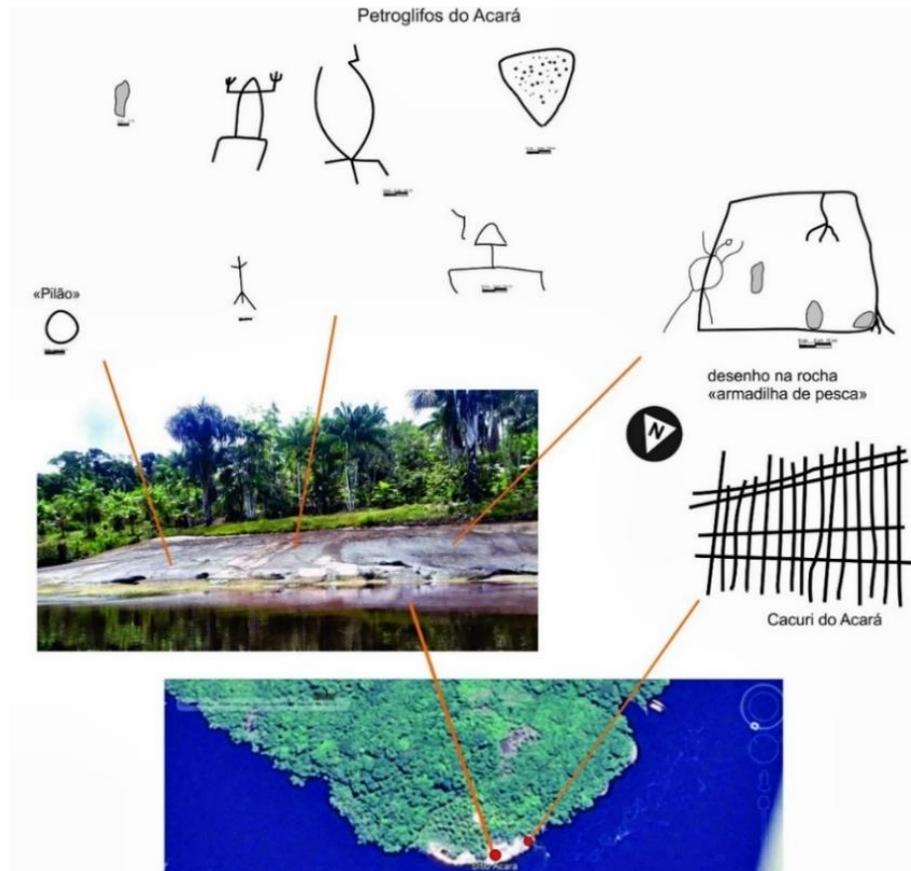


Figura 100: Vista dos Petroglifos do Acará, demonstrando a visibilidade locacional, dos petróglifos e do entorno com Cacuri. Croqui esquemático, Luciano Souza.

Analisando as dimensões locacionais¹³⁶ observadas a partir das formas do espaço físico e do espaço construído que, nesse caso, aplicou-se aos pedrais com oficinas líticas e aos desenhos e seu entorno humanizado (lugares especiais, de portos, lugares de pescas etc.); a observação do relevo e das impressões das altimetrias topográficas, das rotas de movimentação e de trânsito utilizadas pelos grupos humanos através do entendimento das rotas de comunicações naturais através dos rios e dos pedrais e também das condições de visibilidade das sinalizações nas rochas, constata-se a potência da percepção da relação pessoa-ambiente natural/construído e a complexidade das interrelações humanas interdependentes, envolvendo a sua dinâmica cognitiva e da própria cultura na utilização, apropriação e distribuição dos lugares por meio dos modelos de desenhos como marcadores das memórias, de expressão e comunicação dos conhecimentos ameríndios (vide, esquema abaixo).

¹³⁶ Clarke (1984), Boado (1999), Hernando (2002) e Krzysczak (2016).



Figura 101: Esquema Relacional, Lugares, Modelos de desenhos, Marcadores de Memórias. Autor: L. Souza.

4.3 OS DESENHOS DOS PETRÓGLIFOS COMO SÍMBOLOS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

Os desenhos dos petróglifos como símbolos permeiam a vida física, em meio aos pedrais, nas construções das paredes urbanas das praças, das feiras, dos ginásios esportivos, casas e habitações indígenas (malocas), casas urbanas, pousadas, entre outras construções públicas da cidade de São Gabriel da Cachoeira, em vasilhames cerâmicos antigos (arqueológicos) e recentes (etnográficos), cestarias, nos instrumentos musicais, nos raladores de mandioca, nas artes dos artesanatos de artistas e de feirantes etc., além de fazerem parte das memórias, dos sonhos e do imaginário dos povos no alto rio Negro.

Para Hugh-Jones (2012) os locais são vistos como um dispositivo mnemônico. Através das formas verbais (oralidade) e não verbais (expressões iconográficas) eles relacionam e atuam como um sistema integrado, contribuindo na compreensão das ideias indígenas de tempo e de história em conjunto com suas tradições orais. Juntas com as características da paisagem e a espacialidade, elas podem ser compreendidas em termos gráficos como marcas ou traços dos corpos de seres ancestrais e como os signos de suas atividades em concordância com a maneira como elas foram e estão se movendo pelo mundo (Hugh-Jones (2012, pág. 139)).

Deste modo, providas de papel e caneta, as pessoas reproduzirão espontaneamente esses desenhos, oferecendo comentários explicativos à medida que passam seus dedos ao longo de fileiras de pontos ou ziguezagues repetidos ou ondulações servindo de “escrita” e de linguagem (Hugh-Jones, 2012, pág, 149).

Os modelos gráficos são uma característica importante de diversos objetos produzidos na região. Os detalhamentos estéticos dos desenhos podem representar a pegada de um pássaro, o movimento circular das águas, o movimento das estrelas, ou dos peixes, ou ainda o voo dos pássaros e das borboletas. Em alguns casos, esses padrões são semelhantes aos comumente observados nas cerâmicas baniwa e tukano, aqueles que recebem o nome de *diakhe* e *ashaipa*, para as representações geométricas que possuem significados específicos para o grupo.



Figura 102: Motivos decorativos em objetos da cidade de São Gabriel. Fonte: Luciano Souza, 2022.



Figura 103: SABER DO DESENHO, SABER TUKANO, O repertório dos padrões e significados dos desenhos na cerâmica tukano. Alguns grafismos são imagens baseadas em petróglifos da região. Fonte: Lins, pág, 47, 2020.

Portanto, estes petróglifos não são apenas vestígios de povos antigos pré-colombianos, mas também símbolos vivos que carregam saberes profundos sobre o território, o tempo e a espiritualidade. E os petróglifos vistos como arte ou manifestações artísticas, como inscrições que possuem um caráter sagrado, como representações de mitos ancestrais, memórias dos espíritos e ensinamentos sobre a criação do mundo. Assim, essas figuras, gravadas em rochas nas margens dos rios, muitas vezes fazem parte de histórias míticas que explicam a formação da paisagem, o ciclo das águas e a relação entre humanos e seres não-humanos. Cada símbolo, linha ou figura tem um propósito específico, uma história por trás. Esses registros falam de deuses, heróis míticos, animais sagrados e acontecimentos que moldaram a realidade atual, conectando o presente aos antepassados e ao cosmos.

Os lugares com essas inscrições são pontos especiais, uma forma de geografia sagrada, onde o mundo visível e o mundo invisível se encontram. São locais de rituais, celebrações e ensinamentos transmitidos de geração em geração. Muitas dessas rochas marcam lugares onde as águas são mais sagradas ou mais perigosas, onde o peixe é mais abundante, ou onde as estrelas, durante a noite, se alinham com as figuras talhadas nas pedras. Os povos do alto rio Negro compreendem esses lugares como uma rede que tece e conecta diversos pontos de sua cosmologia. As viagens entre diferentes lugares com petróglifos não são apenas deslocamentos físicos, mas jornadas simbólicas que representam movimentos pelos diferentes planos do universo.

A destruição ou negligência de um lugar com petróglifos pode significar a perda de um elo com o passado e com os saberes tradicionais que garantem o equilíbrio entre a comunidade e o ambiente. Deste modo, sendo importante, as políticas de preservação da arte rupestre no rio Negro e na Amazônia devem, portanto, considerar não apenas o valor arqueológico, mas a relação íntima e contínua que os povos indígenas mantêm com esses lugares e as suas inscrições como um saber único sobre o território.

Por fim, as escolhas dos lugares com petróglifos fazem parte da percepção ameríndia e, tanto os grafismos geométricos, os reconhecíveis quanto os não reconhecíveis, são parte do cenário da composição das dimensões simbólicas e sensíveis envolvendo os povos indígenas. Esses elementos demonstram a complexidade da arte rupestre da pré-história mundial, refletindo sua relação com o ambiente, a vida cultural, o cotidiano, o sagrado e o cosmológico. Assim, podemos

afirmar que os modelos dos petróglifos como parte de um sistema simbólico contribuem para a comunicação. Eles são usados para representar vários aspectos da existência, do pensamento sobre algum objeto ou lugares, sendo visualizados, construídos e compartilhados com os outros. Dessa forma, servem como marcadores de memórias ao longo do tempo em São Gabriel da Cachoeira.



Figura 104: O Mundo Simbólico Sensível apresentado na arte nas paredes urbanas da cidade de São Gabriel – AM em continuidade do pensar e o saber desdá pedra. Foto: Luciano Souza, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sinalizações nas rochas e os modelos de desenhos dos petróglifos são recortes de entendimento sobre como populações antigas lidaram com o ambiente natural e humano. As características das representações servem como códigos semióticos e de uso cotidiano na vida social, servindo de mediador entre o pensamento e a realidade. Trata-se de “narrativas”, como se fosse uma palavra, a ponto de apresentar um significado de comunicação, que está em função de um processo cognitivo de interação entre o indivíduo e o meio em que ele está inserido, trazendo **percepções e manejo do ambiente**.

Os conhecimentos sobre esses lugares indígenas, como observado, são influenciados diretamente pela visibilidade da dinâmica das águas, mostrando a

utilização dos cursos d'água como áreas nucleares para manifestações desses registros deixados nos suportes rochosos, tendo em vista a sua antiguidade, servindo de rota de comunicação visual desde a América pré-colombiana até os dias atuais.

Além disso, há uma relação intrínseca entre as pessoas da região e o espaço e o tempo do ambiente natural e humano em São Gabriel da Cachoeira. Essas relações, sejam de vínculos (apego), apropriação, entendimento de território e pertencimento, contribuem para a compreensão de permanências, mudanças, continuidades e as suas especificidades históricas, culturais e locais.

A representação, vista como um valor étnico, é uma forma de assimilar uma identidade e, por vezes, consiste em insígnias específicas de uso exclusivo de um grupo em um território. As iconografias e decorações referem-se aos aspectos da organização social resultantes de um aspecto de linguagem, demonstrando os limites figurativos dos símbolos apresentados entre os membros da sociedade e sua dimensão ideacional (Leroi-Gourhan, 1965, 1983, *apud*, Souza, 2012).

A dimensão de controle técnico e da produção da cultura material é uma dimensão ideacional integrada às escolhas dos autores pertencentes a determinadas sociedades, envolvendo suas práticas de conhecimentos, ligadas simultaneamente entre o pensar e o saber fazer ameríndio, sendo realizadas através das técnicas de raspagem, picoteamento, polimento e picoteamento com raspagem, demonstrando domínio sobre o suporte rochoso e os modelamentos das sinalizações rupestres da região que são:

1. Representações em conjunto e isoladas;
2. Representações em tamanhos variados;
3. Representações com marcas bem definidas em formas circulares, oval/elíptica –ou lineares para oficinas líticas, e às vezes em proximidade com as concentrações de desenhos de cunho mais simbólicos;
4. Representação de antropomorfos, zoomorfos e grafismos não reconhecíveis;
5. Representações de antrozo-zoomorfos (figuras com indicativos de metade animal e humana);
6. Elevadas representações de antropomorfos de duas formas: completos ou com traços essenciais do corpo com destaque para as representações de cabeças;
7. Representações de cabeças que lembram máscaras;
8. Representações de zoomorfos com determinados detalhes de orelhas, sobrancelhas, nariz, boca e olhos;
9. Diferentes fisionomias nos antropomorfos e zoomorfos; dedos das mãos e dos pés cuidadosamente representados;
10. Representação de adorno fálico, facial e corporal em vários antropomorfos;

11. Destaque para as representações que lembram sapos e macacos;
12. Representação de objetos de mão que lembram instrumentos musicais e armas;
13. O elevado quantitativo para as representações geométricas;
14. Destacados modelos de desenhos de traços geométricos bastante presentes nas cerâmicas e nas cestarias da região, entre outros objetos de uso, como os instrumentos musicais.

A partir das escolhas dos locais, eles estão posicionados em bases rochosas de forma vertical e horizontal sobre os suportes rochosos graníticos, intercalando com diferentes morfologias. Até o momento, a conservação de alguns locais é relativamente alta, com grande potencial para pesquisa e, com as medidas corretas de preservação, talvez, alguns lugares tornem-se ideais para visitação, atividades turísticas e de ensino.

Vale ressaltar a importância dos afinamentos dos estudos das especificidades das unidades gráficas (espirais, ou demais figuras de categorias geométricas ou reconhecíveis), tendo em vista a imensa diversidade dos modelos de desenhos da região. Destaca-se que os levantamentos dessas sinalizações rupestres possibilitaram trazer novas informações para estudos temáticos, de técnicas de execução e de apresentações cenográficas, trazendo novos horizontes de conhecimento e possibilidades de inferir modelos de representações gráficas, e de entender e conectar o mosaico da arte rupestre distribuída pela Amazônia.

A arte rupestre amazônica confirma sua imensa importância, a sua vida simbólica e cognitiva nas tradições culturais ameríndias. Na Amazônia, conforme apresentado pelas pesquisas arqueológicas e etnográficas, de maneira geral, ela não é “produto” de sociedades extintas, mas de outras sociedades vivas contemporâneas fortemente ligadas ao passado.

Assim, pode-se observar uma “continuidade” entre o registro arqueológico e o registro etnográfico em um contexto vivo, muitas vezes mais informativo do que o contexto estritamente arqueológico. A arte rupestre na pr -história do mundo serve como referência dos antigos conhecimentos indígenas e as suas relações ambientais ao longo de milênios. No campo da produção dos conhecimentos científicos, ela dá **visibilidade** ao conhecimento ancestral e   sua relação com a natureza, destacando o saber artístico dos indígenas.

Como apontou Ribeiro (1989, 1992), a arte está inserida em todas as esferas da vida do indígena: na casa, na organização espacial da aldeia, nos utensílios, nos meios de transporte, objetos do cotidiano e especialmente nos objetos de ritual, pois para os indígenas os artefatos têm um valor prático e acima de tudo simbólico, assim como a ornamentação e simbolização do próprio corpo. Desta forma, a arte indígena reflete um desejo de expressar estética e comunicar através de uma linguagem visual.

Os locais com petróglifos, enquanto oficinas e espaços de produção de desenhos, são lugares sagrados e de casas de transformação. Eles envolvem um saber técnico, temático e simbólico, sendo parte de um sistema de comunicação ameríndio. Esses locais carregam a história, memórias, a afetividade e percepções fundamentais, além de questões sociais e culturais que influenciam as ações da vida cotidiana, relativas às esferas cognitivas e preferenciais em relação ao tempo e ao ambiente das pessoas em São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro, Amazônia.

BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Myrian et al. The use of lithic artefacts for making rock art engravings: observation and analysis of use-wear traces in experimental tools through optical microscopy and SEM. *Journal of Archaeological Science*, v. 28, n. 5, p. 457-464, 2001.

AMOROSO, Marta, SANTOS, Gilton Mendes. Paisagens ameríndias: Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia. Editora Terceiro Nome, SP, 2013.

ANDRELLO, G. Área Indígena Alto Rio Negro renasce das cinzas. In: Povos Indígenas no Brasil 1991/1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.

ANDRELLO, G. (Organizador). Rotas de criação e transformação: Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

ARU, revista de pesquisa intercultural da bacia do rio Negro, Amazônia. Editora: Instituto Socioambiental, Foirn, n.3. São Paulo, São Gabriel da Cachoeira, 2019.

BORGES, Paulo. O tempo do sonho: poesia cósmica e metamorfose nas culturas indígenas. *El Azufre Rojo*, n. 11, 2023.

BORDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa, Editora, Difel, 1989.

CALADO, Manuel. ARQUEOLOGIA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL: OS GEOGLIFOS DO ACRE. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1, 2016.

CASTRO, Eduardo Viveiros. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* vol.2, n.2, Rio de Janeiro, 1996.

CASTRO, Junildo Rezende. Levantamento Etnoarqueológico na Comunidade de Pari-Cachoeira, Município de São Gabriel da Cachoeira – AM. TCC, UEA, São Gabriel da Cachoeira, 2022.

CARVAJAL, Gaspar de. Descobrimiento do Rio de Orellana. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. (trecho entre o rio Negro e Tapajós).

CAVALLINI, Marta Sara. Gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: levantamento e análise gráfica do Sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas. Uma proposta de contextualização. Dissertação, USP, São Paulo, 2014.

CAYÓN, Luis; CHACON, Thiago. Conocimiento, historia y lugares sagrados. La formación del sistema regional del alto río Negro desde una visión interdisciplinar. *Anuário Antropológico*, v. 39, n. 2, p. 201-236, 2014. CLARKE, D. L. Arqueología analítica. 2ª ed. Barcelona: Bellaterra, 470p. 1984. *Analytical Archaeology*. Londres: Methuen & Co., 1968, 1978.

CHRISTINO, Beatriz Protti. Faulhaber, Priscila; Monserrat, Ruth (orgs.)(2008). Tastevin e a etnografia indígena. Coletânea de traduções de textos produzidos em Tefé (AM). Série Monografias. Museu do Índio-FUNAI. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas, v. 10, n. 1, p. 141-143, 2010.

CORRÊA, M. V. M. As gravações e pinturas rupestres na área do reservatório da UHE-Balbina - AM, 1994, 187f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

CORRÊA, Marcos Vinicius Miranda. Nas Fronteiras do Uatumã: uma Tentativa de Associação Entre Sítios Rupestres e Cerâmicos. GLOBAL ROCK ART. Resumos e Atas Digitais - Abstracts and Digital Actas. Vol.I Congresso Internacional da IFRAO – Piauí / BRASIL, 2009.

COSTA, Fernando. Arqueologia das campinaranas do baixo rio Negro: em busca dos pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central. Tese de Doutorado, MAE/USP, 2009.

CUNHA, Manuela CARNEIRO; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo: NHII-USP: FAPESP, 1993.

CUNHA, Manuela Carneiro (Organizadora); MAGALHÃES, Sônia Barbosa Organizadora; ADAMS, Cristina Organizadora. Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. 2021.

Dossiê iphan 7. {Cachoeira de Iauaretê}, Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri (AM). IPHAN, Brasília, DF. 2007.

Eco, Umberto. As Formas Do Conteúdo. Editora Perspectiva, Ed. Da Usp, São Paulo. 1974.

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de paisagem em arqueologia—os lugares persistentes. *Holos environment*, v. 9, n. 2, p. 301-315, 2009.

FELIPPE, Maíra Longhinotti, KUHNENA, Ariane. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia I Campinas* I 29(4) I 609-617 I outubro - dezembro 2012.

FOIRN-ISA. Povos Indígenas do alto Rio e Médio Negro. Uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira. SEF, Ministério da Educação, Brasília, DF. 2006.

HARTT, C. F. Inscrições em rochedos do Brasil. *Revista do Instituto Archeológico e Histórico Pernambucano*, Recife, n. 47, p. 301-329. 1895.

HERNÁNDES, et al. Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of Environmental Psychology* 27; 310–319. 2007.

HERNANDO, Almudena. *Arqueología de la Identidad*. Ediciones Akal, 2002.

Hill, J. & Chaumeil, J. P. *Burst of Breath. Indigenous Ritual Wind Instruments in Lowland South America*. University of Nebraska Press. Lincoln e London. 2011.

HOPKINS, M. J. G. Modelling the known and unknown plant biodiversity of the Amazon Basin. *Journal of Biogeography*, v.34, n.8, p.1400-1411. 2007.

HUGH-JONES, Stephen. Escrever na pedra, escrever no papel. Rotas de criação e transformação. *Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro*, v. 1, p. 138-167, 2012.

HUGH-JONES, Stephen. A ORIGEM DA NOITE E POR QUE O SOL É CHAMADO DE " FOLHA DE CARANÁ". *Sociologia & antropologia*, v. 5, p. 659-698, 2015.

HUGH-JONES, Stephen. As Plêiades e Escorpião na Cosmologia Barasana. *Anthropológicas*, v. 28, n. 1, p. 8-40, 2017.

Instituto Socioambiental (ISA). *Rio Negro, Manaus e as Mudanças no Clima*. [organização Gustavo Vieira Peixoto Cruz, Saulo Andrade]. -- São Paulo :, 2008. Bibliografia. ISBN 978-85-85994-58-7.

ICOMOS/ICAHM. Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios do Comitê Internacional de Gestão do Patrimônio Arqueológico - ICOMOS/ICAHM. *Carta de Lausanne*, 1990.

JALLES, Cíntia. *Olhando o céu da pré-história: registros arqueoastrônomos no Brasil*. Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2004.

JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. *Brasil rupestre: arte pré-histórica brasileira*. In: *Brasil rupestre: arte pré-histórica brasileira*. 2007. p. 272-272.

KOCH-GRÜNBERG, T. Petróglifos Sul-Americanos. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Sócioambiental. Belém-São Paulo, (2010(1907)).

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Do Roraima ao Orinoco. Unesp, 2005.

LANGDON, Jean. "A cultura Siona e a experiência alucinógena." Grafismo indígena. São Paulo, Studio Nobel/Fapesp/Edusp (1992): 67-88.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O desdobramento da representação nas artes da Ásia e da América. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 279-304.

Lins, Juliana. Cerâmica tukano. ed. -- São Paulo : ISA - Instituto Socioambiental : FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2020.

LOTIERZO, Tatiana. Amarrar ressonâncias: considerações sobre desenho e antropologia. *Revista de Antropologia*, v. 65, p. e197963, 2022.

LEROI-GOURHAN, A. Arte e Grafismos em la Europa Prehistórica. Madrid, Edições Istmo, 1983.

_____. O gesto e a palavra² – memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1965.

_____. Préhistoire de l'art occidental. Paris, 1965.

MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 4. ed. Atual, 2005.

MORÁN, Emilio. A Ecologia Humana das populações da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1990.

NEVES, Eduardo G. Sob os tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC-1.500 DC). São Paulo, Brazil: Universidade de São Paulo, 2012.

Neves, Eduardo Góes. Sobe os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central. (6.500 AC - 1.500 DC). (Tese apresentada para Concurso de Título de Livre-Docente). Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo, 360 f, 2012.

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. Ubu Editora, 2022.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico. Instituto brasileiro de geografia e estatística, 1981.

NIMUENDAJÚ, Curt. Excursões pela Amazônia. São Paulo: Rev. Antropol. vol. 44 n.º 2, 2001.

NÖTH, W. Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

NÖTH, Winfried. Panorama da semiótica: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995. A Semiótica no século XX. São Paulo, Annablume, 1996.

Oliveira, Thiago da Costa. Cerâmica baniwa. ed. -- São Paulo : ISA - Instituto Socioambiental : FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2020.

Ostrower, Fayga. Criatividade e Processos De Criação. Ed. Vozes Ltda, Rio De Janeiro. 1977.

OLIVEIRA, Daline Lima; DOS SANTOS JÚNIOR, Valdeci. DATAÇÕES DE GRAVURAS RUPESTRES NO BRASIL: Pesquisa e Métodos Arqueológicos. CLIO, Recife, 2019.

PESSIS, A-M. Apresentação Gráfica e Social na Tradição Nordeste de Pinturas Rupestre do Brasil. Revista Clio –Arqueológica, Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife, n.5, 1989, p. 11-18.

PESSIS, A-M. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. Revista Clio – Arqueológica. Recife, n. 8, 1992, p. 35- 68.

PESSIS, A-M. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. Revista Clio–Arqueológica., Recife, n. 9, 1993, p. 7-14.

PESSIS, A-M. Pré-História da Região do Parque Nacional Serra da Capivara. In. Pré-História da Terra Brasilis/Org. M. C. Tenório. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 61-74.

PESSIS, A-M. Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil. CLIO arqueológica, n.15, vol. 1. p. 29 – 44. Recife, 2002.

PESSIS, A-M. Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Prèhistoire; Images from Pre-History. 2ª edição ampliada e atualizada. Fumdam Ed. São Paulo 2013, 320 p. il. color.

PEREIRA, E. As gravuras e pinturas rupestres no Pará, Maranhão e Tocantins - Estado atual do conhecimento e perspectivas. 1990. 145f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.

PEREIRA, E. Las pinturas y los grabados rupestres del noroeste de Pará - Amazônia - Brasil. 1996. 506f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia e Pré-História, Universidade de Valencia, Valencia, 1996. 2. v.

PEREIRA, E. Arte rupestre na Amazônia – Pará. São Paulo: Unesp; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.

PEREIRA, Edithe. Arte rupestre e cultura material na Amazônia brasileira. 2010.

PEREIRA, Edithe da Silva; MORAES, Claide de Paula. A cronologia das pinturas rupestres da Caverna da Pedra Pintada, Monte Alegre, Pará: revisão histórica e novos

dados. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 14, p. 327-342, 2019.

PIRES, J. M.; PRANCE, G. T. The vegetation types of brazilian Amazon. In.: PRANCE, G. T.; LOVEJOY, T. E. (Eds.), Key Environments: Amazonia Oxford, England: Pergamon Press, 1985. p. 109-145.

PORRO, Antonio. O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica. Petrópolis, Editora Vozes, 1996.

PRANCE, G. T.; LOVEJOY, T. E. Key Environments: Amazonia Oxford, England: Pergamon Press, 1985. 456p.

PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Amazonian cosmos: the sexual and religious symbolism of the Tukano Indians. University of Chicago Press, 1971.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. O contexto cultural de um alucinógeno aborígene "Banisteniopsis Caapi". Análise Psicológica, v. 2, p. 87-102, 1978.

RENFREW, C. e ZUBROW, E. B. W. (Org.) *The ancient mind: elements of cognitive archaeology (new directions in archaeology)*. 1994. 190 p.

RIBEIRO, Berta G. - ARTE INDÍGENA, LINGUAGEM VISUAL. São Paulo: 1989.

RIBEIRO, Berta. Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo. São Paulo: Edusp, Companhia das Letras. 1995.

RIBEIRO, Maristela Maria. Grafismo indígena. 2012.

ROCHA, Antônio Penalves. F. Braudel: tempo histórico e civilização material. Um ensaio bibliográfico. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 3, p. 239-249, 1995.

SANTOS, Silvana Rossélia Monteiro. UM POUCO SOBRE O UNIVERSO SAGRADO BANIWA. BELÉM-PA | ANO 3 | N.5 | JAN-JUN 2017.

SARMENTO, Francisco. O Alto Rio Negro indígena em mais de dois mil anos de história. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 11, n. 2, 2019.

Sausurre, Ferdinand De.. Curso De Linguística Geral. Cultrix & U.S.P., São Paulo. 1969.

Schlanger, S. (1992). *Recognizing Persistent Places in Anasazi Settlement Systems*. In: Rossignol & Wandsnider. *Space, Time, and Archaeological Landscapes*, (pp. 91-112). New York and London: Plenum Press.

Scolfaro, Aline, Gita de Oliveira, Natalia Hernández e Silvia Gómez (organizadores). Cartografia dos sítios sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia / Primeiro

informe de avanços (Brasil/Colômbia. Vários colaboradores. Brasil (São Gabriel da Cachoeira e São Paulo) Colômbia (Leticia, Mitú y Bogotá), 2014.

SCOLFARO, Aline (Organização). Povoado indígena de Iauaretê perfil socioeconômico e atividade pesqueira. Instituto Socioambiental, FOIRN, São Gabriel da Cachoeira, 2017.

SCOLFARO, Aline, DIAS, Carla (Organização). Plano de Gestão Indígena do Alto e Médio Rio Negro. Ilustração Feliciano Lana. 1. ed. -- São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2021.

SILVA, C, A. Relatório de Atividades de Campo em Arqueologia em São Gabriel da Cachoeira. Arqueologia, UEA, 2021.

Souza, Luciano. Anotações de campo, Viagem ao Alto Rio Negro. 2022.

SOUZA, Márcio. Amazônia indígena. Editora Record, 2015.

TUYUKA, Poani Higino, VALLE, Raoni. ʘTĀ WORĪ – um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil. Tellus, Campo Grande, MS, ano 19, n. 39, p. 17-37, maio/ago. 2019.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio&Alvim; Museu Nacional de Etnologia, 2003. 446p.

VALLE, R. Mentas Graníticas e Mentas Areníticas Fronteira Geo-Cognitiva nas Gravuras Rupestres do Baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional. Tese, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, USP. São Paulo, 2012.

VIDAL, L. (Org.). Grafismo Indígena: Estudos de antropologia estética. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

VIRTANEN, P.K. Constancy in continuity? Native oral history, iconography and earthworks on the upper Purús River. *In* Eds. HORNBORG, A.; HILL, J.D. Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics and ethnohistory. University of Colorado Press, Boulder, pp. 279-296, 2011.

WITKOSKI, Antônio Carlos. Terras, florestas e águas de trabalho. Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

WRIGHT, Robin M. *“Aos que vão nascer” – uma etnografia religiosa dos índios Baniwa*. Tese de livre-docência apresentada ao departamento de Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 1996.

XAVIER, Carlos Leal. A Cidade Grande de Ñapirikoli e os Petroglifos do Içana, Uma Etnografia de Signos Baniwa. Dissertação, Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

ANEXO

A geografia sagrada nas culturas ameríndias revela uma complexa interdependência entre os seres humanos e o mundo ao seu redor. Ao contrário de uma visão ocidental eurocêntrica, onde o território é frequentemente entendido em termos de propriedade e recursos, para os povos originários o espaço é vivido como um campo de relações dinâmicas, habitado por espíritos e histórias ancestrais que continuam a moldar a vida cotidiana. O respeito e o cuidado com essas paisagens fazem parte de uma visão de mundo onde o território não é apenas um lugar para viver, mas um ser que também vive, com quem é preciso manter uma relação de reciprocidade.

A geometria dos desenhos, em suas diversas manifestações na natureza, revela-se como uma linguagem universal que transcende o tempo e o espaço, manifestando-se nas culturas indígenas ameríndias de formas únicas e significativas. Os geoglifos do Acre, os petróglifos do Alto Rio Negro e das Terras Altas Andinas, por exemplo, nos oferecem um vislumbre das práticas de organização espacial e simbólica dessas comunidades, onde cada linha e forma traçada na terra ou na rocha conta uma história e reflete crenças e conhecimentos ancestrais.



Modelo Espiralado na terra dos Altos Planos Andinos.
Laboratório Agrícola Andino dos Povos Incas. Registro de Viagem, Luciano Souza, outubro de 2023.